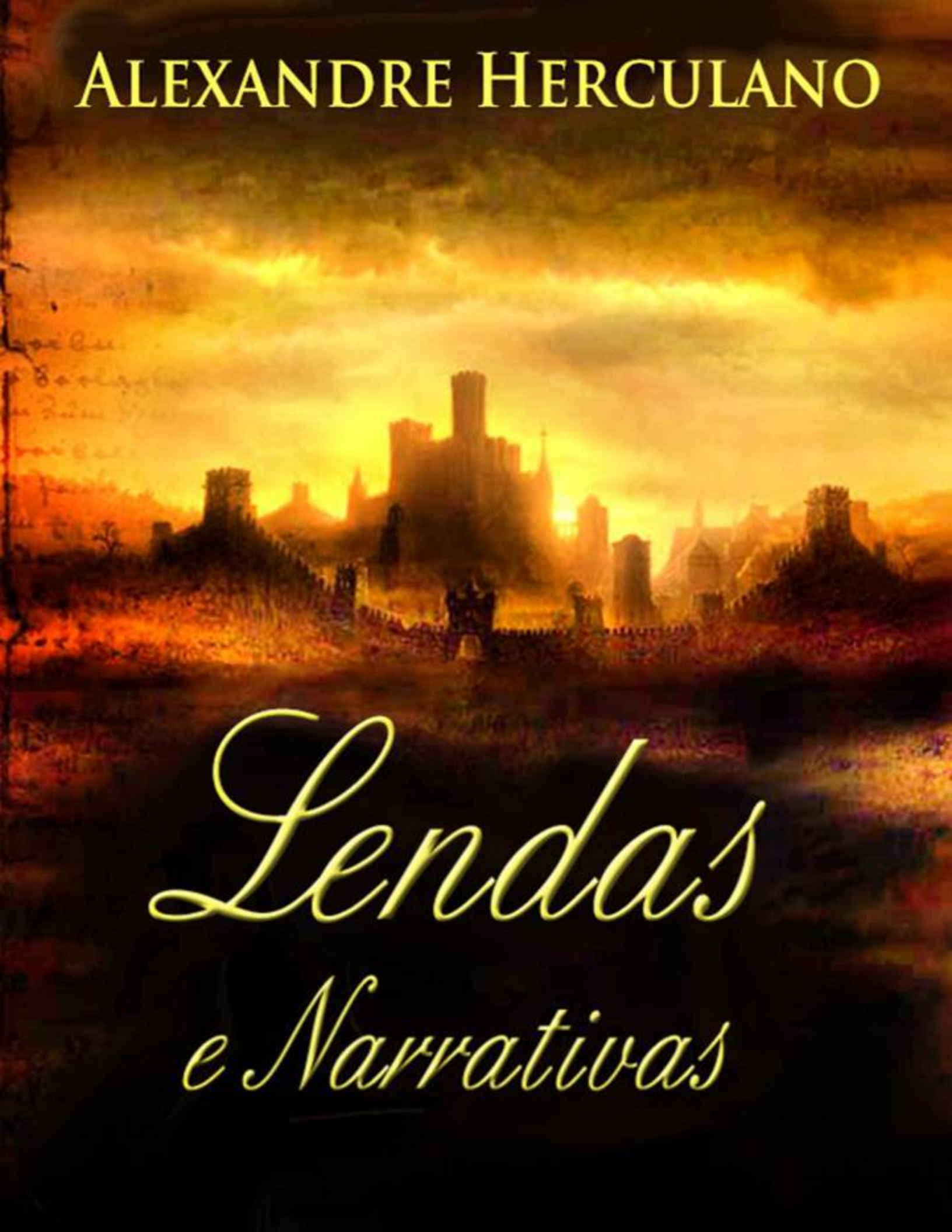
ALEXANDRE HERCULANO



Lendas e Narrativas

Este presente livro incorpora os dois volumes com que a obra é, na maioria dos casos, publicada e apresenta as lendas na sua ordem cronológica, tal como Alexandre Herculano as enumerou.

ÍNDICE

A DAMA PÉ DE CABRA

O BISPO NEGRO

A MORTE DO LIDADOR

ARRAS POR FORO DE ESPANHA

O CASTELO DE FARIA

A ABÓBADA

O PÁROCO DE ALDEIA

BREVE NOTA SOBRE A OBRA

As Lendas e Narrativas de Alexandre Herculano foram publicadas em dois volumes, em 1851. Trata-se de uma coletânea de textos de carácter diversificado, publicados entre 1839 e 1844 nas revistas O Panorama e A Ilustração.

As Lendas e Narrativas são formadas por textos mais ou menos curtos, que se podem considerar contos e novelas. Herculano abordou vários períodos da história da Península Ibérica. É evidente a preferência do autor pela Idade Média, época em que, segundo ele, se encontravam as raízes da nacionalidade portuguesa.

No prefácio, Herculano considera as pequenas narrativas "monumentos dos esforços do autor para introduzir na literatura nacional um género amplamente cultivado, nestes nossos tempos, em todos os países da Europa", esperando que venham a constituir "a sementinha donde proveio a floresta", "um marco humilde e rude" na história literária portuguesa.

Herculano foi um dos responsáveis pela introdução e pelo desenvolvimento da narrativa histórica em Portugal tal como Walter Scott em Inglaterra e Vítor Hugo na França.

É ainda considerado o introdutor do Romantismo em Portugal e do desenvolvimento da prosa de ficção moderna.

A DAMA PÉ-DE-CABRA

(LENDA DO SÉCULO XI)

Trova Primeira

Vós, os que não credes em bruxas, nem em almas penadas, nem em tropelias de Satanás, sentai-vos aqui à lareira, bem juntos ao pé de mim, e contar-vos-ei a história de D. Diogo Lopes, senhor de Biscaia.

E não me digam no fim: — "não pode ser." — Pois eu sei cá inventar coisas destas? Se a conto, é porque a li num livro muito velho. E o autor do livro velho leu-a algures ou ouviu-a contar, que é o mesmo, a algum jogral (trovador) nos seus cantares.

É uma tradição venerada; e quem descrê as tradições "lá irá para onde o pague" (*)

[(*) Expressão antiga que quer no fundo dizer que não vai por bom caminho, ou seja, que não tem um bom rumo na vida.]

Juro-vos que, se me negais esta certíssima história, sois dez vezes mais descrentes do que S. Tomé antes de ser um grande santo. E não sei se eu estarei com ânimo de perdoar-vos como Cristo lhe perdoou.

Silêncio profundíssimo; porque vou começar.

D. Diogo Lopes era um infatigável cavalgador e caçador: neves da serra no inverno, sóis dos estevais no verão, noites e madrugadas, disso se ria ele.

Pela manhã de um dia sereno, estava D. Diogo com o seu cavalo, num monte selvoso e agreste, à procura de um javali, que, ferido por uma seta, devia andar a desfalecer por ali.

Mas eis que começa a ouvir cantar ao longe. Um lindo, lindo cantar.

Levantou os olhos para uma rocha que ficava no horizonte e sobre ela estava sentada uma formosa dama. Era a dama quem cantava.

O javali fica livre desta vez; porque D. Diogo Lopes não corre, voa para o penhasco.

"Quem sois vós, senhora tão gentil; quem sois, que logo me cativastes?

"Sou de tão alta linhagem como tu; porque venho de linhagem de reis, como tu, senhor de Biscaia."

"Se já sabeis quem eu sou, ofereço-vos a minha mão, e com ela as minhas terras e vassalos."

"Guarda as tuas terras, D. Diogo Lopes, que poucas são para seguires as tuas montarias e caçadas; para o desporto e folgança de bom cavaleiro que és. Guarda os teus vassalos, senhor de Biscaia, que poucos são eles para te ajudarem na caça."

"Que dote, pois, gentil dama, vos posso eu oferecer digno de vós e de mim; eu que sou em toda a terra de Hispânia o rico-homem mais abastado e a vossa beleza divina?"

"Rico-homem, rico-homem, o que eu te aceitaria em dote é coisa de pouco valor; mas, apesar disso, não creio que mo concedas; porque é um legado da tua mãe, a rica-dona de Biscaia."

"E se eu te amasse mais do que a minha mãe, porque não te cederia qualquer um dos seus muitos legados?"

"Então, se queres ver-me sempre ao pé de ti, não jures apenas que farás o que dizes, dá-me também a tua palavra."

"À fé de cavaleiro, não te darei uma; dar-te-ei milhentas palavras."

"Pois sabe que para eu ser tua é preciso esqueceres-te de uma coisa que a boa rica-dona te ensinava em pequenino e que, estando para morrer, ainda to recordava."

"De quê, de quê, donzela? Perguntou o cavaleiro com os olhos suplicantes. — De nunca dar tréguas aos mouros, nem de perdoar esses cães de Mafamede? Sou bom cristão. Ai de ti e de mim, se és dessa raça danada!"

"Não é isso, dom cavaleiro — interrompeu a donzela a rir. — O que eu quero que te esqueças é o sinal da cruz: o que eu quero que me prometas é que nunca mais te hás de benzer."

"Isso já é outra coisa" — respondeu D. Diogo, que nos folgares e devassidões perdera o caminho do céu. E pôs-se um pouco a pensar.

E, pensando, dizia para si mesmo: — De que servem as benzeduras? Matarei mais de duzentos mouros e darei uma herdade à ordem de Santiago. Ela por ela. Um presente ao apóstolo

e duzentas cabeças de cães sarracenos de Mafamede valem bem um grosso pecado.

E, erguendo os olhos para a dama, que sorria com ternura, exclamou: — "Assim seja: está dito. Vem agora comigo, com seiscentos diabos."

E, levando a bela dama nos braços, cavalgou no cavalo em que viera montado.

Só quando, à noite, no seu castelo, pôde observar miudamente as formas nuas da airosa dama, notou que ela tinha os pés forcados como os de uma cabra.

****

Dirá agora alguém: — Era, por certo, o demónio que entrou em casa de D. Diogo Lopes. O que lá não se passaria! Pois sabei que não se passou nada.

Por anos, a dama e o cavaleiro viveram em boa paz e união. Dois argumentos vivos havia disso: Inigo Guerra e Dona Sol, filhos que

enchiam de orgulho o pai.

Um dia, já de tarde, D. Diogo voltou de um dia de caça: trazia um javali grande, muito grande. A mesa estava posta. Mandou conduzi-lo ao aposento onde comiam, para se regalarem todos em verem a excelente presa que ele tinha apanhado.

O seu filho assentou-se ao pé dele: ao pé da mãe sentou-se Dona Sol; e começaram alegremente o jantar. "Boa montaria, D. Diogo — dizia a mulher. Foi uma boa e limpa caçada."

"Pelas tripas de Judas! — respondeu o barão. Que há mais de cinco anos que não apanhava urso ou javali tão grande como este!"

Depois, enchendo de vinho a sua taça de prata muito rica e adornada, ergueu-a à saúde de todos os ricos-homens fragueiros e monteadores.

E a comer e a beber durou até a noite o jantar.

****

Ora deveis de saber que o senhor de Biscaia tinha um alão (cão de caça de grande porte) de quem gostava muito. Era manso com o seu dono e, até, com os servos de casa mas era raivoso ao lidar com outros animais. A nobre mulher de D. Diogo tinha uma podenga

(raça de cão ibérico) preta como azeviche, esperta e ligeira como não havia outra, e da dona não menos prezada.

O alão estava gravemente assentado no chão em frente a D. Diogo Lopes, com as largas orelhas pendentes e os olhos semicerrados, como quem dormitava.

A podenga negra, essa, corria pelo aposento viva e inquieta, pulando como um diabrete: o pêlo liso e macio reluzia-lhe com um reflexo avermelhado.

O barão, depois da saúde — urbi et orbi — feita aos monteiros, esgotava uma série de saúdes particulares, e a cada nome um gole de taça.

Ele apenas fazia como cumpria a um rico-homem ilustre, que nada mais tinha que fazer neste mundo, senão dormir, beber, comer e caçar.

O alão cabeceava, como um abade velho no coro, e a cadela saltava a pedir comida.

O senhor de Biscaia pegou então num pedaço de osso com carne e medula e, atirando-o ao alão, gritou-lhe: — "Silvano, toma para ti,

que és útil: leve o diabo a cadela, que não sabe senão correr e retouçar."

O canzarrão abriu os olhos, rosnou, pôs a pata sobre o osso e, abrindo a boca, mostrou os dentes anavalhados. Era como um rir deslavado.

Mas de repente soltou um uivo, caindo agonizado no chão: a podenga negra, de um pulo, saltara-lhe à garganta e abocanhara-o de morte.

"Pelas barbas de D. From, meu bisavô! — exclamou D. Diogo, pondo-se em pé, trémulo de cólera e de vinho. — A cadela maldita matou-me o melhor cão da matilha" E, virando com o pé o cão moribundo, mirava as largas feridas do nobre animal, que expirava.

"Por minha fé que nunca tal vi! Virgem bendita. Aqui anda coisa de Belzebu." — E dizendo isto benzia-se e persignava-se.

"Ai!"— gritou demonicamente a sua mulher, como se a tivessem queimado. O barão olhou para ela. Viu-a com os olhos brilhantes, as faces negras, a boca torcida e os cabelos eriçados. Erguia-se, erguia-se no ar, com a pobre e chorosa D. Sol, agarrada pela mãe maldita com o seu braço esquerdo enquanto que o direito estendia-o

por cima da mesa para apanhar também o seu filho, D. Inigo de Biscaia.

E aquele braço crescia, alongando-se para o rapaz, que, de medo, não se mexia nem falava. A mão da dama tinha-se tornado preta e luzidia, como o pêlo da podenga, enquanto que as unhas tinham-se-lhe estendido meio palmo e recurvado em garras.

"Jesus, santo nome de Deus!" bradou D. Diogo, a quem o terror dissipara a bebedeira. E, agarrando o seu filho com a mão esquerda, fez no ar com a mão direita, uma e outra vez, o sinal da cruz.

A sua mulher deu um grande gemido e largou o braço de Inigo Guerra, que já tinha apanhado, e, continuando a subir ao alto, desapareceu por uma janela, levando a filhinha que muito chorava.

Desde esse dia que não se soube mais do paradeiro da mãe nem da filha. A pondenga negra, essa sumiu-se por tal arte, que ninguém no castelo lhe voltou a pôr a vista em cima.

****

D. Diogo Lopes viveu muito tempo triste e isolado, porque já não se atreveu a voltar a caçar. Lembrou-se, porém, um dia de espairecer a sua tristeza, e, em vez de ir à caça de cerdos, ursos e javalis, saiu à caça de mouros.

Mandou, pois, levantar o estandarte, desenferrujar e polir a armadura, e provar as armas. Entregou a Inigo Guerra, que já era um jovem cavaleiro, o governo dos seus castelos, e partiu com lustrosa cavalaria de homens d'armas para a hoste d’el-rei Ramiro, que ia lutar em força, contra a mourisma de Hispânia.

Por muito tempo não se soube dele, em Biscaia, nem mensagens nem mensageiros.

Trova Segunda

Era um dia ao anoitecer: D. Inigo estava à mesa, mas não conseguia comer, pois grandes desmaios lhe vinham ao coração. Um pajem muito jovem e privado, que, em pé diante dele esperava as suas ordens, disse então para D. Inigo: "Senhor, porque não comeis?" "Que hei de eu comer, Brearte, se o meu pai D. Diogo foi capturado pelos mouros, segundo rezam as cartas que dele são vindas?"

"Mas o seu resgate não é impossível: uma armada de dez mil peões e mil cavaleiros tendes em Biscaia: vamos correr terras de mouros: serão os capturados o resgate do vosso pai.

"Aquele cão d'el-rei de Leão fez sua paz com os cães de Toledo e são eles que têm meu pai preso. Os condes e comandantes do rei déspota e vil não deixariam passar a boa hoste de Biscaia."

"Quereis vós, senhor, um conselho, que não vos custará nada?"

"Diz, diz lá, Brearte."

"Por que não ides à serra procurar a vossa mãe? Segundo ouço contar dos velhos, ela é uma grande fada."

"Que dizes tu, Brearte? Sabes quem é minha mãe e que casta é ela de fada?"

"Grandes histórias tenho ouvido do que se passou certa noite neste castelo: éreis vós pequenino, e eu ainda não era nada. Os porquês destas histórias, isso, só Deus é que os sabe."

"Pois dir-tos-ei eu agora. Aproxima-te Brearte."

O pajem olhou à sua volta, quase sem o querer, e aproximou-se do seu amo: era a obediência mas, mais ainda, um certo arrepio de medo que o faziam aproximar.

"Consegues ver, Brearte, aquela janela entaipada? Foi por ali que a minha mãe fugiu. Como e porquê, aposto que já to terão contado.

"Senhor, sim! Levou vossa irmã consigo..."

"Responde só ao que pergunto! Sei isso. Agora cala-te."

O pajem pôs os olhos no chão, de vergonha; pois era humilde e de boa raça.

E o cavaleiro começou o seu narrar:

"Desde aquele dia maldito, o meu pai pôs-se a pensar: e pensava e mesquinhava-se, perguntando a todos os velhos dos montes se, porventura, tinham lembrança de terem no seu tempo encontrado nas montanhas alguns espíritos ou feiticeiras. Foi, claro, um não acabar de histórias de bruxas e almas penadas.

Há muitos anos que o meu pai se não confessava. Há alguns anos, também, que estava viúvo sem ter enviuvado.

Certo domingo pela manhã, nasceu alegre o dia, como se fora de páscoa; e o meu pai D. Diogo acordou carrancudo e triste, como de costume.

Os sinos do mosteiro, lá embaixo no vale, soavam tão lindamente a céu aberto. Ele pôs-se a ouvi-los e sentiu uma saudade que o fez chorar.

"Irei ter com o abade — disse ele para consigo — quero confessar-me. Quem sabe se esta tristeza ainda é tentação de Satanás?"

O abade era um velhinho, santo, santo, como não havia outro.

Foi a ele que se confessou o meu pai. Depois de dizer "mea culpa", contou-lhe ponto por ponto a história do seu noivado.

"Ai! filho — bradou o frade — casaste com uma alma penada!"

"Alma penada, não sei — disse D. Diogo; — mas era coisa do diabo".

"Era alma em pena: digo-to eu, filho — replicou o abade. — Sei a história dessa mulher das serras. Está escrita há mais de cem anos na última folha de um santoral godo do nosso mosteiro. Os apertos que te vêm ao coração pouco me espantam pois as ânsias e os desmaios costumam roer por dentro os pobres excomungados."

"Então, estou eu excomungado?"

"Dos pés à cabeça; por dentro e por fora; que não se há que dizer mais nada."

E o meu pai, pela primeira vez na sua vida, chorou pelas barbas abaixo.

O bom do abade animou-o, como se consola uma criança; tratou-o como a um mal-aventurado. Depois pôs-se a contar a história da dama das montanhas, que é a minha mãe... Deus me salve!

Depois deu-lhe por penitência ir guerrear os cães sarracenos, por tantos anos quantos vivera em pecado e matando tantos deles quantos dias nesses anos tinham passado.

Ora a história da formosa dama das serras, de verbo ad verbum, como estava na folha branca do santoral, rezava assim, segundo lembranças do abade:

No tempo dos reis godos — bom tempo era esse! — havia em Biscaia um conde, senhor de um castelo posto em montanha fragosa, cercado pelas encostas e abismos de um larguíssimo planalto. Nessas terras havia todo o género de caça, e D. Argimiro, o Negro, (assim se chamava o rico-homem) gostava, como todos os nobres barões daquele tempo, principalmente de três coisas, segundo a carnalidade: da guerra, do vinho e das damas; mas ainda mais do que de tudo isso, gostava de caçar.

Dama, possuía-a e formosa, que era a linda condessa; vinho, não havia melhor adega que a sua e caça, era coisa que no monte não faltava.

Seu pai, que fora caçador, quando estava para morrer, chamou-o e disse-lhe:

"Hás me de jurar uma coisa que não te custará nada."

Argimiro jurou que faria o que o seu pai e senhor lhe ordenasse.

"É que nunca mates nenhuma fera a dormir ou com uma cria, seja urso, javali ou veado. Se assim o fizeres, Argimiro, nunca nas terras te faltará caça para exercitar o mais nobre dos fidalgos. Se tu soubesses o que um dia me aconteceu... Escuta-me que é um horrendo caso...

O velho não pôde acabar; porque a morte lhe cravou neste momento as garras. Murmurou algumas palavras emperradas, revirou os olhos e faleceu. Que Deus o tenha!

Passaram depois anos. Certo dia chegou ao castelo do jovem conde um mensageiro d'el-rei Wamba. Chamava-o el-rei a Toledo para o acompanhar com a sua armada contra o rebelde Paulo. Os outros nobres das vizinhanças eram, como ele, chamados.

Antes, porém, de partirem, juntaram-se todos no castelo de Argimiro para fazerem uma grande caçada, com mais de cem cães, cinquenta cavalos, e servos armados com bestas sem conto. Era uma vistosa caçada.

Saíram do castelo ao romper do dia: correram vales e montes: bateram bosques e matos. Era, contudo, meio-dia e ainda não tinham apanhado nem porco, urso, zebra ou veado. Blasfemavam, praguejavam e depenavam as barbas os cavaleiros de frustração.

Argimiro, que, pela sua longa experiência, conhecia os sítios mais profundos da floresta, sentiu por dentro uma tentação do diabo.

"Os meus hóspedes — pensava ele — não partirão sem beberem algumas canecas de vinho sobre uma ou duas peças de caça. Juro-o por alma do meu pai."

E, seguido de alguns monteiros, com as suas trelas de cães, afastou-se da companhia e andou, andou, até que se lançou por um vale abaixo.

O vale era escuro e triste: corria pelo meio uma ribeira fria e sombria. As bordas da ribeira eram penhascosas e empinadas.

Argimiro chegou à primeira volta do rio; parou, pôs-se a olhar à volta e achou o que procurava. Abria-se uma caverna na encosta fragosa, que descia até a estreita margem por onde o cavaleiro caminhava. Argimiro entrou na boca da cova e, a um aceno, entraram, após ele, os monteiros, moços de besta e cães, fazendo um grande barulho.

Era o covil de um onagro (tipo de cavalo/égua selvagem). Este deu um relinche e, deixando as suas crias, estendeu-se no chão e abaixou a cabeça, como quem suplicava.

"A ela!" — gritou Argimiro, mas gritou voltando a cara.

A matilha saltou sobre o pobre animal, que soltou outro gemido e caiu todo ensanguentado.

Uma voz soou então nos ouvidos do conde, e dizia: —"Órfãos ficaram as crias: mas pelo onagro ficarás tu desonrado."

"Quem ousa aqui falar agouros?" — gritou o rico-homem, olhando raivoso para os monteiros. Todos se calaram; todos ficaram pálidos.

Argimiro pensou um momento. Depois, saindo da cova, murmurou: — "Vá de retro com mil Satanases!" E, com alegres toques de buzina e latidos da matilha, fez conduzir ao castelo a presa que tinha caçado.

Tomando o seu girifalte (trompa usada na caça) em punho, ordenou aos monteiros que fossem dizer aos nobres caçadores que dentro de duas horas voltassem para o castelo, porque achariam na sua casa comida bem aparelhada.

Depois, seguido dos falcoeiros, começou a encaminhar-se para o solar, lançando nebris e falcões e apanhando caça pequena, que a havia por aqueles montes.

****

Anos mais tarde tocava o sino da torre de menagem no castelo do conde Argimiro: tocava pela linda condessa, que o seu nobre marido tinha matado.

É uma multidão coberta de dor que a leva a enterrar ao mosteiro vizinho: os frades vão atrás da procissão, cantando as orações dos mortos: após os frades, vai o rico-homem vestido com uma capa esfarrapada, com cordas apertado, e rasgando com as pedras do chão os pés que levava descalços.

Por que matou ele a sua mulher, e porque ia ele descalço?

Eis o que, a esse respeito, refere a lenda escrita na folha branca do santoral:

Dois anos duraram as guerras d’el-rei Wamba e foram guerras de muitas histórias. Por lá andou o rico-homem com os seus bucelários, como assim se diziam dos homens d'armas. Fez estrondosas façanhas mas voltou coberto de cicatrizes, deixando pelos campos de batalha, gasta e consumida, a sua valente armada. E, voltando de Toledo para Biscaia, seguia-o apenas um velho escudeiro. Velho e cheio de rugas também estava ele, não de anos,

mas de desgaste. Caminhava com aspeto triste e feroz; porque do seu castelo vinham-lhe notícias de entristecer e enraivescer. Cavalgando noite e dia por montes e por charnecas, por bosques e por prados, imaginava no modo como descobriria se eram falsas ou verdadeiras essas notícias de mau pecado:

No solar do conde Argimiro, um ano depois da sua partida, ainda tudo dava mostras da mágoa e da saudade que condessa sentia: as salas estavam forradas de negro e de negro eram as suas vestes. Nos pátios interiores dos paços crescera a erva não tratada, de modo que se podia ceifar: as reixas e as gelosias das janelas não se tinham tornado a abrir: os risos dos servos e das servas, os sons de saltérios e harpas tinham deixado de soar. Mas ao cabo do segundo ano tudo aparecia mudado: os adornos eram de prata e matiz; brancos e vermelhos os trajos da bela condessa; pelas janelas do paço emanava o som da música e do convívio; e todo o solar de Argimiro estava, tanto por dentro como por fora, alinhado e composto.

Fora um antigo regedor do nobre conde que o avisara dessas mudanças. Custava-lhe ver tantos folgares e contentamentos;

custava-lhe ver manchada a honra do seu senhor, pelo que ele via e pelo que se murmurava.

Eis porque ocorrera a mudança:

Longe do condado do ilustre barão Argimiro, o Negro, para os lados de Galiza, vivia um nobre gardingo(*), gentil-homem e mancebo chamado Astrigildo Alvo.

[(*) Homem nobre que exercia altos cargos na corte dos príncipes visigodos.]

Contava vinte e cinco anos; os sonhos das suas noites eram com formosas damas; eram de amores e deleites: mas, ao romper da manhã, todos eles se desfaziam, pois, ao sair para o campo, não havia senão pastoras tostadas do sol e das neves e as servas grosseiras do seu solar.

Destas estava ele farto, Mais de cinco tinha enganado com palavras doces; mais de dez comprado com ouro; mais de outras dez, como nobre e senhor que era, brutamente violado.

Com vinte e cinco anos, já no livro da justiça divina se lhe tinham escrito mais de vinte e cinco maldades.

Uma noite sonhou Astrigildo que corria serras e vales com a rapidez do vento, montado num cavalo silvestre, e que, depois de correr muito, chegava a alta noite a um solar, onde pedia gasalhado. Que uma formosa dama o recebia, e que em poucos instantes enamoravam-se um do outro.

Acordou sobressaltado e, durante o dia inteiro, não pensou em outra coisa senão na formosa dama que vira naquele sonho da madrugada.

Três noites se repetia o sonho: três dias o mancebo cismou. Encostado à varanda de um eirado, na tarde do terceiro dia, olhava triste para as montanhas do norte, que via lá no horizonte, como nuvens pardacentas. O sol começou a descer no poente, e ainda ele estava embebido no seu melancólico pensamento.

Por acaso, voltou então os olhos para o terreiro que lhe ficava por baixo; um onagro da floresta estava aí deitado, como se fosse um cavalo manso; era inteiramente semelhante àquele com que havia sonhado.

Sonhos de três noites a fio não mentem: Astrigildo desceu à pressa ao terreiro. Sem se debater ou fugir, o onagro deixou-se enfrear e

selar; e, a Deus e à aventura, o jovem fidalgo nele cavalgou pela encosta abaixo.

Cumpria-se tudo à risca: o onagro não corria, voava. Mas o céu começou de toldar-se com o anoitecer: a escuridão cresceu e desfechou em vento, trovões, chuva e raios. O mancebo quase caia da sua montada enquanto que o onagro dobrava de velocidade e bufava violentamente. Parou, por fim, a altas horas da noite e sem saber como, Astrigildo achou-se junto dos muros de um solar acastelado.

Agarrou e tocou a sua sineta, que deu um som prolongado e trêmulo porque ele tremia de susto e de frio. No momento em que cessou de tocar, a ponte levadiça desceu, muitos escudeiros saíram a recebê-lo entre tochas, e as salas dos paços iluminaram-se. Estavam à sua espera. É que também a condessa tinha por três noites sonhado!

****

A clepsidra (relógio de água) indica a sexta hora noturna(*), mas ainda dura o serão no solar do conde de Biscaia; porque a nobre condessa e o gentil Astrigildo assistem às danças e aos jogos dos criados e servos.

[(*) A clepsidra era um tipo de relógio, de origem egípcia, que media o tempo de acordo com o escoamento regular de água num recipiente graduado; hora noturna quer dizer a contagem das horas depois do pôr-do-sol.]

Mas, num aposento mais baixo do solar, um homem está em pé com um punhal na mão, olhar feroz e o cabelo eriçado, parecendo escutar a festa.

Outro homem está diante dele, dizendo-lhe:

"Senhor, ainda não é tempo para punir o grande pecado. Quando eles se recolherem, aquela luz que vedes acolá há de apagar-se. Subi então, e achareis desimpedido o caminho secreto para a câmara, que é a mesma do vosso noivado."

E o que falava saiu, e daí a pouco a luz apagou-se, e o homem dos cabelos hirtos e do olhar esgazeado subiu por uma íngreme e

tenebrosa escada.

Quando pela manhã cedo o conde Argimiro, do seu balcão principal, ordenava que levassem o corpo da condessa para um mosteiro, que ele fundara para aí ter a sua sepultura, a dele e os da sua casa, e dizia aos homens de armas que arrastassem o cadáver de Astrigildo e o despenhassem de um grande barrocal abaixo, viu um onagro silvestre deitado a um canto do pátio.

"Um onagro assim manso é coisa que nunca vi — disse ele ao seu regedor, que estava ali ao pé. — Como veio parar aqui este cavalo?"

O regedor ia responder, quando se ouviu uma voz dizer (e dir-se-ia que era o ar que falava):

"Foi nele que veio Astrigildo: será ele que o levará. Por ti, oh conde, ficaram órfãos os filhos do onagro, mas por via do onagro ficaste desonrado. Foste cruel com as pobres feras: Deus acaba de vingá-las."

"Misericórdia!" — bradou Argimiro, porque naquele momento lembrou-se da maldita caçada.

Nesse instante os homens do conde saíram com o cadáver sangrento do mancebo e o onagro assim que o viu, saltou como um leão para o meio do grupo que fez fugir, agarrou o morto com os dentes, arrastou-o para fora do castelo, e, como se tivesse em si uma legião de demónios, foi precipitar-se com ele do precipício abaixo.

Era por isso que o conde ia com trajes pobres, amarrado com cordas e descalço, seguindo os frades e o caixão. Queria fazer penitência no mosteiro por ter quebrado o juramento que tinha feito ao seu pai.

As almas da condessa e do fidalgo caíram no fogo do inferno, por terem deixado a vida em adultério, que é pecado mortal. Desde esse tempo as duas miseráveis almas têm aparecido a muita gente nos caminhos da Biscaia: ela vestida de branco e vermelho, sentada em penedos, cantando lindas canções: ele vagueando perto dela, na figura de um onagro ou de outro animal.

Tal foi a história que o velho abade contou ao meu pai, e que ele me contou a mim, antes de ir cumprir sua penitência nessa guerra de mouros que lhe foi tão fatal.

Assim concluiu Inigo Guerra a história.

Brearte, o pajem, sentiu os cabelos a arrepiarem-se-lhe. Por muito tempo ficou imóvel em frente do seu senhor: ambos em silêncio. O jovem barão não conseguia engolir nada do seu prato.

Tirou por fim da bolsa de couro que trazia à cintura a carta de D. Diogo para a tornar a ler. As misérias e lástimas que o rico-senhor aí recontava eram tais, que D. Inigo sentiu as lágrimas a gotejarem-lhe abundantemente pela cara abaixo. Então ergueu-se da mesa para se ir deitar. Nem o barão nem o pajem pregaram olho toda a noite; este de medo, aquele de desconsolado.

E nos ouvidos de Inigo Guerra soaram repetidamente as palavras de Brearte: "Por que não ides à serra procurar a vossa mãe?" — Só por encantamento seria, de facto, possível tirar das unhas dos mouros o nobre senhor da Biscaia.

Poucas horas depois nascia, finalmente, a alvorada.

Trova Terceira

Mensageiros após mensageiros, cartas sobre cartas, eram vindas de Toledo para o jovem Inigo Guerra. El-rei de Leão resgatava todos os dias cavaleiros seus em troca de cavaleiros mouros capturados, mas não tinha wali ou kayid (nobres capitães mouros) capturado, que pudesse dar em troca por tão nobre senhor como o senhor de Biscaia.

Muitos dos resgatados eram moradores das serras; e estes, trazendo as mensagens, contavam ainda mais lástimas do velho D. Diogo Lopes, do que, se é possível, daquelas que contavam as cartas.

"À porta da prisão, em Toledo — diziam eles — tem a mourisma um grande campo, todo muito bem apalancado. Aqui fazem grandes festas e festivais nos dias dos seus santos malditos. Gaiolas de bestas, coisa de ver e pasmar: os tigres e leões não as rompem; portanto rompê-las com mãos de homens, é coisa que não se pode imaginar. Numa destas prisões, quase nu, com amarras de pés e

mãos, está o ilustre rico-senhor, que já foi capitão de grandes e lustrosas armadas. Corteses costumam ser os mouros com os seus cativos fidalgos mas tratam assim D. Diogo Lopes, porque já passaram três anos sem se ver o seu resgate."

E os peregrinos que vinham do cativeiro e relatavam tais coisas, bem ceados e agasalhados no castelo, iam-se no outro dia com Deus, levando consigo merecida recompensa, e em boa e santa paz.

Quem não ficava em paz era D. Inigo Guerra: "Por que não vais tu à serra"' — dizia-lhe uma voz ao ouvido. — "Por que não ides procurar vossa mãe?" — repetia-lhe o pajem Brearte.

Que havia ele de fazer?

Uma madrugada então, depois de passar a noite em claro a pensar nisso, ei-lo que, enfim, se resolve a tentar a aventura, à Deus e à sorte, mesmo não sendo do seu agrado.

Benzeu-se vinte vezes, para não ter que benzer-se lá. Rezou o Pater, a Ave e o Credo; porque não sabia se em breve essas orações seriam coisa que se esqueceria.

E, levando consigo o seu cão de caça predileto, a pé, e com uma lança na mão, foi-se pelos montes fora, em direção a uma vereda de ermos tristes onde se dizia que a linda dama tinha aparecido ao seu pai.

****

Cantam os rouxinóis nas árvores; murmuram ao longe as águas dos regatos; a rama a folhagem ressoa brandamente com a brisa da manhã: é uma linda madrugada. E Inigo Guerra caminha, muito lentamente, os caminhos empinados, sobe barroco em barroco e, apesar do seu muito esforço, sente bater-lhe o coração com uma ânsia desacostumada. Onde as matas fazem alguma clareira ou os penedos alguma chapada, D. Inigo para um pouco, tomando fôlego e põe-se a escutar.

Há muito que andava a andar. o sol já ia alto, e o dia estava sereno. Ao canto do rouxinol seguiu-se o rechinar da cigarra.

Encontrou uma fonte que nascia de um rochedo negro e que, saltando de aresta em aresta, vinha cair num riacho tosco, onde o

sol parecia dançar no bulir das ondazinhas que fazia ao cair em cascata. D. Inigo assentou-se à sombra da rocha e, tirando o seu cantil, matou a sede que trazia, e pôs-se a lavar o rosto e a cabeça do suor e do pó que o cobria. O seu cão, depois de beber, deitou-se ao pé dele e, com a língua pendente, arquejava de cansado.

De repente, o cão pôs-se em pé e ladrou com grande ladro. D. Inigo voltou os olhos nessa direção: um cavalo silvestre pastava na orla da clareira junto a um frondoso carvalho.

"Tárik! — gritou o mancebo para o cão — Tárik!" — Mas o Tárik já ia avante a correr e não escutava.

"Deixa-o correr, meu filho! Esse teu mastim não irá levar a melhor a esse onagro." Isto dizia uma voz que, parecia vir do cimo da encosta.

Olhou: uma linda mulher estava aí assentada e, com um gesto amoroso e sorriso de anjo, para ele se inclinava.

"Minha mãe! minha mãe! — gritou Inigo Guerra, levantando-se ao mesmo tempo que consigo dizia em pensamento: — Vade retro! Santo Hermenegildo me valha!" E como molhara a cabeça, sentiu que os cabelos lhe iam ficando arrepiados.

"Filho, tens na boca palavras doces; e no coração palavras danadas. Mas que importa, se és meu filho? Diz o que queres de mim, que será tudo feito ao teu talento e vontade."

O jovem cavaleiro nem conseguia falar com medo. Enquanto que o Tárik gemia, uivando, debaixo das patas do onagro.

"Preso pelos mouros está há anos o meu pai D. Diogo Lopes — disse por fim tremendo. — Queria que me ensinasses, senhora, o modo como hei de salvá-lo."

"O seu estado sei-o eu, tão bem como tu. E, se pudesse, ter-lhe-ia acorrido, sem que ele me tivesse chamado. Mas o velho tirano do céu quer que ele sofra tantos anos quantos viveu co... com a que o povo chama de Dama Pé-de-Cabra."

"Não blasfemeis contra Deus, minha mãe, que é culpa enorme" — interrompeu o mancebo, cada vez mais horrorizado.

"Culpa?! Para mim não há inocência nem culpa" — replicou a dama, rindo às gargalhadas. Era um rir dormente, triste e medonho. Se o diabo ri, como aquele deve ser o rir do diabo.

O cavaleiro não pôde dizer mais nenhuma palavra. "Inigo! — prosseguiu ela — falta um ano para cumprir-se o cativeiro do nobre

senhor de Biscaia. Um ano passa depressa e, para te ajudar, mais depressa eu to farei passar. Vês tu aquele valente onagro? Quando de noite acordares e o achares ao pé de ti, manso como um cordeiro, cavalga nele sem medo, pois ele te levará a Toledo, onde livrarás o teu pai. — E erguendo a voz para o onagro, acrescentou: — Estás tu de acordo?" O onagro fitou as orelhas e, em sinal de aprovação, começou a azurrar.

Nisto, a dama ergueu-se pôs-se a declamar uma cantiga de bruxedo, acompanhada de um som demoníaco, que resultava em muitas e estranhas palavras:

Pelo cabo da vassoura,

Pela corda que ata,

Pela víbora que mata,

Pela Loba, e pela Toura;

Pela vara do condão,

Pelo pano da peneira,

Pela velha feiticeira,

Pelo finado sem mão;

Pelo bode, rei da festa,

Pelo sapo inteiriçado,

Pelo infante dessangrado

Que o diabo chupou à sesta;

Pelo crânio alvo e lustroso

Em que sangue se libou,

E do irmão que irmão matou,

Em pecado doloroso;

Pelo nome do maldito

Que em palavras se não diz,

Vinde lá demónios vis;

Vinde ouvir o que súplico!

E dançai, aqui na terra,

Uma dança doidejante,

Para que adormeça num instante

O meu filho Inigo Guerra.

Que ele durma um ano inteiro,

Como se durasse uma hora,

Junto à fonte que ali chora,

Sobre a relva deste outeiro.

Enquanto a dama cantava estas cantigas, o mancebo ia sentindo uma fraqueza nos membros que, aumentar cada vez mais, obrigou-o a sentar-se.

De repente ouviu-se um ruído abafado, como o som de trovões e de ventanias engolfando-se em si. O céu começou de toldar-se,

tornando-se cada vez era mais escuro até que restou apenas uma luz ténue de crepúsculo a iluminar D. Inigo.

A água da represa fervia, os penedos rachavam, as árvores torciam-se e os ares sibilavam. Das bolhas da água da fonte, das fendas dos rochedos, da rama das árvores e da vastidão do ar, via-se descer, subir, romper e saltar...coisas de temer e pasmar. Eram mil braços sem corpos, negros como carvão, tendo nos braços uma asa, e na mão uma espécie de garra.

Tal como a palha que o tufão levanta na eira, aquela multidão de seres cruzava-se, revolvia-se, unia-se, separava-se e rodopiava, sempre com certa cadência, como que a dançar em compasso.

D. Inigo estava com a cabeça à roda: as luzes pareciam-lhe azuis, verdes e vermelhas: mas corria-lhe pelos membros do corpo uma languidez tão suave, que não teve ânimo ou força para fazer o sinal da cruz. Sentia-se apenas a desvanecer e, pouco a pouco, adormeceu profundamente.

Entretanto, no castelo tinham dado pela sua falta. Esperaram-no até à noite; esperaram-no uma semana, um mês, dez meses... mas não o viram voltar. O pobre pajem Brearte correu por muito tempo a serra de uma ponta à outra, tal como correram outros à sua procura;

mas o sítio onde o cavaleiro jazia adormecido estava além do alcance de alguém deste mundo.

****

Inigo acordou a altas horas da noite. Tinha dormido algumas horas, ou pelo menos, ele assim o pensou. Olhou para o céu e viu estrelas; apalpou ao redor e achou terra; escutou e ouviu o ramalhar das árvores. Pouco a pouco foi-se recordando do que passara com a sua mal-aventurada mãe; porque, a princípio, não se lembrava de nada.

Pareceu-lhe então ouvir alguém pisar as ervas ali por perto. Afinou a vista e viu que ali estava o onagro, negro e tenebroso como nunca, à espera que ele o montasse.

"Já meio enfeitiçado estou eu, pensou ele: — aceitarei pois, o resto do pacto, para ver se poderei salvar o meu pai." E pondo-se em pé, encaminhou-se para o possante animal, que já estava enfreado e selado. De que eram feitos os arreios, só o diabo o sabia.

Hesitou, todavia, durante uns momentos. Surgiram-lhe de repente escrúpulos e temor por ter de cavalgar naquele cavalo infernal. Ouviu então nos ares uma voz vibrada, que cantava de modo muito entoado. Era a voz da terrível Dama Pé-de-Cabra:

Cavalga, meu cavaleiro,

No cavalo corredor;

Vai salvar o bom senhor;

Vai tirá-lo do cativeiro.

Nem açoite, nem espora

Requer ele, oh cavaleiro!

Corre, corre bem ligeiro,

Noite e dia, a toda a hora.

Freio ou sela não lhe tires,

Não lhe fales, não o ferres,

No caminho não te aterres,

Para trás nunca te vires.

Vai firme! — avante, avante!

Corre, corre, a bom correr!

Não há minuto a perder,

Vai antes que o galo cante.

"Vá!" — gritou Inigo Guerra, com uma espécie de frenesi que produzira nele aquele cantar estranho e saltando para cima do quieto onagro. Mal se firmou na sela e partiu logo à velocidade do vento.

****

Mesmo em paz com os cristãos, os mouros de Toledo mantêm ainda pelas torres, cubelos e adarves, os seus guardas e vigias, e nos

montes que dividem a caraira de Leão, os seus soldados e guerreiros.

Mas se o rei leonês soubesse como descuidosa ficou a cidade de Toledo; se soubesse que ao anoitecer, as vigias deixam-se dormir, e não se acendem os fachos de lume; quebraria os seus juramentos, e faria contra a cidade um repentino ataque. Mesmo que tivesse de ir depois ao seu confessor dizer "confiteor Deo, e peceavi", porque quebrar o juramento, mesmo sendo feito com cães hereges, dizem ser feio pecado.

Era a hora do lusco-fusco. Com a visão do sol a pôr-se no horizonte, os guardas de Toledo que olhavam para o Norte, viram lá muito ao longe, aproximar-se a velocidade fantasmagórica, uma nuvem negra, ondeando e fazendo voltas no céu, a seguir o rumo da estrada, na terra por entre os montes: dir-se-ia que vinha embriagada. Começara com um pontinho; depois crescera e crescera: quando anoiteceu, estava já perto dos muros e cobria o horizonte.

O almuadem (padre muçulmano), ao subir à torre da mesquita, chamava os crentes de Mafamede para a oração da noite. Mas a

sua voz esganiçada misturou-se com estrondear dos trovões. Um tufão de vento, vindo de repente, embrenhou-se e rodopiou nas barbas longas e brancas do almuadem, fustigando-lhe com elas a cara e, logo de seguida, começou a cair cordas de chuva, que nem jovens nem velhos se lembravam de ter visto coisa semelhante em parte alguma.

Os esculcas (vigias) aninharam-se então nas guaritas das torres; os roldas e sobre-roldas (guardas) a fugirem pelos adarves; os facheiros a sumirem-se debaixo das almenaras; os hájibes a acolherem-se às mesquitas molhados até os ossos; as velhas, que tinham saído para a rua com a voz do almuadem, foram levadas pelas torrentes de água que encheram as ruas tortuosas e estreitas, gritando por Mafoma e por Allah. Duas únicas ações fazem então os moradores de Toledo: uns fogem, outros agacham-se. E a água cai cada vez mais!

O pavor quebra todos os ânimos: os cacizes esconjuram a tempestade, os faquires penitentes gritam que se está a acabar o mundo e quem se quiser salvar terá que lhes deixar os seus pertences. E a água, cada vez mais, cai sem parar. A salvação de Toledo foi não se terem fechado as suas portas: se assim não

sucedesse, dentro do recinto dos muros morria toda a mourisma afogada.

Na prisão estava D. Diogo encostado às grades de ferro. O pobre velho entretinha-se a ouvir aquele medonho chover; porque a noite era comprida, e ele não tinha que fazer mais nada. Mas, como a sua cela era rodeado de muros e a chuva não podia escoar-se toda, a água crescia de um modo que já lhe os tornozelos. Assim também ele começou a ter medo de morrer, apesar da sua miséria, pois sabia D. Diogo que a morte é a maior miséria de todas; que não era o senhor de Biscaia ateu, filósofo, nem parvo.

Mas então, eis que avista um vulto alvacento que salva por cima do palanque, e cai mesmo no meio do terreiro — splash! E ouviu uma voz que dizia — "Nobre senhor D. Diogo, onde é que vós vos achais?"

"Que vejo e ouço! — exclamou o velho. — Um traje que não alveja, que não é trajo de mouro; uma voz que não fala algaravia, que não é de infiel; mas um salto dado de tal altura não pode ser de cavaleiro deste mundo. Por vossa fé dizei-me, sois um anjo ou sois S. Santiago?"

"Meu pai, meu pai! acudiu o cavaleiro — já não conheceis a voz de Inigo, vosso filho? Sou eu, que venho salvar-vos."

E D. Inigo, saindo do cavalo, pôs-se a tentar travar a forte corrente de água, que enchia a cela, pois esta já lhes dava pelos joelhos, mas sem sucesso. Cheio de aflição, o mancebo quis invocar o nome de Jesus; mas lembrou-se de como ali viera, e o bento nome expirou-lhe nos lábios. Todavia, o ornagro pareceu adivinhar o seu íntimo pensamento porque soltou um gemido agudo e pronto, como se lhe tivessem tocado com um ferro em brasa. E, empurrando D. Inigo para o lado com a cabeça, voltou a anca para a grade. Pau! — foi o som que se ouviu. Com um só coice a grade estava no chão, e as ombreiras de pedra tinham voado em mil rachas. Assim aconteceu, quer em mim acreditem, quer não, di-lo a história. Eu com isto não perco nem ganho.

D. Diogo, esse ficou-o crendo para o resto da sua vida porque uma lasca de pedra bateu-lhe nos dois últimos dentes que tinha e meteu-se-lhe pela goela abaixo. Por isso, ele, com a dor, não pôde dizer palavra quando o seu filho pô-lo em cima do cavalo consigo dizendo-lhe — "Meu pai, estais salvo!"

E o ornagro de um pulo galgou de novo os muros. E que grande salto foi pois tinha o muro uns bons quinze palmos!

Pela manhã já não havia sinal de chuva; o ar estava limpo e sereno, e quando os mouros foram ver o que sucedera a D. Diogo Lopes, não lhe acharam sequer o rasto.

****

D. Inigo e o seu pai, o velho senhor de Biscala, passam as portas de Toledo com a rapidez de uma flecha. Num abrir e fechar d'olhos ficaram para trás muros, torres, barbacãs e atalaias. A tempestade vai diminuindo: rasgam-se as nuvens, e vêem-se já reluzir algumas estrelas, que parecem outros tantos olhos com que o céu espreita, através do negrume, o que se passa cá em baixo.

A estrada, após descidas e subidas de montes desnudos, converteu-se em prados verdejantes, os pântanos converteram-se em lagos. Mas, quer pelos lagos, quer pelas planícies, o valente onagro cavalgando veloz, bufando como um demónio. Não chegam

a subir bem um monte e já descem pela outra encosta abaixo; ainda não chegaram bem a uma clareira e já se sentem em profunda floresta a gotejarem-lhes em cima os ramos agitados das árvores. Pouco mais é de meia-noite, e os topos nevados do Vindio recortam o chão estrelado do céu já limpo, semelhantes aos dentes de uma serra gigante, capaz de dividir cérceo o hemisfério austral do hemisfério boreal. E o onagro investe, sempre em galope desfeito, com as montanhas disformes, a descer vales temerosos, e, cada vez mais ligeiro, parece menos quadrúpede que um pássaro.

Mas que ruído é esse que sobrevoa o do vento? Que é isso que, lá ao longe, luz e reluz nas trevas, como uma alcateia de lobos envoltos em lençóis brancos, só com os olhos descobertos, a acorrer em fila pelo fundo do vale abaixo? É um rio caudal e furioso, com o seu manto de escuma, e com as escamas angulosas do seu dorso eriçado, onde batem e chispam os raios das estrelas em mil reflexos quebrados. Está sobre o rio uma ponte e no meio desta, um vulto esguio. — "Será um marco, uma estátua? — pensaram os cavaleiros. Pinheiro não pode ser; não consta que nasçam em cima de pontes."

O onagro ria-se de rios e pontes, todavia, se bem que pudesse, de um pulo, saltar vinte ribeiras como aquela, foi direito à ponte; porque não era animal que seguisse caminhos escusados. Semelhante a um relâmpago, arrojou-se o onagro àquele passo estreito... mas,.... ei-lo que de repente pára; pôs-se a tremer como varas verdes e a arquejar com violência. Os dois cavaleiros, agarrados à sela para não cair, olharam. O vulto esguio era uma Cruz de pedra erguida a meia ponte: por isso o onagro emperrava.

Então, dentro de uns altos choupos, vindo da margem do outro lado e um pouco afastado daquele sítio, ouviu-se uma voz fadigosa e trémula que cantava:

Para trás, para trás, a galgar.

Já!

De redor, de redor, vem passar

Cá!

Que não há nada aqui que te empeça.

Bus,

Nem palavra, vós dois! Fugi dessa

Cruz!

"Santo Nome de Cristo!" — exclamou D. Diogo, benzendo-se ao escutar aquela voz que bem conhecia, mas que, depois de tantos anos, não esperava ali ouvir, porque seu filho não lhe dissera porque meio achara para o salvar.

Assim que as palavras bentas do velho soaram, o onagro, sacudindo-se, soltou um rugido de besta-demónio e ele e D. Inigo foram logo bater contra a base da Cruz, onde ficaram de bruços, envoltos em lodo. Sentiram então um cheiro intolerável de enxofre e ouviram um trovão subterrâneo, percebendo-se ser coisa de Satanás. A ponte balouçou, como se as entranhas da terra se despedaçassem e apesar do seu grande terror, e de chamar pela Virgem Santíssima, D. Inigo abriu um cantinho do olho para ver o que se passava.

Nós os homens costumamos dizer que as mulheres são curiosas. Nós é que o somos. Mentimos como uns desalmados. Que viu o cavaleiro? Um buraco a abrir-se, bem próximo deles sobre a ponte,

que rompia pela água, depois pelo leito do rio e depois pela terra adentro. Dentro via-se o teto do inferno, que outra coisa não podia ser: um fogo muito vermelho reverberando daquela profundidade e demônios com desconformes espetos nas mãos levando pecadores empalados. E o onagro descia rodopiando por aquele boqueirão, como uma pena a cair em dia sereno do alto de uma torre abaixo.

Aquela vista fez perder os sentidos a D. Inigo, que, ao querer gritar por Jesus, achou que não podia proferir este nome sagrado. De terror, tanto o velho como o moço ficaram ali desmaiados.

Quando voltaram a si, com o romper do sol claro, conheceram o sítio em que se achavam. Era a ponte próxima à aldeia de Nustúrio, no alto da qual avistava o castelo construído por D. From, o saxónio, avô de D. Diogo Lopes e primeiro senhor de Biscaia.

Nenhum vestígio restava do que ali se passara; os dois, doridos, cheios de lodo e pisaduras, foram-se arrastando como puderam até encontrar alguns aldeões, a quem se deram a conhecer, e que os levaram a casa.

As festas que em Nustúrio se fizeram pelo regresso de ambos, é coisa que não vos direi; porque não tarda a hora de cear, rezar e deitar.

****

D. Diogo pouco tempo viveu e enquanto foi vivo todos os dias ouvia missa; todas as semanas se confessava. D. Inigo, porém, nunca mais entrou em igrejas, nunca mais rezou, e não nada mais fazia senão ir à serra caçar. Quando teve de partir para as guerras de Leão, viram-no subir à montanha e voltar de lá montado num agigantado onagro.

O seu nome espalhou-se por toda a Hispânia; porque não houve batalha em que entrasse que se perdesse, e nunca, em nenhum confronto, foi ferido ou derrubado. Diziam os rumores em Nustúrio que o ilustre barão tinha um pacto com Belzebu. Que tinha vendido a metade da sua alma que não era da parte da sua mãe.

Fosse como fosse, Inigo Guerra morreu velho: o que a história não conta é o que então se passou no seu castelo. E como não quero improvisar mentiras, não irei dizer mais nada.

Mas a misericórdia de Deus é grande. E, por cautela, rezem por ele um Pater e um Ave. E se não for por ele, que seja por mim.

Amém.

O BISPO NEGRO

(LENDA DO ANO DE 1130)

I

Houve tempo em que a velha catedral conimbricense, hoje abandonada dos seus bispos, era formosa; houve tempo em que essas pedras, ora tisnadas pelos anos, eram ainda pálidas, como as margens areentas do Mondego. Então, o luar, batendo nos lanços dos seus muros, dava um reflexo de luz suavíssima, mais rica de saudade que os próprios raios daquele planeta guardador dos segredos de tantas almas, que creem existir nele, e só nele, uma inteligência que as perceba.

Então aquelas ameias e torres não tinham sido tocadas das mãos de homens, desde que os seus edificadores as tinham colocado sobre as alturas; e, todavia, já então ninguém sabia se esses edificadores eram da nobre raça goda, se da dos nobres conquistadores árabes.

Mas, quer filha dos valentes do Norte, quer dos pugnacíssimos sarracenos, ela era formosa, na sua singela grandeza, entre as outras sés das Espanhas. Aí sucedeu o que ora ouvireis contar.

Aproximava-se o meado do duodécimo século. O príncipe de Portugal Afonso Henriques, depois de uma revolução feliz, tinha arrancado o poder das mãos da sua mãe. Se a história se contenta com o triste espetáculo de um filho condenado ao exílio aquela que o gerou, a tradição carrega as tintas do quadro, pintando-nos a desditosa viúva do conde Henrique a arrastar grilhões no fundo de um calabouço. A história conta-nos o fato; a tradição verosímil; e o verosímil é o que importa ao que busca as lendas da pátria.

Em uma das torres do velho alcácer de Coimbra, assentado entre duas ameias, a horas em que o sol fugia do horizonte, o príncipe conversava com Lourenço Viegas, o Espadeiro, e com ele dispunha meios e apurava traças para guerrear a mourisma.

E lançou casualmente os olhos para o caminho que guiava ao alcácer e viu o bispo D. Bernardo, que, montado na sua nédia mula, cavalgava apressado pela encosta acima.

— Vedes vós — disse ele ao Espadeiro — o nosso leal Dom Bernardo, que para cá se encaminha? Negócio grave, por certo, o faz sair a tais desoras da crasta da sua sé. Desçamos à sala de armas e vejamos o que ele quer. — E desceram.

Grandes lampadários ardiam já na sala de armas do alcácer de Coimbra, pendurados de cadeiras de ferro chumbadas nos fechos dos arcos de volta de ferradura que sustentavam os tetos de grossa cantaria. Pelos feixes de colunas delgadas, entre si separadas, mas ligadas sob os fustes por base comum, pendiam corpos de armas, que reverberavam a luz das lâmpadas e pareciam cavaleiros armados, que em silêncio guardavam aquele amplo aposento. Alguns homens de mesnada faziam retumbar as abóbadas, passeando de um para outro lado.

Uma portinha, que ficava num ângulo da quadra, abriu-se, e dela saíram o príncipe e Lourenço Viegas, que desciam da torre. Quase ao mesmo tempo assomou no grande portal de entre o vulto venerável e solene do bispo D. Bernardo.

— Guardai-vos Deus, dom bispo! Que muito urgente negócio vos traz aqui esta noite? — disse o príncipe a D. Bernardo.

— Más noticias, senhor. Trazem-me aqui a mim letras do papa, que ora recebi.

— E que quer de vós o papa?

— Que da sua parte vos ordene solteis vossa mãe...

— Nem pelo papa, nem por ninguém o farei.

— E manda-me que vos declare excomungado, se não quiserdes cumprir seu mandado.

— E vós que intentais fazer?

— Obedecer ao sucessor de São Pedro.

— Quê? Dom Bernardo amaldiçoaria aquele a quem deve o bago pontifical; aquele que o levantou do nada? Vós, bispo de Coimbra, excomungaríeis o vosso príncipe, porque ele não quer pôr a risco a liberdade desta terra remida das opressões do senhor de Trava e do jugo do rei de Leão; desta terra que é só minha e dos cavaleiros portugueses?

— Tudo vos devo, senhor — atalhou o bispo — salvo a minha alma, que pertence a Deus, a minha fé, que devo a Cristo, e a minha obediência, que guardarei ao papa.

— Dom Bernardo! Dom Bernardo! — disse o príncipe, sufocado de cólera —, lembrai-vos de que afronta que se me fizesse nunca ficou sem paga!

— Quereis, senhor infante, soltar vossa mãe?

— Não! Mil vezes não!

— Guardai-vos!

E o bispo saiu, sem dizer mais palavras. Afonso Henriques ficou pensativo por algum tempo; depois, falou em voz baixa com Lourenço Viegas, o Espadeiro, e encaminhou-se para a sua câmara. Daí a pouco o alcácer de Coimbra jazia, como o resto da cidade, no mais profundo silêncio.

****

Pela alvorada, muito antes de romper o sol no dia seguinte, Lourenço Viegas passeava com o príncipe na sala de armas do paço mourisco.

— Se eu próprio o vi, montado na sua nédia mula, ir lá muito ao longe, caminho da terra de Santa Maria. Na porta da Sé estava pregado um pergaminho com larga escritura, que, segundo me afirmou um clérigo velho que aí chegara quando eu olhava para aquela carta, era o que eles chamam o interdito... — Isto dizia o Espadeiro, olhando para todos os lados, como quem receava que alguém o ouvisse.

— Que receias, Lourenço Viegas? Dei a Coimbra um bispo que me excomunga, porque assim o quis o papa: dar-lhe-ei outro que me absolva, porque assim o quero eu. Vem comigo à Sé. Bispo Dom Bernardo, quando te arrependeres da tua ousadia já será tarde.

Dali a pouco as portas da Sé estavam abertas, porque o sol era nado, e o príncipe, acompanhado de Lourenço Viegas e de dois pajens, atravessava a igreja e dirigia-se à crasta, onde, ao som de campa tangida, tinha mandado juntar o cabido, com pena de morte para o que aí faltasse.

****

Solene era o espetáculo que apresentava a crasta da Sé de Coimbra. O sol dava, com todo o brilho de manhã puríssimo, por entre os pilares que sustinham as abóbadas dos cobertos que cercavam o pátio interior. Ao longo desses cobertos caminhavam os cónegos com passos lentos, e as largas roupas ondeavam-lhes ao bago suave do vento matutino. No topo da crasta estava o príncipe em pé, encostado ao punho da espada, e, um pouco atrás dele, Lourenço Viegas e os dois pajens. Os cónegos iam chegando e

formavam um semicírculo a pouco distância de el-rei, em cuja cervilheira de malha de ferro ferviam buliçosos os raios do sol.

Toda a clerezia da Sé estava ali apinhada, e o príncipe, sem dar palavra e com os olhos fitos no chão, parecia envolto em fundo pensar. O silêncio era completo.

Por fim Afonso Henriques ergue o rosto carrancudo e ameaçador e disse:

— Cónegos da Sé de Coimbra, sabeis a que vem aqui o infante de Portugal?

Ninguém respondeu palavra.

— Se não sabeis, dir-vo-lo-ei eu — prosseguiu o príncipe —: vem assistir à eleição do bispo de Coimbra.

— Senhor, bispo havemos. Não cabe aí nova eleição — disse o mais e velho e autorizado dos cónegos que estavam presentes e que era o adaião.

— Ámen — responderam os outros.

Esse que vós dizeis — bradou o infante cheio de cólera —, esse jamais o será. Tirar-me quis ele o nome de filho de Deus; eu lhe

tirarei o nome do seu vigário. Juro que nunca nos meus dias porá Dom Bernardo pés em Coimbra: nunca mais da cadeira episcopal ensinará um rebelde a fé das santas escrituras! Elegei outro: eu aprovarei vossa escolha.

— Senhor, bispo havemos. Não cabe aí nova eleição — repetiu o adaião.

— Ámen — responderam os mais.

O furor de Afonso Henriques subiu de ponto com esta resistência.

— Pois bem! — disse ele, com a voz presa na garganta, depois de olhar terrível que lançou pela assembleia, e de alguns momentos de silêncio. — Pois bem! Saí daqui, gente orgulhosa e má! Saí, vos digo eu! Alguém por vós elegerá um bispo...

Os cónegos, fazendo profundas reverências, encaminharam-se para as suas celas, ao longo das arcarias da crasta.

Entre os que ali se achavam, um negro, vestido de hábitos clericais, tinha estado encostado a um dos pilares, observando aquela cena; os seus cabelos revoltos contrastavam pela alvura com a pretidão da tez. Quando o príncipe falava, ele sorria-se e meneava a cabeça, como quem aprovava o dito. Os cónegos começavam a retirar-se, e

o negro ia após eles. Afonso Henriques fez-lhe um sinal com a mão. O negro voltou para trás.

— Como hás nome? — perguntou-lhe o príncipe.

— Senhor, hei nome Soleima.

— És bom clérigo?

— Na companhia não há dois que sejam melhores.

— Bispo serás, Dom Soleima. Vai tomar os teus guisamentos, que hoje me cantarás missa.

O clérigo recuou: naquela face tisnada viu-se uma contração de susto.

— Missa não vos cantarei eu, senhor — respondeu o negro com voz tremula — que para tal auto não tenho as ordens requeridas.

— Dom Soleima, repara bem no que te digo! Sou eu que te mando vás vestir as vestiduras de missa. Escolhe: ou hoje tu subirás os degraus do altar-mor da Sé de Coimbra, ou a cabeça te descerá de cima dos ombros e rolará pelas lájeas deste pavimento.

O clérigo curvou a cara.

— Kirie-eleyson... Kirie-eleyson... Kirie-eleysom! — garganteava daí a pouco Dom Soleima, revestido dos hábitos episcopais, junto ao altar da capela-mor. O infante Afonso Henriques, o Espadeiro e os dois pajens, de joelhos, ouviam missa com profunda devoção.

II

Era noite. num a das salas mouriscas dos nobres paços de Coimbra havia grande sarau. Donas e donzelas, assentadas ao redor do aposento, ouviam os trovadores repetindo ao som da viola e em tom monótono suas magoadas endechas, ou folgavam e riam com os arremedilhos satíricos dos truões e farsistas. Os cavaleiros, em pé, ou falavam de aventuras amorosas, de justas e de bofordos, ou de fossados e lides por terras de mouros carairos. Para um dos lados, porém, entre um labirinto de colunas, que dava saída para uma galeria exterior, quatro personagens pareciam entretidas em negócio mais grave do que os prazeres de noite de folguedo o permitiam. Eram estas personagens Afonso Henriques, Gonçalo Mendes da Maia, Lourenço Viegas e Gonçalo de Sousa, o Bom. Os gestos dos quatro cavaleiros davam mostras de que eles estavam vivamente agitados.

— É o que afirma, senhor, o mensageiro — dizia Gonçalo de Sousa — que me enviou o abade do mosteiro de Tibães, onde o

cardeal dormiu uma noite para não entrar em Braga. Dizem que o papa o envia a vós, porque vos supõe herege. Em todas as partes por onde o legado passou, em França e em Espanha, vinham a lhe beijar a mão reis, príncipes e senhores: a eleição de Dom Soleima não pode, por certo, ir avante...

— Irá, irá — respondeu o príncipe em voz tão alta que as palavras reboaram pelas abóbadas do vasto aposento. — Que o legado tenha tento em si! Não sei eu se haveria aí cardeal ou apostólico que me estendesse a mão para eu lha beijar, que pelo cotovelo lha não cortasse fora a minha boa espada. Que me importam a mim vilezas dos outros reis e senhores? Vilezas, não as farei eu!

Isto foi o que se ouviu daquela conversação: os três cavaleiros falaram com o príncipe ainda por muito tempo; mas em voz tão baixa, que ninguém percebeu mais nada.

****

Dois dias depois, o legado do papa chegava a Coimbra: mas o bom do cardeal tremia em cima da sua nédia mula, como se maleitas o houvessem tomado. As palavras do infante tinham sido ouvidas por muitos, e alguém as havia repetido ao legado.

Todavia, apenas passou a porta da cidade, revestindo-se de ânimo, encaminhou-se direto ao alcácer real.

O príncipe saiu a recebê-lo acompanhado de senhores e cavaleiros. Com modos corteses, guiou-o à sala do seu conselho, e aí se passou o que ora ouvireis contar.

O infante estava assentado num a cadeira de espaldas: diante dele o legado, num assento raso, posto em cima de um estrado mais elevado: os senhores e cavaleiros cercavam o filho do conde Henrique.

— Dom cardeal — começou o príncipe —, que viestes vós fazer a minha terra? Posto que de Roma só mal me tenha vindo, creio me trazeis agora algum ouro, que dos seus grandes haveres me manda o senhor papa para estas hostes que faço e com que guerreio, noite e dia, os infiéis da caraira. Se isto trazeis, aceitar-vos-ei: depois, desembaraçadamente podeis seguir vossa viagem.

No ânimo do legado a cólera sobrepujou o temor, quando ouviu as palavras do príncipe, que eram de amargo escárnio.

— Não a trazer-vos riquezas — atalhou ele —, mas a ensinar-vos a fé vim eu; que dela parece vos esquecestes, tratando

violentamente o bispo Dom Bernardo e pondo no seu lugar um bispo sagrado com as vossas manoplas, vitoriado só por vós com palavras blasfemas e malditas...

— Calai-vos, dom cardeal — gritou Afonso Henriques — que mentis pela gorja! Ensinar-me a fé? Tão bem em Portugal como em Roma sabemos que Cristo nasceu da Virgem; tão certo, como vós outros romãos, cremos na Santa Trindade. Se a outra coisa vindes, amanhã vos ouvirei: hoje ir-vos podeis a vossa pousada.

E ergueu-se: os olhos chamejavam-lhe de furor. Toda a ousadia do legado desapareceu como fumo; e, sem atinar com resposta, saiu do alcácer.

III

O galo tinha cantado três vezes: pelo arrebol da manhã, o cardeal partia aforradamente de Coimbra, cujos habitantes dormiam ainda repousadamente.

O príncipe foi um dos que despertaram mais cedo. Os sinos harmoniosos da Sé costumavam acordá-lo tocando as ave-marias: mas naquele dia ficaram mudos; e, quando ele se ergueu, havia mais de uma hora que o Sol subia para o alto dos céus da banda do Oriente.

— Misericórdia!, misericórdia! — gritavam devotamente homens e mulheres à porta do alcácer, com alarido infernal. O príncipe ouviu aquele ruído.

— Que vozes são estas que soam? — perguntou ele a um pajem.

O pajem respondeu-lhe chorando:

— Senhor, o cardeal excomungou esta noite a cidade e partiu: as igrejas estão fechadas; os sinos já não há quem os toque; os clérigos fecham-se nas suas pousadas. A maldição do santo padre de Roma caiu sobre nossas cabeças.

Outra voz soou à porta do alcácer:

— Misericórdia!, misericórdia!

— Que enfreiem e selem o meu cavalo de batalha. Pajem, que enfreiem e selem o meu melhor corredor.

Isto dizia o príncipe encaminhando-se para a sala de armas. Aí envergou à pressa um saio de malha e pegou num montante que dois portugueses dos de hoje apenas valeriam a levantar do chão. O pajem tinha saído, e dali a pouco o melhor cavalo de batalha que havia em Coimbra tropeava e rinchava à porta do alcácer.

IV

Um clérigo velho, montado num a alentada mula branca, vindo de Coimbra seguia o caminho da Vimieira e, de instante a instante, espicaçava os ilhais da carruagem com os seus acicates de prata. Em outras duas mulas iam ao lado dele dois mancebos com caras e meneios de beatos, vestidos de opas e tonsurados, mostrando no seu porte e idade que aprendiam ainda as pueris ou ouviam as gramaticais. Eram o cardeal, que se ia a Roma, e dois sobrinhos seus, que o tinham acompanhado.

Entretanto o príncipe partida de Coimbra sozinho. Quando pela manhã Gonçalo de Sousa e Lourenço Viegas o procuraram nos seus paços, souberam que era partido após o legado. Temendo o caráter violento de Afonso Henriques, os dois cavaleiros seguiram-lhe a pista à rédea solta, e iam já muito longe quando viram o pó que ele levantava, correndo ao longo da estrada, e o cintilar do sol, batendo-lhe de chapa na cervilheira, semelhante ao dorso de um crocodilo.

Os dois fidalgos esporearam com mais força os ginetes, e breve alcançaram o infante.

— Senhor, senhor; aonde ides sem vossos leais cavaleiros, tão cedo e açodadamente?

— Vou pedir ao legado do papa que se amerceie de mim...

A estas palavras, os cavaleiros transpunham uma assomada que encobria o caminho: pela encosta abaixo ia o cardeal com os dois mancebos das opas e cabelos tonsurados.

— Oh! ... — disse o príncipe. Esta única interjeição lhe fugiu da boca; mas que discurso houvera aí que a igualasse? Era o rugido de prazer do tigre, no momento em que salta do fojo sobre a preia descuidada.

— Memento mei, Domine, secundum magnam misericordiam tua! — rezou o cardeal em voz baixa e trémula, quando, ouvindo o tropear dos cavalos, voltou os olhos e conheceu Afonso Henriques.

Em um instante este o havia alcançado. Ao perpassar por ele, travou-lhe do cabeção do vestido e, de relance, ergueu o monante: felizmente os dois cavaleiros arrancaram as espadas e cruzaram-nas debaixo do golpe, que já descia sobre a cabeça do legado. Os

três ferros feriram fogo; mas a pancada deu em vão, aliás i crânio do pobre clérico teria ido fazer mais de quadro redemoinhos nos ares.

— Senhor, que vos perdeis e nos perdeis, ferindo o ungido de Deus — gritaram os dois fidalgos, com vozes aflitas.

— Príncipe — disse o velho, chorando —, não me faças mal; que estou à tua mercê! — Os dois mancebos também choravam.

Afonso Henriques deixou descair o montante, e ficou em silêncio alguns momentos.

— Estás à minha mercê? disse ele por fim. — Pois bem! Viverás, se desfizeres o mal que causaste. Que seja levantada a excomunhão lançada sobre Coimbra, e jura-me, em nome do apostólico, que nunca mais nos meus dias será posto interdito nesta terra portuguesa, conquistada aos Mouros por preço de tanto sangue. Em reféns deste pacto ficarão teus sobrinhos. Se, no fim de quatro meses, de Roma não vierem letras de bênção, tem tu por certo que as cabeças lhes voarão de cima dos ombros. Apraz-te este contrato?

— Sim, sim! — respondeu o legado com voz sumida.

— Juras?

— Juro.

— Mancebos, acompanhai-me.

Dizendo isto, o infante fez um aceno aos sobrinhos do legado, que, com muitas lágrimas, se despediu deles, e sozinho seguiu o caminho da terra de Santa Maria.

Daí a quatro meses, D. Soleima dizia missa pontifical na capela-mor da Sé de Coimbra, e os sinos da cidade repicavam alegremente. Tinham chegado letras de bênção de Roma; e os sobrinhos do cardeal, montados em boas mulas, iam cantando devotamente pelo caminho da Vimieira o salmo que começa:

In exitu Israel de AEgypto.

Conta-se, todavia, que o papa levara a mal, no princípio, o pacto feito pelo legado; mas que, por fim, tivera dó do pobre velho, que muitas vezes lhe dizia:

— Se tu, santo padre, viras sobre ti um cavaleiro tão bravo ter-te pelo cabeção, e a espada nua para te cortar a cabeça, e o seu cavalo, tão feroz, arranhar a terra, que já te fazia a cova para ter enterrar, não somente deras as letras, mas também o papado e a cadeira apostolical.

NOTA

A lenda precedente é tirada das crónicas de Acenheiro, rol de mentiras e disparates publicado pela nossa Academia, que teria procedido mais judiciosamente em deixá-las no pó das bibliotecas, onde tinham jazido em paz por quase três séculos. A mesma lenda tinha sido inserida pouco anteriormente na crónica de Afonso Henriques por Duarte Galvão, formando a substância de quatro capítulos, que foram suprimidos na edição deste autor, e que mereceram da parte do académico D. Francisco de S. Luís uma grave refutação. Toda a narrativa das circunstâncias que se deram no fato, aliás verdadeiro, da prisão de D. Teresa, das tentativas oposicionistas do bispo de Coimbra, da eleição do bispo negro, da vinda do cardeal, e da sua fuga contrastam a história daquela época. A tradição é falsa a todas as luzes; mas também é certo que ela se originou de alguma acto de violência praticado nesse reinado contra algum cardeal legado. Um historiador coevo e, posto que estrangeiro, bem informado geralmente acerca dos sucessos do nosso país, o inglês Rogério de Hoveden, narra um fato, acontecido

em Portugal, que, pela analogia que tem com o conto do bispo negro, mostra a origem da fábula. A narrativa do cronista está indicando que o acontecimento fizera certo ruído na Europa, e a própria confusão de datas e de indivíduos que aparece no texto de Hoveden mostra que o sucesso era anterior e andava já alterado na tradição. O que é certo é que o achar-se esta conservada fora de Portugal desde o século duodécimo por um escritor que Ruy de Pina e Acenheiro não leram (porque foi publicado no século décimo sétimo) prova que ela remonta entre nós, por maioria de razão, também ao século duodécimo, embora alterada, como já a vemos no cronista inglês. Eis a notável passagem a que aludimos, e que se lê a página 640 da edição de Hoveden, por Savile:

"No mesmo ano (1187) o cardeal Jacinto, então legado em toda a Espanha, depôs muitos prelados (abbates), ou por culpas deles ou por ímpeto próprio, e como quisesse depor o bispo de Coimbra, o rei Afonso (Henrique) não consentiu que ele fosse deposto e mandou ao dito cardeal que saísse da sua terra, quando não cortar-lhe-ia um pé.

A MORTE DO LIDADOR

(LENDA DO ANO DE 1170)

— Pajens! Ou arreiem o meu ginete murzelo; e vós dai-me o meu lorigão de malha de ferro e a minha boa toledana. Senhores cavaleiros, hoje contam-se noventa e cinco anos que recebi o batismo, oitenta que visto armas, setenta que sou cavaleiro, e quero celebrar tal dia fazendo entrada por terras da frontaria dos mouros.

Isto dizia na sala de armas do castelo de Beja Gonçalo Mendes da Maia, a quem, pelas muitas batalhas que pelejara e pelo seu valor indomável, chamavam Lidador. Afonso Henriques, depois do infeliz sucesso de Badajoz, e feitas pazes com el-rei Leão, o nomeara carairo da cidade de Beja, de pouco tempo conquistada aos mouros. Os quatro Viegas, filhos do bom velho Egas Moniz, estavam com ele, e outro muitos cavaleiros afamados, entre os quais D. Ligel de Flandres e Mem Moniz — que a festa dos vossos anos, Senhor Gonçalo Mendes, será mais de mancebo cavaleiro que de capitão encanecido e prudente. Deu-vos el-rei esta frontaria de Beja para bem a haverdes de guardar, e não sei se arriscado é sair hoje à campanha, que dizem os escutas, chegados ao romper d'alva, que o famoso Almoleimar correr por estes arredores com dez vezes mais

lanças do que todas as que estão encostadas nos lanceiros desta sala de armas.

— Voto a Cristo — atalhou o Lidador — que não cria em que o senhor rei me houvesse posto nesta torre de Beja para estar assentado à lareira da chaminé, como velha dona, a espreitar de vez em quando por uma seteira se cavaleiros mouros vinham correr até a barbacã, para lhes cerrar as portas e ladrar-lhes do cimo da torre da menagem, como usam os vilãos. Quem achar que são duros de mais os arneses dos infiéis pode ficar-se aqui.

— Bem dito! Bem dito! — exclamarem, dando grandes risadas, os cavaleiros mancebos.

— Por minha boa espada! — gritou Men Moniz, atirando o guante ferrado às lájeas do pavimento — que mente pela gorja quem disser que eu ficarei aqui, havendo dentro de dez léguas em redor lide com mouros. Senhor Gonçalo Mendes, podeis montar no vosso ginete, e veremos qual das nossas lanças bate primeiro em adarga mourisca.

— A cavalo! A cavalo! — gritou outra vez a chusma, com grande alarido.

Dali a pouco, ouvia-se o retumbar dos sapatos de ferro de muitos cavaleiros descendo os degraus de mármore da torre de Beja e, passados alguns instantes, soava só o tropear dos cavalos, atravessando a ponte levadiça das fortificações exteriores que davam para a banda da campanha por onde costumava aparecer a mourisma.

****

Era um dia do mês de Julho, duas horas depois da alvorada, e tudo estava em grande silêncio dentro da cerca de Beja: batia o sol nas pedras esbranquiçadas dos muros e torres que a defendiam: ao longe, pelas imensas compinas que avizinhavam o teso sobre que a povoação está assentada, viam-se ondear as searas maduras, cultivadas por mãos de agarenos para seus novos senhores cristãos. Regados por lágrimas de escravos tinham sido esses campos, quando formoso dia de inverno os sulcou o ferro do arado; por lágrimas de servos seriam outra vez humedecidos, quando, no mês de Julho, a paveia, cercada pela fouce, pendesse sobre a mão do ceifeiro: choro de amargura havia aí, como, cinco séculos antes, o houvera: então de cristãos conquistados, hoje de mouros vencidos. A cruz ateava-se outra vez sobre o crescente quebrado:

os coruchéus das mesquitas convertiam-se em campanários de sés, e a voz do almuadem trocava-se por toada de sinos, que chamavam à oração entendida por Deus.

Era esta a resposta dada pela raça goda aos filhos d'África e do Oriente, que diziam, mostrando os alfanges: — "é nossa a terra de Espanha". — O dito árabe foi desmentido; mas a resposta gastou oito séculos a escrever-se. Pelaio entalhou com a espada a primeira palavra dela nos cerros das Astúrias; a última gravaram-na Fernando e Isabel, com os pelouros das suas bambardes, nos panos das muralhas da formosa Granada: e esta escritura, estampada em alcantis de montanhas, em campos de batalha, nos portais e torres dos templos, nos bancos dos muros das cidades e castelos, acrescentou no fim a mão da Providência — "assim para todo o sempre!"

Nesta luta de vinte gerações andavam lidando as gentes do Alentejo. O servo mouro olhava todos os dias para o horizonte, onde se enxergavam as serranias do Algarve: de lá esperava ele salvação ou, ao menos, vingança; ao menos, um dia de combate e corpos de cristãos estirados na veiga para pasto dos açores bravios. A vista do sangue enxugava-lhes por algumas horas as lágrimas,

embora as aves de rapina tivessem, também, abundante ceva de cadáveres dos seus irmãos! E este ameno dia de Julho devia ser um desses dias porque suspirava o servo ismaelita.

Almoleimar descera com os seus cavaleiros às campinas de Beja. Pelas horas mortas da noite, viam-se as almenaras das suas talaias nos píncaros das serras remotas, semelhantes às luzinhas que em descampados e tremedais acendem as bruxas em noites dos seus folguedos: bem longe estavam as almenaras, mas bem perto sentiam os escutas o resfolegar e o tropear de cavalos, e o ranger das folhas secas, e o tinir a espaços de alfanje batendo em ferro de caneleira ou de coxote. Ao romper d'alva, os cavaleiros do Lidador saíam mais de dois tiros de besta além das muralhas de Beja; tudo porém estava em silêncio, e só, aqui e ali, as searas calcadas davam rebate de que por aqueles sítios tinham vagueados almogaures mouros, como o leão do deserto rodeia, pelo quarto de modorra, as habitações dos pastores além das encostas do Atlas.

No dia em que Gonçalo Mendes da Maia, o velho carairo de Beja, cumpria os noventa e cinco anos, ninguém saíra, pelo arrebol da manhã, a correr o campo; e, todavia, nunca tão de perto chegara Almoleimar; porque uma frecha fora pregada a mão num grosso

sovereiro que sombreava uma fonte a pouco mais de tiro de funda dos muros do castelo. Era que nesse dia deviam ir mais longe os cavaleiros cristãos: Lidador pedira aos pajens o seu lorigão de malha de ferro e a sua boa toledana.

Trinta fidalgos, flor da cavalaria, corriam à rédea solta pelas campinas de Beja; trinta, não mais, eram eles; mas orçavam por trezentos os homens d'armas, escudeiros e pajens que os acompanhavam. Entre todos avultava em robustez e grandeza de membros o Lidador, cujas barbas brancas lhe ondeavam, como flocos de neve, sobre o peitoral da cota d'armas, e o terrível Lourenço Viegas, a quem, pelos espantosos golpes da sua espada, chamavam o Espadeiro. Eram formoso espetáculo o esvoaçar dos balsões e signas, fora das suas fundas e soltos ao vento, o cintilar das cervilheiras, as cores variegadas das cotas, e as ondas de pó que se levantavam debaixo dos pés dos ginetes, como se levanta o bulcão de Deus, varrendo a face de campina ressequida, em tarde ardente de verão.

Ao largo, muito ao largo, dos muros de Beja cai a atrevida cavalgada em demanda dos mouros; e no horizonte não se veem senão os topos pardo-azulados das serras do Algarve, que parece

fugirem tanto quanto os cavaleiros caminham. Nem um pendão mourisco, nem um albornoz branco alvejam ao longe sobre um cavalo murzelo. Os corredores cristãos volteiam na frente da linha dos cavaleiros, correm, cruzam para um e outro lado, embrenham-se nos matos e transpõem-nos em breve; entram pelos canaviais dos ribeiros; aparecem, somem-se, tornam a sair ao claro; mas, no meio de tal lidar, apenas se ouvem o trote compassado dos ginetes e o grito monótono da cigarra, pousada nos raminhos da giesteira.

A terra que pisam é já dos mouros; é já além da frontaria. Se olhos de cavaleiros portugueses soubessem olhar para trás, indo em som de guerra, os que para trás de si os volvessem a custo enxergariam Beja. Bastos pinhais começavam já a cobrir mais crespo território, cujos outirinhos, aqui e ali, se alteavam suaves, como seio de virgem em viço de mocidade. Pelas faces tostadas dos cavaleiros cobertos de pó corria o suor em bagas, e os ginetes alagavam de escuma as redes de ferro acaireladas d'Ouro que só defendiam. A um sinal do Lidador, a cavalgada parou; era necessário repousar, que o sol ia no zénite e abrasava a terra; descavalgaram todos à sombra de um azinhal e, sem desenfrear os cavalos, deixaram-nos pascer alguma relva que crescia nas bordas de um arroio vizinho.

Tinha passado meia hora: por mandado do velho carairo de Beja um almogávar montou a cavalo e aproximou-se à rédea solta de uma selva extensa que corria à mão direita: pouco, porém, correu; uma frecha despedida dos bosques sibilou no ar: o almogávar gritou por Jesus: a frecha tinha-se embebido ao lado: o cavalo parou de repente, e ele, erguendo os braços ao ar, com as mãos abertas, caiu de bruços, tombando para o chão, e o ginete partiu desenfreado através das veigas e desapareceu na selva. O almogávar dormia o último sono dos valentes em terra de inimigos, e os cavaleiros da frontaria de Beja viram o seu transe do repousar eterno.

— A cavalo! A cavalo! — bradou a uma voz toda a lustrosa companhia do Lidador; e o tinido dos guantes ferrados, batendo na cobertura de malha dos ginetes, soou uníssono, quando todos os cavaleiros cavalgaram de um pulo; e os ginetes rincharam de prazer, como aspirando os combates.

Grita medonha troou ao mesmo tempo, além do pinhal da direita. — "Alá! Almoleimar!" — era o que dizia a grita.

Enfileirados em extensa linha, os cavaleiros árabes saíram à rédea solta de trás da escura selva que os encobria: o seu número excedia em cinco vezes o dos soldados da cruz: as suas armaduras lisas e

polidas contrastavam com a rudeza das dos cristãos, apenas defendidos por pesadas cervilheiras de ferro e por grossas cotas de malha do mesmo metal: mas as lanças destes eram mais robustas, e as suas espadas mais volumosas do que as cimitarras mouriscas. A rudeza e a força da raça gótico-romana ia, ainda mais uma vez, provar-se com a destreza e com a perícia árabes.

****

Como longa fita de muitas cores, recamada de fios d’Ouro e refletindo mil acidentes de luz, a extensa e profunda linha dos cavaleiros mouros sobressaía na veiga entre as searas pálidas que cobriam o campo. em frente deles, os trinta cavaleiros portugueses, com trezentos homens d'armas, pajens e escudeiros, cobertos dos seus escuros envoltórios e lanças em riste, esperavam o brado de acometer. Quem visse aquele punhado de cristãos, diante da cópia d'infiéis que os esperavam, diria que, não com brios de cavaleiros, mas com fervor de mártires, se ofereciam a desesperado transe. Porém, não pensava assim Almoleimar, nem os seus soldados, que bem conheciam a têmpera das espadas e lanças portugueses e a rijeza dos braços que as meneavam. De um contra dez devia ser o iminente combate; mas, se havia aí algum coração que batesse

descompassado, algumas faces descoradas, não era entre os companheiros do Lidador, que tal coração batia ou que tais faces descoravam.

Pouco a pouco, a planura que separava as duas hostes tinha-se embrido debaixo dos pés dos cavalos, como no tórculo se embebe a folha de papel saindo para o outro lado convertida em estampa primorosa. As lanças iam feitas: o Lidador bradara Santiago, e o nome de Alá soara num só grito por toda a fileira mourisca.

Encontraram-se! Duas muralhas carairas, balouçadas por violento terramoto, desabando, não fariam mais ruído, ao bater em pedaços uma contra a outra, do que este recontro de infiéis e cristãos. As lanças, topando em cheio nos escudos, tiravam deles um som profundo, que se misturava com o estalar das que voavam despedaçadas. Do primeiro encontro, muitos cavaleiros vieram ao chão: um mouro robusto foi derribado por Mem Moniz, que lhe falsou as armas e traspassou o peito com o ferro da sua grossa lança. Deixando-a depois cair, o velho desembainhou a espada e gritou ao Lidador, que perto dele estava:

— Senhor Gonçalo Mendes, ali tendes, no peito daquele perro, aberto a seteira por onde eu, velha dona assentada à lareira,

costumo vigiar a chegada de inimigos, para lhes ladrar, como alcateia de vilãos, do cimo da torre de menagem.

O Lidador não lhe pôde responder. Quando Mem Moniz proferia as últimas palavras, ele topara em cheio com o terrível Almoleimar. As lanças dos dois contendores tinham-se feito pedaços, e o alfanje do mouro cruzou-lhe com a toledana do carairo de Beja.

Como duas torres de sete séculos, cujo cimento o tempo petrificou, os dois capitães inimigos estavam um em frente do outro, firmes nos seus possantes cavalos: as faces pálidas e enrugadas do Lidador tinham ganhado a imobilidade que dá, nos grandes perigos, o hábito de os afrontar: mas no rosto de Almoleimar divisavam-se todos os sinais de um valor colérico e impetuoso. Cerrando os dentes com força, descarregou um golpe tremendo sobre o seu adversário: o Lidador recebeu-o no escudo, onde o alfanje se embebeu inteiro, e procurou ferir Almoleimar entre o fraldão e a couraça; mas a pancada falhou, e a espada desceu, faiscando, pelo

coxote do mouro, que já desencravara o alfanje. Tal foi a primeira saudação dos dois cavaleiros inimigos.

— Brando é o teu escudo, velho infiel; mais bem temperado é o metal do meu arnês. Veremos agora se na tua touca de ferro se

embotam os fios deste alfanje.

Isto disse Almoleimar, dando uma risada, e a cimitarra bateu no fundo do vale penedo desconforme desprendido do píncaro da montanha.

O carairo vacilou, deu um gemido, e os braços ficaram-lhe pendentes: a espada ter-lhe-ia caído no chão, se não estivesse presa ao punho do cavaleiro por uma cadeia de ferro. O ginete, sentindo as rédeas frouxas, fugiu um bom pedaço pela campanha, a todo o galope.

Mas o Lidador voltou a si: uma forte sofreada avisou o ginete de que o seu senhor não morrera. À rédea solta, lá volta o carairo de Beja; escorre-lhe o sangue, envolto em escuma, pelos cantos da boca: traz os olhos torvos de ira: ai de Almoleimar!

Semelhante ao vento de Deus, Gonçalo Mendes da Maia passou por entre os cristãos e mouros: os dois contendores viram-se, e, como o leão e o tigre, correram um para o outro. As espadas reluziam no ar; mas o golpe do Lidador era simulado, e o ferro mudando de movimento no ar, foi bater de ponta no gorjal de Almoleimar, que cedeu à violenta estocada; e o dangue, saindo às golfadas, cortou a última maldição do agareno.

Mas a espada deste também não errara o golpe: vibrada na ânsia, colhera pelo ombro esquerdo o velho carairo e, rompendo a grossa malha do lorigão, penetrara na carne até o osso. Ainda mais uma vez a mesma terra bebeu nobre sangue godo misturado com sangue árabe.

— Perro maldito! Sabe lá no inferno que a espada de Gonçalo Mendes é mais rija que a sua cervilheira.

E, dizendo isto, o Lidador caiu amortecido; um dos seus homens de armas voou a socorrê-lo; mas o último golpe d'Almoleimar fora o brado da sepultura para o carairo de Beja: os ossos do ombro do bom velho estavam como triturados, e as carnes rasgadas pendiam-lhe para um e para outro lado envoltas nas malhas descosidas do lorigão.

****

Entretanto os mouros iam de vencida: Mem Moniz, D. Ligel, Godinho Fafes, Gomes Mendes Gedeão e os outros cavaleiros daquela lustrosa companhia tinham praticado maravilhosas façanhas. Mas, entre todos, tornava-se notável o Espadeiro. Com um pesado montante nas mãos, coberto de pó, suor e sangue, pelejava a pé; que o seu agigantado ginete caíra morto de muitos

tiros de frechas lançadas. De roda dele não se viam senão cadáveres e membros destroncados, por cima dos quais trepavam, para logo recuarem ou baquearem no chão, os mais ousados cavaleiros árabes. Como um promontório de escarpados alcantis, Lourenço Viegas estava imóvel e sobranceiro no meio do embate daquelas vagas de pelejadores que vinham desfazer-se contra o terrível montante do filho de Egas Moniz.

Quando o carairo caiu, o grosso dos mouros fugia já para além do pinhal; mas os mais valentes pelejavam ainda à roda do seu moribundo. O Lidador esse tinha sido posto em cima de umas andas, feitas de troncos e franças de árvores, e quatro escudeiros, que restavam vivos dos dez que consigo trouxera, o tinham transportado para a saga da cavalgada. O tinir dos golpes era já muito frouxo e sumiam-se no som dos gemidos, pragas e lamentos que soltavam os feridos derramados pela veiga ensanguentada. Se os mouros, porém, levavam, fugindo, vergonha e dano, a vitória não saíra barata aos portugueses. Viam perigosamente ferido o seu velho capitão, e tinham perdido alguns cavaleiros de conta e a maior parte dos homens de armas, escudeiros e pajens.

Foi neste ponto que, ao longe, se viu erguer uma nuvem de pó, que voava rápida para o lugar da peleja. Mais perto, aquele turbilhão rareou vomitando do seio basto esquadrão de árabes. Os mouros que fugiam deram volta e gritaram: A Ali-Abu-Hassan! Só Deus é Deus, e Maomé o seu profeta! Era, com efeito, Ali-Abu-Hassan, rei de Tânger, que estava com o seu exército sobre Mertola e que viera com mil cavaleiros em socorro de Almoleimar.

****

Cansados de largo combater, reduzidos a menos de metade em número e cobertos de feridas, os cavaleiros de Cristo invocaram o seu nome e fizeram o sinal da cruz. O Lidador perguntou com voz fraca a um pajem, que estava ao pé das andas, que nova revolta era aquela.

— Os mouros foram socorridos por um grosso esquadrão — respondeu tristemente o pajem. — A Virgem Maria nos acuda, que os senhores cavaleiros parece recuarem já.

O Lidador cerrou os dentes com força e levou a mão à cinta. Buscava a sua boa toledana.

— Pajem, quero um cavalo. Onde está a minha espada?

— Aqui a tenho, senhor. Mas estais tão quebrado de forças!...

— Silêncio! A espada, e um bom ginete.

O pajem deu-lhe a espada e foi pelo campo buscar um ginete, dos muitos que andavam já sem dono. Quando voltou com ele, o Lidador, pálido e coberto de sangue, estava em pé e dizia, falando consigo:

— Por Santiago que não morrerei como vilão da beetria onde entrou cavalgada de mouros!

E o pajem ajudou-o a montar o cavalo.

Ei-lo o velho carairo de Beja! Semelhava um espectro erguido de pouco em campo de finados: debaixo de muitos panos que lhe envolviam o braço e o ombro esquerdo levava a própria morte; nos fios da espada, que a mão direita mal sustinha, levava, porventura, ainda a morte de muitos outros!

****

Para onde mais travada e acesa andava a peleja se encaminhou o Lidador. Os cristãos afrouxavam diante daquela multidão de infiéis, entre os quais mal se enxergavam as cruzes vermelhas pintadas nas cimeiras dos portugueses. Dois cavaleiros, porém, com vulto

feroz, os olhos turvados de cólera, e as armaduras crivadas de golpes, sustinham todo o peso da batalha. Eram estes o Espadeiro e Mem Moniz. Quando o carairo assim os viu oferecidos a certa morte algumas lágrimas lhe caíram pelas faces e, esporeando o ginete, com a espada erguida, abriu caminho por entre infiéis e cristãos e chegou aonde os dois, cada um com o seu montante nas mãos, faziam larga praça no meio dos inimigos.

— Bem-vindo, Gonçalo Mendes! — disse Mem Moniz. — Quiseste assistir connosco a esta festa de morte? Vergonha era, de feio, que estivesses fazendo teu passamento, com todo o repouso, deitado lá na saga, enquanto eu, velha dona, espreito os mouros com o meu sobrinho junto desta lareira...

— Implacáveis sois vós outros, cavaleiros de Riba-Douro, — respondeu o Lidador em voz sumida — que não perdoais uma palavra sem malícia. Lembra-te, Mem Moniz, de que bem depressa estaremos todos diante do justo juiz.

Velho sois; bem o mostrais! — acudiu o Espadeiro. — Não cureis de vãs porfias, mas de morrer como valentes. Demos nestes perros, que não ousam chegar-se a nós. Avante, e Santiago!

— Avante, e Santiago! — responderam Gonçalo Mendes e Mem Moniz: e os três cavaleiros deram rijamente nos mouros.

****

Quem hoje ouvir recontar os bravos golpes que no mês de Julho de 1170 se deram na veiga da caraira de Beja, notá-los-á de fábulas sonhadas; porque nós, homens corruptos e enfraquecidos por ócios e prazeres de vida afeminada, medimos pelos nossos ânimos e forças, a força e o ânimo dos bons cavaleiros portugueses do século XII; e todavia, esses golpes ainda soam, através das eras, nas tradições e crónicas, tanto cristãs como agarenas.

Depois de deixar assinadas muitas armaduras mouriscas, o Lidador vibrara pela última vez a espada e abrira o elmo e o crânio de um cavaleiro árabe. O violento abalo que experimentou lhe fez rebentar em torrentes o sangue da ferida que recebera das mãos de Almoleimar e, cerrando os olhos, caiu morto ao pé do Espadeiro, de Mem Moniz e de Afonso Hermingues de Baião, que com eles se juntara. Repousou, finalmente, Gonçalo Mendes da Maia de oitenta anos de combates!

Já a este tempo cristãos e mouros se tinham descido dos cavalos e pelejavam a pé. Traziam-se assim à vontade, e recrescia a crueza

da batalha. Entre os cavaleiros de Beja espalhou-se logo a nova da morte do seu capitão, e não houve ali olhos que ficassem enxutos. O despeito do próprio Mem Moniz deu lugar à dor, e o velho de Riba-Douro exclamou entre soluços:

— Gonçalo Mendes, és morto! Nós todos quantos aqui somos, não tardará que te sigamos; mas ao imenso, nem tu, nem nós ficaremos sem vingança!

— Vingança! — bradou o Espadeiro com voz rouca, e rangendo os dentes. Deu alguns passos e viu-se o seu montante reluzir, como uma centelha em céu proceloso.

Era Ali-Abu-Hassan: Lourenço Viegas o conhecera pelo timbre real do morrião.

****

Se já vivestes vida de combates em cidade sitiada, tereis visto muitas vezes um vulto negro que em linha diagonal corta os ares, sussurrando e gemendo. Rápido, como um pensamento criminoso em alma honesta, ele chegou das nuvens à terra, antes que vos lembrásseis do seu nome. Se encontrou na passagem ângulo de torre secular, o mármore converte-se em pó; se atravessou, pelas

ramas de árvore basta e frondosa, a folha mais virente e frágil, o raminho mais tenro é dividido, como se, com cutelo sutilíssimo, mão de homem lhe houvera cerceado atentamente uma parte; e, todavia, não é um ferro açacalado: é um globo de ferro; é a bomba, que passa, como a maldição de Deus. Depois, debaixo dela, o chão achata-se e a terra espadana aos ares; e, como agitada, despedaçada por cem mil demónios, aquela máquina do inferno estoura, e de roda dela há um zumbir sinistro: são mil fragmentos; são mil mortes que se derramam ao longe. Então faz-se um grande silêncio vêem-se corpos destroncados, poças de sangue, arcabuzes quebrados, e ouvem-se o gemer dos feridos e o estertor dos moribundos.

Tal desceu o montante do Espadeiro, roto dos milhares de golpes que o cavaleiro tinha descarregado. O elmo de Ali-Abu-Hassan faiscou, voando em pedaços pelos ares, e o ferro cristão esmigalhou o crânio do infiel, abriu-o até os dentes. Ali-Abu-Hassan caiu.

— Lidador! Lidador! — disse Lourenço Viegas, com voz comprimida. As lágrimas misturavam-se-lhe nas faces com o suor, com o pó e com o sangue do agareno, de que ficou coberto. Não pôde dizer mais nada.

Tão espantoso golpe aterrou os mouros. Os portugueses seriam já apenas sessenta, entre cavaleiros e homens d'armas: mas pelejavam como desesperados e resolvidos a morrer. Mais de mil inimigos juncavam o campo, de envolta com os cristãos. A morte de Ali-Abu-Hassan foi o sinal da fugida.

Os portugueses, senhores do campo, celebravam com gritos a vitória. Poucos havia que não estivessem feridos; nenhum que não tivesse as armas falsadas e rotas. O Lidador e os demais cavaleiros de grande conta que naquela jornada tinham acabado, atravessados em cima dos ginetes, foram conduzidos a Beja. Após aquele tristíssimo préstito, iam os cavaleiros a passo lento, e um sacerdote templário, que fora na cavalgada com a espada cheia de sangue metida na bainha, salmodiava em voz baixa aquelas palavras do livro da Sabedoria:

"Justorum autem animae in manu Dei sunt, et non tangent illos tormentum mortis".

ARRAS POR FORO DE ESPANHA

(NARRATIVA DE 1371- 1372)

I

A ARRAIA-MIÚDA

O sino das ave-marias ou da oração, tinha dado na torre da Sé a última badalada, e pelas frestas e portas dessa multidão de casas que, apinhadas à roda do castelo e como enfeixadas e comprimidas pela apertada cinta das muralhas primitivas de Lisboa, pareciam mal caberem nelas, viam-se fulgurar, aqui e acolá, as luzes interiores, enquanto as ruas, tortuosas e imundas, jaziam como baralhadas e confusas sob o manto das trevas. Era chegada a hora dos terrores; porque durante a noite, naqueles boas tempos, a estreita senda de bosque deserto não era mais triste, temerosa e arriscada do que a própria Rua Nova, a mais opulenta e formosa da capital. O que, porém, havia aí desacostumado e estranho eram o completo silêncio e a escuridão profunda em que jazia sepultado o Paço de a par S. Martinho, onde então residia el-rei D. Fernando, ao mesmo tempo que pelos becos e encruzilhadas soava um tropear de passadas, um sussurro de vozes vagas, que indicavam terem sido

agitadas as ondas populares pelo vento de Deus e que ainda esse mar revolto não tinha inteiramente caído na calmaria e sonolência que vem após a procela.

E assim era, com efeito, como o leitor poderá averiguar pelo seus próprios olhos e ouvidos, se, manso, manso e disfarçado quiser entrar connosco na muito afamada e antiga taberna do velho Folco Taca, que nos fica bem perto, logo ao sair da Sé, na rua que sobe para os Paços da Alcáçova, sete ou oito portas acima dos Paços do Concelho.

A taberna de micer Folco Taca, genovês que viera a Portugal ainda impúbere, como pajem de armas de famoso almirante Lançarote Peçanha, e que havia anos abandonara o serviço marítimo para se dar à mecânica, era a mais célebre entre todas as de Lisboa, não só pelo luxo do seu adereço, e pela bondade dos líquidos encerrados nas cubas monumentais que a pejavam, mas também porque, num aposento mais retirado e interior, uma vasta banca de pinho e muitos assentos rasos os escabelos ofereciam todo o cómodo aos tavolageiros de profissão para perderem ou ganharam aí, em noites de jogo infrene, os belos alfonsins e maravedis de ouro ou as estimadas dobras de D. Pedro I, o qual, ao contrário dos seus

antecessores e sucessores, julgara ser mais rico e poderoso fazendo cunhar moeda de bom toque e peso do que roubando-lhe o valor intrínseco e aumentando-lhe o nominal, segundo o costume de todos os reis no começo do seu reinar.

Micer Folco soubera estender grossas névoas sobre os olhos do corregedor da Corte e de todos os saiões, algozes e mais família da nobre raça dos aguazis sobre a ilegalidade de semelhante estabelecimento industrial. O elixir que ele empregara para produzir essa maravilhosa cegueira não sabemos nós qual fosse; mas é certo que não se perdeu com a alquimia, porque se vê que ele existe em mãos abençoadas, produzindo, ainda hoje, repetidos milagres, em tudo análogos a este.

Era, pois, na taberna-tavolagem da Porta do Ferro, conhecida vulgarmente por tal nome em consequência da vizinhança dessa porta da antiga cerca, onde os ruídos vagos e incertos que sussurravam pelas ruas da cidade soavam mais alta e distintamente, como em sorvedouro marinho as ondas, remoinhando e precipitando-se, estrepitam no centro da voragem com mais soturno e retumbante fragor. A vasta quadra da taberna estava apinhada de gente, que trasbordava até o breve terreirinho da Sé,

falando todos a um tempo, acesos, ao que parecia, em violentas disputas, que às vezes eram interrompidas pelo mais alto brado das pragas e blasfémias, indício evidente de que o sucesso que motivava aquela assuada ou tumulto era negócio que excitava vivamente a cólera popular.

Já no fim do século décimo quarto era o povo, assim como hoje, colérico. Então cóleras da puerícia; hoje aborrecimentos da velhice.

Se na rua o burburinho era tempestuoso e confuso, dentro da casa de micer Folco a bulha podia chamar-se infernal. Para um dos lados, no meio de uma espessa mó de populares, ouviam-se palavras ameaçadoras, sem que fosse possível perceber contra qual ou quais indivíduos se acumulava tanta sanha. ara outra parte, dentre o vozear de uma cerrada pinha de mulheres, cuja vida de perdição se revelava nos seus coromens de pano de arrás, nos cintos escuros, nas camisas e véus desadornados e lisos, rompiam risadas discordes e esganiçadas, nas quais se manifestavam, profundamente impressos, o descaro e a insolência daquelas desgraçadas. Em cima dos vufetes viam-se pichéis e taças vazias, e debaixo de alguns deles corpos estirados, que simulariam cadáveres, se os assobios e roncos, que, às vezes, sobressaíam

através do ruído daquele respeitável congresso, não provassem que esses honrados cidadãos, suavemente embalados pelos vapores do vinho e do entusiasmo, tinham adormecido na paz de uma boa consciência. Enfim, a composta e bem reputada taberna do antigo companheiro de glória de micer Lançarote estava visivelmente prostituída e nivelada com as mais imundas e vis baiucas de Lisboa. O gigante popular tinha aí assentado a sua cúria feroz, e pela primeira vez o vício e a corrupção tinham transposto aqueles umbrais sem a sua máscara de modéstia e gravidade. Sobre os farrapos do povo não têm cabida os adornos do ouropel. É a única diferença moral que há entre ele e as classes superiores que se creem melhores, porque no ginásio da civilização aprendem desde a infância as destrezas e os mornos de compostura hipócrita.

O astro que parecia iluminar com a sua luz, aquecer com o seu calor aquele turbilhão de planetas, o centro moral à roda do qual viravam todos aqueles espíritos, era um homem que dava mostras de ter bem quarenta anos, alto, magro, trigueiro, olhos encovados e cintilantes, cabelo negro e revolto, barba grisalha e espessa. Encostado a um dos muitos bufetes que adornavam o amplo aposento e rodeado de uma grossa pinha de populares de ambos os sexos que o escutavam em respeitoso silêncio, a sua voz forte e

sonora sobressaía no ruído e só se confundia com alguma jura blasfema que se disparava do meio das outras pinhas de povo ou com as modulações das risadas que vibravam naquele ambiente denso e abafado, de certo modo semelhante a clarão afogueado que sulcasse rapidamente as trevas húmidas e profundas da cripta subterrânea de alguma igreja de sexto século.

De repente, dois cavaleiros, cuja graduação se conhecia pelos barretes de veludo preto adornados de pluma ao lado, pelas calças de seda golpeadas e pelos cintos de pele de gamo lavrados de prata, entraram na taberna e, rompendo por entre o povo, que lhe alargava a passagem, chegaram ao pé do homem alto e trigueiro. Traziam os capeirotes puxados para a cara, de modo que nenhum dos circunstantes pôde conhecer quem eram. Bastantes desejos passaram por muitos daqueles cérebros vinolentos de o indagar; mas a mesma reflexão atou simultaneamente todas as mãos. Ao longo da coxa esquerda dos embuçados via-se reluzir a espada, e no lado direito e apertado no cinto, que a ponta erguida do capeirote deixava aparecer, escortinava-se o punhal. O passaporte para virem assim aforrados era digno de consideração, e ainda que entre a turba se achassem alguns homens de armas, principalmente

besteiros, quase todos estavam desarmados. Tinha seus riscos, portanto, o pôr-lhe o visto popular.

Os dois desconhecidos falaram em segredo por alguns minutos ao homem alto e magro, que, de vez em quando, meneava a cabeça, fazendo um gesto de assentimento; depois romperam por entre a turba, que os examinava com uma espécie de receio misturado de respeito, e foram sentar-se em dois dos escabelos enfileirados ao correr da parede. Encostando os cotovelos num bufete, com as cabeças apertadas entre os punhos, ficaram imóveis e como alheios ao sussurro que começava a levantar-se de novo à roda deles.

Este durou breves instantes; um psiu do homem alto e magro fez voltar todos os olhos para aquela banda. Subindo a um escabelo, ele deu sinal com a mão de que pretendia falar.

— Ouvi, ouvi! — bradaram alguns que pareciam os maiores daquela multidão desordenada.

Todos os pescoços se alongaram a um tempo, e viram-se muitas mãos calosas erguerem-se encurvadas e formarem em volta das orelhas dos seus donos uma espécie de anel acústico. O orador começou:

— Arraia-miúda!(*), tendes vós já elegido, entre vós outros, cidadãos bem falantes e avisados para propor vossos embargos e razoados contra este maldito e descomunal casamento de el-rei com a mulher de João Lourenço da Cunha?

[(*) Fernão Lopes dá a entender (Crónicas de D. João I, parte 1ª, cap. 44) que a palavra "arraia-miúda" se começara a utilizar para denominar a população, no principio da revolta, a favor do mestre de Avis, para os distinguir dos nobre, na sua maior parte a favor de D. Leonor e dos Castelhanos. Mas este título chocarreiro já o tinha tomado para si o povo "miúdo" com muita seriedade e orgulho. Num documento de 1305 (Chancel de D. Dinis, liv. 3º das Doações, f. 42 v.) diz-se que "outorgavam certas coisas os cavaleiros, juízes do concelho de Bragança e toda a arraia-miúda"]

— Todos à uma entendemos que deveis ser vós, mestre Fernão Vasques — respondeu um velho, cuja calva polida reverberava os raios de uma das lâmpadas pendentes do teto, e que parecia ser homem de conta entre os populares. — Quem há aí entre a arraia-miúda mais discreto e aposto para tais autos que vós? Quem com mais urgentes razões proporia nosso agravo e a desonra e vilta de

el-rei do que vós o fizestes hoje na mostra que demos ao paço esta tarde?

— Alcácer, alcácer!, pelo nosso capitão Fernão Vasques — bradou uníssona a chusma.

— Fico-vos obrigado, mestre Bartolomeu Chambão! — replicou Fernão Vasques, sossegando o tumulto. — Pelo razoado de hoje terei em paga a forca, se a adúltera chega a ser rainha: pelo de amanhã terei as mãos decepadas em vida, se el-rei com as suas palavras mansas e enganosas souber apaziguar o povo. E tende vós por averiguado, mestre Bartolomeu, que o carrasco sabe apertar melhor o nó da corda na garganta que eu o ponto em peitilho de saio ou em costura de redondel ou pelote, e que o cutelo do algoz entra mais rijo no gasnete de um cristão que a vossa enxó numa aduela de pipa!

— Nanja enquanto na minha aljava houver armazém, e a garrucha da besta me não estourar — exclamou um besteiro do conto, cambaleando e erguendo-se debaixo de um bufete, para onde o tinham derribado certas perturbações de entusiasmo político.

— *Amen, dico vobis*! — gritou um beguino, cujas faces vermelhas e voz de estertor brigavam com o hábito de grosseiro

burel e com as desconformes camândulas que lhe pendiam da cinta.

— Olé, Frei Roy Zambrana, fala linguagem cristenga, se queres vir nesse bodo por nossa esteira — bradou um petintal de Alfama que, segundo parecia, capitaneava um grande troço de pescadores, barqueiros e baleotes daquele bairro, então quase exclusivamente povoado de semelhante gente.

— Digo por linguagem — acudiu o beguino — que ninguém como mestre Fernão Vasques é homem de cordura e sages para amanhã falar a el-rei aguçadamente sobre o feito do casamento de Leonor Teles, do mesmo modo que ninguém leva vantagem ao petintal Airas Gil em ousadia para fugir às galés de Castela e para doestar os bons servos da igreja.

Era alusão pessoal. Uma risada ruidosa e longa correspondeu à mordente desforra de Frei Roy, que abaixou os olhos com certo modo hipocritamente contrito, semelhante ao gato que, depois de dar a unhada, vem roçar-se mansamente pela mão que ensanguentou.

Frei Roy era também, como Airas Gil, um ídolo popular, e a má vontade que parecia haver entre o beguino e o petintal nascera da emulação; de uma dúvida cruel sobre a altura relativa do trono de

encruzilhada, do trono de lama e farrapos em que cada um deles se sentava.

Se, pois, aquela multidão não estivesse persuadida da superioridade intelectual do alfaiate Fernão Vasques, a opinião desses dois oráculos não lhe teria deixado a menor dúvida sobre isso. Todavia, nas palavras de ambos havia um pensamento escondido; pensamento de raízes que nascera num dia, e num dia lançara profundas raízes nos corações de ambos. O marinheiro e o eremita tinham pensado ao mesmo tempo que, lisonjeando esse homem mimoso do vulgo, tirariam juntamente dois resultados: o de ganharem mais crédito entre este e o de aplanarem a estrada da forca ao novo rei das turbas, erguido, havia poucas horas, sobre os broquéis populares.

Mas que auto era esse de que o povo falava? Sabê-lo-emos remontando um pouco mais alto.

O amor cego de el-rei D. Fernando pela mulher de João Lourenço da Cunha, Da Leonor Teles, havia muito que era o pasto saboroso da maledicência do povo, dos cálculos dos políticos e dos enredos dos fidalgos. Ligada por parentesco com muitos dos principais cavaleiros de Portugal, Da Leonor, ambiciosa dissimulada e

corrompida, tinha empregado todas as artes do seu engenho pronto e agudo em formar entre a nobreza uma parcialidade que lhe fosse favorável. Quanto a el-rei, a paixão violenta em que este ardia lhe assegurava a ela o completo domínio no seu coração. Mas as miras daquela mulher, cuja alma era um abismo de cobiça, de desenfreamento, de altivez e de ousadia, batiam mais alto do que na triste vanglória de ver aos seus pés um rei bom, generoso e gentil. Através do amor de D. Fernando ela só enxergava o refulgir da coroa, e o homem sumia-se nesse esplendor. O nome de rainha misturava-se nos seus sonhos; era o significado de todas as suas palavras de ternura, o resumo de todas as suas carícias, a ideia primordial de todas as suas ideias. Leonor Teles não amava el-rei, como o provou o tempo; mas D. Fernando cria no amor dela; e este príncipe, que seria um dos melhores monarcas portugueses, e que a muitos respeitos o foi, deixou na história, quase sempre superficial, um nome desonrado, por ter escrito esse nome na horrível crónica da nossa Lucrécia Bórgia. Uma dificuldade, quase insuperável para outra que não fosse D. Leonor, se interpunha entre ela e os seus ambiciosos desígnios. Era casada! Um processo de divórcio por parentesco, julgado por juízes afetos a D. Leonor ou que sabiam até alcançava a sua vingança, a livrou desse tropeço. O seu marido,

João Lourenço da Cunha, aterrado, fugiu para Castela, e D. Fernando, casado, segundo se dizia, a ocultas com ela, muito antes da época em que começa esta narrativa, viu enfim satisfeito o seu amor insensato.

Aqueles dentre os nobres que ainda conservavam puras as tradições severas dos antigos tempos indignavam-se pelo opróbrio da coroa e pelas consequências que devia ter o repúdio da infanta de Castela, cujo casamento com el-rei, ajustado e jurado, este desfizera com a leveza que se nota como defeito principal no caráter de D. Fernando. Entre os que altamente desaprovavam tais amores, o infante D. Dinis, o mais moço dos filhos de D. Inês de Castro, e o velho Diogo Lopes Pacheco eram, segundo parece, os cabeças da parcialidade contrária a D. Leonor: aquele pela altivez do seu ânimo; este por gratidão a D. Henrique de Castela, em quem achara amparo e abrigo no tempo dos seus infortúnios, e que o salvara da triste sorte de Álvaro Gonçalves Coutinho e de Pêro Coelho, seus companheiros no patriótico crime da morte de D. Inês.

O casamento de el-rei, ou verdadeiro ou falso, era ainda um rumor vago, uma suspeita. Os nobres, porém, que o desaprovavam souberam transmitir ao povo os próprios temores, e a agitação dos

ânimos crescia à medida que os amores de el-rei se tornavam mais públicos. D. Fernando tinha já revelado aos seus conselheiros a resolução que tomara, e estes, posto que a princípio lhe falassem com a liberdade que então se usava nos paços dos reis, vendo as suas diligências baldadas, contentaram-se de condenar com o silêncio essa mal-aventurada resolução. O povo, porém, não se contentou com isso.

Conforme as ideias daquele tempo, além das considerações políticas, semelhante consórcio era monstruoso aos olhos do vulgo, por um motivo de religião, o qual ainda de maior peso seria hoje, como o será em todos os tempos em que a moral social for mais respeitada do que o era naquela época. Tal consórcio constituía um verdadeiro adultério, e os filhos que dele procedessem mal poderiam ser considerados como infantes de Portugal e, por consequência, como fiadores da sucessão da Coroa.

A irritação dos ânimos, assoprada pela nobreza, tinha chegado ao seu auge, e a cólera popular rebentara violenta na tarde que precedeu a noite em que começa esta história.

Três mil homens se tinham dirigido tumultuariamente às portas do paço, dando apenas tempo a que as cerrassem. A vozearia e o

estrépido que fazia aquela multidão desordenada assustou el-rei, que por um seu privado mandou perguntar o que "lhes prazia e para que estavam assim reunidos". Então o alfaiate Fernão Vasques, "capitão e procurador por eles", como lhe chama Fernão Lopes, afeiou em termos violentos as intenções de el-rei liberalizando a D. Leonor os títulos de má mulher e feiticeira e asseverando que o povo nunca havia de consentir no seu casamento adúltero. A arenga rude e veemente do alfaiate orador, acompanhada e vitoriada de gritas insolentes e ameaçadoras do tropel que o seguia, moveu el-rei a responder com agradecimento às injúrias, e a afirmar que nem D. Leonor era sua mulher, nem o seria nunca, prometendo ir na manhã seguinte aclarar com eles este negócio no Mosteiro de S. Domingos, para onde os emprazava. Com tais promessas, pouco a pouco se aquietou o motim, e ao cair da noite o terreiro de a par S. Martinho estava em completo silêncio. Como se, na solidão, el-rei quisesse consultar consigo o que havia de dizer ao seu bom e fiel povo de Lisboa, as vidraças coradas das esguias janelas dos paços reais, que vertiam quase todas as noites o ruído e o esplendor dos saraus, cerradas nesta hora e caladas como sepulcro, contrastavam com o reluzir dos fachos, com o estrépido das ruas, com o rir das mulheres perdidas e dos homens embriagados, com o perpassar

contínuo dos magotes e pinhas de gente que se encontravam, uniam, separavam, retrocediam, vacilavam, ficavam imóveis, aglomeravam-se para se desfazer, desfaziam-se para se aglomerar de novo, sem vontade e sem constrangimento, sem motivo e sem objeto, vulto inerte, movido ao acaso, como as vagas do mar, tempestuoso e irrefletido como elas. Feroz na sua cólera razoada, ferocíssimo no seu rir insensato, o vulgo passava, rei de um dia. Esse ruído, essa vertigem que o agitava era o seu baile, a sua festa de triunfo; e as estrelas de serena noite de Agosto, semelhantes a lâmpadas pendentes de abóbada profunda, iluminavam o sarau popular, as salas do seu folguedo, a praça e a encruzilhada. Era conjuntamente truanesco e terrível.

Na taberna de micer Folco (onde deixamos as personagens principais desta história, para inserir, talvez fora de lugar, o prólogo ou introdução a ela) as aclamações frenéticas dos populares tinham tornado indubitável que o "propoedor" para o juntamento do dia seguinte devia ser o muito avisado e sages mestre Fernão Vasques. Frei Roy era de todos os circunstantes o que mais parecia ter a peito esta escolha, e o petintal Airas Gil ajudava-o poderosamente com o ruído dos amplos pulmões dos galeotes de Alfama, contraídos como em voga arrancada, vitoriando o seu capitão. O

alfaiate não pôde resistir, nem, porventura, tinha vontade disso, a tanta popularidade e, em pé sobre o escabelo, com a cabeça levemente inclinada para o peito, numa postura entre de resignação e de bem-aventurança, tremulava-lhe nos lábios semi-abertos um sorriso que revelava uma parte dos mistérios do seu coração. Enfim, quando a grita começou a serenar, Fernão Vasques ergueu a cabeça e com aspeto grave deu sinal de que ainda pretendia falar.

Fez-se de novo silêncio.

— Seja, pois, como quereis — disse o alfaiate —, mas vede o grão risco a que me ponho por vós outros. Falarei a el-rei com liberdade portuguesa; proporei vosso agravo e a desonra e feio pecado da sua real senhoria: mas é necessário que vós todos quantos aí sois estejais de alcateia e ao romper da alva no alpendre de São Domingos. Dizem que a adúltera é mulher de grande coração e ousados pensamentos; em Lisboa estão muitos cavaleiros seus parentes e parciais. Besteiros deste concelho, que não vos esqueçam em casa vossas bestas e aljavas! Peoada de Lisboa, levai vossas ascumas! Os tons e engenhosos do castelo — acrescentou o alfaiate em voz mais baixa e hesitante — não vos apoquentarão, ainda que el-rei o quisesse, porque o alcaide-mor

João Lourenço Bubal não é dos afeiçoados a Dona Leonor Teles. Santa Maria e Sant'Iago sejam convosco! Alcácer, alcácer pela arraia-miúda! A repousar, amigos!

— Alcácer, alcácer — respondeu a turbamulta.

— Morra a comborça! — gritou Airas Gil com voz de trovão.

— Morra a comborça! — repetiram os galeotes e as virtuosas matronas dos coromens de arrás e cintos pretos que assistiam aquele conclave.

— Olha, Airas, que São Martinho fica perto, e contam que D. Leonor tem ouvido subtil — disse Frei Roy ao petintal com um sorriso diabólico.

Dor de levadigas te consuma, echacorvos! — replicou o petintal. Quando eu quero que me ouçam é que falo alto. Alcácer pela sua senhoria o bom rei D. Fernando! Deus o livre de Castela e de feitiços!

O petintal emendava a mão como podia. E entre morras e alcáceres; entre risadas e pragas; entre ameaças vãs e insultos inúteis, aquela vaga de povo contida na taberna de micer Folco espraiou-se pelas ruas, derivou pelas quelhas, vielas e becos, e

embebeu-se pelas casinhas e choupanas que nessa época jaziam, não raro, deitadas junto às raízes dos palácios na velha e opulenta Lisboa.

Com os braços cruzados, o alfaiate contemplava aquela multidão, que diminuía rapidamente, e cujo sussurro, alongando-se, era comparável ao gemido do tufão que passa de noite pelas sarças da campina. Ainda ele tinha os olhos fitos no portal por onde saíra o vulto indelineável chamado povo, e já ninguém aí estava, salvo os dois cavaleiros, que se tinham conservado imóveis na mesma postura que tinham tomado, e Frei Roy, que se estirara sobre um dos bufetes e já roncava e assobiava, como em sono profundo.

Os dois cavaleiros ergueram-se e descobriram os rostos: a um ainda a barba de homem não pungia nas faces; o outro, na alvura das melenas brancas, que trazia caídas sobre os ombros à moda de Castela, e no rosto sulcado de rugas certificava ser já bem larga a história da sua peregrinação na Terra.

O mancebo olhou para Fernão Vasques, que parecia absorto, e depois para o velho, com um gesto de impaciência. Este olhou também para ele e sorriu-se. Depois o ancião chamou o alfaiate em voz baixa, mas percetível.

Este, como se caísse em terra da altura dos seus pensamentos, estremeceu e, saltando do escabelo, onde ainda se conservava em pé, encaminhou-se rapidamente para os dois cavaleiros.

— Senhor infante, que a vossa mercê em perdoe e o senhor Diogo Lopes Pacheco! À fé que, no meio deste arruído, quase me esquecera de que éreis aqui. Estais desenganados pelos vossos olhos de que posso responder pelo povo, e de que amanhã não faltarão em São Domingos?

— Na verdade — respondeu o mancebo — que tu governas mais nele que o meu irmão, com ser rei! Veremos se amanhã te obedecem, como te obedeceram hoje.

— És um notável capitão — acrescentou Diogo Lopes, rindo e batendo no ombro do alfaiate.

— Se fosses capaz de reger assim em hoste uma bandeira de homens de armas, merecerias a alcaidaria de um castelo.

— Que só entregaria, no alto e no baixo, irado e pagado, de noite ou de dia, àquele que de mim tivesse preito e menagem.

— Bem dito! — interrompeu o velho Pacheco, no mesmo tom em que começara. — Se te negarem, não será por não trazeres já bem

estudadas as palavras do preito. Tem a certeza de que hás de ir longe, Fernão Vasques; muito longe! Assim eu a tivera de que não me será preciso coser à ponta do punhal a boca de quem ousar dizer que o infante Dom Dinis e Diogo Lopes Pacheco cruzaram esta noite a porta da taberna do genovês Folco Taca.

Quando estas últimas palavras, proferidas lentamente, saíram dos lábios do que as proferia, os roncos e assobios do beguino que dormia foram mais rápidos e trémulos.

— Quem é aquele echacorvos? — prosseguiu Diogo Lopes, apontando para Frei Roy, com gesto de desconfiança.

— É um dos nossos — respondeu o alfaiate —, um dos que mais têm encarniçado a arraia-miúda contra a feiticeira adúltera. Na assuada desta tarde foi dos que mais gritaram em frente dos Paços de El-Rei. Por este respondo eu. Não ireis, senhor Diogo Lopes de lhe coser a boca à ponta do vosso punhal.

— Responde por ti, honrado capitão de arraia-miúda — replicou o velho cortesão. — Quem me responde por ele é o seu dormir profundo: quem me responderia por ele, se, acordando, nos visse aqui, seria este ferro que trago na cinta. Agora o que importa. Enquanto amanhã el-rei se demorar em São Domingos, um troço da

arraia-miúda e besteiros há de acometer o paço, e, ou do terreiro ou rompendo pelos aposentos interiores, é necessário que uma pedra perdida, um tiro em algum corredor escuro nos assegure que el-rei não pode deixar de atender às súplicas dos seus leais vassalos e dos cidadãos de Lisboa.

— Morta! — exclamou o infante, com um gesto de horror. — Não, não, Diogo Lopes; não ensanguenteis os paços do meu irmão, como...

— Como ensanguentei os Paços de Santa Clara — atalhou Pacheco —, dizei-o francamente; porque nem remorsos me ficaram cá dentro. Senhor infante, vós esquecestes-vos disso, porque eu posso e valho com el-rei de Castela! Senhor infante, a ambição tem que saltar muitas vezes por cima dos vestígios de sangue! Vós passaste avante e não vistes os do sangue da vossa mãe! Porque hesitareis, ao galgar os do sangue de Leonor Teles? Senhor, infante, quem sobre por sendas íngremes e por despenhadeiros tem a certeza de precipitar-se no fogo, se covardemente recua.

D. Dinis tinha-se tornado pálido como cera. Não respondeu nada: mas dos olhos rebentaram-lhe duas lágrimas.

Fernão Vasques escutou a preleção política do velho matador de D. Inês de Castro com religiosa atenção. E resolveu lá consigo não se deixar cair no fojo.

— Far-se-á como apontais — disse ele, falando com Diogo Lopes —, mas, se os homens de armas e besteiros de João Lourenço Bubal descerem do castelo...

— Não te disse, ainda há pouco, que João Lourenço ficaria quieto no meio da revolta? Podes estar sossegado, que não te certifiquei disso para animares o povo. E a realidade. Agora trata de dispor as coisas para que não seja um dia inútil o dia de amanhã.

Pegando então na mão do infante, o feroz Pacheco saiu da taberna e tomou com ele o caminho da alcáçova. Fernão Vasques ficou um pouco cismado: depois saiu, dirigindo-se para a Porta do Ferro e repetindo em voz baixa:

— Não me precipitarei no fojo!

Passados alguns instantes de silêncio, Frei Roy levantou devagarinho a cabeça, sentou-se no bufete e pôs-se a escutar: depois saltou para o chão, apagou a lâmpada que ardia no meio da casa, abandonada por Folco Taca, logo que o povo

tumultuariamente a inundara, chegou à porta, escutou de novo alguns momentos, manso e manso encaminhou-se para a torre da Sé da banda do norte e, como um fantasma, desapareceu cosido com a negra e alta parede da catedral.

II

O BEGUINO

Quem hoje passa pela cadeia da cidade de Lisboa, edifício imundo, miserável, insalubre, que por si só bastara a servir de castigo a grandes crimes, ainda vê na extremidade dele umas ruínas, uns entulhos amontoados, que separa da rua uma parede de pouca altura, onde se abre uma janela gótica. Esta parede e esta janela são tudo o que resta dos antigos Paços de a par S. Martinho, igreja que também já desapareceu, sem deixar, sequer, por memória um pano de muro, uma fresta de outro tempo. O Limoeiro é um dos monumentos de Lisboa sobre que revoam mais tradições de remotas eras. Nenhuns paços dos nossos reis da primeira e da segunda dinastia foram mais vezes habitados por eles. Conhecidos sucessivamente pelos nomes de "Paços de El-Rei", "Paços dos Infantes", "Paços da Moeda", "Paços do Limoeiro", a sua história vai sumir-se nas trevas dos tempos. São da era mourisca? Fundaram-nos os primeiros reis portugueses? Ignoramo-lo. E que muito, se a

origem de Santa Maria Maior, da venerando catedral de Lisboa, é um mistério! Se, transfigurada pelos terramotos, pelos incêndios e pelos cónegos, nem no seu arquivo queimado, nem nas suas rugas caiadas e douradas pode achar a certidão do seu nascimento e dos anos da sua vida! Como as da igreja, as ruínas da monarquia dormem em silêncio à roda de nós, e, envolto nos seus eternos farrapos, o povo vive eterno em cima ou ao lado delas, e nem sequer indaga porque jazem aí!

Na memorável noite em que se passaram os sucessos narrados no capítulo antecedente, essa janela dos Paços de El-Rei era a única aberta em todo o vasto edifício, mas calada e escura, como todas as outras. Só, de vez em quando, quem para lá olhasse atento do meio do terreiro enxergaria o que quer que fosse, alvacento, que ora se chegava à janela, ora se retraía. Mas o silêncio que reinava naqueles sítios não era interrompido pelo menor ruído. De repente, um vulto chegou debaixo da janela e bateu devagarinho as palmas: a figura alvacenta chegou à janela, debruçou-se, disse algumas palavras em voz baixa, retirou-se, tornou a voltar e pendurou uma escada de corda que segurou por dentro. O vulto que chegara subiu rapidamente, e ambos desapareceram através dos corredores e aposentos do paço.

Em um destes últimos, iluminado por tochas seguras por longos braços de ferro chumbados nas paredes, passeava um homem de meia idade e gentil presença. Os seus passos eram rápidos e incertos, e o seu aspeto carregado. De vez em quando, parava e escutava a uma porta, cujo reposteiro se meneava levemente; depois continuava a passear, parando, às vezes, com os braços cruzados e como entregue a pensamentos dolorosos.

Por fim, o reposteiro ondeou de alto a baixo e franziu-se no meio; mão alva de mulher o segurava. Esta entrou, e após ela um homem alto e robusto, vestido de burel e cingido de cinto de esparto, de onde pendiam umas grossas camândulas. A dama atravessou vagarosamente a sala e foi sentar-se num estrado de altura de palmo, que corria ao longo de uma das paredes do aposento. O homem que passeava sentou-se também, no único escabelo que ali havia. Frei Roy, que o leitor já terá conhecido, ficou ao pé da porta por onde entrara, com a cabeça baixa e em postura abeatada.

— Aproxima-te, beguino! — disse com voz tremula el-rei; porque era el-rei D. Fernando o homem que se sentara.

— Frei Roy deu uns poucos passos para diante.

— Que há de novo? — perguntou el-rei.

— O povo cada vez está mais alvorotado e jura falar rijamente amanhã a vossa senhoria. Mas essa não é a pior nova que eu trago!

— Fala, fala, beguino! — acudiu el-rei, estendendo a mão convulsa para o echacorvos.

— É que amanhã, enquanto vossa senhoria estiver em São Domingos, o áco será acometido. Pretendem matar...

— Mentes, beguino! — gritou a dama, erguendo-se do estrado de um salto, semelhante a tigre descoberto pelos caçadores nos matagais da Ásia. — Mentes! Podem não me querer rainha: mas assassinar-me! Isso é impossível. Amo muito o povo de Lisboa; tenho-lhe feito as mercês que posso, não me há de odiar assim de morte. Os fidalgos podem persuadi-lo a opor-se ao nosso casamento; mas nunca a pôr mãos violentas na pobre Leonor Teles.

— Provera a Deus que eu mentisse hoje. Seria a primeira vez na minha vida — replicou o echacorvos, com ar contrito. — Mas ouvi com os meus ouvidos a ordem para o feito e a promessa da execução, haverá três credos, na taberna de Folco Taca.

— Miseráveis! — bradou, erguendo-se também, el-rei, a quem o risco da sua amante restituíra por um momento a energia. —

Miseráveis! Querem sobre a cerviz o jugo de ferro do meu pai? Tê-lo-ão. Quem ousa ordenar tal coisa?

— Diogo Lopes Pacheco, do vosso conselho, o disse ao alfaiate Fernão Vasques, o coudel dos revoltosos, e o vosso irmão D. Diais estava, também, com eles — respondeu Frei Roy.

O beguino era o espia mais sincero e imperturbável de todo o mundo.

— Velho assassino! — exclamou D. Fernando —, cobriste de luto eterno o coração do pai: queres cobrir o do filho. E tu, Dinis, que eu amei tanto, também entre os meus inimigos! Leonor, que faremos para te salvar?! Aconselha-me tu, que quase que enlouqueci!

O pobre e irresoluto monarca cobriu o rosto com as mãos, arquejando violentamente. D. Leonor, cujos olhos centelhantes, cujos lábios esbranquiçados revelavam mais ódio que terror, lançou-lhe um olhar de desprezo e, em tom de mofa, respondeu:

— Sim, senhor rei, na falta dos vossos leais conselheiros, posso eu, triste mulher, dar-vos um bom conselho. Acordai vossos pajens, que vão pregar um poste à porta destes paços, e mandai-me amarrar a ele, para que o vosso bom povo de Lisboa possa

despedaçar-me tranquilamente amanhã, sem profanar os vossos aposentos reais. Será mais uma grande mercê que lhe fareis em recompensa do seu amor à vossa pessoa, da sua obediência aos vossos mandados.

— Leonor, Leonor, não me fales assim, que me matas! — gritou D. Fernando deitando-se aos pés de D. Leonor e abraçando-a pelos joelhos com um choro convulso. — Que te fiz eu para me tratares tão cruelmente?

— Dom Fernando, lembra-te bem do que te vou dizer! O povo ou se rege com a espada do cavaleiro, ou ele vem colocar a ascuma do peão sobre o trono real. Quem não sabe brandir o ferro cede; deixa-o reinar.

— Tens razão, Leonor! — disse D. Fernando, enxugando as lágrimas e alçando a cara nobre e formosa, onde se pintava a indignação. — Serei filho de Dom Pedro, o Cruel; serei sucessor do meu pai. Eu mesmo vou ao alcáçar examinar os engenhos mais valentes que cubram o terreiro de São Martinho de pedras, de virotões e de cadáveres: os montantes e as bestas dos homens de armas e besteiros do meu alcaide-mor de Lisboa farão o resto. João Lourenço Bubal será fiel ao seu rei. Se necessário for, com as

minhas próprias mãos ajudarei a pôr fogo à cidade, para que nem um revoltoso escape. Adeus, Leonor: conta que serás vingada.

D. Fernando voltou-se rápido para a porte do aposento. Frei Roy estava imóvel diante dele.

— João Lourenço Bubal — disse o espia, sem mudar de tom nem de gesto — é dos revoltosos. Ouvi-o da boca do próprio Diogo Lopes, que o certificou a Fernão Vasques. Os trons do alcácer estão desaparelhados, e a maior parte dos homens de armas e besteiros do alcaide-mor eram na taberna de Folco Taca os mais furiosos contra a que eles chamam...

— Cala-te, beguino — gritou el-rei, empurrando-o com força e procurando tapar-lhe a boca.

O echacorvos parou onde o impulso recebido o deixou parar e ficou outra fez imóvel diante de D. Fernando, a quem este último golpe lançava de novo na sua habitual perplexidade.

— ... a adúltera — prosseguiu Frei Roy acabando a frase, porque ainda a devia, e era escrupuloso e pontual no desempenho do seu ministério.

— Beguino! — atalhou D. Leonor, com voz trémula de raiva —, melhor fora que nunca essa palavra te houvesse passado pela boca; porque, talvez, um dia ela seja fatal para os que a tiverem proferido.

— Mas que faremos?! — murmurou el-rei com gesto de indizível agonia.

— Havia ainda há pouco três expedientes — respondeu D. Leonor, recobrando aparente serenidade —, combater, ceder, fugir. O primeiro é já impossível; o segundo! ... Porque não o aceitas, Fernando? Prestes estou para tudo. Não me verás mais, ainda que, longe de ti, por certo estalarei de dor. Cede à força: os teus vassalos o querem; qué-lo o teu povo. Esquece-te para sempre de mim!

— Esquecer-me de ti? Não te ver mais? Nunca! Obedecer à força? Quem há aí que ouse dizer ao rei de Portugal: "Rei de Portugal, obedece à força"? Os peões de Lisboa?! Porque sou manso na paz, não creem que a minha espada no campo da batalha corte arneses, como a do melhor cavaleiro? Bons escudeiros e homens de armas da minha hoste, por onde andais derramados? Dormis por vossas honras e solares? O povo vos acordará, como me acordou a mim; bramirá, como os lobos da serra, ao redor das

vossas moradas; saltar-vos-á no meio dos vossos banquetes, por entre o ruído dos vossos folgares. No ardor dos vossos amores, dir-vos-á: "Desamai!" Ele ousa já dizê-lo ao seu rei e senhor... Oh, desgraçado de mim, desgraçado de mim!

— Não queres, pois, deixar-me entregue à minha estrela? — disse D. Leonor, com voz entre de choro e de ternura, abraçando pelo pescoço o pobre monarca e chegando a sua cara suave e pálida às faces afogueadas de D. Fernando, que, numa espécie de delírio, olhava espantado para ela.

— Não, não! Viver contigo ou morrer contigo. Cairei do trono ou tu subirás a ele.

Um sorriso quase impercetível se espraiou pelo rosto de Leonor Teles, que, recuando e tomando uma postura resoluta e ao mesmo tempo de resignação, prosseguiu com voz lenta, mas firme:

— Então resta o fugir.

— Fugir! — exclamou el-rei. E só esta palavra era mais expressiva que narração bem extensa dos atrozes martírios que o mal-aventurado curtia no coração irresoluto, mas generoso, com a

ideia de um feito, vil e covarde em qualquer escudeiro, vilíssimo num rei de Portugal, num neto de Afonso IV.

El-rei olhou para ela um momento. Era sereno o seu rosto angélico, semelhante ao de uma dessas virgens que se encontram nas iluminuras de antigos códices, o segredo de cujos toques, perdido no fim do século décimo quinto, a arte moderna a muito custo pôde fazer ressurgir. O mais esperto fisionomista dificultosamente adivinharia a negrura de alma que se escondia debaixo das puras e cândidas feições de D. Leonor, se não uniam entre os sobrolhos, contraindo-se e deslizando-se rapidamente como as vesículas peçonhentas das fauces de uma víbora.

— Seja, pois, assim! Fujamos — murmurou D. Fernando com o tom e gesto com que o supliciado daria do alto do patíbulo o perdão ao algoz.

D. Leonor tirou do largo cinto com que apertava a airosa cintura uma bolsa de ouropel e atirou com ela aos pés do beguino, que, de mãos cruzadas sobre o peito e os olhos semi-abertos cravados na abóbada do aposento, parecia extático e engolfado nos pensamentos sublimes do céu.

— Vinte dobras de Dom Pedro pelo teu soldo, beguino: vinte pelo teu silêncio. O resto da recompensa tê-lo-ás um dia, se a adúltera atravessar triunfadora o portal por onde vai sair fugitiva.

O rir afável de que estas palavras foram acompanhadas disseram correr um calafrio pela medula espinal do echacorvos, cujas pernas vacilaram. Mas o contacto das quarenta dobras que uniu imediatamente ao peito debaixo do escapulário lhe restituiu o vigor natural.

El-rei havia-se sentado, quase desfalecido, no escabelo único do aposento, e o seu aspeto demudado infundia ao mesmo tempo terror e compaixão. Quando o beguino levantou a bolsa, D. Fernando fitou nele os olhos e estendeu a mão para o reposteiro, sem dizer palavra.

Frei Roy curvou a cabeça, cruzou de novo as mãos sobre o peito e, recuando até à porta, desapareceu no corredor escuro por onde entrara.

Apenas os passos lentos e pesados do echacorvos deixaram de soar, D. Leonor encaminhou-se para uma janela que dava para um vasto terrado e afastou a cortina que servia durante o dia de mitigar a excessível luz do sol. A noite ia no meio do seu curso, como o

indicava o mortiço das tochas, que mal iluminavam o aposento, e a Lua, já no minguante, começava a subir na abóbada do firmamento, mergulhando no seu clarão sereno o brilho esplêndido das estrelas. A janela estava aberta, e o escabelo de el-rei ficava próximo e carairo: o luar batia de chapa no rosto belo e triste de D. Fernando, que, embebido no seu amargurado pensar, parecia alheio ao que se passava à roda dele e esquecido de que lhe restavam poucas horas para poder levar a cabo a resolução que tomara. Leonor Teles, encostada ao mainel da janela, pôs-se a olhar atentamente. A cidade dormia, e apenas o ladro de algum cão cortava aquela espécie de zumbido que é como o respirar noturno de uma grande povoação que repousa. Lá em baixo, uma faixa tremula, semelhante a uma ponta de luz, cortava obliquamente o Tejo, de onde mais largo se curvava pela margem esquerda. Os mastros de milhares de navios, emparelhados com a cidade, desde Sacavém até o promontório onde campeava, fora dos arrabaldes, o Mosteiro de S. Francisco, formavam uma espécie de floresta lançada entre a cidade e a sua imensa baía. Desde o terrado para o qual dava a janela até o rio, o bairro dos judeus, pendurado pela encosta íngreme e fechado com traveses e cadeias nos topos das ruas, desenhava uma espécie de triângulo, cuja base assentava sobre o

lanço oriental da muralha mourisca, e cujo vértice, voltado para ocidente, se coroava com a sinagoga, abrigada à sombra do vulto disforme da catedral. Pouco distante do terrado, entre o palácio e a judiaria, a claridade da Lua batia de chapa num terreiro irregular, rodeado de mesquinhas e meio arruinadas casas, que pela maior parte pareciam desabitadas. No meio dele, o que quer que era se erguia semelhante ao arco de um portal romano. Parecia ser uma ruína, um fragmento de edifício da antiga Olisipo, que esquecera ali aos terramotos, às guerras e aos incêndios, e ao qual finalmente chegara a sua hora de desabafar, porque uma alta escada de mão estava encostada à verga que assentava sobre os dois pilares laterais e os unia, como se ali a tivessem porto para, em amanhecendo, os obreiros poderem subir acima e derribarem-no em terra.

Era para esse vulto que D. Leonor se pusera a olhar atentamente.

Depois voltou o rosto para el-rei, que, com a cabeça baixa, os braços estendidos e as mãos encurvadas sobre os joelhos, parecia vergar sobre o peso da sua amargura: contemplou-o com um gesto de compaixão por alguns momentos e, estendendo para ele os braços, exclamou:

— Fernando!

Havia no tom com que foi proferida esta única palavra um mundo de amor e voluptuosidade; mas, no meio da brandura da voz de Leonor Teles, havia também uma corda áspera; alguma coisa do rugir do tigre.

El-rei deu um estremeção, como se pelos membros lhe houvera coado uma faísca elétrica; ergueu-se, e atirou-se a chorar aos braços de Leonor Teles.

— Amanhã — disse ele com voz afogada — o rei mais desonrado da cristande serei eu: o cavaleiro mais vil das Espanhas será Dom Fernando de Portugal. Que me resta? Só o teu amor; mais nada. Porque não me pedem antes a coroa real, que para mim tem sido coroa de espinhos? Dera-a de boa vontade. Oh, Leonor, Leonor!, serias a mulher mais perversa, se um dia me atraiçoasses.

Um beijo da adúltera cortou as lástimas de el-rei. A formosura desta mulher tinha um toque divino à claridade da lua. D. Fernando, embriagado de amor, esqueceu-se de que poucas horas lhe restavam para fugir do seu povo enganado e ludibriado por ele.

— Fernando! — prosseguiu D. Leonor —, jura-me ainda uma vez que serás sempre meu, como eu serei sempre tua.

Dizendo isto, afastou-o brandamente de si.

— Juro-to uma e mil vezes pela fé de leal cavaleiro que até hoje fui. Juro-to pelo céu que nos cobre. Juro-to pelos ossos do meu nobre e valente avô, que ali dorme junto do altar-mor da Sé, debaixo das bandeiras infiéis que conquistou no Salado. Juro-to por mais que tudo isso: juro-to pelo meu amor!

— Bem está, rei de Portugal! — atalhou D. Leonor. — Agora só uma coisa me resta para te pedir. Não é favor; é justiça.

— Não me peças Lisboa, que essa sabe Deus se tornará a ser minha, rica, povoada e feliz como eu a tornei, ou se repousarei ainda a cabeça nestes paços dos meus antepassados, passando por cima das ruínas dela! Não me peças Lisboa, que talvez amanhã deixe de um chamar seu rei: do resto de Portugal pede-me o que quiseres.

— Quero que me dês as minhas arras: quero o preço do meu corpo, conforme foro de Espanha.

— Vila Viçosa é alegre como um horto de flores, e Vila Viçosa dar-te-ei eu. O Castela de Óbidos é forte e roqueiro, são numerosos e prestes para defesa os seus engenhos, e o Castelo de Óbidos será teu. Sintra pendura-se pela montanha entre lençóis de águas vivas, e respira o cheiro das ervas e flores que crescem à sombra das penedias: podes ter pela tua a Sintra. Alenquer é rica no meio das suas vinhas e pomares, e Alenquer te chamará senhora.

— Guarda as tuas vilas, Dom Fernando, que eu não te peço em dote; quero, apenas, uma promessa de coisa de bem pouca valia.

— De muita ou de pouca, não me importa! Dar-te-ei o que me pedires.

D. Leonor estendeu a mão para a espécie de portada romana que se erguia solitária no meio do terreiro deserto.

— É ali que tu me darás o preço do meu copo, se um dia a cerviz da orgulhosa Lisboa se curvar debaixo do teu jogo real.

El-rei lançou um rápido volver de olhos para onde Leonor Teles tinha o braço estendido, mas recuou horrorizado. O vulto que negrejava no meio do terreiro era o patíbulo popular e peão: era a forca, tétrica, temerosa, maldita!

— Leonor, Leonor! — disse el-rei com som de voz cavo e débil —, porque vens misturar pensamentos de sangue com pensamentos de amor? Porque interpões um instrumento de morte e de afronta entre mim e ti? Porque preferes o fruto do cadafalso às vilas e castelos de que te faço senhora? Porque trocas a estola do clérigo que há de unir-nos pelo baraço áspero do algoz?

— Rei de Portugal! — respondeu a mulher de João Lourenço da Cunha, com um brado de furor —, ainda me perguntas porque o faço? Tu nunca serás digno do cetro do teu pai! Queres saber porque junto pensamentos de sangue a pensamentos de amor? É porque esses de quem eu o peço pediram também o meu sangue. Queres saber porque interponho entre mim e ti um instrumento de morte e de afronta? É porque o teu bom povo de Lisboa quis também interpor entre nós a morte e saciar-me de afrontas. Queres que te diga porque prefiro o fruto do cadafalso às vilas e castelos que me ofereces? É porque para os ânimos generosos não há vender vinganças por ouro. Vingança, rei de Portugal, te pede em dote a tua noiva! Jura-me que um dia os teus vassalos que me perseguem serão também perseguidos, e que essa vil plebe que cobre de injúrias e pragas o meu nome, porque te amo, o amaldiçoem porque levo os seus caudilhos ao patíbulo. Este é o

preço do meu corpo. Sem esse preço, a neta de Dom Ordonho de Leão nunca será mulher de Dom Fernando de Portugal.

E com um braço estendido para o lugar sem nome do suplício e com o outro curvado, como quem afastava de si el-rei, esta mulher vingativa era sublime de atrocidade.

— Tens razão, Leonor — disse por fim D. Fernando, depois de largo silêncio, em que se afetos inconstantes do seu caráter volúvel mudaram gradualmente. — Tens razão. A futura rainha de Portugal terá o seu desagravo: as línguas que te ofenderam calar-se-ão para sempre; os corações que te desejaram a morte deixarão de bater. No meu trono, até aqui de mansidão e bondade, assentar-se-á a crueza. Com Judas, o traidor, seja eu sepultado no Inferno, se faltar ao juramento que te faço de lavar em sangue a tua e a minha injúria.

A estas palavras, o aspeto severo de D. Leonor Teles mudou-se num sorrir de inexplicável doçura.

— Ah, como te hei de amar sempre! — murmurou ela. E estas palavras caíam dos seus lábios meigos e suaves como o arrulhar de pomba amorosa. Um beijo ardente, que sussurrou levado nas asas da brisa fresca da noite, selou esse pacto de ódio e de extermínio.

III

UM BULHÃO E UMA AGULHA DE ALFAIATE

O Sol, que havia mais de meia hora subira do Oriente, cingido da sua auréola da vermelhidão, no meio da atmosfera turva e acinzentada de um dia dos fins de Agosto, dava de chapa no rossio ou praça onde avultava o Mosteiro de S. Domingos, rodeado de hortas oriente, e pelo de Valverde, ao norte. Já muitos besteiros e peões armados de ascumas se derramavam ao longo da parede dos paços de Lançarote Peçanha carairos ao mosteiro, descendo uns por entre as vinhas de Almafala(*1), outros do arrabalde da Pedreira ou bairro do Almirante(*2), outros da banda da alcáçova, outros, enfim, desembocando das ruas estreitas e irregulares que iam dar à opulente e célebre Rua Nova (*3).

*[(*1) Hoje o Monte da Garça]*

*[(*2) Hoje o bairro dentro da Rua Larga de S. Roque, Chiado, Rua do Ouro, Rossio e Calçada do Duque]*

*[(*3) Hoje Rua dos Capelistas]*

Homens e mulheres apinhavam-se, aos dez e aos doze, no meio da praça, e às bocas das ruas; falavam, meneavam-se, riam, chamavam-se uns aos outros. Às vezes, aquela mó de gente, cujo vulto engrossava de minuto para minuto, agitava-se como a superfície de um pego, passando o tufão. Incerta, vacilante, informe, subitamente se configurava, alinhava-se e, semelhante a triângulo enorme, a quadrela gigante desfechada de tom monstruoso, vibrava-se contra a vasta alpendrada do mosteiro, cujas portas ainda estavam fechadas. Aí hesitava, ondeava e retraía-se, como ressaltaria a folha cortadora de uma acha de armas quando não pudesse romper as portas chapeadas de forte castelo. Então aquela multidão tomava a forma de meia-luz, cujas pontas se encurvavam pelos lados de Valverde e da Mouraria e vinham topar uma com outra por baixo do bairro ladeirento da Pedreira, de onde, confundindo-se e irradiando-se de novo, se espalhavam pela vastidão do terreiro. O povo, que dorme às vezes por séculos, fora acometido de uma das suas raras insónias e vivia essa possante vida da praça pública, em que de ordinário é ridículo e feroz, mas em que não raro é sublime e terrível.

Era a manhã imediata à noite em que ocorreram os sucessos narrados antecedentemente. O povo preparava-se para uma luta moral com o seu rei; mas não se descuidara de vir prestes para uma luta física, se D. Fernando quisesse apelas para esse último argumento. Era a primeira vez neste reinado que a arraia-miúda dava mostras da sua força e reivindicava o direito de dizer armada "não quero!" O elemento democrático erguia-se para influir ativamente na monarquia; enxertava-se nela, como princípio político, a par da aristocracia, que com a manopla de ferro arrojava a plebe contra o trono, sem pensar que brevemente este, conhecendo assim a força popular, se valeria dela para esmagar aqueles que ora sopravam os ânimos para a revolta e davam nova existência ao vulgo.

A hora aprazada para a vinda de el-rei ainda não havia batido: mas o povo orgulhoso da importância que subitamente se lhe dera, embevecido na ideia de que obrigaria el-rei a quebrar os laços adulterinos que o uniam a Leonor Teles, não media o tempo pelo curso do Sol, mas sim pelo fervor da sua impaciência. Duas vezes se espalhava a voz de que D. Fernando chegara, e duas vezes o povo correra para o alpendre do mosteiro. As portas da igreja estavam, porém, fechadas, bem como a portaria e as estreitas e

agudas frestas do mosteiro gótico que, formado apenas de um pavimento térreo e humilde, contrastava com a magnificência do templo, em cujas portadas profundas, sobre os colunelos pontiagudos que sustinham os fechos e chaves da abóbada, os animais monstruosos e híbridos, os centauros, os sátiros e os demónios, avultados na pedra dos capitéis por entre as folhagens de carvalho e de lódão, pareciam, com as visagens truanescas que nas faces mortas lhes imprimira o escultor, escarnecerem da cólera popular, que, lenta como os estos do oceano, começava a crescer e a trasbordar. Apenas, lá dentro, se ouviam de vez em quando as harmonias saudosas do órgão e do cantochão monótono dos frades, que ofereciam a Deus as preces matutinas. Era então que o povo escutava: e retraía-se arrastado pelas blasfémias e pragas que saíam de mil bocas e que eram repelidas do santuário pelo sussurro dos cânticos que reboavam dentro da igreja, e que transudavam por todos os poros do gigante de pedra um murmúrio de paz, de resignação e de confiança em Deus.

O povo, porém, era como os homens robustos do Gênesis: era ímpio, porque era robusto.

O dia crescia, e crescia com ele a desconfiança. As notícias corriam encontradas: ora se dizia que el-rei cedia aos desejos dos seus vassalos e dos peões, e que viria anunciar ao povo a sua separação de Leonor Teles; ora, pelo contrário, se asseverava que ele era firme em sustentar a resolução contrária. Havia, até, quem asseverasse que na alcáçova e no terreiro de S. Martinho se começavam a juntar homens de armas e besteiros. A cólera popular crescia, porque a atiçava já o temor.

No meio de uma pilha de galeotes, carniceiros, pescadores, moleiros, lagareiros e alfagemes, dois homens altercavam violentamente. Eram Airas Gil e Frei Roy: objeto da disputa Fernão Vasques; arguente o petintal; defendeste o beguino.

— Que não virá vos digo eu — gritava Airas Gil. — Disse-mo Garciordonez, o mercador de panos que mora ao cabo da Rua Nova, aos açougues, em frente das taracenas d'el-rei.

— Mentiu pela gorja, como um perro judeu — replicou Frei Roy. — Não era Fernão Vasques homem que faltasse a este auto, tendo-o a arraia-miúda elegido pelo seu propoedor.

— Medo ou dobras do paço podem tapar a boca aos mais ousados e fazê-los

dormir até desoras — retrucou o petintal.

— Que fazem falar as dobras do paço, seu eu — disse o beguino com riso sardónico, lembrando-se do que nessa noite passara —: medo sabeis vós que faz fugir; inveja sabemos nós todos que faz imaginar...

— Descaro e gargantoíce que faz mendigar — interrompeu Airas Gil, vermelho de cólera, cerrando os punhos e descaindo para o echacorvos como galé que vai aferrar outra em combate naval.

— E comunicado vos — murmurou Frei Roy, fazendo-se prestes para resistir ao abalroar do petintal.

E o vulgacho que estava de roda ria e batia as palmas.

Nisto os gritos de alcácer!, alcácer!" reboaram para outro lado da praça: o povo correu para lá. Os dois campeadores voltaram-se: era o alfaiate.

Sem dizer palavra, o beguino olhou com gesto de profundo desprezo para Airas Gil e, tomando uma postura entre heroica e de inspirado, estendeu o braço e o índex para o lugar onde passava Fernão Vasques. Depois, partiu com a turbamulta que o rodeava, enquanto o petintal o seguia de longe lento e cabisbaixo.

O alfaiate, cercado de outros cabeças do tumulto da véspera, encaminhou-se para alpendrada de S. Domingos. Trazia vestida uma saia(*) de valencina reforçada, calças de bifa, sapatos de pele de gamo, chapeirão de inglês com fita de momperle e cinta de couro, tudo escuro, ao modo popular.

[(*) Muitos dos trajes civis do século décimo quarto eram comuns a ambos os sexos, ou pelo menos tinham ambos comuns, como se pode verificar na lei de D. Afonso IV acerca dos trajes.]

Com passos firmes subiu os degraus do alpendre. Dali, em pé, com os braços cruzados, correu com os olhos a praça, onde entre o povo apinhado se fizera repentino silêncio. Depois tirando o chapeirão, cortejou a turbamulta para um e outro lado; os seus gestos e ademanes eram já os de um tribuno.

— Alcácer, alcácer pela arraia-miúda! Alcácer por el-rei Dom Fernando de Portugal, se desfizer nosso torto e a sua vilta, senão!...

Esta exclamação de um alentado alfageme que estava pegado com a balaustrada do alpendre foi repetida em grita confusa por milhares de bocas.

De repente, do lado da Rua de Gileanes, sentiu-se um tropear de carruagens, que parecia correrem à rédea solta. Todos os olhos se voltaram para aquela banda: muitos rostos empalideceram.

Uma voz de terror girou pelo meio das turbas. "São homens de armas de el-rei!" Aquele oceano de cabeças humanas redemoinhou, a estas palavras, e começou a dividir-se como o mar Vermelho diante de Moisés. Num momento viu-se uma larga faixa esbranquiçada cortar aquela superfície móvel e escura: era ampla estrada que se abria por entre ela, desde a Rua de Gileanes até S. Domingos. As paredes dessa estrada adelgaçavam-se rapidamente. Para as bandas da Mouraria e da Pedreira, os becos e encruzilhadas apinhavam-se de gente, e os reflexos dos ferros das ascumas populares, que erguidas cintilavam ao sol, começaram a descer e a sumir-se, como as luzinhas das bruxas em sítio brejoso aos primeiros assomos do alvorecer. Fernão Vasques olhou em redor de si: estava só. Descorou, mas ficou imóvel.

Entretanto, o tropear aproximava-se cada vez com mais alto ruído. Os besteiros do concelho postados ao longo dos Paços do Almirante eram, talvez, os únicos em quem o terror não fizera profunda impressão: alguns já tinham estendido sobre o braço da

besta os virotes ervados e, revolvendo a polé, faziam encurvar o arco para o tiro. Os besteiros de garrucha tinham já o dente desta embebido na corda, prontos a desfechar ao primeiro refulgir dos montantes nus dos cavaleiros e escudeiros reais. Do resto do povo, os ousados eram os que recuavam; porque o maior número voltava as costas e internava-se pelas azinhagas dos hortos de Valverde e das vinhas de Almafala ou trepava pelas ruas escuras e malgradadas do bairro do Almirante.

Mas, no meio deste susto geral, aparecera um herói. Era Frei Roy. Ou fosse imprudente confiança no cargo oculto que lhe dera D. Leonor, ou fosse robustez de ânimo, ou fosse, finalmente, a persuasão de que o hábito de beguino lhe serviria de broquel, longe de recuar ou titubear, correu para a quina da rua de onde rompia o ruído e, mirando pela aresta do ângulo um breve espaço, voltou-se para o povo e, curvando-se com as mãos nas ilhargas, desatou em estrondosas gargalhadas.

Tudo ficou pasmado; mas, vendo e ouvindo o rir descompassado do echacorvos, o povo começou a refluir para a praça. Aquelas risadas produziam mais ânimo e entusiasmo que os "quarenta séculos vos

contemplam" de Napoleão na batalha das Pirâmides. Os amotinados recobraram num instante toda a anterior energia.

Esta cera tinha sido rapidíssima: todavia, ainda grande parte dos populares hesitava entre o ficar e o fugir, quando se reconheceu claramente a causa daquele temor que apertara por algum tempo todos os corações. Era a Corte que chegava.

Montados em mulas possantes, os oficiais da casa real, os ricos-homens, conselheiros e juízes do Desembargo vinham assistir ao auto solene em que da boca de el-rei a nação devia ouvir ou uma resolução conforme com os desejos tanto da arraia-miúda como dos senhores e cavaleiros, ou a confirmação de um casamento mal agourado por muitos nobres e por todos os burgueses, e condenado, de não duvidoso modo, por estes últimos. No meio das variadas cores dos trajos cortesões negrejavam as garnachas dos letrados e clérigos do paço, e entre o reduzir dos esplêndidos arreios das mulas alentadas e fogosas dos vassalos seculares, dos alcaides-mores e senhores viam-se rojar os gualdrapas dos mestres em leis e degredos, dos sabedores e letrados que constituíam o supremo tribunal da monarquia, a cúria ou desembargo de el-rei.

A numerosa cavalgada atravessou o terreiro por entre o povo apinhado. Em todos os rostos transluzia o receio acerca de qual seria o desfecho deste drama terrível e imenso, em que entravam representantes de todas as classes sociais.

Entre os membros daquela lustrosa companhia distingui-a pelo seu porte altivo o conde de Barcelos, D. João Afonso Telo, tio de D. Leonor, a quem nos diplomas dessa época se dá por excelência o nome de "fiel conselheiro". Quando os amores de el-rei com a sua sobrinha começaram, ele fizera, sincera ou simuladamente, grandes diligências para desviar o monarca de levar avante os seus intentos. D. Fernando persistia, todavia, neles, e então o conde, juntamente com a infanta D. Beatriz e com D. Maria Teles, irmã de D. Leonor, suscitara a ideia de a divorciar de João Lourenço da Cunha. O povo sabia isto e, posto que houvesse estendido a sua má vontade a todos os parentes de Leonor Teles, odiava principalmente o conde, como protetor daqueles adúlteros amores. Foi, portanto, nele que se cravaram os olhos dos populares, que, tendo-se em poucas horas elevado até à altura do trono, ousavam, também, dar testemunho público do seu ódio contra o mais distinto membro da fidalguia.

— Velha raposa, em que te pese, não será a adúltera rainha da boa terra de Portugal! — gritava um carniceiro, voltando-se para uma velha que estava ao pé dele, mas olhando de través para o conde, que perpassava.

— Leal conselheiro de barriguices, por quanto vendeste a honra do compadre Lourenço? — perguntava um alfageme, fingindo falar com um vizinho, mas lançando também os olhos para D. João Afonso Telo.

— Que tendes vós com o lobo que empece ao lobo? — acudiu um lagareiro calvo e curvado debaixo do peso dos anos. — Deixai-os morder uns aos outros, que é sinal de Deys se amercear de nós.

— O que eles mereciam — interrompeu uma regateira — era serem atagantados (*açoitados*) com boas tiras de couro cru.

— E ela, tia Dordia? — acrescentou um ferreiro. — Conheceis vós a comborça? Às vezes a quisera eu: uma do alcaide no chumaço; outra do coitado nas costas dela! (*)

[(*) Segundo vários cadernos legais do nosso direito consuetudinário e municipal, em certos casos aplicava-se às mulheres casadas a

pena que reza o discurso do ferreiro. O alcaide vinha a casa da criminosa, punha no chão um travesseiro, pegava numa vara e começava a bater em cima dele, dando o compasso que o marido da culpada deveria coordenar enquanto batia nas costas desta, pena que, com menos aparato, se aplicava também aos homens por muitos e diferentes delitos.]

— É costume, ergo direita a pena — notou um procurador, que gravemente contemplava aquele espetáculo e que até ali guardara silêncio.

Estas injúrias, que, como o fogo de um pelotão, se disparavam ao longo das extensas e fundas fileiras dos populares, iam ferir os ouvidos do conde de Barcelos, que, fingindo não lhes dar atenção, empalidecia e corava sucessivamente e mordia os beiços de cólera.

De vez em quando, o vociferar afrontoso da gentalha era afogado no ruído de risadas descompostas, mais insolentes cem vezes que as injúrias; porque no rir do vulgo há o que quer que seja tão cruel e insultuoso, que faz dar em terra o maior coração e o ânimo mais robusto.

Entre os parciais de D. Leonor que vinham naquela comitiva viam-se, porém, muitos fidalgos e letrados que ou eram pessoalmente seus inimigos ou, pelo menos, desaprovavam alta e francamente a sua união com el-rei. Diogo Lopes Pacheco era o principal entre eles, e o povo, ao vê-lo passar, saudou-o com um murmúrio que foi como a recompensa do velho pelas desventuras da sua vida, desventuras que devera a um caso análogo, a morte de D. Inês de Castro.

Quando os fidalgos, cavaleiros e letrados da casa e conselho de el-rei se apearam junto aos degraus do alpendre do mosteiro, o alfaiate, que viera misturar-se com o povo logo que desembocaram na praça, subiu após eles e esperou que se sentassem no extenso banco de castanho que corria ao longo da alpendrada. Depois voltou-se para a multidão apinhada em redor:

— Se el-rei ainda não é presente — disse em voz inteligível e firme — aí tendes para ouvir vossos agravamentos os senhores do seu conselho: porventura que eles poderão dar-vos resposta em nome da sua senhoria, e ele virá depois confirmar o seu dito.

— Senhor Fernão Vasques, sois o nossos propoedor: a vós toca falar — replicou um do povo.

— Assim o queremos! Assim o queremos! — bradou a turbamulta.

O alfaiate voltou-se então para os cortesãos, conselheiros e letrados do Desembargo de el-rei e disse:

— Senhores, a mim deram carrego estas gentes que aqui estão juntas de dizer algumas coisas a el-rei nosso senhor que entendem pela sua honra e serviço; e porque é direito escrito que, sendo as partes principais presentes, o ofício de procurador deve cessar no que elas bem souberem dizer, vós outros que sois principais partes neste feito, e a que isto mais tange que a nós, devíeis dizer isto, e eu não: porém, não embargando que assim seja, eu direi aquilo de que me deram carrego, pois vós outros em elo não quereis pôr mão, mostrando que vos doeis pouco da honra e do serviço de el-rei...

— Cala-te, vilão! — bradou, erguendo-se, o conde de Barcelos, com voz afogada da cólera, que já não podia conter —, se não queres que seja eu quem te faça resfolgar sangue, em vez de injúrias, por essa boca sandia.

O velho Pacheco pôs-se também em pé, exclamando:

— Conde de Barcelos, lembrai-vos de que os burgueses têm por costume antigo o direito de dizerem aos reis seus agravamentos, de se queixarem e de os repreenderem. Nós somos menos que os reis.

Fernão Vasques tinha-se entretanto voltado para o povo apinhado ao redor do alpendre, com o rosto enfiado, mas era de indignação, e tinha feito um sinal com a cabeça. No mesmo instante o povo abrira uma larga clareira, e quando os fidalgos e conselheiros, atentos para o conde e para Diogo Lopes, voltaram os olhos para o rossio, ao tropear da multidão, um semicírculo de mais de quinhentos besteiros e peões armados fazia uma grossa parede em frente dos populares.

Fernão Vasques encaminhou-se então para D. João Afonso Telo e, com a mão trémula de raiva, segurando-o por um braço, disse-lhe:

— Senhor conde, vós sois que doestais os honrados burgueses desta leal cidade na minha pessoas; porque eu nada fiz, senão repetir em voz alta o que cada um e todos me ordenaram repetisse. O que propus não é meu. Eis seus autores! Pelo que a mim toca, senhor conde, não receio vossas ameaças. Quando o nobre despe o gibão de ferro para vestir o de tela, não sei eu se este é mais forte

que o do peão e se, também, a sua boca não pode golfar sangue, como a de um pobre vilão.

D. João forcejava por desasir-se do alfaiate, procurando levar a mão à cinta, onde tinha o punhal; mas Fernão Vasques era mais forçoso, e o conde já tinha entrado na idade em que costuma minguar a robustez do homem. Não pôde chegar com a mão ao cinto.

— Conde de Barcelos — prosseguiu o alfaiate, com um sorriso —, não recorrais a esse argumento; porque eu também estou habituado a lidar com ferros azerados, ainda que mais delgados e curtos que o vosso bulhão.

Estas últimas palavras, ditas em tom de escárnio, mal foram ouvidas: a grita na praça era já espantosa; ares, produziam aquele rouco e grande brado da fúria abismando-se por cavernas imensas.

Os fidalgos e letrados tinham rodeado os dois contendores: os parciais de D. Leonor, o conde; os outros, cujo número era muito maior, o alfaiate. E tanto estes como aqueles trabalhavam em apaziguá-los, posto que todos os ânimos estivessem quase tão irritados como os dos dois contendores.

Finalmente, o conde cedeu. O aspeto da multidão, que se agitava furiosa, contribuiu, porventura, mais para isso que todas as razões e rogativas dos fidalgos e cavaleiros, atónitos com o espetáculos da ousadia popular: desta ousadia que, menoscabando as ameaças do primeiro entre os nobres, era mais incrível que a da véspera, a qual apenas se atrevera ao trono.

Que fazia, porém, o nosso beguino no meio destes prelúdios de uma eminente assuada? É o que o leitor verá no seguinte capítulo.

IV

MIL DOBRAS, PÉ-TERRA E TREZENTAS BARBUDAS

Mal Fernão Vasques travara do braço do conde de Barcelos, e a grita popular começara a atroar a praça, Frei Roy, escoando-se ao longo da parede do mosteiro, dobrara a quina que voltava para a Corredoura(*) e, seguindo seu caminho por vielas torcidas e desertas, chegara à Porta do Ferro, de onde, atravessando o contíguo e mal-assombrado terreirinho que os raios do sol apenas iluminavam poucas horas do dia, embargados, ao nascer, pelos agigantados campanários da catedral e, ao declinar, pelos panos e torres da muralha mourisca, chegara esbaforido a S. Martinho.

[(*) A Corredoura era uma rua que, passando ao sopé do Castelo e por detrás de S. Domingos, dava passagem do centro da cidade para a zona de Valverde, hoje Salitre]

A porta do paço estava fechada, mas a da igreja estava aberta. Entrou. Ao lado direito uma escada de caracol descia da tribuna real para a capela-mor, e a tribuna comunicava com o palácio por um passadiço que atravessava a rua. O beguino olhou ao redor de si e escutou um momento: ninguém estava na igreja. Subindo rapidamente a escada, Frei Roy atravessou o passadiço e encaminhou-se, sem hesitar no meio dos corredores e escadas interiores, para uma passagem escura. No fim dela havia uma porta fechada. O monge vagabundo parou e escutou de novo. Dentro altercavam três pessoas: Frei Roy bateu devagarinho três vezes, e pôs-se outra vez a escutar.

Ouviram-se uns passos lentos que se aproximavam da porta, e uma voz esganiçada e colérica perguntou:

— Quem está aí?

— Eu — respondeu o beguino.

— Quem é eu? — replicou a voz.

— Honrado Dom Judas, é Frei Roy Zambrana, indigno servo de Deus, que pretende falar a el-rei ou à muito excelente senhora Dona Leonor, para negócio de vulto.

— Abre, Dom Judas, abre! — disse outra voz, que pelo metal parecia feminina e que soou do lado oposto do aposento.

A porta rodou nos gonzos, e o echacorvos entrou.

Era o lugar onde Frei Roy se achava uma quadra pequena, iluminada escassamente por uma fresta esguia e engradada de grossos varões de ferro, a qual dava para uma espécie de saguão, ainda mais acanhado que o aposento. A abóbada deste era de pedra; de pedra as paredes e o pavimento: ao redor viam-se por único adereço muitas arcas chapeadas de ferro. O monge entrara na casa das arcas da Coroa — do "recábedo do regno". As duas personagens que ali estavam, afora a que abrira a porta, eram D. Fernando e D. Leonor. El-rei, de pé, curvado sobre uma das arcas, com a cara firmada sobre o braço esquerdo, folheava um desconforme volume de folhas de pergaminho, cujas guardas eram duas alentadas tábuas de castanho, forradas exteriormente de couro cru de boi, ainda com pêlo. D. Leonor, também em pé por detrás de el-rei, olhava atentamente para as páginas do livro. O que abrira a porta era o tesoureiro-mor, D. Judas, grande afeiçoado de D. Leonor e valido de el-rei. O judeu apenas voltara a ponderosa chave, sem volver sequer os olhos para o recém-chegado, tornara

imediatamente para o pé da arca a que el-rei estava encostado e prosseguira a veemente conversação cujos últimos

ecos Frei Roy ouvira ao aproximar-se...

— Mil dobras pé-terra e trezentas barbudas são todo o dinheiro que o vosso fiel tesoureiro vos pode apurar neste momento, respigando, como a pobre Rute, no campo do vosso tesouro, ceifado e bem ceifado (aqui o judeu suspirou) por aqueles que, talvez, menos leais vos sejam. Jurar-vos-ei sobre a toura, se o quereis, que não fica no meu poder uma pojeia.

El-rei não o escutava. Apenas Frei Roy entrara, D. Leonor havia-se encaminhado para o echacorvos e, lançando-lhe um olhar escrutador, perguntava com visível ansiedade:

— Beguino, a que voltaste aqui?

— A cumprir com a minha obrigação, apesar de vós me terdes dado ontem por quite e livre. Vim a dizer-vos que, a estas horas, talvez tenha já corrido sangue no rossio de Lisboa, e que é espantoso o tumulto dos populares contra os do conselho e contra os senhores e fidalgos da casa e valia de el-rei.

Fora à palavra "sangue" que D. Fernando havia cessado de atender à voz esganiçada do tesoureiro-mor, que continuava em tom de lamentação:

— Bem sabeis, senhor, que tenho empobrecido no vosso serviço e que hoje sou um dos mais mesquinhos e miseráveis entre os filhos de Israel. Aonde irei eu buscar dois mil maravedis velhos de Além-Douro, que são, em moeda vossa, trezentos e noventa mil soldos?

— Sangue, dizes tu, beguino? — exclamou el-rei. — Oh, que é muito! A quem se atreveram assim esses populares malditos?

— Eu próprio vi o nobre conde de Barcelos travar-se com Fernão Vasques; muito grande número de besteiros e peões armados de ascumas rodeavam já o alpendre de São Domingos, e os clamores de "morram os traidores" atroavam a praça.

— Que me deem o meu arnês brunido, a minha capelina de camal e o meu estoque francês — gritou D. Fernando, escumando de cólera. — Eu irei a São Domingos e salvarei os ricos-homens de Portugal ou acabarei ao pé deles. Pajens!, onde está o meu donzel de armas?

— O teu donzel de armas, rei Dom Fernando — interrompeu com voz pausada e firme D. Leonor —, segue com os outros pajens caminho de Santarém, montado no teu cavalo de batalha. Aqui, só tens a mula do teu corpo para seguires jornada.

— Mas o conde de Barcelos! O meu leal conselheiro, deixá-lo-ei despedaçar pelos peões desta cidade abominável? Lembra-te de que é teu tio; que foi o teu protetor, quando o braço de Dom Fernando ainda se não erguera para te coroar rainha.

— Rei de Portugal, és tu que deves lembrar-te dele, quando o dia da vingança chegar. Então cumprirá que os traidores e vis te vejam montado no teu ginete de guerra. Hoje não podes senão deixar entregue à sua sorte o nobre Dom João Afonso e os senhores que são com ele; mas não te esqueça que, se o seu sangue correr, todo o sangue que derramares para o vingar será pouco, como serão poucas todas as lágrimas que eu verterei sem consolação sobre os seus veneráveis restos. Combateres? Ajudado por quem, numa cidade revolta? Os homens de armas do teu castelo quebraram seu preito e tumultuam na praça: muitos dos teus ricos-homens estão conjurados contra ti: teu próprio irmão o está. Partir!, partir! Há quantas horas sabes tu que a última esperança está no partir breve?

Porque, depois de tantas hesitações, ainda hesitar uma vez? Asseguremos ao menos a vingança, se não pudermos salvar aqueles que, leais ao seu senhor, se foram expor à fúria da vilanagem para esconder nossa fuga... fuga; que é o seu nome!

O furor e o despeito revelavam-se nas faces e nos lábios esbranquiçados da adúltera, e a aflição e o temor comprimidos atraiçoavam-se numa lágrima que lhe rolou insensivelmente dos olhos. Era uma das raríssimas que derramara na sua vida.

El-rei tinha escutado imóvel. Desacostumado de ter vontade própria, desde que (como dizia o povo) esta mulher o enfeitiçara, ainda mais uma vez cedeu da sua resolução, se não de homem cordato, ao menos de valoroso, e respondeu em voz sumida:

— Partamos. E seja feita a vontade de Deus!

— Amen! — murmurou o echacorvos.

— Beguino — interrompeu D. Leonor, voltando-se para Frei Roy —, corre já no rossio de São Domingos e diz em voz bem alta aos populares amotinados que me viste partir com el-rei caminho de Santarém. Talvez assim o conde seja salvo, porque a fúria desses vis sandeus se voltará contra mim. Dizei-lo, que dirás a verdade:

quando lá houveres chegado o meu palafrém terá transposto as Portas da Cruz. Guardai-vos, mesquinhos, que ele a torne a passar com a sua dona. Echacorvos!, esse dia será aquele em que a "adúltera" pague todas as suas dívidas.

Frei Roy sentiu pela medula dorsal o mesmo calafrio que sentira na noite antecedente; porque o olhar que Leonor Teles cravou nele era diabólico, e a palavra "adúltera", proferida por ela, soava como um dobrar de campa e vinha como envolta num hálito de sepulcro: o beguino arrependeu-se, desta vez muito seriamente, de ter sido tão miúdo e exato na "parte oficial", que apresentara na véspera. Calou-se, todavia, e saiu com o seu ademão do costume, cabeça baixa e mãos cruzadas no peito.

Os três ficaram outra vez sós.

— Dom Judas, meu bom Dom Judas — disse el-rei com gesto de aflição —, não entendo estas embrulhadas letras mouriscas da tua aritmética. Estou certo de que não deves ao tesouro real uma única mealha e de que nas arcas do haver não existe senão o que tu dizes: mas, decerto, não queres que um rei de Portugal caminhe pelo seu reino como romeiro mendigo. Ao menos os dois mil maravedis de ouro...

— Ai — suspirou o tesoureiro-mor —, juro a vossa real senhoria que me é impossível achar agora outra quantia maior que a de mil dobras pé-terra e trezentas barbudas.

— Fernando — atalhou Leonor Teles —, ordena aos moços do monte que aí ficaram que enfreiem as mulas: devemos partir já. É tão meu afeiçoado Dom Judas que, com duas palavras, eu obterei o que tu não pudeste obter com tantas rogativas.

Ela sorriu alternativamente com um sorriso angélico para el-rei e para o tesoureiro-mor. D. Fernando obedeceu e, levantando o reposteiro que encobria uma porta em frente àquela por onde entrara o beguino, desapareceu. O tesoureiro ia a falar; mas ficou com a boca semi-aberta, o rosto pálido e como petrificado, vendo-se a sós com D. Leonor. Era que já a conhecia havia largos tempos.

— Dom Judas — disse esta em tom mavioso —, tu hás de fazer serviço a el-rei para esta jornada. Darás os dois mil maravedis velhos.

— Não posso! — respondeu D. Judas com voz tremula e afogada.

— Judeu! — replicou D. Leonor, apontando para um cofre pequeno que estava no canto mais escuro do aposento, coberto de três altos de pó —, o que está naquela arca?

O tesoureiro-mor, depois de hesitar por momentos, balbuciou estas palavras:

— Nada... ou, a falar verdade... quase nada. Bem sabeis que, dantes, guardava ali algumas mealhas que me sobravam da minha quantia; mas há muito que nem essas poucas mealhas me restam.

— Vejamos, todavia — disse D. Leonor, cujo aspeto se carregava.

— Misericórdia! — bradou D. Judas com indizível agonia. Mas, reportando-se, por um destes arrojos que os grandes perigos inspiram, procurou disfarçar o seu susto, continuando com riso contrafeito:

— Misericórdia, digo; porque fora mais fácil achar entre os amotinados do rossio um homem leal ao seu rei, do que eu lembrar-me agora do lugar onde terei a chave de uma arca há tanto tempo inútil e vazia.

— Perro infiel! Eu te vou recordar quem pode dizer onde a havemos de achar.

— Estais hoje, muito excelente senhora, merencória e irosa — replicou o tesoureiro-mor, trabalhando por dar às suas palavras o tom da galantaria, mas, visivelmente, cada vez mais enfiado e trémulo. — Assim chamais perro infiel ao vosso leal servidor, por causa de uma chave inútil que se perdeu? Todavia, dizei quem sabe dela, que eu a irei procurar.

— Generoso e leal tesoureiro! — interrompeu D. Leonor, imitando o tom das palavras do judeu, como quem gracejava —, não te dês a esse trabalho, pela tua vida. Quem pode fazê-la aparecer é um velho cão descrido que mora na comuna de Santarém. Eu sei de um remédio que lhe restituirá à língua a presteza de uma língua de mancebo de vinte anos. O seu nome é Issachar. Conhece-lo?

— Alta e poderosa senhora, vós falais do meu pobre pai! — respondeu o tesoureiro-mor, redobrando-lhe a palidez. — Mas tratemos agora do que importa. Com mil e quinhentos dobras pé-terra e trezentas barbudas, que eu disse ao meu senhor el-rei estarem prestes...

D. Leonor lançou para o judeu um olhar de escárnio e prosseguiu:

— Do que importa é que eu trato. Sabes tu, meu querido Dom Judas, que, sejam as tuas dobras mil ou quinhentas, amanhã, a estas horas, eu Dona Leonor Teles, a rainha de Portugal. estarei em Santarém? Ouviste já dizer que, em não sei qual das torres do alcácer, há um excelente potro, capaz de desconjuntar num instante os membros do mais robusto vilão? Veio-me agora à ideia de que o velho Issachar, amarrado a ele, deve ser gracioso; porque, tendo vivido muito, constrangido a falar, há de contar coisas incríveis, quanto mais dizer onde está uma chave cujo paradouro ele não pode ignorar. Não achas tu, também, que é folgança e desporto digno de qualquer rainha o ver como estouram os ossos carunchosos de um perro de noventa anos?

Um suor fio manou da cara de D. Judas, cujas pernas vacilantes se esquivavam a sustê-lo. Quando D. Leonor acabou de fazer as suas atrozes perguntas o judeu tinha caído de joelhos aos pés dela.

— Por mercê, senhora — exclamou ele, em transe horroroso de angústia —, mandai-me açoutar como o mais vil servo mouro: mandai-me rasgar as carnes com os mais atrozes tormentos; mas perdoai ao meu velho pai, que não tem culpa da pobreza do seu

filho. Se eu tivera ou pudera alcançar mais que as duas mil dobras e as quinhentas barbudas que ofereci ao meu senhor el-rei...

— Judeu atalhou D. Leonor —, tu deves saber três coisas: a primeira é que os tratos do potro são intoleráveis; a segunda é que eu costumo cumprir as minhas promessas; a terceira é que, se, neste momento de aperto, eu teu pudesse aplicar o remédio, não o guardaria para a ossada bolorenta de um lebréu desdentado.

— Vendido cem vezes — prosseguiu o tesoureiro-mor, lavado em lágrimas e procurando abraçá-la pelos joelhos — eu não poderia apresentar neste momento mais que a soma já dita de duas mil e quinhentas dobras e quinhentas barbudas, ainda que a vossa mercê me mandasse assar vivo.

— És um louco, Dom Judas! — interrompeu D. Leonor, afastando de si o judeu, com um gesto de brandura. — Por uma miséria de pouco mais de quinhentos pés — terras, consentirás que Issachar, que o teu pai, honrado velho!, pragueje, nas ânsias do potro, contra o Deus de Abraão, de Jacob e de Moisés?

O tesoureiro-mor conservou-se por alguns momentos calado e na postura em que estava. Depois, passando o braço de revés pelos

olhos, enxugou as lágrimas e ergueu-se. A resolução que tomara era a de um desesperado que vai suicidar-se.

— Aqui estarão, senhora — murmurou ele —, os dois mil maravedis quando os quiserdes. Procurarei obtê-los; mas ficarei perdido. Agora podeis dar ordem à vossa partida.

— Adeus, meu muito honrado Dom Judas — disse D. Leonor, sorrindo.— Não perderás nada em ter cedido aos meus rogos.

Dito isto, saiu pela mesma porta por onde saída el-rei.

O judeu estendeu os braços, com os punhos cerrados, para o reposteiro, que ainda ondeava, e levou-os depois à cabeça, de onde trouxe uma boa porção de melenas grisalhas. Feito isto, tirou da aljubeta uma chave, abriu o cofre pequeno e pulverulento, sacou para fora um saquitel pesado, selado e numerado, e os dois mil maravedis rolaram sobre o grande livro, que ainda estava aberto sobre uma das arcas. Contou-os quatro vezes, empilhou-os aos centos e, como se as forças se lhe tivessem exaurido no espantoso combate que se passava na sua alma, atirou-se de bruços sobre a pequena arca e, abraçado com ela, desatou a chorar.

Meu pobre tesouro, junto com tanto trabalho! — exclamou por fim, entre soluços. — Guardei-te neste cofre com medo de te ver roubado, e os salteadores vim encontrá-los aqui! Mas que se livrem de eu tornar a receber os direitos reais das mãos dos mordomos. Os meus ricos dois mil maravedis de bom ouro, não voltareis sozinhos quando vos tornardes a juntar com os vossos abandonados companheiros!

Esta ideia pareceu consolar de alguma modo D. Judas. Levantou-se, tornou a contar os dois mil maravedis: desconfiou de que havia engano, e que eram dois mil e um: tornou-os a contar, e, quando el-rei entrou no aposento, já prestes para cavalgar, tinha o bom do judeu obtido a certeza de que não dava uma pojeia de mais da soma que lhe fora requerida em nome do potro da torre de Santarém.

— Oh — exclamou el-rei, lançando os olhos para cima do desalmado fólio, sobre cujas páginas amareladas estava empilhado o dinheiro —, temos os dois mil maravedis?!

— Saiba vossa real senhoria que, felizmente, tinha no meu poder uma soma pertencente a Jeroboão Abarbanel, o mercador da Porta do Mar, soma de que não me lembrava: ao vasculhar as arcas, dei

com ela; a quantia está completa, e o honrado mercador não levará, por certo, mais de cinco por cento ao mês, enquanto os avençais da vossa senhoria não vierem entregar no tesouro o produto dos direitos reais vencidos. Então pagar-lhe-ei, até à última mealha, a quantia e os seus lucros, se a vossa senhoria não ordena o contrário.

— Faz o que entenderes, Dom Judas — respondeu el-rei, que não o ouvira, atento a meter numa ampla bolsa de argempel, que trazia pendente do cinto, os dois mil maravedis. — Tudo fio de ti, honrado e leal servidor.

E, recolhendo os maravedis, saiu. O judeu ficou só.

— No Inferno ardas tu, com Datã, Coré e Abirão, maldito nazareno!... — murmurou ele. — Porém não antes de eu haver colhido os dois... quero dizer, os três mil e duzentos maravedis que me tiraste com tanta consciência quanta pode ter a alma tisnada de um cristão.

Feita esta jaculatória ao Deus de Israel, D. Judas aferrolhou interiormente a porta do reposteiro, atravessou o aposento, saiu pela porta em frente, que também aferrolhou, e a bulha dos seus passos, que se alongavam, soou através dos corredores por onde

passara Frei Roy, até que, por aquela parte do palácio, tudo caiu em completo silêncio.

V

MESTRE BARTOLOMEU CHAMBÃO

Frei Roy, saindo da casa das arcas, atravessara os corredores vizinhos: mas, em vez de seguir o que dava para o passadiço de S. Martinho, tomara por uma escadinha escura aberta no topo da estreita passagem anterior a esse passadiço. Esta escadinha descia para o átrio do paço. O beguino, habituado, pelo seu ministério, a entrar na morada real às horas mortas e a sair nas menos frequentadas, sabia por diuturna experiência que a porta principal devia estar aberta, mas ainda erma, ao mesmo tempo que a igreja, por onde entrara, já começaria a povoar-se de fiéis, porque, como é fácil de supor, as igrejas eram naquela época mais frequentadas do que hoje. Desceu, pois, com passo firme, resolvido a encaminhar-se ao rossio e a espalhar entre os amotinados a notícia da partida de el-rei.

Mas embargou-lhe os passos dificuldade imprevista. Ou fosse que os acontecimentos da véspera obrigassem a maiores cautelas, não

havendo ainda então exército permanente, nem guardas pagas para defensão da pessoa real, cuja melhor proteção estava na própria espada, ou fosse por qualquer outro motivo, a porta ainda se não abrira. O beguino hesitou sobre se devia retroceder para sair pela igreja, se esperar. As considerações que o tinham movido a seguir este caminho obrigaram-no a ficar. Metido no estreito e escuro vão da escada, o echacorvos assemelhava-se, envolto nas suas roupas de burel e reluzindo-lhe os olhos à meia luz que dava o pátio interior, a um moderno funcionário, que hoje, nesses mesmos paços e em desvão igual, talvez no mesmo sítio, mostra aos que entram o rosto banhado na hediondez da sua alma, esperando que a vindicta pública o convide a algum banquete de carne humana, e, no esperar atroz, rodeia com as garras os ferros do seu covil, como o tigre cativo. O espia era ali, por assim dizer, uma "preexistência", uma "harmonia preestabelecida" do algoz.

Passara obra de meia hora, e o beguino começava a impacientar-se muito seriamente quando sentiu pés de carruagem no pátio interior do edifício. Daí a pouco, um donzel, trazendo na mão uma desconforme chave e as rédeas de valente mula enfiadas no braço, chegou à porta e começou a abri-la. Era um dos donzéis de el-rei. Costumado a disfarçar a sua frequente entrada no paço sob a capa

da mendicidade, e habituado a estender a mão à espera de alguns soldos que devotadamente lhe atiravam senhores, cavaleiros e escudeiros, ao que ele retribuía com alonga lenda das suas orações em aleijado latim. Frei Roy era aceito a quase todos os moradores da casa de el-rei, que respeitavam a sua aparente santidade. Por isso, saindo do seu desvão, encaminhou-se para a porta.

A madre Santa Maria vos guarde de mau olhado, de feitiços e de ligamentos — disse ele, chegando-se ao donzel e fazendo sobressair esta última palavra.

— Vós aqui, Frei Rou, por estas horas? — replicou o donzel, voltando-se admirado.

— Que quereis! — disse o beguino. — Quando ontem os malditos burgueses acometeram os paços reais com a sua grita e revolta, estava eu aqui. Ai que medo tive! Escondi-me naquela desvão, e quando se fecharam as portas achei-me encurralado cá dentro, como um emparedado no seu nicho. A minha profissão de paz e de religião não me consentia passar por meio de homens possuídos do espírito de cólera e inspirados por Belzebu, nem o susto me deixava ânimo desafogado para ir roçar o burel do meu santo hábito pelos trajos empestados dos filhos de Belial. Também a

humildade e mortificação cristã se opunham a que eu subisse a pedir gasalhado a algum de vós outros, os moradores da casa do nosso senhor el-rei. Assim, louvando a Deus por me conceder uma noite de padecimento, ali me deixei ficar sobre as lajes húmidas, sobre as duras e agudas arestas dos degraus daquela escada. Agora, que a revolta é finda, consolado com as dores que me traspassam os ossos e confiado na providência de Jesus Cristo, vou-me ao meu giro diário, para ver se obtenho da caridade dos devotos a pitança usual com que possa matar a fome de vinte e quatro horas, pela qual dou louvores ao justo juiz, que reina eternamente nos altos céus.

O beguino revirou benignamente os olhos e fez uma visagem entre aflita e resignada, levando ao mesmo tempo a mão ao joelho, como se ali sentisse dor agudíssima.

— Venerável Frei Roy! — atalhou o donzel, com as lágrimas nos olhos —, se tivésseis procurado o aposento dos donzéis, nós vos daríamos, ao menos, um almadraque para repousar e repartiríamos convosco da nossa ceia. Mas o mal está feito, e o pior é que para hoje não vos posso oferecer abrigo. Vós credes, santo homem que

a revolta é finda, e nunca ela esteve mais acesa. A sua senhoria vai partir já da cidade...

— Santa Maria vale! Santo nome de Jesus! Acorrei-nos, Virgem bendita! — interrompeu Frei Roy. — Pois os populares teimam na sua assuada, e el-rei deixa-nos aos coitados de nós, humildes religiosos e cidadãos pacíficos, entregues ao furor dos peões?

— E que remédio, bom Frei Roy?! — replicou tristemente o donzel. — Sem cavaleiros, escudeiros e besteiros não se faz guerra, nem se desfazem assuadas, e nada disto tem el-rei. Agora vou eu ao rossio de São Domingos avisar os senhores do conselho, os privados e fidalgos que lá estão, que sigam caminho de Santarém, sob pena de incorrerem em caso de traição, se ficarem em Lisboa: por sinal que el-rei me recomendou procurasse avisar primeiro que ninguém sua mercê o infante Dom Dinis.

— No rossio de São Domingos, dizeis vós? — disse o beguino, arregalando os olhos. — Confesso que vos não entendo.

Durante este diálogo o donzel tinha acabado de destrancar a porta do paço, cavalgado na mula que trazia a rédea e saído ao terreiro seguido de Frei Roy, que coxeava, estorcia-se e suspirava dolorosamente de vez em quando. Passo a passo e sofreando a

mula, caminho da Sé, o pajem narrou ao beguino todas as particularidades sucedidas aquela manhã, as quais Frei Roy sabia melhor do que ele. Chegados em frente dos Paços do Concelho, o pajem tomou pelo sopé da alcáçova e Frei Roy pela Porta do Ferro não sem terem primeiro saído da bolsa do donzel para a manga do beguino alguns pilares, e da boca deste para os ouvidos daquele alguns latinórios pios devidamente escorchados.

Apenas passara o largo da Sé e transpusera a velha e soturna Porta do Ferro, Frei Roy tinha-se achado perfeitamente são do seu violento reumatismo. Ligeiro como galgo, desceu por entre as antigas trecenas reais, e em menos de três credos estava no pelourinho. Aí viu coisa que o fez parar.

Um homem vestido de valencina, e coberta a cabeça com um grande feltro, arengava a um troço de besteiros e peões armados de lanças ou ascumas, de almárcovas ou cutelos: tinha nas mãos um desconforme montante e na cinta uma espada curta. A turba ora o escutava atentamente, ora prorrompia em gritos confusos e estrondosos. Frei Roy chegou-se. O homem do feltro amplo era o mestre tanoeiro Bartolomeu Chambão, que, entusiasmado, prosseguia o seu veemente discurso, sem reparar no beguino:

— Já vo-lo disse: daqui ninguém bole pé antes de el-rei nosso senhor sair para São Domingos. Nada de bulha fora de sazão, que lá estão os esculcas. Daremos mostra ao poço quando aí for só a adúltera. Se, como ontem, nos fecharem as portas, isso é outro caso. É preciso que isto se desfaça. A cobra peçonhenta deve sair da toca. Não digo que então não seja possível esmagar-se-lhe a cabeça... Num brandir de ascuma... Mas cautela, não haja sangue!... Pelo menos de inocentes... Leais e esforçados cidadãos desta muito leal cida... Safa, bruto!

Esta peroração inesperada com que mestre Bartolomeu interrompera o seu discurso, que se ia elevar ao ápice da eloquência, procedera de lhe ter descido a grossa e espaçosa mão do echacorvos sobre o ombro, que lhe vergara, como se houvessem descarregado em cima dele uma aduela de cuba. A Frei Roy ocorrera uma ideia abençoada, a de comunicar a mestre Bartolomeu a nova que D. Leonor lhe recomendara espalhasse entre os amotinados; a nova da sua partida de Lisboa com el-rei. O mendicante sabia que o tanoeiro era de bofes lavados, e que, dentro de meia hora não só a ser visto no rossio pelo donzel, de quem naquele instante se afastara, mas também a achar-se envolvido em qualquer desordem que semelhante notícia pudesse produzir, atenta

a irritação dos ânimos. Além disso, a lembrança do arrepio dorsal que as últimas palavras de D. Leonor lhe tinham causado fazia-lhe quase desejar que o tanoeiro, encarregado (segundo percebera do fim da sua arenga) da comissão que, na taberna de Folco Taca, Diogo Lopes incumbira a Fernão Vasques, pudesse ainda desempenhá-la, atalhando a fuga de D. Leonor. Estas considerações, que lhe tinham passado rapidamente pelo espírito, e o ver que mestre Bartolomeu não levava jeito de concluir moveram-no a falar ao tanoeiro, que só o sentira quando ele lhe descarregara sobre o ombro a ponderosa, mas amigável, palmada.

— Com mil e quinhentos satanases! — exclamou mestre Bartolomeu, voltando-se e vendo ao pé de si o beguino. — Sabia que a mão da Santa Madre Igreja era pesada; mas não pensava que o fosse tanto! Que me quereis, Frei Roy?

— Dizer-vos que podeis mandar sair vossos esculcas da sua atalaia; porque poderiam chegar a curtir o Inverno aí, antes de verem el-rei chegar e passar para São Domingos.

— Frei Roy — replicou o tanoeiro, fazendo-se vermelho de cólera —, para interromper-me com uma das vossas bufonarias, não valia a pena de me aleijardes este ombro!

— Tomai como quiserdes as minhas palavras; chamai-me o que vos aprouver, bufão ou mentiroso, mas a verdade é que não será hoje que os populares falarão com el-rei.

— Pois quê, morreu dos feitiços da adúltera ou tornou-o invisível algum encantador seu amigo?!

— Nem uma coisa, nem outra: mas, com estes olhos de grande pecador (aqui o echacorvos fez o gesto habitual de cruzar as mãos sobre o peito) eu o vi sair para a banda da Porta da Cruz...

— Frei Roy, olhai que estes honrados cidadãos vos escutam e que o auto é muito grave para gastar truanices.

— Já disse, mestre Bartolomeu, que falo verdade. Pelo bento cercilho do santo padre vos juro que, hoje, el-rei não dormirá em Lisboa, segundo o jeito que lhe vejo. Ele cavalgava uma possante mula de caminho; noutra ia uma dona coberta com um longo véu: seguiam-no donzéis, falcoeiros e moços de monte. Ao passar, ainda lhe ouvi estas palavras: Olhai aqueles vilãos traidores como se juntavam: certamente prender-me quiseram, se lá fora!" Não pude perceber mais nada. Que mais, porém, é preciso? Deixastes fugir a preia: agora catai-lhe o rasto.

— Traidor é ele, que nos há mentido, como um pagão! — bradou o tanoeiro, sopesando o montante. — Mas que se guarde de outra vez trazer a Lisboa a adúltera! Rainha ou barregã, arrancar-lhe-emos os olhos. A arraia-miúda foi escarnida; mas não o será em vão. Que dizeis vós outros, honrados burgueses?

— Escarnidos, escarnidos! — respondeu com grande grito o tropel. — Mas, à fé, que nunca a adúltera será rainha de Portugal. Morra a comborça!

E no meio do alarido, as pontas das lanças e os largos ferros das almárcovas agitadas nos ares cintilavam aos raios do sol oriental, como vasto brasido.

— A São Domingos! — gritou mestre Bartolomeu. — Vamos, rapazes: já que não fazemos aqui nada, ao menos que o povo não seja por mais tempo burlado!

E, pondo o montante às costas, mestre Bartolomeu tomou por uma das ruas que davam para a banda de Frei Roy, que procurava retê-lo, ponderando que ainda poderia alcançar el-rei e fazê-lo retroceder. O tanoeiro, porém, não tinha valor para afrontar-se face a face com D. Fernando, e por isso fingiu não ouvir o beguino, que

dentro de alguns minutos se achou só no meio do terreiro calado e deserto.

Entretanto, junto a S. Domingos, se bem que a rixa começada entre os nobres partidários de D. Leonor e Fernão Vasques se houvesse desvanecido, a agitação dos populares, cujo número crescia continuamente, não tinha diminuído. Encostado a um dos pilares do alpendre, o alfaiate, ora lançava os olhos de revés para os senhores da Corte e conselho, que, esperando por el-rei, passeavam de um para outro lado, ora os espraiava por aquele mar de vultos humanos, que ele sabia poder agitar ou tornar imóveis com uma palavra ou com um simples aceno. Semelhante à hora que precede a procela, em que apenas se veem correr na atmosfera abafada os castelos encontrados de nuvens densas e negras, e se ouve o estourar dos trovões roufenhos e prolongados, aquela hora que então passava era espantosa e ameaçadora de estragos, sobretudo quando, após um rugido terrível do tigre popular, se fazia na praça, apinhada de gente, um silêncio ainda mais temeroso e tétrico.

Foi numa destas interrupções do motim que um pajem, saindo ao galope do lado da Corredora, veio apear-se junto do alpendre e,

tirando da cinta um pergaminho aberto, o entregou ao infante D. Dinis.

Este fitou os olhos na escritura, descorou subitamente e passou o pergaminho a Diogo Lopes, dizendo-lhe ao mesmo tempo em voz baixa:

— Estamos perdidos!

Diogo Lopes leu o conteúdo daquele escrito fatal e, no mesmo tom, respondeu ao infante:

— O caminho de salvação que nos resta é o de Santarém. Obediência e circunspeção!

O pergaminho passou rapidamente de mão em mão: os fidalgos, letrados e cavaleiros fizeram um círculo no meio do alpendre: e, depois de o haverem lido, fitaram uns nos outros olhos desassossegados. Todos receavam falar. O manhoso Pacheco foi o primeiro que se atreveu a isso, aproveitando habilmente a hesitação dos outros fidalgos e conselheiros.

— Vistes a ordem de el-rei. Como um dos mais velhos entre vós, direi meu parecer. Embora o risco seja grande, achando-nos

cercados de povo armado e furioso, o nosso dever é pôr a vida por obedecer ao nosso senhor el-rei.

— Mas — atalhou o doutor Gil d'Ocem, que por muito letrado e prudente, era ouvido como oráculo pelos cortesãos —, o caso é grave: o povo, se nos vir retirar, enviar-se-á a nós; se lhe dizemos o motivo da nossa partida, é capaz de desconcertos maiores que os já cometidos. A sua senhoria não devera ter-nos emprazado para este auto, se a sua intenção era não dar resposta aos populares.

Visivelmente, o doutor em leis e degredos" estava tomado de medo, no que não levava vantagem à maior parte dos outros membros do conselho real.

O conde de Barcelos guardava silêncio. Não podia conceber como D. Leonor o não avisara a tempo, e por isso preocupava-o a indignação, ignorando que a resolução da fuga fora tomada muito tarde. Na véspera ela aconselhara a el-rei que cedesse a tudo quanto o povo quisesse; porque, dissolvido o tumulto, fácil era chamar à Corte os senhores e cavaleiros de mais confiança, acompanhados de gente de guerra, com que seria sopitado qualquer motim, se os populares ousassem opor-se aceitara o conselho, que, se não era o mais leal, era, ao menos, o mais

seguro; mas as revelações do echacorvos, que o conde ignorava, tinham mudado, como o leitor viu, a situação do negócio.

A reflexão de Gil d'Ocem estava em todas as cabeças e por isso os cortesãos ficaram outra vez em silêncio, como buscando um expediente para sair daquele dificultoso passo. A incerteza, o despeito, o receito pintavam-se nos rostos demudados de muitos.

E as vagas do oceano que ameaçava tragá-los encapelavam-se aos pés deles: o povo, vendo os fidalgos erguidos, calados e em círculo, apinhava-se, cada vez mais basto, ao redor da alpendrada. Isto fazia crescer o temor, e o temor perturbara demais os ânimos para não poderem achar um expediente acertado.

Era por isso que esperava o astuto Pacheco.

— De um lado a cólera do povo: do outro os mandados de el-rei — disse, apertando com a mão a cara, o velho conselheiro de Afonso IV. — Resta-nos só um arbítrio.

— Dizei, dizei! — clamaram a um tempo todos, à exceção do conde de Barcelos, que fitou nele os olhos desconfiados.

— É necessário que anunciemos a nova da partida de el-rei e que sejamos os primeiros a afear este procedimento: é necessário

que vamos adiante da indignação dos peões. Depois, dir-lhes-emos que, burlando como eles, nada fazemos aqui. Então afastar-nos-emos sem custo e sairemos da cidade como pudermos, na certeza de que não serei eu o último, apesar de velho, que cruze as portas da Alcáçova de Santarém.

— Mas quem há de falar no nosso nome? — perguntou Gil d'Ocem.

— No vosso, mestre Gil das Leis! — interrompeu o conde de Barcelos. — Nem o receito das afrontas de alguns milhares de sandeus nem o da própria morte me obrigariam a cuspir maldições sobre o nome daquele a quem uma vez jurei preito e leal menagem.

— Vitam impendere vero nemo tenetur replicou Gil d'Ocem —, ou, como quem o dissesse por linguagem, ninguém é obrigado a deixar-se matar por amor da verdade ou do seu preito. Vós fazei o que vos aprouver.

À autoridade de um texto latino, trazido assim a ponto por tão insigne doutor, não havia resistir. Os fidalgos e conselheiros aprovaram, unanimemente, o alvitre de Diogo Lopes.

— Mas quem há de falar ao povo? — insistiu o mestre em leis, que não parecia excessivamente inclinado a incumbir-se dessa gloriosa tarefa.

— Eu, se assim o quiserdes — replicou imediatamente Diogo Lopes.

O manhoso cortesão vira claramente que a partida de el-rei transtornava todos os seus desenhos: todavia calculara num momento como, sem suscitar a indignação de Fernão Vasques, e por consequência alguma revelação perigosa, podia salvar-se e ao infante. Logo que el-rei se esquivara à influência do povo, de cuja ousadia o velho esperava tudo, o casamento de D. Leonor era inevitável, e ainda supondo, o que não era de esperar, que o tumulto fosse avante, e que Lisboa se rebelasse claramente contra D. Fernando, o resultado favorável a el-rei, senhor do resto de Portugal, que ao povo, desprovido naquela conjuntura dos principais meios com que poderia sustentar uma luta intestina. Assim, o alvitre que oferecera para a salvação dos cortesãos era só para se haver se salvar a si, conservando ao mesmo tempo a afeição dos cabeças da revolta, sem que o meio que para isso devia empregar o fizesse decair da graça de D. Fernando.

Para os cálculos de Diogo Lopes faltara, porém, um elemento: era a delação do beguino, e era justamente esta falta que os destruía todos. Assim é a política.

O "sacrifício" de Diogo Lopes foi geralmente recebido com aprovação e agradecimento. Então ele, saindo do círculo, aproximou-se 'de Fernão Vasques, que, de vez em quando, volvia os olhos inquietos para a pinha dos fidalgos e cavaleiros.

— Falhou a traça — disse o velho cortesão em voz sumida ao alfaiate. — El-rei acaba de sair da cidade.

Fernão Vasques recuou, e pôs-se a olhar espantado para Diogo Lopes, como quem não acreditava o que ouvia.

— O que vos digo é a verdade — continuou Pacheco. — Mas não afrouxar! El-rei de Castela é por nós, e bom número de fidalgos portugueses o são também. Mas: são por nós a maior parte dos que ora aqui vedes presentes. Conservai o bom ânimo do povo, fiai o resto de mim e... de quem vós sabeis.

Ao pronunciar estas palavras, Diogo Lopes lançou de relance os olhos para D. Dinis.

— Mas el-rei tomará por mulher, Dona Leonor — acudiu o alfaiate aterrado — , voltará a Lisboa com os seus cavaleiros e homens de armas, e, então, coitados de nós!

— Não temais: o matrimónio adúltero será condenado pelo papa. Vós já tereis ouvido contar o que sucedeu a el-rei Dom Sancho: a Dom Fernando pode suceder o mesmo. Também os fidalgos de Portugal têm homens de armas. Podeis estar certos de que não vos abandonaremos. Agora resta uma coisa. Coube-me a mim dar esta triste nova aos bons e leais burgueses, que tão ousadamente se opuseram à desonra da sua terra e do seu rei, e eu devo ser ouvido por eles. Mandai-lhes que façam silêncio.

Fernão Vasques obedeceu: o ruído dos populares, que não descontinuara durante esta cena, acalmou a um aceno do alfaiate.

Diogo Lopes fez então um largo discurso, com o qual não cansaremos os leitores, e cujo assunto fácil é de adivinhar. Misturando amargas repreensões contra D. Fernando com lisonjas aos populares, procurou persuadi-los, posto que indiretamente, de que toda a fidalguia estava cheia de indignação. Aludiu à resistência por armas que el-rei podia encontrar entre os ricos-homens de Portugal contra o seu casamento, e, no caso de vir este a cabo, a

probabilidade de ser anulado pelas censuras da Igreja. Enfim, sem nunca lhes dizer claramente que insistissem na revolta e tratassem, se fosse preciso, de defender a cidade contra o poder real, suscitou todas as ideias que podiam levar os populares a este excesso. Faltava o ponto dificultoso: o da partida dos fidalgos. Pacheco soube com a mesma ambiguidade dar esperança aos peões de que se encaminhavam para as suas alcaidarias e honras, com o louvável intento de se aperceberem em socorro dos burgueses de Lisboa, e com tal arte o fez que os senhores e cavaleiros que se achavam em S. Domingos, sem excetuar o próprio conde de Barcelos, não viram nas suas palavras senão uma feliz inspiração para os salvar da cólera da arraia-miúda.

Durante aquela larga arenga, esta guardara silêncio, interrompido a espaços por um desses burburinhos que são como os anúncios das erupções do vulcão popular. Pacheco, enfim, concluiu: mas o espetáculo que tinha diante de si fê-lo ficar imóvel por alguns momentos, e estes foram terríveis. Aqueles centenares de olhos avermelhados, cintilantes de furor, cravados nele e nos outros fidalgos; aquelas bocas semi-abertas, prestes a prorromper em brados de morte, eram como um pesadelo diabólico, como uma

vertigem de loucura. Os populares pareciam ainda escutá-lo, e não puderam acreditar a deslealdade de D. Fernando de Portugal.

Os fidalgos aproveitaram esse instante de torpor moral que precedia a procela. Desceram da alpendrada e, montando nas suas possantes mulas, encaminharam-se vagarosamente para a banda da Corredora. No meio da cavalgada, e rodeado dos cavaleiros mais benquistos do povo, ia o conde de Barcelos, e Diogo Lopes com os seus pajens fechava o séquito. Se houvessem atravessado a praça, o conde teria corrido grande risco; porque, ao dobrar o ângulo do mosteiro, já os doestos grosseiros e violentos voavam contra ele do meio do povo apinhado, e, até, dois virotes de besta pareceu sibilarem por cima da sua cabeça. Mas, apertando os acicates, os cavaleiros seguiram ao longo da Corredora, enquanto Diogo Lopes, vitoriado pelas turbas, a quem com sorrisos retribuía aquelas mostras de afeto, obstava a que as ondas populares rodeassem o diminuto número de cortesãos, alguns dos quais tinham fundados motivos para recear a irritação desses animais ferozes, exaltados pela fuga de el-rei.

A cavalgada havia desaparecido, quando um troço de besteiros e peões desembocou do lado da Rua Nova. Eram mestre Bartolomeu

e a sua gente, que vinham confirmar a nova dada por Diogo Lopes Pacheco.

Mas as palavras que Frei Roy dissera ter ouvido proferir a el-rei, lançadas entre os amotinados como um facho sobre montão de lenha por onde lavra há muito fogo oculto, levaram o tumulto a ponto medonho. As afrontas, que até aí quase só se encaminhavam contra Leonor Teles e os seus parentes, voltaram-se contra D. Fernando. As maldições, as pragas, os nomes de traidor e covarde juntavam-se às mais violentas ameaças. Uns juravam que nunca mais ele entraria em Lisboa; outros propunham que se lançasse fogo aos paços reais. Debalde Fernão Vasques trabalhava por aquietá-los; nem já escutavam o seu ídolo. Furiosos, espalhavam-se pelas ruas, que atroavam com gritos, brandindo as armas; e por certo que, se neste momento D. Fernando lhes tivesse aparecido, não teriam, talvez, respeitado a vida do filho do seu tão querido D. Pedro I, o mais popular de todos os nossos reis, chamados da primeira dinastia.

Este motim sem objeto, sem resistência, e sem resultado, acalmou nesse mesmo dia. Ao anoitecer, a cidade tinha caído no seu habitual silêncio, e, pouco a pouco, os fidalgos e cavaleiros, atravessando as

Portas da Cruz, seguiam caminho de Santarém. O sistema militar dos antigos partos dera a vitória a el-rei: ele vencera fugindo!

O povo adormeceu: os cabeças da revolta estavam irremediavelmente perdidos.

VI

UMA BARREGÃ RAINHA

O Douro é bem carregado e triste! A sua corrente rápida, como que angustiada pelos agudos e escarpados rochedos que a comprimem, volve águas turvas e mal-assombradas. Nas suas ribas fragosas raras vezes podeis saudar um sol puro ao romper da alvorada, porque o rio cobre-se durante a noite com o seu manto de névoas, e, através desse manto, a atmosfera embaciada faz cair sobre a vossa cabeça os raios do sol semimortos, quase como um frio reflexo de lua ou como a luz sem calor de tocha distante. É depois de alto dia que esse ambiente, semelhante ao que rodeava os guerreiros de Ossian, vos desoprime os pulmões, onde muitas vezes tem depositado já os germes da morte. Então, se, trepando a um pináculo das ribas, espraiais os olhos para a banda do sertão, lá vedes uma como serpente imensa e alvacenta, que se enrosca por entre as montanhas, e cujo colo está por baixo dos vossos pés. É o nevoeiro que se acama e dissolve sobre as águas que o geraram. O

horizonte, até aí turvo, limitado, indistinto, expande-se ao longe: recortam-nos os cimos franjados das montanhas, que parecem engastadas na cortina azul do céu, e a terra, a perder de vista, afigura-se-nos como um mar de verdura violentamente agitado; porque em desenhar as paisagens do Douro a natureza empregou um pincel semelhante ao de Miguel Ângelo: foi robusta, solene e profunda.

Como sobre um circo convertido em naumaquia, o Porto ergue-se em anfiteatro sobre o esteiro do Douro e reclina-se no seu leito de granito. Guardador de três províncias e tendo nas mãos as chaves dos haveres delas, o seu aspeto é severo e altivo, como o de mordomo de casa abastada. Mas não o julgueis antes de o tratar familiarmente. Não façais cabedal de certo modo áspero e rude que lhe haveis de notar; trazei-o à prova, e achar-lhe-eis um coração bom, generoso e leal. Rudeza e virtude são muitas vezes companheiras; e entre nós, degenerados netos do velho Portugal, talvez seja ele quem guarda ainda maior porção da desbaratada herança do antigo caráter português no que tinha bom, que era muito, e no que tinha mau, que não passava de algumas demasias de orgulho.

Nos fins do século décimo quarto, o Porto ia ainda longe da sorte que o aguardava. O fermento da sua futura grandeza estava no caráter dos seus filhos, na sua situação e nas mudanças políticas e industriais que depois sobrevieram em Portugal. Posto que nobre e lembrado como origem do nome desta linhagem portuguesa, os seus destinos eram humildes, comparados com os da teocrática Braga, com os da cavaleirosa Coimbra, com os de Santarém, a cortesã, com os de Évora, a romana e monumental, com os de Lisboa, a mercadora, guerreira e turbulenta. Quem o visse, coroado da sua catedral, semiárabe, semigótica, em vez de alcácer ameiado; sotoposto, em vez de o ser a uma torre de menagem, aos dois campanários lisos, quadrangulares e maciços, tão diferentes dos campanários dos outros povos cristãos, talvez porque entre nós os arquitetos árabes quiseram deixar as almádemas das mesquitas estampadas, como ferrete da antiga servidão, na face do templo dos nazarenos; quem assim visse o "burgo" episcopal do Porto, pendurado à roda da igreja e defendido, antes por anátemas sacerdotais que por engenhos de guerra, mal pensaria que desse burgo submisso nasceria um empório de comércio, onde, dentro de cinco séculos, mais que em nenhuma outra povoação do Reino, a classe, então fraca e não definida, a que chamavam burgueses,

teria a consciência da sua força e dos seus direitos e daria a Portugal exemplos singulares de amor tenaz de independência e de liberdade.

A populosa e vasta cidade do Porto, que hoje se estende por mais de uma légua, desde o Seminário até além de Miragaia ou, antes, até à Foz, pela margem direita do rio, entranhando-se amplamente para o sertão, mostrava ainda nos fins do século décimo quarto os elementos distintos de que se compôs. Ao oriente, o "burgo do bispo", edificado pelo pendor do monte da Sé, vinha morre nas hortas que cobriam todo o vale onde hoje estão lançadas a Praça de D. Pedro e as Ruas das Flores e de S. João e que o separavam dos Mosteiros de S. Domingos e de S. Francisco. Do poente, a povoação de Miragaia, assentada ao redor da Ermida de S. Pedro, trepava já para o lado do Olival e vinha entestar pelo norte com o couto de Cedofeita e pelo oriente com a vila ou burgo episcopal. A Igreja, o Município e a Monarquia, entre esses limites pelejaram por séculos as suas batalhas de predomínio, até que triunfou a Coroa. Então a linha que dividia as três povoações desapareceu rapidamente debaixo dos fundamentos dos templos e dos palácios. O Porto constituiu-se a exemplo da unidade monárquica.

Era neste burgo eclesiástico, nesta cidade nascente, que por formoso dia de Janeiro da era de César de 1410 (1372) se viam varridas e cobertas de espadanas e flores as estreitas e tortuosas ruas que pela encosta do monte guiavam ao burgo primitivo fundado ou restaurado pelos Gascões, se não mentem memórias remotas. Na Rua do Souto, já assim chamada, talvez pela vizinhança de algum bosque de castanheiros, como principal entrada da povoação, andavam as danças judengas e folias mouriscas com músicas e trebelhos ou ogos, por entre o povo vestido de festa, o que era indício evidente de que se esperava el-rei, cuja vinda a qualquer povoação era o único motivo legal para fazer dançar e foliar judeus e mouros, que, decerto, não folgavam nada com estes forçados e dispendiosos sinais de contentamento público.

Com efeito, uma numerosa e esplêndida cavalgada vinha da banda do bailado de Leça. El-rei D. Fernando juntara em Santarém os seus ricos-homens e conselheiros e, amestrado por Leonor Teles na arte de dissimular, recebera com todas as mostras de boa-vontade o infante D. Dinis e Diogo Lopes Pacheco, ao qual, para maior disfarce, não escasseara mercês. Depois, em folgares e caçadas vagueara pelo Reino com D. Leonor, até que em Eixo fizera um como manifesto da resolução que tomara de a receber por mulher, o

que neste dia cumprira na antiga igreja daquela célebre comenda dos Hospitaleiros. Era, pois, para celebrar esse matrimónio adúltero, agourado pelas maldições populares, que o bispo D. Afonso, menos escrupuloso que o povo de Lisboa acerca de adultérios, vestia de festa o seu muito canónico burgo. (*)

[(*) Este bispo D. Afonso era ainda o mesmo a quem el-rei D. Pedro, dizem, quisera açoitar pela sua própria mão em consequência de ele haver cometido adultério (acto trivialíssimo no clero daquele tempo) com a mulher de um honrado cidadão. Uma história miudamente narrada por Fernão Lopes na crónica daquele rei.]

A cavalgada que se vira descer ao longo do vale já atravessava o rio da vila pela ponte do Souto e encaminhava-se para uma antiga porta da povoação primitiva, porta conhecida ainda hoje, como então, pelo nome de Vandoma. Ao lado direito de el-rei ia D. Leonor, a rainha de Portugal: ele montando num cavalo de guerra; ela num palafrém branco, levado de rédea desde a entrada da ponte pelo infante D. João, que familiarmente falava e ria com a formosa cavaleira. Da banda esquerda, o bispo D. Afonso, curvado e enfraquecido pela velhice, oscilava e fazia cortesias involuntárias a

cada passada da mansíssima e veneranda mula episcopal. Junto ao velho prelado, o infante D. Dinis caminhava em silêncio, e no aspeto melancólico do mancebo divisava-se quão profunda tristeza lhe consumia o coração, vendo-se como atado ao carro triunfal da mulher que pouco a pouco se convertera na sua irreconciliável inimiga. Após estas principais personagens, via-se uma grande multidão de cavaleiros, clérigos, cortesãos, conselheiros, juízes da Corte; companhia esplêndida, por entre a qual brilhava o ouro, a prata e as variadas cores dos trajos de festa, que sobressaíam no chão negro das vestiduras roçagantes dos magistrados e clérigos. Adiante de el-rei, as danças dos mouros e judeus volteavam rápidas, ao som da viola ou alaúde árabe, das trombetas e das soalhas. Segundo o antigo uso, seguiam-se às danças coros de donzelas burguesas, que celebravam com os seus cantos o amor e ventura dos noivos.

Mas esse canto tinha o quer que era triste na toada. Triste era, também, o aspeto dos populares, que, sem um só grito de regozijo, se apinhavam para ver passar aquele préstito real. Mil olhos se cravavam no infante D. Dinis, cujo rosto melancólico revelava que os seus pensamentos eram acordes com os do povo, que por toda a parte não via neste consórcio senão um crime e uma fonte de

desventuras. Os cortesãos, porém, fingiam não perceber o que se passava à roda deles e pareciam trasbordar de alegria. Muitos eram daqueles que mais contrários tinham sido aos amores de el-rei, mas, que, vendo, enfim, D. Leonor rainha, voltavam-se para o sol que nascia e calculavam já quantas terras e que soma de direitos reais lhes poderia render da parte de um rei pródigo a sua mudança de opinião.

Entre estes não se via o tenaz e astuto Pacheco. Habituado ao trato da Corte por largos anos, experimentado em todos os enredos dos paços, hábil em traduzir sorrisos e gestos, palavras avulsas e discursos fingidos, não tardara em perceber que as mercês e agrados de el-rei e de D. Leonor encobriam intentos de irrevogável vingança. Conhecendo que a sedição popular fora inútil e que, ainda renovada com mais fúria, não poderia resistir às armas de D. Fernando, havia-se afastado da Corte e, posto que só nos fins desse ano ele passasse a servir o seu antigo protetor e amigo, D. Henrique de Castela, buscara entretanto esquivar-se ao ódio da nova rainha, conservando ao mesmo tempo a boa opinião entre o vulgo.

Abandonado assim do seu guia, o infante D. Dinis sofrera resignado um sucesso que não podia embargar; mas, digno filho de D. Pedro, conservara intacta a sua má vontade a D. Leonor. Desamparado dos seus parciais, vendo, se não traída, ao menos quase morta e inativa a aliança de Pacheco, e, para maior desalento, seu irmão mais velho, o infante D. João, ligado com essa mulher, da qual este príncipe mal pensava então lhe viria a última ruína; no meio de tantos desenganos, o infante, a princípio tímido e irresoluto, sentira crescer a ousadia com os perigos; sentira girar-lhe nas veias o sangue paterno. Obrigado a seguir a Corte, nunca D. Leonor achara um sorriso nos seus lábios; nunca o vira conter diante dela um só sinal de desprezo. Assim, a cólera de el-rei contra seu irmão havia chegado ao maior auge, e os cálculos de fria e paciente vingança estavam resolvidos no ânimo de Leonor Teles.

A cavalgada tinha subido a encosta, atravessado a Porta de Vandoma, que em parte ainda subsiste, e passado em frente da Sé, junto da qual se dilatavam os paços episcopais. Aí as danças e folias pararam e fizeram por um momento silêncio. Então o infante D. João, tomando nos braços a formosa rainha, apeou-se do palafrém, e, após ela, el-rei saltou ligeiro do seu fogoso e agigantando ginete. Dentro em pouco toda a comitiva tinha

desaparecido no profundo portal dos paços, e os donzéis conduziam os elegantes cavalos, as mulas inquietas e os mansos palafréns para as vastas e bem providas cavalariças do muito devoto e poderoso prelado da antiga Festabole. (*o Porto, nome segundo a divisão dos bispados atribuída ao rei Godo Vamba*)

O aposento principal dos paços, quadra vasta e grandiosa, estava de antemão ornado para receber os hóspedes reais do velho bispo D. Afonso. Um trono com dois assentos de espaldas indicava que a ele ia subir, também, uma rainha. D. Leonor entrou seguida das cuvilheiras e donzelas da sua câmara; el-rei de todos os principais cavaleiros. Viam-se entre estes o alferes-mor Airas Gomes da Silva, ancião venerável, que fora aio do rei, quando infante, o orgulhoso mordomo-mor D. João Afonso Telo, Gil Vasques de Resende, aio do infante D. Dinis, o prior da Ordem do Hospital, Álvaro Gonçalves Pereira, e muitos outros fidalgos que ou seguiam a Corte ou tinham vindo assistir às bodas reais.

Guiada por D. Fernando, Leonor Teles subiu com passo firme os degraus do trono. Como o navegante, que, afrontando temporais desfeitos por mares incógnitos e aprocelados e chegando ao porto longínquo, quase que não crê pisar a terra dos seus desejos, assim

esta mulher ambiciosa e audaz parecia duvidar da realidade da sua elevação. A alma sorria-lhe a mil esperanças; a vida trasbordava nela. ao seu lado um rei, aos seus pés um reino! Era mais que embriaguez; era delírio. Ela sentia um novo afeto, um como desejo de perdão aos seus inimigos! Tremeu de si mesma e, convocando todas as forças do coração, salvou a sua ferocidade hipócrita, que parecia querer abandoná-la. Era severo o seu aspeto quando esses pensamentos estranhos lhe passaram pelo espírito; mas o sorriso tornou a espraiar-se-lhe no rosto quando o instinto de tigre pôde fazê-la triunfar desse momento em que a generosidade costuma acometer com violência as almas vingativas e ferozes, o momento em que se realiza a suma ventura por largo tempo sonhada.

Do alto do trono e em pé, D. Fernando estendeu a mão: o tropel de cortesãos e cavaleiros, de donas e donzelas formaram aos lados da espaçosa sala fileiras esplêndidas, imóveis e silenciosas: e el-rei volveu olhar lentos para um e outro lado e disse:

— Ricos-homens, infanções e cavaleiros de Portugal, um dos mais nobres sacramentos que Deus neste mundo ordenou foi o matrimónio: como para os outros homens, para os reis se instituiu ele; porque por ele as coroas se perpetuam na linhagem real. É por

isso que eu desposei hoje a muito ilustre Dona Leonor, filha de Dom Afonso Telo, descendente dos antigos reis e ligada com os mais nobres de entre vós pelo divido do sangue. Assim, a rainha de Portugal será mais um laço que vos una a mim como parentes, que de hoje avante sois meus. Leais, como tendes sido ao vosso rei pelo preito que lhe fizestes, muito mais o sereis por este novo título. Em que pês a traidores, Dona Leonor Teles é minha mulher! Fidalgos portugueses, beijai a mão à vossa rainha.

O velho alferes-mor, Airas Gomes, aproximou-se então do trono, à voz do seu moço pupilo; ajoelhou e beijou à mão a D. Leonor; mas o olhar que lançou para el-rei era como o de pedagogo que de mau humor se acomoda ao capricho infantil de um príncipe. Ao volver de olhos do ancião, D. Fernando corou e voltou o rosto.

O infante D. João, porém, dobrando o joelho aos pés da formosa rainha, parecia trasbordar de alegria. Contemplando-o, Leonor Teles deixou assomar aos lábios um daqueles ambíguos e quase impercetíveis sorrisos que, vindos dela, sempre tinham uma significação profunda. Porventura que no infante D. João ela já não via mais que o precursor da humilhação de D. Dinis, do seu capital inimigo.

Após o infante, os fidalgos vieram sucessivamente curvar-se ante D. Leonor. Boa parte deles era como capitães vencidos seguindo ao capitólio um triunfador romano. Podia com efeito dizer-se que, mau grado desses que se rojavam aos seus pés, ela conquistara o trono.

Toda a comprida fileira de nobres oficiais da Coroa tinha passado e ajoelhado no estrado real. Faltava um; e era este, que, menosprezando tantas caras ilustres por valor ou ciência, por fidalguia ou riqueza, inclinadas perante ela, a mulher orgulhosa e implacável esperava pensando no momento em que o mancebo ainda impúbere, sem renome, sem poderio, célebre só pelo seu berço e pelo desgraçado drama da morte de D. Inês, viesse tributar homenagem à que representava uma papel análogo ao daquela desventurada, salvo na sinceridade do amor e na inocência da vida.

Mas esse para quem D. Leonor mais de uma vez volvera rapidamente os olhos considerava com os braços cruzados aquele espetáculo em perfeita imobilidade, de que unicamente saíra quando Gil Vasques de Resende, que estava ao seu lado, se afastara, caminhando para os degraus do estrado. O mancebo apertara a mão do idoso aio, trémula da idade, com a mão ainda mais trémula de cólera. Na conta de pai o tinha; venerava-o como

filho, e a ideia de o ver prostituir os seus cabelos brancos aos pés de uma adúltera o levara a esse movimento involuntário; involuntário, porque ele naquela postura e naquela hora não fazia senão coligir todas as forças da alma para salvar a honra do nome dos seus avós, do nome dos reis portugueses, esquecida por um dos seus irmãos e, talvez, mercadejada por outro em troco de valimento infame. O velho entendeu o que significava este convulso apertar de mão: duas lágrimas lhe caíram pelas faces; mas obedeceu a el-rei.

Só faltava D. Dinis, que continuara a ficar imóvel. Houve um momento de silêncio sepulcral na vasta sala, e este silêncio era para todos indefinido, mas terrível.

D. Fernando pôs-se a olhar fito para seu irmão, enleado, ao que parecia, em pensar profundo.

Dentro de pouco, poder-se-ia crer que todos os fidalgos que povoavam aquela vasta quadra estavam convertidos em pedra semelhante à das colunas góticas que sustinham as voltas pontiagudas do teto, se não fosse o respirar ansiado e rápido que lhes fazia ranger sobre os peitos e ombros os seus ricos briais.(*)

[(*) O brial era uma espécie de camisola que os cavaleiros vestiam sobre as armas e por cima da qual apertavam o cinto da espada.]

Os lábios de el-rei tremeram, como a superfície do mar encrespada pela leve e repentina aragem que precede imediatamente o tufão. Depois, entreabrindo-os, com os dentes cerrados, murmurou:

— Infante Dom Dinis, beijai a mão à vossa rainha.

Foi um só o volver de todos os olhos para o moço infante: o sussurro das respirações cessara.

D. Dinis não respondeu; encaminhou-se para o meio do aposento: parou em frente do trono e, olhando em redor de si, perguntou com sorriso de amargo escárnio:

— Onde está aqui a rainha de Portugal?

— Infante Dom Dinis! — disse el-rei, cujo rosto o furor mal reprimido demudara. — Sofredor e bom irmão tenho sido por largo tempo: não queirais que seja hoje só juiz inflexível do filho querido daquele que também me gerou! Infante Dom Dinis!, beijai a mão da muito nobre e virtuosa Dona Leonor Teles, como fez vosso irmãos mais velho, de quem deveríeis haver vergonha.

— Nunca um neto de Dom Afonso do Salado — replicou o infante, com aparente tranquilidade — beijará a mão da que el-rei seu irmão e senhor que chamar rainha. Nunca Dom Dinis de Portugal beijará a mão da mulher de João Lourenço da Cunha. Primeiro ela descerá desse trono e virá ajoelhar aos meus pés; que de reis venho eu, não ela.

— De joelhos, dom traidor! — gritou D. Fernando, pondo-se em pé e descendo dois degraus do estrado. — De joelhos, vil parceiro de revés sandeus! Se a taberna de Folco Taca vos ouviu fazer preito infame aos peões de Lisboa, quebrar-lo-eis diante do vosso rei: quebra-lo-eis, que vo-lo digo eu!

D. Dinis viu então que todos os seus passos estavam descobertos: achava-se, por isso, à borda de um abismo. Hesitou um momento; mas lembrou-se de que era neto do herói do Salado e precipitou-se na voragem.

— Vil é a mulher barregã e adúltera, e essa é ambas as coisas. Traidor seria um rei de Portugal que assentasse o adultério no trono, e vós o fizestes, rei desonrado e maldito do vosso Deus e do vosso povo! Quem neste lugar é o vil e o traidor?

O infante, acabando de proferir estas palavras, abaixou a cabeça e deixou descair os braços. Ele bem sabia que se seguia o morrer.

Apenas el-rei se levantara, D. Leonor, cujas faces se tinham tingido da amarelidão da morte, tinha-se erguido também. Naquele rosto, semelhante ao de uma estátua de sepulcro, apenas se conhecia o viver no profundar, cada vez maior, das duas rugas frontais que se lhe vinham juntar entre os sobrolhos.

Ouvindo as derradeiras e fulminantes palavras de D. Dinis, el-rei soltara um destes rugidos de desesperação e cólera humanas que nem o rugido da mais brava fera pode igualar; grito de ventríloquo, que é como o estridor de todas as fibras do coração que se despedaçam a um tempo; gemido como o do rodado ao primeiro giro do instrumento do suplício: rugido, grito, gemido, conglobados num só hiato, fundidos num som único pela raiva, pelo ódio, pela angústia — brado que só terá eco pleno no bramido que há de soltar o réprobo quando no derradeiro juízo o julgador dos mundos lhe disser: "Para ti as penas eternas."

O brado de D. Fernando fizera tremer os mais esforçados cavaleiros que se achavam presentes: o movimento que o seguiu fez gelar o sangue em todas as veias.

Como um relâmpago ele tinha arrancado da cinta o agudo bulhão e, com os olhos desvairados, encaminhava-se para o meio da sala, onde seu irmão o esperava imóvel, com a mão sobre o peito, como se dissesse: "Aqui!"

Mas D. Fernando não pôde oferecer nas aras do adultério um fratricídio; uma barreira se tinha levantado aos seus pés. Era um velho de cara calva e de longas melenas brancas e desbastadas pelos anos: era aquele que lhe fora mais que pai e que ele respeitava mais que a memória deste; era o seu alferes-mor, o venerável Airas Gomes, que, ajoelhado, lhe clamava com vozes truncadas de soluços e lágrimas:

— Senhor!, que é vosso irmão!

— É um covarde traidor, que deve morrer! Irmão!? Mentes, velho! Ele já o não é!

À palavra "mentes!" um relâmpado de vermelhidão passou pelas faces cavadas do antigo cavaleiro: abaixou os olhos e correu-os pela espada. Fora esta a primeira vez que ela ficara na bainha depois de tão funda afronta. Mas aquele era o momento dos grandes sacrifícios. Airas Gomes replicou, alimpando as lágrimas:

— Nunca vos menti, senhor, nem quando éreis na puerícia, nem depois que sois meu rei. Sabei-lo. Criminoso ou inocente, Dom Dinis é filho do meu bom senhor Dom Pedro. ao vosso pai servi com lealdade; por vós já me andou arriscada a vida. Hoje tendes por defensores todos os cavaleiros de Portugal, ele é que não tem, talvez, um só. Senhor rei, ficai certo de que, para assassinar vosso irmão, vos é mister passar por cima do cadáver do vosso segundo pai.

Atalhado assim o primeiro ímpeto, o caráter do moço monarca revelou-se inteiro neste momento. Comoveu-o a postura do venerando ancião, que pela primeira vez via aos seus pés, e, com a irresolução pintada nos olhos, fitou-os em Leonor Teles.

Por uma reflexão instantânea, a hiena previra que o sangue derramado pelo fratricida não cairia somente sobre a cabeça deste, mas também sobre a dela. Naquele rosto, então semelhante ao de uma estátua, D. Fernando não pôde ler a sentença do infante, bem que lá no fundo do coração ela estivesse escrita com sangue.

Entretanto os cortesãos, que no furor rompente de el-rei tinham ficado estupefactos e quietos, vendo-o vacilar, rodearam o infante. O velho Gil Vasques de Resende, que ia interpor-se, também, entre D.

Dinis e el-rei, quando este arrancara o punhal, parara ao ver a heroica resolução do alferes-mor; mas, ao hesitar de D. Fernando, correra a abraçar-se com o seu pupilo, que, no meio de tantos ânimos agitados por paixões diversas, era quem unicamente parecia tranquilo e alheio ao terror que se pintava em todos os rostos.

Finalmente, el-rei meteu vagarosamente o punhal no cinto e, com voz pausada, mas tremula e presa, disse:

— Que esse mal-aventurado sai de ante mim.

O tom em que estas poucas palavras foram proferidas fez vergar o ânimo de D. Dinis, cujo coração, antes disso, parecera de bronze. Os olhos arrasaram-se-lhe de água. Sentira que, até então, era uma cólera cega, repentina, insensata, que o ameaçava: agora, porém, no modo e na expressão de D. Fernando vira claramente que era um amor de irmão que expirava.

Com a cabeça pendida em cima do ombro de Gil Vasques de Resende, saiu do aposento.

Era, talvez, o velho o único amigo que lhe restava no mundo.

D. Leonor levou ambas as mãos ao rosto, e via-se-lhe arquejar o colo formoso, agitado por mal contido suspiro.

"Coração compadecido e generoso!", pensou lá consigo o alferes-mor, que havia pouco a tratara de perto pela primeira vez.

"Hora maldita e negra, em que perdi metade da minha tão espera vingança", pensava Leonor Teles, e o choro rebentou-lhe com violência.

— Não te aflijas, Leonor — disse D. Fernando, apertando-a ao peito. — Que nunca mais eu o veja, e viva, se puder, em paz!

Mas as lágrimas correram ainda com mais abundância e amargura.

O resto daquele dia foi triste: triste o banquete e o sarau. A atmosfera em que respirava a nova rainha tinha o que quer que fosse pesado e mortal, que resfriava todos os corações.

À meia-noite, por um claro luar de céu limpo de Inverno, uma barca subia com dificuldade a corrente rápida do Douro: à popa viam-se reluzir, nas toucas e mantos negros de dois cavaleiros que aí iam sentados, as orlas e bordaduras de ouro e prata: um dos remeiros cantava uma cantiga melancólica, a que respondia o companheiro, e dizia assim:

"Mortos me são padre e madre:

Eu tamanho fiquei.

Irmãos meus mal me quiseram.

Eu mal não lhes quererei.

Vou-me correr esse mundo;

Sabe Deus se o correrei!

A alma deixo-a cá presa;

O corpo só levarei.

De meus avós nos solares

Nasci: dois dias passei:

Meus irmãos, nada vos tenho

Senão o nome que herdei."

Esta cantiga, cuja toada monótona repercutia nos rochedos aprumados das margens, foi interrompida por doloroso suspiro. Um

dos cavaleiros o dera.

Os remeiros calaram-se: arrancaram da voga com mais ânsia e, depois, continuaram:

"Se fui rico, ora sou pobre;

Choro hoje, se já folguei;

Vilas troquei por desvios;

Muito fui: nada serei.

Sem padre, madre ou irmãos

A quem me socorrerei?

A ti, meu Senhor Jesus:

Senhor Jesus, me acorrei!"

Um gemido mais angustiado, que saiu envolto em soluços, cortou de novo a cantiga: era do mesmo que já a interrompera. O seu

companheiro bradou aos barqueiros, com a voz tremula e cansada de um ancião:

— Calai-vos aí com as vossas trovas malditas!

Os remeiros vogaram em silêncio; mas pensaram lá consigo que muito danadas deviam ser as almas de cavaleiros que assim maldiziam tão devoto trovar.

Repararam, porém, que, dos dois desconhecidos, o que suspirava e gemera lançara os braços ao pescoço do que falara, e que este, afagando-o, lhe dizia:

— Quando todos, senhor, vos abandonarem não vos abandonarei eu; que o devo ao amor com que vos criei e à esclarecida e santa memória do vosso virtuoso pai.

Então os barqueiros, bem que rudes, desconfiaram de que podia muito bem ser que não fossem duas almas danadas aquelas, mas sim mal-aventuradas.

VII

JURAMENTO, PAGAMENTO

Passara mais de um ano depois do casamento de el-rei. Este casamento, que explicava o repúdio da infanta de Castela, não bastara, em verdade, para acender a guerra entre D. Henrique e D. Fernando, estando já de algum modo previsto nos capítulos adicionais do Tratado de Alcoutim. Mas, como se o desgosto que semelhante ofensa devia gerar no ânimo do rei castelhano não fosse assaz forte para servir de fermente a futuras guerras, D. Fernando suscitara novos motivos de sérias desavenças, que não particularizaremos aqui, por não virem ao nosso intento. Baste saber-se que, depois de inúteis mensagens e queixas, D. Henrique de Castela, entrando subitamente em Portugal e tomando muitas terras fortificadas, atravessara rapidamente a Beira, passara junto aos muros de Coimbra, onde se achava D. Leonor Teles, e, vindo oferecer batalha a el-rei D. Fernando, que estava em Santarém e que não aceitou o combate, se encaminhara para Lisboa, cujos

habitantes desapercebidos apenas tivera tempo de se acolherem aos antigos muros do tempo de D. Afonso III, de cujas torres e adarves viram os Castelhanos saquearem e queimarem o bairro mais povoado e rico da cidade, o Arrabalde, sem lhes poderem pôr obstáculo. No meio deste apertado cerco, desamparados de el-rei, que apenas lhes enviara alguns dos seus cavaleiros, os moradores de Lisboa não tinham desanimado. Com vária fortuna, tinham resistido aos cometimentos dos Castelhanos e, o que mais duro era de sofrer, à fome, à sede e, até, ao receio de traições dos seus naturais. Finalmente, D. Fernando fizera uma paz vergonhosa, depois de ter suscitado uma injusta guerra, e Lisboa viu afastar dos seus muros o exército de el-rei de Castela, que a tivera sitiada durante quase dois meses.

Era nos fins de Mio de 1373, pela volta da tarde de um formoso dia de Primavera. O ar estava tépido e o céu limpo. Pelos campos e vales via-se verdejar a relva; a madressilva e as rosas bravias, enredadas pelos valados, embalsamavam a atmosfera. Mas estes eram os únicos sinais que, nos arredores de Lisboa, revelavam aquela estação suave no seu clima suavíssimo. Tudo o mais contrastava horrivelmente com eles. Os extensos e bastos olivedos e azinhais que nessas eras a rodeavam jaziam aqui e ali por terra,

como se por lá tivesse passado fouce gigante meneada por braço de ferro. Pelos outeirinhos, coroados pouco havia de vinhas frondosas, viam-se espalhadas as videiras cobertas de folhas ressecadas antes de tempo ou enegrecidas pelo fogo, assemelhando-se a gândara coberta de urzes que foi desbravada por fins do Outono. As vastas hortas que se derramavam por Valverde, trilhadas pelos pés dos cavalos, estavam incultas e abandonadas. Mas, sobre este mal-assombrado e triste chão do painel, mais melancólica e aflitiva avultava ainda a figura principal, a cidade.

O populoso bairro chamado o Arrabalde, onde, dantes, era contínuo o ruído discorde de trato imenso, achava-se convertido em montão de ruínas. Para os lados do sul e poente, não se viam, desde os antigos muros (cujo perímetro pouco mais abrangia do que o castelo e o bairro a que hoje damos geralmente o nome de Alfama), senão edifícios queimados, ruas entulhadas, praças desfeitas, vestígios de sangue, peças de armadura aboladas ou falsadas, hastilhas e ferros partidos de virotes, de lanças e de espadas, e, aqui e acolá, cadáveres fétidos, não só de cavalos, mas também de homens, cujas carnes, meio devoradas pelos cães ou pelo tempo, lhes deixavam branquejar as ossadas. Sobre os entulhos apareciam

como fantasmas os servos mouros, revolvendo as pedras derrocadas, em busca de alguma preciosidade que tivesse escapado às chamas e ao inimigo; e junto às paredes negras da sinagoga os mercadores judeus, olhando para o seu bairro assolado, depenavam as barbas à roda dos rabis, que recitavam em tom de choro os versículos hebraicos dos trenos.

Por meio deste vasto quadro de assolação rompia uma numerosa companhia de cavaleiros e damas, de donas e escudeiros, de donzelas e pajens brilhante cavalgada que descia da banda de Santo Antão para S. Domingos e tomava pela Corredoura para a Porta do Ferro. A formosura e o luxo das mulheres, as figuras atléticas e os rostos varonis dos cavaleiros, o brunido das armas, o loução dos trajos, o rico dos arreios, tudo, enfim, dava clara mostra de que naquela cavalgada vinha a mais nobre gente de Portugal. Os risos das damas, os ditos galantes e agudos dos fidalgos, o rinchar alegre dos corcéis briosos e dos delicados palafréns, as doudices dos donzéis, que, ora correndo à rédea solta, ora sofreando os cavalos, ao perpassar pelas mulas pacíficas dos cortesãos letrados, os faziam vacilar e debruçar sobre os arções, o bater das asas dos nebris e gerifaltes empoleirados nos punhos dos falcoeiros, o latir dos galgos e alãos, que, atrelados, forcejavam por se atirarem

acima daqueles centenares de habitações derrocadas, de onde saía de vez em quando uma exalação de carniça: esse rir, este folgar, este ruído de contentamento, este matiz de reflexos metálicos, de cores variegadas, passando, como turbilhão, através daquele silêncio sepulcral, parecia rasgar o véu de tristeza que cobria a vasta área da cidade destruída e revocá-la a uma nova existência.

Mas o povo, apesar disso, continuava a estar triste.

A cavalgada chegou ao terreiro da Sé. Um engenho de arremessar pedras estava assentado no meio dele, e os grossos madeiros de que era construído viam-se ainda manchados de rastos de sangue. Uma dama que vinha na frente da comitiva parou: um cavaleiro de boa idade e gentil-homem, que caminhava ao seu lado, parou também. A dama apontou para o engenho, disse algumas palavras ao cavaleiro e, depois, desatou a rir.

Era ela a muito nobre e virtuosa rainha D Leonor: ele o muito excelente e esclarecido rei D. Fernando de Portugal.

D. Leonor tinha razão para rir.

Durante o cerco de Lisboa, uma voz, verdadeira ou falsa, se espalhara de que vários moradores da cidade estavam preitejados

com el-rei de Castela para lhe abrirem uma das portas. Dava força a tais suspeitas o acharem-se no campo castelhano Diogo Lopes Pacheco e D. Dinis, que com ele se tinham juntado na sua entrada em Portugal, e as desconfianças recaíam naturalmente sobre aqueles que, dois anos antes, tinham seguido o partido contrário a D. Leonor, de que o infante e o velho privado de D. Afonso IV eram cabeças. Assim a popularidade dos parciais de D. Dinis tinha diminuído consideravelmente, porque o povo, em vez de atribuir a sua ruína a causas remotas, às paixões insensatas de D. Leonor e à imprudência de el-rei, só nas sugestões de Diogo Lopes e do infante via agora a origem de todos os males presentes, e o ódio que contra os dois havia concebido se estendera a todos os que cria serem-lhes afeiçoados.

Apenas, portanto, se divulgou a notícia da intentada traição, o povo furioso correu às moradas daqueles que, como fica dito, lhe eram mais suspeitos. Seguiu-se uma festa de canibais, festa de vulgacho em qualquer tempo e lugar que ele reine. Aqueles que não puderam provar de modo inegável a sua inocência foram metidos aos mais cruéis tormentos, onde nenhum se confessou culpado. Um desgraçado, contra o qual eram mais veementes as desconfianças, foi arrastado pelas ruas e feito depois em pedaços: "outro — diz o

cronista — *tomaram e prozaram na funda d'um engenho, que estava armado ante a porte da see; e quando desfechou lançou-o em cima dessa igreja entre duas torres dos sinos que ha, e quando cahio acharomno vivo; e tomaromno outra vez e pozeromno na funda do engenho, e deitouho contra o mar, omde elles desejavom, e assi acabou sua vida".*

Era por isso que Da Leonor olhava para o engenho e se rira. O próprio povo tinha pagado uma parte das arras do seu casamento.

A noite descera entretanto. A cavalgada parou no terreiro de S. Martinho, e à luz de muitas tochas parte daquela multidão escoou-se, pouco a pouco, por diversas ruas, enquanto outra parte subia à sala principal ou se derramava pelos aposentos dos paços, cujo silêncio de quase dois anos, depois da fuga de el-rei com Da Leonor Teles, era a primeira vez interrompido pelo ruído de uma corte numerosa, mas bem diferente da antiga. A rainha havia quase exclusivamente chamado a ela os seus parentes ou aqueles fidalgos que lhe tinham dado provas não equívocas de sincera afeição e substituíra à severidade antiga do paço todo o brilho de luxo insensato e, o que mais era, a dissolução dos costumes, que quase sempre acompanha esse luxo. Depois de uma ceia esplêndida

como o devia ser nesta corte voluntária, apenas ficara na câmara real D. Fernando e a sua mulher, o conde de Barcelos, D. João, D. Gonçalo Teles, irmão de D. Leonor, e um donzel da rinha, filho bastardo de outro bastardo, do prior do Hospital Álvaro Gonçalves Pereira, donzel que ela mais que nenhum estimava. Estas personagens achavam-se reunidas no mesmo aposento onde, dois anos antes, o beguino Frei Roy viera revelar à então amante de D. Fernando os intentos dos seus inimigos. Era deste aposento que ela saíra fugitiva e amaldiçoada do povo. Mas era aí, também, que D. Leonor vinha depois de tantos sustos, de tantas dificuldades vencidas, de tanto sangue derramado pela sua causa, repousar triunfadora, segura já na cara a coroa real. Tudo estava do mesmo modo, salvo as personagens, que, em parte, eram diversas e em diversa situação.

El-rei, habitualmente alegre, sentara-se triste na cadeira de espaldas, único móvel do aposento, e encostara a cabeça sobre o punho cerrado: D. Leonor, posto que naturalmente loquaz (*ousada e faladora*), sentada no estrado em frente de D. Fernando, conservava-se, também, em silêncio: em pé, um pouco atrás da cadeira de el-rei, o donzel querido de D. Leonor, com os olhos fitos nela, esperava atento as determinações da sua senhora: ao longo

da sala o conde de Barcelos e D. Gonçalo Teles passeavam lentamente, conversando em voz submissa e pausada.

Mas a taciturnidade de cada uma das duas personagens principais tinha bem diferentes motivos.

A imagem da sua capital destruída havia-se embebido na alma de el-rei, como remorso cruel. Pelas sugestões do seu tio adotivo, consentira que D. Henrique viesse livremente destruir a opulenta Lisboa. Ele, neto de Afonso IV, rejeitara os socorros dos seus valorosos vassalos, que, ao esvoaçar dos pendões inimigos, de toda a parte tinham corrido, lança em punho, para combaterem debaixo da signa real: ele, cavaleiro, fora vil instrumento de vingança covarde: ele, rei de Portugal, fora o destruidor do seu povo: ele, português, recebera o nome de fraco de um castelhano, sem que ousasse desmentir a afronta! Estas ideias, que o tinham assaltado ao atravessar as ruínas dos arrabaldes, tomavam vulto e força na solidão e no silêncio. O pobre monarca, bom, mas excessivamente brando e irresoluto, tinha sobra razão de estar triste. A Lua, que começava a subir, dava de chapa, através da janela oriental do aposento, no rosto de D. Fernando, como dois anos antes, quase a

essa hora, lhe iluminara, também, as faces demudadas de aflição. Este lugar, esta luz e esta hora eram para ele funestos!

Nesse momento, passos mais rápidos e mais pesados que os dos dois fidalgos começaram a soar na sala contígua: quem quer que era passeava também.

Dos olhos de D. Fernando saíam dois ténues reflexos; eram os raios da luz que os espelhavam em duas lágrimas.

A rainha, levantando-se então, disse ao donzel:

— Nun'Álvares Pereira, vede quem está nessa sala.

Nun'Álvares abriu a porta e, alongando a cabeça, voltou imediatamente e disse:

— O corregedor da Corte.

Os dois fidalgos pararam na extremidade do aposento, calaram-se e conservaram-se imóveis.

A rainha fez sinal com a mão a Nun'Álvares para que esperasse: o donzel ficou à porte sem pestanejar.

D. Leonor encaminhou-se então para el-rei, que, embebido no seu profundo pensar, não vira, nem ouvira o que se fazia ou dizia.

Curvando-se e firmando o cotovelo no braço da cadeira de el-rei, encostou a cabeça sobre o ombro dele, com a face unida à sua.

— Que tens tu, Fernando? — perguntou ela, com essa inflexão de voz meiga que só sabem lábios de esposa que muito ama, mas com que também soubera atinar esta mulher sublime de hipocrisia.

— Nada! ... nada! — respondeu el-rei, lançando-lhe o braço em redor do pescoço e apertando a face incendiada àquele rosto de anjo, que dissimulava um coração de demónio.

Os dois ténues reflexos da lua tinham esmorecido nos olhos de D. Fernando: o hálito de Leonor Teles queimara as lágrimas da compaixão e do remorso.

— Enganas-me ou enganas-te a ti próprio, Fernando! — replicou a rainha. — Tu és infeliz, e eu sei porque o és. Aborreces já a pobre Leonor Teles.

O tom com que estas palavras foram proferidas era capaz de partir um coração de mármore.

— Enlouqueceste, Leonor? — exclamou el-rei. — Aborrecer-te? Sem ti, este mundo fora para mim saudade, a coroa martírio, a vida maldição de Deus. Como nos primeiros dias dos nossos amores, no

leito da morte amar-te-ei ainda. Glória, riqueza, poderio, tudo te sacrifiquei; não me pesa. Mil vezes que tu o queiras to sacrificarei de novo.

— Ah, provera a Deus que o teu amor fosse metade do que dizes: fosse metade do meu!

— Busca, inventa, aponta-me algum modo de provar o que te digo, e verás se as minhas palavras são sinceras!

— Há um, rei de Portugal! — replicou Leonor Teles, em cujos olhos cintilava o contentamento.

Dizendo isto, ela se afastara de el-rei. O seu aspeto tomou subitamente a expressão grave e severa de uma rainha. A um gesto que fez, Nun'Álvares ergueu o reposteiro, e o corregedor da Corte entrou. Trazia na mão um pergaminho aberto. Chegou ao pé de Leonor Teles, ajoelhou e entregou-lho.

A rainha pegou nele e apresentou-o a el-rei: o donzel trouxe uma das tochas que estavam nos ângulos do aposento e colocou-se à esquerda da cadeira de D. Fernando.

— A prova do que dissestes, rei de Portugal, está em estampardes no fim desse pergaminho o vosso selo de puridade.

D. Fernando recebeu o pergaminho e começou a ler: a cada uma das extensas linhas, que o obrigavam a descrever com a cara uma curva, o tremor das mãos tornava-se-lhe mais violento e as contrações do rosto mais profundas. Antes de acabar de ler, atirou o pergaminho ao chão e, com voz terrível, exclamou, cravando os olhos reluzentes em Leonor Teles:

— Mulher, que me pedes tu?

— Justiça e as minhas arras.

Era a primeira vez que el-rei ousava resistir à vontade de Leonor Teles. Ela ainda não o cria. Habituada a ser obedecida pelo pobre monarca, estas últimas palavras foram proferidas com a insolência de uma resolução incontrastável.

— Justiça? Contra quem a pedes? Contra cadáveres e moribundos. As tuas arras? Tiveste em dote as mais formosas vilas dos meus senhorios: tiveste o que mais desejavas, as arras de sangue e ruínas. Para te contentar, deixei Lisboa entregue ao furor de inimigos; para te contentar, fui vil e fraco; para te contentar, dos patíbulos já têm pendido sobejos cadáveres.(*) E, ainda não satisfeita, pretendes que, antes de dormir uma única noite na minha

capital assolada, confirme uma sentença de morte! Leonor!, tu eras digna de seres filha do meu implacável pai!

[(*)Os tumultos contra o casamento de D. Fernando não se limitaram a Lisboa. Pelas doações dos bens dos credores mortos ou decepados, conhece-se que houve confrontos e depois vinganças em Santarém, Leiria, Abrantes e outras partes.]

D. Leonor repelira o olhar, entre colérico e tímido de D. Fernando, que mal acreditava a própria audácia, com um olhar em que se misturava a indignação e o desprezo. Ela ouviu as suas palavras sem mudar de aspeto; mas, apenas el-rei acabou, encaminhou-se para a janela onde batia o luar e estendeu a mão para o céu:

— Há dois anos, senhor rei, que neste aposento, a estas mesmas horas, um cavaleiro jurava a uma dama, de quem pretendia quanto mulher pode ceder a desejos de homem, que a amaria sempre; jurava-o pelo céu, pelos ossos dos seus avós, pela sua fé de cavaleiro — e o cavaleiro mentiu. As bocas de homens vis vomitavam contra essa mulher e a essa mesma hora os nomes de

adúltera, de barregã, de prostituta; e pediam a sua morte. O cavaleiro sabia que tais afrontas escrevem-se para sempre na cara de quem as recebe, se o sangue de quem as proferiu não as lava um dia. O cavaleiro ofereceu a sua alma aos demónios, se não as lavasse com sangue — e esse cavaleiro blasfemou e mentiu. Senhor rei, diante do céu que ele invocou, perto dos ossos dos seus avós, pelos quais jurou, à luz da lua, que o iluminava, dir-vos-ei: aquele cavaleiro foi perjuro, blasfemo, desleal e covarde, e eu a sua vítima. É contra ele que ora vos peço justiça. Rei de Portugal, justiça!

Esta última palavra restrugiu horrivelmente pelo aposento. El rei, que, durante o discurso de D. Leonor, se erguera pouco a pouco, fascinado pelo seu gesto diabólico e pelo seu olhar fulminante, caiu outra vez, arquejando, sobre a cadeira. O desgraçado cobriu a cada com ambas as mãos e, depois de um momento de silêncio, murmurou:

— Mas como punir aqueles que, talvez, são cadáveres? A guerra e a fúria popular os puniram!

D. Leonor triunfara.

— Nem todos! — prosseguiu a astuta e sanguinária pantera, acometendo o último entrincheiramento em que D. Fernando, já debalde, procurava defender-se. — Os seus mais vis inimigos ainda respiram e, porventura, ainda sonham vingança. Corregedor da Corte, lede os nomes escritos na vossa sentença.

O corregedor da Corte levantou o pergaminho, afastando-o dos olhos e interpondo a mão aberta entre estes e a tocha que Nun'Álvares segurava; tossiu duas vezes, inclinou para trás a cabeça e, com o tom cheio e solene de um mestre em degredos, leu:

— Item: Fernão Vasques, peou, alfaiate, cabeça e provedor dos susoditos reveis.

Aqui abriu o peitilho da garnacha, tirou a sua ementa particular e leu a seguinte cota:

— Vivo: *muy malferido dhuua ffrechada com herva(*) no ffecto do meirinho-moor, quando hos da çidade llevarom os castellãos de vencida até mêa rrua nova.*

[(*) Naquele século o uso de ervas para envenenar as armas de tiro ou de arremesso era vulgaríssimo nos combates.]

Lida esta observação, o corregedor continuou a ler sucessivamente os nomes dos réus e as respetivas cotas.

— Item: *Stevom Martins Bexigosso, mercador, peom, capitão dhuu corpo dos ssusodictos rreveis. — Fizia a ementa: — Morto de ssua door naturall.*

"Item: *Bertholameu Martijs, ourives, peom, dizidor de pallavras de desacatamento contra ssua rreal ssenhoria e de grão ssamdiçe e desavergonhamento. — Dizia a ementa: — Morto dhuua pedrada dhuu engenho dos imiguos.*

"Item: *Joham Lobeira, escudeiro, homem darmas, acostado do alcayde moor que ffoy do castello desta lyal cidade, capitão dos beesteiros que fforam a Ssam domingos. — Dizia a cota: — Foi cativo dhos castellãos: dado em reendiçom e a boõ rrequado na pryssom Dalcaçova.*

"Item: *Bertholameu Chambão, peom, tanoeiro, cabeça da beesteria do concelho, deputado pera ffazer vilta e affronta a ssua rreal*

ssenhoria ha muy excellente e muy vertuosa de gramdes vertudes, rrainha dona llyanor. — Rezava a ementa: — Morto dhuua lançada aa porta dho fferro.

"Item: *Ayras Gil, petintal, capitão dos rreveis, gualiotes, arraizes e pesquadores Dalfama. — Dizia a cota: — Ffogido com os castellãos.*

"Item: *Fr. Roy, dalcunha Zambrana, biguino, ffolliom, jograll de sseu officio, bevedo, assoalhador de pallavras e dictos devedados, scuita dhos rreveis. — Notava a ementa: — Enssandeçeu na pryssom ao lleer da sentença.*

Pobre Frei Roy! Vendo-se condenado à morte, desesperado, revelara o que tinha sido na sedição — um espia de Leonor Teles. A cota da ementa fora tudo o que tirara das suas revelações. O corregedor, homem agudo, como o melhor mestre em leis ou em degredos, deduzira das suas palavras que o beguino endoudecera, Frei Roy trocara as ideias. Tinha sido espia, mas dos sediciosos.

Levantado o cerco de Lisboa, o corregedor da Corte fora o primeiro presente que a nova rainha enviara à cidade. Àquele perspicaz e diligente magistrado poucos dias tinham bastado para preparar um sarau digno dela, uma sentença de morte. A prova da sua perspicácia e diligência estava em ter já no caminho da forca os

desgraçados cuja sentença vinha trazer à confirmação real. Numa execução noturna não havia a recear tumultos populares, e a brevidade que a rainha lhe recomendara neste negócio lhe fazia crer que não seria desagradável a sua real senhoria a imediata execução dos réus.

Quando acabou a leitura, el-rei tirou da bolsa que trazia no cinto o selo de camafeu e, sem dizer palavra, entregou-o ao corregedor. Este pegou na tocha de Nun'Álvares, deixou cair alguns pingos de cera no fundo do pergaminho, assentou-lhe em cima um fragmento de papel que tirara da ementa e cravou neste o selo. As armas de el-rei ficaram aí estampadas. O corregedor fizera isto com a prontidão e asseio com que o mais hábil algoz enforcaria o seu próximo.

Depois o honesto magistrado entregou o selo a el-rei, cujo tremor nervoso se renovara durante a fatal cerimónia. Ao pegar-lhe, o pobre monarca deixou-o cair no chão. O selo foi rolando e parou aos pés de D. Leonor Teles. Ela empalideceu. Porquê? Talvez se lhe figurou uma cabeça humana que rolava diante dela.

O corregedor fez uma profunda vénia e perguntou em voz sumida à rainha:

— Quando, senhora?

No mesmo tom, D. Leonor respondeu:

— Já.

O destro e ativo corregedor tinha dado no vinte. O "já" da rainha seria mais "já" do que ela própria pensava.

O corregedor saiu.

A um aceno de D. Leonor, o donzel meteu a tocha no anel de ferro embebido na parede de onde a tinha tirado e encaminhou-se para junto da porta. Ali ficou de braços cruzados, olhos no chão, e imóvel como estátua. Desde este dia, o formoso donzel odiou do fundo da alma a sua muito nobre senhora, aquela que lhe cingira a espada. O generoso Nun'Álvares conhecera que debaixo desse rosto suave se escondia um instinto de besta-fera.

Os dois fidalgos continuaram a passear de um para outro lado, conversando em voz baixa, e como alheios à cena que ali se passava.

El-rei tomara a primeira postura em que estava, com o cotovelo firmado no braço da cadeira, e a cabeça encostada no punho; mas os seus olhos, revolvendo-se-lhe nas órbitas, incertos e espantados,

exprimiam a dolorosa alienação daquela alma tímida, atormentada por mil afetos opostos.

Ouvia-se apenas o cicio dos dois que conversavam. E, por largo espaço, aquele murmúrio e o respirar alto e convulso de D. Fernando foram o único ruído que interrompeu o silêncio do vasto aposento.

El-rei, com a mão esquerda pendente sobre os joelhos, deixava-se ir ao som das ideias tenebrosas que lhe ofuscavam o espírito e que, protraídas, o levariam bem próximo das raias de completa loucura. A imagem de Leonor Teles aparecia-lhe como composto monstruoso de vulto de anjo e de olhar de demónio. Um amor infinito arrastava-o para essa imagem; o horror afastava-o dela. Via-a como um simulacro das virgens que, na infância, imaginava, ao ouvir ler ao bom do seu aio Airas Gomes as lendas dos mártires; mas logo pensava ouvi-la dar risada infernal, passando por cima das ruínas da cidade deserta. O patíbulo e os delírios amorosos; o cheiro do sangue e o hálito dos banquetes, misturavam-se-lhe no senso íntimo: e o pobre monarca, nos seus desvarios, perdera a consciência do lugar, da hora e da situação em que se achava naquele terrível momento.

Mas um beijo ardente, dado nessa mão que tinha estendida, e lágrimas ainda mais ardentes, que a regavam, foram como faísca elétrica, revocando-o à razão e à realidade da vida.

A comoção indizível e misteriosa que sentira fez-lhe abaixar os olhos: a rainha estava aos seus pés; era ela quem lhe cobria a mão de beijos e lha regava de lágrimas.

D. Fernando afastou-a suavemente de si: ela levantou o rosto celeste orvalhado de lágrimas; era, de feito, a imagem de uma das mártires que ele via no seu imaginar de infância. D. Leonor ergueu as mãos suplicantes, com um gesto de profunda angústia: então, era mais formosa que elas.

— Ah! — murmurou el-rei —, porque é o teu coração implacável, ou porque te amei eu tanto?!

— Desgraçada de mim! — acudiu D. Leonor entre soluços. 0 O teu amor era como o íris do céu: era a minha paz, a minha alegria, a minha esperança; mas desvaneceu-se e passou; a vida de Leonor Teles desvanecer-se-á e passará com ele!

— É porque sabes que esse amor não pode perecer; que esse amor é como um fado escrito lá em cima — interrompeu D.

Fernando —, que tu me fazes tingir as mãos de sangue, para satisfazer as tuas cruéis vinganças: é porque sabes que esgoto sempre o cálix das ignomínias quando as tuas mãos mo apresentam, que me sacias de desonra. Terás, acaso, algum dia piedade daquele que fizeste teu servo, e que não pode esquivar-se a ser tua vítima?

— Aí, quanto és injusto, Fernando, e quão mal me conheces! — exclamou Leonor Teles, limpando as lágrimas. — Foi a tua dignidade real, e a tua justiça, o teu nome que eu quis salvar da tua própria brandura. Aos mesquinhos que me ofenderam perdoei de todo o coração; mas tu, que eras rei e juiz, não o podias fazer.

Se o nome do teu virtuoso pai ainda hoje lembra a todos com veneração e amor, é porque teu pai foi implacável contra os criminosos, e aquilo em que pões a desonra e a ignomínia é a coroa de glória imortal que cera o seu nome. Se as minhas palavras te constrangeram a escolher entre a confirmação dessa fatal sentença e a deslealdade e a blasfémia, que não cabem em coração e lábios de cavaleiro, foi por te salvar de ti mesmo. Se crês que nisto fui culpada, diz-me só "Leonor, já te não amo!", e eu ficarei punida; porque nessas palavras estará escrita a minha sentença de morte!

Possas tu depois perdoar-me e proferir sobre a campa da pobre Leonor uma expressão de piedade!

As lágrimas e os soluços parecia não a deixarem prosseguir. Reclinou a cabeça sobre os joelhos de el-rei, apertando-lhe a mão entre as suas com um movimento convulso.

Formosa, querida, humilhada aos seus pés, como resistiria o pobre monarca? Unindo a face àquela cara divina, só lhe disse: "Oh, Leonor, Leonor!", e as suas lágrimas misturavam-se com as dela.

Durante esta luta da dor e da hipocrisia, em que como sempre acontece, a última triunfava, o conde de Barcelos e D. Gonçalo Teles tinham-se encostado à janela fatal que dava para o rio e que, também, dominava grande porção do arrabalde ocidental da cidade. O espetáculo da noite era de melancólica magnificência.

A Lua caminhava nos céus limpos de nuvens, e pela face da terra nem suspirava uma aragem. A claridade do luar refrangia-se nas águas, mas esmorecia batendo na povoação, na qual não achava, além dos antigos muros, uma parede branqueada, uma pedra alva, onde espelhar-se, ou um sussurro de festa acorde com as suas harmonias. O incêndio e o ferro tinham passado por lá, e Lisboa era um caos de ruínas, um cemitério sem lápides. Apenas, no extremo

do seu, dantes, mais rico e povoado arrabalde, amarelejava, polido pelo tempo, o gótico Mosteiro de S. Francisco, junto da sua irmã mais velha, a Igreja dos Mártires. No vale que ficava no meio a luz de cima embebia-se inutilmente na povoação que jazia extinta. A bela Lua de Maio, tão fagueira para esta cidade querida, assemelhava-se à leoa que, voltando ao antro, acha o seu cachorrinho morto. A pobre fera ameiga-o como se fosse vivo, e vendo-o quieto, indiferente e frio, não crê, e vai e volta muitas vezes, renovando os seus inúteis afagos. Lisboa era um cadáver, e a Lua passava e sorria-lhe ainda!

Mas, no meio daquele chão irregular, negro, calado, viam-se, aqui e acolá, luzinhas que se meneavam de um para outro lado, ao que parecia, sem rumo certo. Era que os frades de S. Francisco e de S. Domingos faziam procurar por entre os entulhos as relíquias dos mortos, para lhes darem sepultura cristã. Neste piedoso trabalho, que seguiam sem descontinuar havia muito tempo, eram acompanhados por alguns do povo, que, para se esforçarem, cantavam uma cantiga pia, cujas coplas, bem que interrompidas, vinham, com triste som, bater de vez em quando nos ouvidos dos dois cavaleiros. Rezavam as coplas:

"De amigos e inimigos,

Que aí são deitados,

Levemos os ossos

Ao chão dos finados.

Ave Maria!

Santa Maria!

Madre gloriosa,

Dessa alta ventura

Demovei os olhos

À nossa tristura.

Ave Maria!

Santa Maria!

Ao bento Jesus,

E ao padre eternal

Pedi que perdoe

A quem morreu mal.

Ave Maria!

Santa Maria!"

Esta longínqua toada perdeu-se no som de outra bem diversa, que se levantou mais perto dos dois cavaleiros. Uma voz esganiçada dava o seguinte pregão:

— ... Justiça que manda fazer el-rei em Fernão Vasques, João Lobeira e Frei Roy: que morram na forca, sendo ao primeiro as mãos decepadas em vida.

Os cavaleiros abaixaram os olhos para o lugar de onde subira a voz: era no terreiro próximo: os três padecentes e o algoz, cercados de alguns besteiros, aproximavam-se do cadafalso: vários vultos negros fechavam o préstito: daquela pinha partira a voz do pregoeiro.

Este pregão, dado a horas mortas e numa praça deserta, parecia um escárnio. Mas o corregedor da Corte era afamado jurisconsulto, e nós temos ouvido a alguns que na execução das leis as formas são tudo. Assim piamente o cremos.

Duas se tinham, porém, esquecido: os desgraçados morriam, como aqueles que o salteador assassina na estrada, pela alta noite, e sem um sacerdote que os consolasse na extrema agonia.

O algoz empurrou brutalmente um dos padecentes para uma espécie de marco escuro que estava ao pé do patíbulo. Daí a nada, os cavaleiros viram reluzir duas vezes um ferro: ouviram sucessivamente dois golpes, dados como em vão, seguindo-se a cada um deles um grito de terrível angústia.

O conde de Barcelos quis rir-se, mas a risada gelou-se-lhe na garganta, e, como Gonçalo Teles, recuou involuntariamente.

O grito que restrugira chegara aos ouvidos de el-rei.

— Que bradar de homem que matam é este? — perguntou ele.

— Justiça da sua senhoria que se executa — respondeu o conde, que neste momento retrocedia da janela.

— Oh, desgraçados!, tão breve! — disse el-rei, passando a mão pela cara, de onde manava o suor da aflição e do terror. Olhando então para Leonor Teles, acrescentou:

— Até à derradeira mealha estão pagas vossas arras, rainha de Portugal! Que mais pretendeis de mim?

E deixou pender a cabeça sobre o peito.

D. Leonor não respondeu.

D. Gonçalo Teles aproximou-se então da cadeira de D. Fernando e curvou um joelho em terra.

El-rei levantou os olhos e perguntou-lhe:

— Que me quereis?

— Senhor — respondeu o honrado e nobre cavaleiro —, se a vossa senhoria consentisse neste momento em ouvir a súplica de um dos seus mais leais vassalos! ... — Falai — replicou D. Fernando.

— João de Lobeira acaba de receber o prémio da sua traição — prosseguiu D. Gonçalo. — O desleal escudeiro possuía avultados bens, que ficam pertencendo à coroa real. Por vossa muita piedade,

podeis fazer mercê deles ao seu filho Vasco de Lobeira; mas o pobre moço ensandeceu há tempos! Tresleu com livros de cavalarias, e tão varrido está que não fala em al, senão num que anda imaginando e a que pós o nome Amadis. Para um mesquinho parvo e sandeu pouco basta, e a vossa real senhoria bem sabe que a minha escassa quantia mal chega...

— Calai-vos, calai-vos; que isso é negro e vil — bradou el-rei, redobrando-lhe o horror que tinha pintado no rosto. — Deixai ao menos que a sua alma chegue perante o trono de Deus!

— Apenas cinquenta maravedis! — murmurou D. Gonçalo, erguendo-se, e abaixando os olhos, aflito com a lembrança da sua extrema pobreza.

Seis de Junho da era de César de 1411 (1373), num dos andares da torre do castelo, o veador da chancelaria, Álvaro Pires, passeando de um para outro lado, ditava a um mancebo, vestido de garnacha preta, o qual tinha diante de si tinteiro, penas e folhas avulsas de pergaminho, a seguinte nota:

Item. Pera se spreuer a ffolhas cento e vinte-oyto do llivro prymeyro da Cançelaria Delrrey nosso senhor: — Doaçom dos bees de rraiz e moviis de Joham Lobeira, confisquado e morto por treedor contra ho

serviço de ssua real senhoria, ao muy nobre D. Gonçalo Tellez, per ho muyto divedo que cõ elrrey ha, e polos muytos serviços que del tee reeçebido e ao deante espera de rreçeber.

E o povo? ... Oh, este, sim! Nitrava-se agradecido e bom no meio de tantas infâmias e crimes.

Os populares que, na manhã imediata àquela horrível noite dos fins de Maio, passavam pelo terreiro maldito onde pendiam da forca os três cadáveres, meneavam a cabeça e seguindo avante, diziam:

"Boa e prestes foi a justiça de el-rei nos traidores. Alcácer pela sua senhoria."

D. Fernando guardou até à Primavera de 73 a vingança contra os populares de Lisboa e de outras terras que no ano de 71 se tinham amotinado por causa do seu casamento. Vê-se isto dos documentos registados na sua chancelaria e citados por Frei Manuel dos Santos. Quem atentamente tiver estudado o caráter atroz e dissimulado de Leonor Teles, tão bem pintado por Fernão Lopes, e os fatos que provam a sua influência sem limites no ânimo daquele príncipe, não poderá esquivar-se a veementes suspeitas sobre os motivos que, num romance, nós danos como reais, porque aí é lícito fazê-lo, da, aliás inexplicável, inação com que D. Fernando não quis opor-se à

vinda de el-rei de Castela sobre Lisboa, vinda que reduziu os seus moradores aos mais espantosos apuros e que converteu a cidade, por assim dizer, num montão de ruínas. Daqueles documentos resulta que, depois de tirada toda a força aos habitantes de Lisboa pela guerra de Castela, em que se viram quase sós e abandonados, el-rei viera, sobre as ruínas da maior e melhor parte dela, satisfazer os ódios de D. Leonor; porque, levantando o cerco em Março de 73, achamos el-rei em Lisboa (aonde não volta desde a sua fuga no Outono de 71) durante alguns dias de Maio, e em Santarém e outros lugares nos meses seguintes, fazendo mercês dos bens dos cidadãos mortos, decepados ou fugidos, do que se pode concluir que então foram executados ou banidos, não sendo de crer que a cobiça cortesã tivesse esperado muitos dias sem prear estes sanguinolentos despojos. O casamento de Leonor Teles e as consequências dele são o primeiro acto do drama terrível, da Ilíada scelerum da sua vida política. Foi este primeiro acto que nós procuramos dispor na tela do romance histórico. Todo o drama daria, nessa forma da arte, uma terrível "crónica". Desde esta conjuntura até ser arrastada em ferros para Castela, por aqueles mesmos que chamara a assolar o seu país, a Lucrécia Bórgia portuguesa é, na história dessa época, uma espécie de fantasma

diabólico, que aparece onde quer que haja um feito de traições, de sangue ou de atrocidade.

O CASTELO DE FARIA

(LENDA DE 1373)

A breve distância da vila de Barcelos, nas faldas do Franqueira, alveja ao longe um convento de Franciscanos. Aprazível é o sítio, sombreado de velhas árvores. Sentem-se ali o murmurar das águas e a bafagem suave do vento, harmonia da natureza, que quebra o silêncio daquela solidão, a qual, para nos servirmos de uma expressão de Fr. Bernardo de Brito, com a saudade dos seus horizontes parece encaminhar e chamar o espírito à contemplação das coisas celestes.

O monte que se alevanta ao pé do humilde convento é formoso, mas áspero e severo, como quase todos os montes do Minho. Da sua coroa descobre-se ao longe o mar, semelhante a mancha azul entornada na face da terra. O espectador colocado no cimo daquela eminência volta-se para um e outro lado, e as povoações e os rios, os prados e as fragas, os soutos e os pinhais apresentam-lhe o panorama variadíssimo que se descobre de qualquer ponto elevado da província de Entre-Douro-e-Minho.

Este monte, ora ermo, silencioso e esquecido, já se viu regado de sangue: já sobre ele se ouviram gritos de combatentes, ânsias de moribundos, estridor de habitações incendiadas, sibilar de setas e estrondo de máquinas de guerra. Claros sinais de que ali viveram homens: porque é com estas balizas que eles costumam deixar assinalados os sítios que escolheram para habitar na terra.

O castelo de Faria, com as suas torres e ameias, com a sua barbacã e fosso, com os seus postigos e alçapões ferrados, campeou aí como dominador dos vales vizinhos. Castelo real da Idade Média, a sua origem some-se nas trevas dos tempos que já lá vão há muito: mas a febre lenta que costuma devorar os gigantes de mármore e de granito, o tempo, coou-lhe pelos membros, e o antigo alcácer das eras dos reis de Leão desmoronou-se e caiu. Ainda no século dezassete parte da sua ossada estava dispersa por aquelas encostas: no século seguinte já nenhuns vestígios dele restavam, segundo o testemunho de um historiador nosso. Um eremitério, fundado pelo célebre Egas Moniz, era o único eco do passado que aí restava. Na ermida servia de altar uma pedra trazida de Ceuta pelo primeiro Duque de Bragança, D. Afonso. Era esta lájea a mesa em que costumava comer Salat-ibn-Salat, último senhor de Ceuta. D. Afonso, que seguira seu pai D. João I na conquista daquela

cidade, trouxe esta pedra entre os despojos que lhe pertenceram, levando-a consigo para a vila de Barcelos, cujo conde era. De mesa de banquetes mouriscos converteu-se essa pedra em ara do cristianismo. Se ainda existe, quem sabe qual será o seu futuro destino?

Serviram os fragmentos do castelo de Faria para se construir o convento edificado ao sopé do monte. Assim se converteram em dormitórios as salas de armas, as ameias das torres em bordas de sepulturas, os umbrais das balhesteiras e postigos em janelas claustrais. O ruído dos combates calou no alto do monte, e nas faldas dele alevantaram-se a harmonia dos salmos e o sussurro das orações.

Este antigo castelo tinha recordações de glória. Os nossos maiores, porém, curavam mais de praticar façanhas do que de conservar os monumentos delas. Deixaram, por isso, sem remorsos, sumir nas paredes de um claustro pedras que foram testemunhas de um dos mais heroicos feitos de corações portugueses.

Reinava entre nós D. Fernando. Este príncipe, que tanto degenerava dos seus antepassados em valor e prudência, fora obrigado a fazer paz com os castelhanos, depois de uma guerra

infeliz, intentada sem justificados motivos, e em que se esgotaram inteiramente os tesouros do Estado. A condição principal, com que se pôs termo a esta luta desastrosa, foi que D. Fernando casasse com a filha d'el-rei de Castela: mas, brevemente, a guerra se acendeu de novo; porque D. Fernando, namorado de D. Leonor Teles, sem lhe importar o contrato de que dependia o repouso dos seus vassalos, a recebeu por mulher, com afronta da princesa castelhana. Resolveu-se o pai a tomar vingança da injúria, ao que o aconselhavam ainda outros motivos. Entrou em Portugal com um exército e, recusando D. Fernando aceitar-lhe batalha, veio sobre Lisboa e cercou-a. Não sendo o nosso propósito narrar os sucessos deste sítio, volveremos o fio do discurso para o que sucedeu no Minho.

O Adiantado de Galiza, Pedro Rodriguez Sarmento, entrou pela província de Entre-Douro-e-Minho com um grosso corpo de gente de pé e de cavalo, enquanto a maior parte do pequeno exército português trabalhava inutilmente ou por defender ou por descercar Lisboa. Prendendo, matando e saqueando, veio o Adiantado até as imediações de Barcelos, sem achar quem lhe atalhasse o passo; aqui, porém, saiu-lhe ao encontro D. Henrique Manuel, conde de Ceia e tio d'el-rei D. Fernando, com a gente que pôde juntar. Foi

terrível o conflito; mas, por fim, foram desbaratados os portugueses, caindo alguns nas mãos dos adversários.

Entre os prisioneiros contava-se o alcaide-mor do castelo de Faria, Nuno Gonçalves. Saíra este com alguns soldados para socorrer o conde de Ceia, vindo, assim, a ser companheiro na comum desgraça. Cativo, o valoroso alcaide pensava em como salvaria o castelo d'el-rei seu senhor das mãos dos inimigos. Governava-o na sua ausência, um seu filho, e era de crer que, vendo o pai em ferros, de bom grado desse a fortaleza para o libertar, muito mais quando os meios de defensão escasseavam. Estas considerações sugeriram um ardil a Nuno Gonçalves. Pediu ao Adiantado que o mandasse conduzir ao pé dos muros do castelo, porque ele, com as suas exortações, faria com que o filho o entregasse, sem derramamento de sangue.

Um troço de besteiros e de homens d'armas subiu a encosta do monte da Franqueira, levando no meio de si o bom alcaide Nuno Gonçalves. O Adiantado de Galiza seguia atrás com o grosso da hoste, e a costaneira ou ala direita, capitaneada por João Rodrigues de Viedma, estendia-se, rodeando os muros pelo outro lado. O

exército vitorioso ia tomar posse do castelo de Faria, que lhe prometera dar nas mãos o seu cativo alcaide.

De roda da barbacã alvejavam as casinhas da pequena povoação de Faria: mas silenciosas e ermas. Os seus habitantes, apenas enxergaram ao longe as bandeiras castelhanas, que esvoaçavam soltas ao vento, e viram o refulgir cintilante das armas inimigas, abandonando os seus lares, foram acolher-se no terreiro que se estendia entre os muros negros do castelo e a cerca exterior ou barbacã.

Nas torres, os atalaias vigiavam atentamente a campanha, e os almocadens corriam com a rolda(*) pelas quadrelas do muro e subiam aos cubelos colocados nos ângulos das muralhas.

[(*) Roldas e sobrerroldas eram os soldados e oficiais encarregados de rondarem os postos e atalaias.]

O terreiro onde se tinham acolhido os habitantes da povoação estava coberto de choupanas colmadas, nas quais se abrigava a

turba dos velhos, das mulheres e das crianças, que ali se julgavam seguros da violência de inimigos desapiedados.

Quando o troço dos homens d'armas que levavam preso Nuno Gonçalves vinha já a pouca distância da barbacã, os besteiros que coroavam as ameias encurvaram as bestas, e os homens dos engenhos prepararam-se para arrojar sobre os contrários as suas quadrelas e virotões, enquanto o clamor e o choro se alevantavam no terreiro, onde o povo inerme estava apinhado.

Um arauto saiu do meio da gente da vanguarda inimiga e caminhou para a barbacã, todas as bestas se inclinaram para o chão, e o ranger das máquinas converteu-se num silêncio profundo.

— "Moço alcaide, moço alcaide! — bradou o arauto — teu pai, cativo do muito nobre Pedro Rodriguez Sarmento, Adiantado de Galiza pelo muito excelente e temido D. Henrique de Castela, deseja falar contigo, de fora do teu castelo."

Gonçalo Nunes, o filho do velho alcaide, atravessou então o terreiro e, chegando à barbacã, disse ao arauto — "A Virgem proteja meu pai: dizei-lhe que eu o espero."

O arauto voltou ao grosso de soldados que rodeavam Nuno Gonçalves, e depois de breve demora, o tropel aproximou-se da barbacã. Chegados ao pé dela, o velho guerreiro saiu dentre os seus guardadores, e falou com o filho:

"Sabes tu, Gonçalo Nunes, de quem é esse castelo, que, segundo o regimento de guerra, entreguei à tua guarda quando vim em socorro e ajuda do esforçado conde de Ceia?"

— "É — respondeu Gonçalo Nunes — do nosso rei e senhor D. Fernando de Portugal, a quem por ele fizeste preito e menagem." — "Sabes tu, Gonçalo Nunes, que o dever de um alcaide é de nunca entregar, por nenhum caso, o seu castelo a inimigos, embora fique enterrado debaixo das ruínas dele?"

— "Sei, oh meu pai! — prosseguiu Gonçalo Nunes em voz baixa, para não ser ouvido dos castelhanos, que começavam a murmurar. — Mas não vês que a tua morte é certa, se os inimigos percebem que me aconselhaste a resistência?"

Nuno Gonçalves, como se não tivera ouvido as reflexões do filho, clamou então: — "Pois se o sabes, cumpre o teu dever, alcaide do castelo de Faria! Maldito por mim, sepultado sejas tu no inferno,

como Judas o traidor, na hora em que os que me cercam entrarem nesse castelo, sem tropeçarem no teu cadáver."

— "Morra! — gritou o almocadem castelhano — morra o que nos atraiçoou." — E Nuno Gonçalves caiu no chão atravessado de muitas espadas e lanças.

— "Defende-te, alcaide!" — foram as últimas palavras que ele murmurou.

Gonçalo Nunes corria como louco ao redor da barbacã, clamando vingança. Uma nuvem de frechas partiu do alto dos muros; grande porção dos assassinos de Nuno Gonçalves misturaram o próprio sangue com o sangue do homem leal ao seu juramento.

Os castelhanos acometeram o castelo; no primeiro dia de combate o terreiro da barbacã ficou alastrado de cadáveres tisnados e de colmos e ramos reduzidos a cinzas. Um soldado de Pedro Rodriguez Sarmento tinha sacudido com a ponta da sua longa chuça um colmeiro incendiado para dentro da cerca; o vento sulão soprava nesse dia com violência, e em breve os habitantes da povoação, que tinham buscado o amparo do castelo, pereceram juntamente com as suas frágeis moradas.

Mas Gonçalo Nunes lembrava-se da maldição do seu pai: lembrava-se de que o vira moribundo no meio dos seus matadores, e ouvia a todos os momentos o último grito do bom Nuno Gonçalves — "Defende-te, alcaide!"

O orgulhoso Sarmento viu a sua soberba abatida diante dos torvos muros do castelo de Faria. O moço alcaide defendia-se como um leão, e o exército castelhano foi constrangido a levantar o cerco.

Gonçalo Nunes, acabada a guerra, era altamente louvado pelo seu brioso procedimento e pelas façanhas que obrara na defensão da fortaleza cuja guarda lhe fora encomendada pelo seu pai no último trance da vida. Mas a lembrança do horrível sucesso estava sempre presente no espírito do moço alcaide. Pedindo a el-rei o desonerasse do cargo que tão bem desempenhara, foi depor ao pé dos altares a cervilheira e o saio de cavaleiro, para se cobrir com as vestes pacíficas do sacerdócio. Ministro do santuário, era com lágrimas e preces que ele podia pagar ao seu pai o ter coberto de perpétua glória o nome dos alcaides de Faria.

Mas esta glória, não há hoje ai uma única pedra que a ateste. As relações dos historiadores foram mais duradouras que o mármore.

A ABÓBADA

(NARRATIVA DE 1401)

I

O CEGO

O dia 6 de Janeiro do ano da Redenção 1401 tinha amanhecido puro e sem nuvens. Os campos, cobertos aqui de relva, acolá de searas, que cresciam a olhos vistos com o calor benéfico do Sol, verdejavam ao longe, ricos de futuro para o pegureiro e para o lavrador. Era um destes formosíssimos dias de Inverno mais gratos que os do Estio, porque são de esperança, e a esperança vale mais do que a realidade; destes dias, que Deus só concedeu aos países do Ocidente, em que os raios do Sol, que começa a subir na eclíptica, estirando-se vívidos e trémulos por cima da terra enegrecida pela humidade, e errando por entre os troncos pardos dos arvoredos despidos pelas geadas, se assemelham a um bando de crianças, no primeiro viço da vida, a folgar e a rolar-se por cima da campa, sobre a qual há muito sussurrou o último ai da saudade, e que invadiram os musgos e abrolhos do esquecimento. Era um

destes dias antipáticos aos poetas ossiânico-regelo-nevoentos, que querem fazer-nos aceitar como coisa muito poética

Esses gelos do Norte, esses brilhantes

Caramelos dos topes das montanhas;

sem se lembrarem de que

Do sol do Meio-Dia aos raios vívidos,

Parvos! – se lhes derretem: a brancura

Perdem coa nitidez, e se convertem

De lúcidos cristais em água chilre;

destes dias, enfim, em que a Natureza sorri como a furto, rasgando o denso véu da estação das tempestades.

No adro do Mosteiro de Santa Maria da Vitória, vulgarmente chamado da Batalha, fervia o povo, entrando para a nova igreja, que de muito pouco tempo servia para as solenidades religiosas. Os frades dominicanos, a quem el-rei D. João I tinha doado esse magnífico mosteiro, cantavam a missa do dia debaixo daquelas altas abóbadas, onde repercutiam os sons do órgão e os ecos das vozes do celebrante, que entoava os quíries.

Mas não era para ouvir a missa conventual que o povo se escoava pelo profundo portal do templo para dentro do recinto sonoro daquela maravilhosa fábrica; era para assistir ao auto da adoração dos reis, que com grande pompa se havia de celebrar nessa tarde dentro da igreja e diante do rico presépio que os frades tinham alevantado junto do arco da Capela do Fundador, então apenas começada. A concorrência era grande, porque os habitantes da Canoeira, de Aljubarrota, de Porto de Mós e dos mais lugares vizinhos, desejosos de ver tão curioso espetáculo, tinham deixado desertas as povoações para vir povoar por algumas horas o ermo do mosteiro. Aprazível coisa era o ver, descendo dos outeiros para o vale por sendas torcidas, aquelas multidões, vestidas de cores alegres e semelhantes, no seu complexo, a serpentes imensas, que, transpondo as assomadas, se rolassem pelas encostas abaixo, refletindo ao longe as cores variegadas da pele luzidia e lúbrica. Atravessando a pequena planície onde avultava o mosteiro, passava o rio Lena, cuja corrente tinham tornado caudal as chuvas da primeira metade da estação invernosa.

No campo contíguo ao edifício, aqui e acolá, alevantavam-se casarias irregulares, algumas fechadas com as suas portas, outras apenas cobertas de madeira e abertas para todos os lados, à

maneira de simples telheiros. As casas fechadas e reparadas contra as injúrias do tempo eram as moradas dos mestres e artífices que trabalhavam no edifício: debaixo dos telheiros viam-se nuns pedras só desbastadas, noutros algumas onde se começavam a divisar lavores, noutros, enfim, pedaços de cantaria, em que os mais hábeis escultores e entalhadores já tinham estampado os primores dos seus delicados cinzéis. Mas o que punha espanto era a inumerável porção de pedras, lavradas, polidas e prontas para serem colocadas nos seus lugares, que jaziam espalhadas pelo terreiro que, ao redor do edifício, se alargava por todos os lados: mainéis rendados, peças dos fustes, capitéis góticos, laçarias de bandeiras, cordões de arcadas, aí estavam tombados sobre grossas zorras ou ainda no chão, endurecido pelo contínuo perpassar de trabalhadores, oficiais e mais obreiros desta maravilhosa fábrica. Quem de longe olhasse para aquele extenso campo, alastrado de tantos primores de escultura, julgara ver o assento de uma cidade antiquíssima, arrasada pela mão dos homens ou dos séculos, de que só restava em pé um monumento, o mosteiro. E todavia, esses que pareciam restos de uma antiga Balbek não eram senão algumas pedras que faltavam para o acabamento de um convento de frades

dominicanos, o Convento de Santa Maria da Vitória, vulgarmente chamado a Batalha!

Um quadrante de pedra, assentado num canto do adro, apontava meio-dia. A igreja tinha sorvido dentro do seu seio desmesurado os habitantes das próximas povoações, e de todo o ruído e algazarra que poucas horas antes soava por aqueles contornos, apenas traspassavam pelas frestas e portas do templo os sons do órgão, soltando a espaços as suas melodias, que sussurravam e morriam ao longe, suaves como pensamento do Céu.

Não estava, porém, inteiramente ermo o terreiro da frontaria do edifício. Assentado sobre um troço de fuste, com os pés ao sol e o resto do corpo resguardado dos seus ardentes raios pela sombra de um telheiro, a qual se começava a prolongar para o lado do oriente, via-se um velho, venerável de aspeto, que parecia embrenhado em profundas meditações. Pendia-lhe sobre o peito uma comprida barba branca: tinha na cabeça uma touca foteada, um gibão escuro vestido, e sobre ele uma capa curta ao modo antigo. A luz dos olhos tinha-lha de todo apagado a velhice; mas as suas feições revelavam que dentro daqueles membros trémulos e enrugados morava um ânimo rico de alto imaginar. As faces do velho eram fundas, as

maçãs do rosto elevadas, a cara espaçosa e curva e o perfil do rosto quase perpendicular. Tinha a testa enrugada, como quem vivera vida de contínuo pensar, e, correndo com a mão os lavores da pedra sobre que estava assentado, ora carregando o sobrolho, ora deslizando as rugas da cara, repreendia ou aprovava com eloquência muda os primores ou as imperfeições do artífice que copiara à ponta de cinzel aquela página do imenso livro de pedra a que os espíritos vulgares chamam simplesmente o Mosteiro da Batalha.

Enquanto o velho pensava sozinho e palpava o canto, subtilmente lavrado, sobre que repousava os membros entorpecidos, à portaria do mosteiro, que perto dali ficava, outras figuras e outra cena se viam. Dois frades estavam em pé no limiar da porta e altercavam em voz alta: de vez em quando, pondo-se nos bicos dos pés e estendendo os pescoços, parecia quererem descobrir no horizonte, que as cumeadas dos montes fechavam, algum objeto; depois de assim olharem um pedaço, encolhiam os pescoços e, voltando-se um para o outro, travavam de novo renhida disputa, que levava seus visos de não acabar.

– Oh homem! – dizia um dos dois frades, a quem a tez macilenta e as barbas e cabelos grisalhos davam certo ar de autoridade sobre o outro, que mostrava nas faces coradas e cheias e na cor negra da barba povoada e revolta mais vigor de mocidade. – Já disse a vossa reverência que el-rei me escreveu, do seu próprio punho, que viria assistir ao auto da adoração dos reis e, de caminho, veria a Casa do Capítulo, a que ontem mestre Ouguet mandou tirar os simples que sustentavam a abóbada.

– E nego eu isso? – replicou o outro frade. – O que digo é que me parece impossível que el-rei venha, de feito, conforme a vossa paternidade prometeu na sua carta. Há muito que lá vai o meio-dia: daqui a pouco tocará a vésperas, e às duas por três é noite. Não vedes, padre-mestre, a que horas virá a acabar o auto? E este povo, este devoto povo que aí está, que aí vem, há de ir com o escuro por esses descampados e serras, com mulheres, com raparigas...

– Tá, tá – interrompeu o prior. – Temos luar agora, e vão de consum. O caso não é esse, padre-procurador, o caso é se está tudo aviado para agasalharmos el-rei e os da sua companha.

– Oh lá, quanto a isso, nada falta. Desde ontem que tenho tido tanto descanso como hoste ou cavalgada de castelhanos diante das

lanças do Condestável; o pior é que, segundo me parece, e dizei o que quiserdes, opus et oleum perdidi(*).

[(*) «Perdi o azeite e o trabalho», expressão proverbial.]

– Não falta quem tarda: el-rei não quebrará a palavra ao seu antigo confessor. O que quero é que todos os noviços e coristas que têm de fazer suas representações no auto estejam a ponto e vestidos, para ele começar logo que a sua senhoria chegue.

– Nada receeis, que tudo está preparado; do que duvido é de que comecemos, se por el-rei houvermos de esperar.

O frade mais velho fez, a estas palavras, um gesto de impaciência e, sem dar resposta ao seu pirrónico interlocutor, estendeu outra vez o gasnate para a banda da estrada, fazendo com a extremidade do hábito uma espécie de sobrecéu para resguardar os olhos dos raios do Sol, que, já muito inclinado para o ocidente, batia de chapa no portal onde os dois reverendos estavam altercando.

Porém, meio descoroçoado, o dominicano logo abaixou os olhos: nem o mínimo vulto se enxergava no horizonte; e neste abaixar de

olhos viu o cego, que estava ainda assentado sobre o fuste da coluna.

Para escapar, talvez, às reflexões do seu confrade, o reverendo bradou ao velho:

– Oh lá, mestre Afonso Domingues, bem aproveitais o soalheiro! Não vos quero eu mal por isso; que um bom sol de Inverno vale, na idade grave, mais que todos os remédios de longa vida que nos seus alforges trazem por aí os físicos.

Dizendo e fazendo, o reverendo desceu os degraus do portal e encaminhou-se para o cego.

– Quem é que me fala? – perguntou este, alçando a cabeça.

– Frei Lourenço Lampreia, vosso amigo e servidor, honrado mestre Afonso. Tão esquecida anda já minha voz nas vossas orelhas, que me não conheceis pela toada?

– Perdoai-me, muito devoto padre-prior – atalhou o velho, tenteando com os pés o chão para erguer-se, no momento em que Frei Lourenço Lampreia chegava junto dele, seguido do seu confrade Frei Joane, procurador do mosteiro. – Perdoai-me! Foi-se o ver, vai-se o ouvir. Em distância, já não acerto a distinguir as falas.

– Estai quieto; estai queito, mestre Afonso – disse Frei Lourenço, segurando o cego pelo braço. – O indigno prior do Mosteiro da Vitória não consentirá que o muito sabedor arquiteto e imaginador Afonso Domingues, o criador da oitava maravilha do Mundo, o que traçou este edifício, doado pelo virtuoso de grandes virtudes rei D. João à nossa Ordem, se alevante para estar em pé diante do pobre frade...

– Mas esse religioso – interrompeu o cego – é o mais abalizado teólogo de Portugal, o amigo do muito excelente doutor João das Regras e do grande Nun'Álvares, e privado e confessor de el-rei; Afonso Domingues é apenas uma sombra de homem, um troço de capitel partido e abandonado no pó das encruzilhadas, um velho tonto, de quem já ninguém faz caso. se a vossa caridade e humildosa condição vos movem a doer-vos de mim e a lembrar-vos de que fui vivo, não achareis nisso muitos da vossa igualha.

– De merencório humor estais hoje – disse o prior, sorrindo. – Não só eu vos amo e venero: el-rei me fala sempre de vós nas suas cartas. Não sois cavaleiro da sua casa? E a avultada tença que vos concedeu em paga da obra que traçastes e dirigistes, enquanto Deus vos concedeu vista, não prova que não foi ingrato?

– Cavaleiro!? – bradou o velho. – Com sangue comprei essa honra! Comigo trago a escritura. – Aqui, mestre Afonso, puxando com a mão trémula as atacas do gibão, abriu-o e mostrou duas largas cicatrizes no peito. – Em Aljubarrota foi escrito o documento à ponta de lança por mão castelhana: a essa mão devo meu foro, que não ao Mestre de Avis. Já lá vão quinze anos! Então ainda estes olhos viam claro, e ainda para este braço a acha de armas era brinco. El-rei não foi ingrato, dizeis vós, venerável prior, porque me concedeu uma tença!? Que a guarde no seu tesouro; porque ainda às portas dos mosteiros e dos castelos dos nobres se reparte pão por cegos e por aleijados.

Proferindo estas palavras, o velho não pôde continuar: a voz tinha-lhe ficado presa na garganta, e dos olhos embaciados caíam-lhe pelas faces encovadas duas lágrimas como punhos. A Frei Lourenço também se arrasaram os olhos de água. Frei Joane, esse olhou fito para o cego durante algum tempo, com o olhar vago de quem não o compreendia. Depois, a ideia da tardança de el-rei e da tardança do auto, que, entrando pelas horas de cear e dormir, iria fazer uma brecha horrorosa na disciplina monástica, veio despertá-lo como espinho pungente. Começou a bufar e a bater o pé, semelhante ao corredor brioso do Livro de Job e da Eneida.

Entretanto, o arquiteto havia-se posto em pé: um pensamento profundamente doloroso parecia reverberar-lhe pela cara nobre e turbada, e houve um momento de silêncio. Por fim, segurando com força a manga do hábito de Frei Lourenço, disse-lhe:

– Sois letrado, reverendo padre: deveis ter visto algum traslado da Divina Comédia do florentino Dante.

– Li já, e mais de uma vez – respondeu o prior. – É obra-prima, daquelas a que os Gregos chamavam epos, id est, enarratio et actio, segundo Aristóteles; e se não houvesse nessa escritura algumas ousadias contra o papa...

– Pois sabei, reverendo padre – prosseguiu o arquiteto, atalhando o ímpeto erudito do prior –, que este mosteiro que se ergue diante de nós era a minha Divina Comédia, o cântico da minha alma: concebi-o eu; viveu comigo largos anos, em sonhos e em vigília: cada coluna, cada mainel, cada fresta, cada arco, era uma página de canção imensa; mas canção que cumpria se escrevesse em mármore, porque só o mármore era digno dela. Os milhares de favores que tracei no meu desenho eram milhares de versos; e porque ceguei arrancaram-me das mãos o livro, e nas páginas em branco mandaram escrever um estrangeiro! Loucos! Se os olhos

corporais estavam mortos, não o estavam os do espírito. O estranho a quem deram meu cargo não me entendia, e ainda hoje estes dedos descobriram nessa pedra que o meu alento não a bafejara. Que direito tinha o Mestre de Avis para sulcar com um golpe do seu montante a face de um arcanjo que eu criara? Que direito tinha para me espremer o coração debaixo dos seus sapatos de ferro? Dava lho o ouro que tem despendido? O ouro!... Não! O Mestre de Avis sabe que o ouro é vil; só é nobre e puro o génio do homem. Enganaram no: vassalos houve em Portugal que enganaram seu rei! Este edifício era meu; porque o gerei; porque o alimentei com a substância da minha alma; porque necessitava de me converter todo nestas pedras, pouco a pouco, e de deixar, morrendo, o meu nome a sussurrar perpetuamente por essas colunas e por baixo dessas arcarias. E roubaram me o filho da minha imaginação, dando me uma tença!... Com uma tença paga se a glória e a imortalidade? Agradeço vos, senhor rei, a mercê!... Sois em verdade generoso... mas o nome de mestre Ouguet enredar se á no meu ou, talvez, sumirá este no brilho da sua fama mentida...

O cego tremia de todos os membros: a veemência com que falara exaurira lhe as forças: os joelhos vergaram lhe, e assentou se outra vez em cima do fuste. Os dois frades estavam em pé diante dele.

– Estais muito perturbado pela paixão, mestre Afonso – disse Frei Lourenço, depois de larga pausa –, por isso menoscabais mestre Ouguet, que era, talvez, o único homem que aí havia capaz de vos substituir. Quanto a vós, pensaram os do conselho de el rei que deviam propor lhe vos desse repouso e honrado sustentamento para os cansados dias. Ninguém teve em mente ofender o mais sabedor e experto arquiteto de Portugal, cuja memória será eterna e nunca ofuscada.

– Obrigado – atalhou o velho – aos conselheiros de el rei pelos bons desejos que no meu prol têm. São políticos, almas de lodo, que não compreendem senão proveitos materiais. Dão me o repouso do corpo e assassinam me o da alma! Acerca de mestre Ouguet, não serei eu quem negue suas boas manhas e ciência de edificar: mas que ponha ele por obra suas traças, e deixem me a mim dar vulto às minhas. E demais: para entender o pensamento do Mosteiro de Santa Maria da Vitória, cumpre ser português; cumpre ter vivido com a revolução que pôs no trono o Mestre de Avis; ter tumultuado com o povo em frente dos paços da adúltera (*D. Leonor Teles, mulher de el rei D. Fernando*); ter pelejado nos muros de Lisboa; ter vencido em Aljubarrota. Não é este edifício obra de reis, ainda que por um rei me fosse encomendado seu desenho e edificação, mas nacional,

mas popular, mas da gente portuguesa, que disse: não seremos servos do estrangeiro e que provou seu dito. Mestre Ouguet, escolar na sociedade dos irmãos obreiros(*), trabalhou nas sés de Inglaterra, de França e de Alemanha, e aí subiu ao grau de mestre; mas a sua alma não é aquecida à luz do amor da pátria; nem, que o fosse, é para ele pátria esta terra portuguesa.

[(*) Arquitetos sarracenos que se espalharam pela Grécia, Itália, Sicília e outros países, durante certo tempo: um avultado número de artífices cristãos, principalmente gregos, juntaram-se com eles e formaram todos uma corporação, que tinha as suas leis e estatutos secretos, e cujos membros se reconheciam por sinais. Essa foi a origem da Maçonaria.]

Por engenho e mãos de portugueses devia ser concebido e executado, até seu final remate, o monumento da glória dos nossos; e eis aí que ele chamou de longes terras oficiais estranhos, e os naturais lá foram mandados adornar de primorosos lavores a igreja de Guimarães. Sei que não seriam nem eles nem eu quem pusesse esse remate; mas nós deixaríamos sucessores que conservassem puras as tradições da arte. Perder se á tudo; e, porventura, tempo virá em que, nesta obra dos séculos, não haja mãos vigorosas que

prossigam os lavores que mãos cansadas não puderam levar a cabo. Então o livro de pedra, o meu cântico de vitória, ficará truncado. Mas Afonso Domingues tem uma pensão de el rei...

Em uma das casas que ficavam mais próximas, daquelas de que fizemos menção no princípio deste capítulo, ergueu se a adufa de uma janela no momento em que o cego proferia as últimas palavras, e uma velha, em cuja cabeça alvejava uma toalha muito branca, gritou da janela:

– Mestre Afonso, quereis recolher-vos? Está pronta a ceia, e começa a cair a orvalhada, que a tarde vai nevoenta.

– Vamos lá, vamos lá, Ana Margarida; vinde guiar-me.

E Ana Margarida, ama de mestre Afonso Domingues, saiu da porta com a roca ainda na cinta, e o fuso espetado entre o linho e o ourelo que o apertava. Chegando ao pé do velho, tocou-lhe com o braço, em que ele se firmou, tornando a erguer-se.

– Boas tardes, padre-prior – disse a ama, fazendo sua mesura, seguida de um lamber de dedos e de dois puxões nas barbas da estriga quase fiada.

– Vá na graça do Senhor, filha – respondeu Frei Lourenço, e acrescentou, dirigindo-se ao cego:

– Meu irmão, Deus aceita só ao homem, em desconto da grande dívida, a dor calada e sofrida. Resignai-vos na sua divina vontade.

– Na dele estou eu resignado há muito: na dos homens é que nunca me resignarei.

E Ana Margarida, que tinha a ceia ainda no lume, foi puxando o cego para a porta de casa.

– Ai, Afonso Domingues, Afonso Domingues! Vai-se-te após a vista o siso. Aborrecida coisa é a velhice. Não vos parece, Frei Joane?

Isto dizia o prior, voltando-se para o outro frade, que supunha estaria atrás dele; mas Frei Joane tinha desaparecido dali manso e manso. Alongando os olhos ao redor de si, Frei Lourenço viu-o em pé sobre uma pedra a alguma distância.

O prior ia a perguntar-lhe o que fazia ali, quando o reverendo procurador saltou a correr, bradando:

– Ganhastes, padre-prior; ganhastes!... Eis el-rei que chega.

E, com efeito, Frei Lourenço, volvendo os olhos para o cimo de um outeiro, viu uma lustrosa companhia de cavaleiros, que, com grande açodamento, descia para o vale do mosteiro.

II

MESTRE OUGUET

Uma das inumeráveis questões que, no nosso entender, eternamente ficarão por decidir, é a que versa sobre qual dos dois ditados Voz do povo é voz de Deus ou Voz do povo é voz do Diabo seja o que exprima a verdade. É indubitável que o povo tem uma espécie de presciência inata, de instinto divinatório. Quantas vezes, sem que se saiba como ou porquê, corre voz entre o povo que tal navio saído do porto, tão rico de mercadorias como de esperanças, se perdeu em tal dia e a tal hora em praias estranhas. Passa o tempo, e a voz popular realiza-se com exação espantosa. Assim de batalhas; assim de mil factos. Quem dá estas notícias? Quem as trouxe? Como se derramaram? Mistério é esse que ainda ninguém soube explicar. Foi um anjo? Foi um demónio? Foi algum feiticeiro? Mistério. Não há, nem haverá, talvez, nunca, filósofo que o explique; salvo se tal fenómeno é uma das maravilhas do magnetismo animal. Esse meio ininteligível de dar solução a tudo o que se não entende

é acaso a única via de resolver a dúvida. Se o é, os sábios explicarão o que nesse momento ocorria na Igreja de Santa Maria da Vitória.

Foi o caso: quando a cavalgada de que fizemos menção no fim do antecedente capítulo vinha descendo a encosta sobranceira à planície do mosteiro, entre o povo que estava dentro da igreja, impaciente já pela demora do auto, começou-se a espalhar um sussurro, que cada vez crescia mais. O motivo dele, não era fácil sabê-lo: nenhuma novidade ocorrera; ninguém tinha entrado ou saído. De repente, toda aquela multidão se agitou, remoinhou pela igreja e começou a borbulhar pelo portal fora, como por bico de funil o líquido deitado de alto. Tinham sabido que el-rei chegava, e todos queriam vê-lo descavalgar, porque D. João I, plebeu por herança materna, nobre por ser filho de D. Pedro, rei eleito por uma revolução e confirmado por cinquenta vitórias, era o mais popular, o mais amado e o mais acatado de todos os reis da Europa. Vinha montado num a possante mula, e, assim mesmo, em outras os fidalgos e cavaleiros da sua casa. Trazia vestida sobre o brial uma jórnea de veludo carmesim, monteira preta, e nebri em punho, em maneira de caçada. Chegando à porta do mosteiro, onde o esperava já Frei Lourenço com parte da comunidade, apeou-se de

um salto e, com rosto risonho e a mão no barrete, agradeceu sua cortesia e aquelas mostras de amor aos populares, que gritavam, apinhados à roda dele: «Viva D. João I de Portugal; morram os Castelhanos!», grito absurdo, mas semelhante aos vivas de todos os tempos; porque o povo, bem como o tigre, mistura sempre com o rugido de amor o bramido que revela a sua índole sanguinária.

Por baixo daquelas soberbas arcadas desapareceu brevemente el-rei da vista da multidão, que tornou a sumir-se no templo para ver o auto, que não podia tardar.

– Muito receoso estava de que a vossa real senhoria nos não honrasse nosso auto; porque o Sol não tarda a sumir-se no poente – dizia Frei Lourenço a el-rei, a cujo lado ia para o guiar ao seu aposento.

– Bofé, muito devoto padre-prior, que, por pouco, estive a ponto de ter que levar aos vossos pés mais uma mentira, com os outros pecados, que me não falecem, se amanhã me quisesse confessar ao meu antigo confessor – disse-lhe el-rei, sorrindo-se.

– E certo estou de que, entre todos os pecados de que teríeis de vos acusar, este não fora o menos grave, e de que eu a muito custo absolveria vossa mercê – retrucou o prior, que tinha aprendido ainda

mais depressa as manhas cortesãs no paço, do que a teologia no noviciado da sua Ordem.

– Mas, para onde me guiais, reverendíssimo prior? – disse el-rei, parando antes de subir uma escada, para a qual Frei Lourenço o encaminhava.

– Ao vosso aposento, real senhor; porque tomeis alguma refeição e repouseis um pouco do trabalho do caminho.

– Não foi grande o feito, para tomar repouso – acudiu el-rei –, que de Santarém aqui é uma corrida de cavalo; muito mais para quem, em vez de cota de malha, arnês e braçais, traz vestidos de seda. Despi-los-ei bem depressa, já que el-rei de Castela quer jogar mais lançadas, e não vieram a conclusão de tréguas o Mestre de Sant'lago com o Condestável. Mas vamos, meu doutíssimo padre; mostrai-me a Casa do Capítulo, a que mestre Ouguet acabou de pôr seu fecho e remate. Onde está ele? Quero agradecer-lhe a boa diligência.

– Beijo-vos as mãos pela mercê – disse mestre Ouguet, que, sabendo da chegada de el-rei, e certo de que ele desejaria ver aquela grande obra, tinha corrido ao mosteiro, e estava entre os da

comitiva. – Se quereis ver a Casa do Capítulo, vamos para a banda da crasta.

Dizendo isto, sem cerimónia tomou a dianteira e encaminhou-se ao longo de um dos cobertos do claustro.

David Ouguet era um irlandês, homem mediano em quase tudo; em idade, em estatura, em capacidade e em gordura, salvo na barriga, cujos tegumentos tinham sofrido grande distensão em consequência da dura vida que a tirania do filho de Erin lhe fazia padecer havia bem vinte anos. Desde muito moço que começara a produzir grande impressão no seu espírito a invetiva do apóstolo contra os escravos do próprio ventre, e, para evitar essa condenável fraqueza, resolvera trazê-lo sempre sopeado. Não lhe dava tréguas; se em Inglaterra o fizera muitos anos vergar sob o peso de dez atmosferas de cerveja, em Portugal submetia-o ao mais fadigoso mister de canjirão permanente. Mortificava-o assim, para que não lhe acudissem soberbas e veleidades de senhorio e dominação. De resto, David Ouguet era bom homem, excelente homem: não fazia aos seus semelhantes senão o mal absolutamente indispensável ao próprio interesse; nunca matara ninguém, e pagava com pontualidade exemplar ao alfaiate e ao merceeiro. Prudente,

positivo, e prático do mundo, não o havia mais: seria capaz de se empoleirar sobre o cadáver do seu pai para tocar a meta de qualquer desígnio ambicioso. Com três lições de frases ocas, dava pano para se engenharem dele dois grandes homens de estado. Tendo vindo a Portugal como um dos cavaleiros do duque de Lencastre, procurou obter e alcançou a proteção da rainha D. Filipa, que, havendo Afonso Domingues cegado, o fez nomear mestre das obras do Mosteiro da Batalha, mostrando ele por documentos autênticos ter na sua mocidade subido ao grau de mestre na sociedade secreta dos obreiros edificadores.

Esta é, em breve resumo, a história de David Ouguet, tirada de uma velha crónica, que, em tempos antigos, esteve em Alcobaça encadernada num volume juntamente com os traslados autênticos das Cortes de Lamego, do Juramento de Afonso Henriques sobre a aparição de Cristo, da Carta de feudo a Claraval, das Histórias de Laimundo e Beroso, e de mais alguns papéis de igual veracidade e importância que, por pirraça às nossas glórias, provavelmente os Castelhanos nos levaram durante a dominação dos Filipes.

O lanço da crasta, em frente ao coberto por onde ia el-rei, estava ainda por acabar. Apenas D. João I entrou naquele magnífico

recinto, olhou para lá e, voltando-se para mestre Ouguet, disse:

– Parece-me que não vão tão aprimorados os lavores daquelas arcarias como os destas. Que me dizeis, mestre Ouguet?

– Seguiu-se à risca nesta parte – disse o arquiteto – o desenho geral do edifício, feito por mestre Afonso Domingues; porque seria grave erro destruir a harmonia desta peça: mas se a vossa mercê mo permite, antes de entrardes no Capítulo tenho alguma coisa que vos dizer acerca do que ides presenciar.

– Falai desassombradamente – respondeu el-rei –, que eu vos escuto.

– Tomei a ousadia – prosseguiu mestre Ouguet – de seguir outro desenho no fechar da imensa abóbada que cobre o Capítulo. O que achei na planta geral contrastava as regras da arte que aprendi com os melhores mestres de pedraria. Era, até, impossível que se fizesse uma abóbada tão achatada, como na primitiva traça se delineou: eu, pelo menos, assim o julgo.

– E consultastes o arquiteto Afonso Domingues, antes de fazer essa mudança no que ele havia traçado? – interrompeu el-rei.

– Por escusado o tive – replicou David Ouguet. – Cego, e por isso inabilitado para levar a cabo a edificação, porfiaria que o seu desenho se pode executar, visto que hoje ninguém o obriga a prová-lo por obras. Sobra-lhe orgulho: orgulho de imaginador engenhoso. Mas que vale isso sem a ciência, como dizia o venerável mestre Vilhelmo de Wykeham? Menos engenho e mais estudo, eis do que havemos mister.

Dizendo isto, o arquiteto metera ambas as mãos no cinto, estendera a perna direita excessivamente empertigada e, com a cara ereta, volvera os olhos solene e lentamente para os circunstantes.

– Mestre Ouguet – acudiu el-rei, com aspeto severo –, lembrai-vos de que Afonso Domingues é o maior arquiteto português. Não entendo das vossas distinções de ciência e de engenho: sei só que o desenho de Santa Maria da Vitória causa assombro aos vossos próprios naturais, que se gabam de ter no seu país os mais afamados edifícios do Mundo: e esse mestre Afonso, de quem vós falais com pouco respeito, foi o primeiro arquiteto da obra que ao vosso cargo está hoje.

– Vossa mercê me perdoe – disse o mestre Ouguet, adocicando o tom orgulhoso com que falara. – Longe de mim menoscabar mestre

Domingues: ninguém o venera mais do que eu; mas queria dar a razão do que fiz, seguindo as regras do muito excelente mestre Vilhelmo de Wykeham, a quem devo o pouco que sei, e cuja obra da Catedral de Winchestria tamanho ruído tem feito no Mundo.

Com este diálogo chegou aquela comitiva ao portal que dava para a Casa do Capítulo. Frei Lourenço Lampreia, como dono da casa, correu o ferrolho com certo ar de autoridade, e encostado ao umbral cortejou a el-rei no momento de entrar e aos mais fidalgos e cavaleiros que o acompanhavam. Mestre Ouguet, como pessoa também principalíssima naquele lugar, colocou-se junto do umbral carairo, repetindo com aspeto sobranceiro-risonho as mesuras do muito devoto padre-prior.

Quando el-rei entrou dentro daquela espantosa casa, apenas através da grande janela que a ilumina entrava uma luz frouxa, porque o Sol estava no fim da sua carreira, e o teto profundo mal se divisava sem se afirmar muito a vista. Mestre Ouguet ficara à porta, mas Frei Lourenço tinha entrado.

– Reverendo prior – disse el-rei, voltando-se para Frei Lourenço –, vim tarde para gozar desta maravilhosa vista: vamos ao auto da adoração, e amanhã voltaremos aqui a horas de sol.

E seguiu para a banda da sacristia, cuja porta lhe foi abrir o prior.

Mestre Ouguet entrou na Casa do Capítulo, quando já os últimos cavaleiros do séquito real iam saindo pelo lado oposto, caminho da igreja. Com as mãos metidas no cinto de couro preto que trazia, e o passo mesurado, o arquiteto caminhou até o meio daquela desconforme quadra. O som dos passos dos cavaleiros tinha-se desvanecido, e mestre Ouguet dizia consigo, olhando para a porta por onde eles tinham passado:

– Pobres ignorantes! Que seria o vosso Portugal sem estrangeiros, senão um país sáfaro e inculto? Sois vós, homens brigosos, capazes dos primores das artes ou, sequer, de entendê-los?... Lá vão, lá vão os frades celebrar um auto! Não serei eu que assista a ele: eu que vi os mistérios de Covêntria e de Widkirk! Miseráveis selvagens, antes de tentardes representar mistérios, fora melhor que mandásseis vir alguns irmãos da Sociedade dos Escrivães de Paróquia de Londres(*), que vos ensinassem os verdadeiros mornos, ademanes e trejeitos usados em semelhantes autos.

[(*) Pelas crónicas de Stow vê-se que, no princípio do século XV, os mistérios eram representados em Londres pelos escrivães da paróquia, incorporados na

sociedade por Henrique III, em 1409.]

Mestre Ouguet estava embebido neste mudo solilóquio em louvor da nação que lhe dava de comer, e, o que deveria pesar-lhe ainda mais na consciência, da nação que lhe dava de beber, quando, erguendo casualmente os olhos para a maciça abóbada que sobre ele se arqueava, fez um gesto de indizível horror e, como doido, correu a bom correr pela crasta solitária, apertando a cabeça entre as mãos, e gritando a espaços:

– Oh, mal-aventurado de mim!

III

O AUTO

Junto a uma das colunas da Igreja de Santa Maria da Vitória estava alevantado um estrado, sobre o qual se via uma grande e maciça cadeira de espaldas, feita de castanho e lavrada de curiosos bestiães e lavores. Era este o lugar onde el-rei devia assistir ao auto da adoração dos reis. No mesmo estrado havia vários assentos rasos, para neles se assentarem os fidalgos e cavaleiros que o acompanhavam. em frente do estrado e colocado ao pé do arco da Capela do Fundador, corria para um e outro lado da parede um devoto presépio, meio erguido do chão e representando serranias agrestes, ao sopé das quais estava armada uma espécie de choça, onde, sobre a tradicional manjedoura, se via reclinado o Menino Jesus e, de joelhos junto dele, a Virgem e S. José, acompanhados de vários anjos, em acto de adoração. Diante da cabana e no mesmo nível, corria um largo e grosseiro cadafalso de muitas tábuas, para o qual, por um dos lados, davam serventia duas

grossas e compridas pranchas de pinho, por onde deviam subir as personagens do auto.

Tanto que el-rei saiu da porta do cruzeiro que dá para a sacristia, encaminhou-se pela igreja abaixo e veio assentar-se na cadeira de espaldas, conduzido por Frei Lourenço, que, com todos os modos de homem cortesão, ofereceu os assentos rasos aos demais cavaleiros e fidalgos.

Pela mesma porta da sacristia saíram logo as primeiras figuras do auto, as quais, descendo ao longo da nave, subiram ao cadafalso pelas pranchas de que fizemos menção.

Estas primeiras figuras eram seis, formando uma espécie de prólogo ao auto. Três que vinham adiante representavam a Fé, a Esperança e a Caridade; após elas, vinham a Idolatria, o Diabo e a Soberba; todas com as suas insígnias muito expressivas e a ponto; mas o que enlevava os olhos da grande multidão dos espectadores era o Diabo, vestido de peles de cabra, com um rabo que lhe arrastava pelo tablado e o seu forcado na mão, muito vistoso e bem-posto.

Feitas as vénias a el-rei, a Idolatria começou seu arrazoado contra a Fé, queixando-se de que ela a pretendia esbulhar da antiga posse em que estava de receber cultos de todo o género humano, ao que

a Fé acudia com dizer que, ab initio, estava apontado o dia em que o império dos ídolos devia acabar, e que ela Fé não era culpada de ter chegado tão asinha esse dia. Então o Diabo vinha, lamentando-se de que a Esperança começasse de entrar nos corações dos homens; que ele Diabo tinha jus antiquíssimo de desesperar toda a gente; que se dava ao demo por ver as perrarias que a Esperança lhe fazia; e, com isto, careteava, com tais momos e trejeitos, que o povo ria a rebentar, o mais devotamente que era possível. Ainda que o Diabo fizesse de truão da festa, nem por isso a sua contendora, a Esperança, dava descargo de si com menos compostura do que a tão honrada virtude cumpria, dizendo que ela obedecia ao Senhor de todas as coisas, e que este, vendo e considerando os grandes desvairos que pelo mundo iam, e como os homens se arremessavam desacordadamente no Inferno, a mandara para lhes apontar o direito caminho do Céu; e por aqui seguia com razões muito devotas e discretas, que moveriam a devotíssimas lágrimas os ouvintes, se a devoto riso os não movesse o Diabo com os seus trejeitos e esgares, como, com bastante agudeza, reflete o autor da antiga crónica de que fielmente vamos transcrevendo esta verídica história. A Soberba, que estava impando, ouvidas as razões da Esperança, travou dela muito rijo e,

com voz torvada e rosto aceso, começou de bradar que esta dona era sandia, porque entendera enganar os homens com vaidades de incertos futuros e sustentá-los com fumo; que pretendia, contra toda a ordem de boa razão, que a gente vil houvesse igual quinhão no Céu com os senhores e cavaleiros, o que era descomunal ousadia e fora da geral opinião e direito, indo por aqui discursando com remoques muito orgulhosos, como a Soberba que era. Não sofreu, porém, o ânimo da Caridade tão descomposto razoar da sua figadal inimiga, e lho atalhou com tomar a mão naquele ponto e notar que os filhos de Adão eram todos uns aos olhos do Todo-Poderoso; que a Soberba inventara as vãs distinções entre os homens, e que à vida eternal mais amorosamente eram os pequenos e humildosos chamados, do que os potentes, o que provou claramente à sua contrária com bastos textos das santas escrituras, de que a Soberba ficou muito corrida, por não ter contra tão grande autoridade resposta cabal. E acabado o dizer da Caridade, um anjo subiu ao cadafalso, para dar sua sentença, que foi mandar recolher ao abismo a Idolatria, o Diabo e a Soberba, e anunciar às três virtudes que as ia elevar ao Céu, onde reinariam em glória perdurável. Então o Diabo, fazendo horribilíssimos biocos, pegou pela mão às suas companheiras e fugiu pela igreja fora, com grandes apupos e

doestos dos espectadores. Guiando as três virtudes, o anjo (por uma daquelas liberdades cénicas que ainda hoje se admitem, quando, nas vistas de marinha, o ator que vem embarcado desce dois ou três degraus das ondas de papelão para a terra de soalho), em vez de subir ao Céu, como anunciara, desceu pelas pranchas que davam para o pavimento da igreja, e, caminhando ao longo da nave, se recolheu à sacristia, acompanhado da Fé, Esperança e Caridade, tão vitoriadas pelos espectadores, como apupados tinham sido o Diabo e as suas infernais companheiras.

Ainda bem não eram recolhidas estas figuras, quando, pela mesma porta do cruzeiro, saíram os três reis magos, ricamente vestidos ao antigo, com roupas talares de fina tela, mantos reais, e coroas na cabeça. Adiante vinha Baltasar, homem já velho, mas bem-disposto da sua pessoa, com aspeto grave e autorizado e com umas barbas, posto que brancas, bem povoadas; logo após ele, vinha o rei Belchior, e a este seguia-se Gaspar. Traziam todos suas bocetas, em que eram guardados os preciosos dons que ao recém-nascido vinham de longes terras ofertar. Subindo ao cadafalso, disseram como uma estrela os guiara até Jerusalém e como desta cidade, depois de muito trabalhado e duvidoso caminho, tinham acertado em vir a Belém e, com grande folgança, encontravam aí o presepe,

para fazer seu ofertório, o que, em verdade, era coisa muito piedosa de ouvir. O rei Baltasar, como mais velho e sisudo, foi o primeiro que ajoelhou junto do presepe e, com voz muito entoada e depondo ante o Menino seus presentes, disse:

Santo filho de David,

Divinal

Salvador da triste raça

Humanal,

Que descestes lá do assento

Celestial,

Vós da glória imperador

Eternal,

Aceitai este ofertório

Não real,

Pobre si. É quanto posso:

Não hei al.

O que fora compridoiro

De auto tal

Bem o sei. Andei más vias,

pelo meu mal;

Que dez dias prantei tendas

De arraial

Nas soidões fundas d'Arabia:

muito fatal.

Meus camelos há tisnado

Sol mortal;

E um, de vento do deserto,

Vendaval.

O presente que aí vedes

Pouco val;

É somente algum incenso

Oriental;

Que o tesouro que eu trazia,

muito cabal

Soterrou-mo a tempestade

No areal.

E com isto, o venerável rei Baltasar, depois de fazer sua oração em voz baixa, ergueu-se, e o rei Belchior, ajoelhando e depondo a urna que trazia nas mãos ante o presepe, disse:

Vindo sou lá do Cataio

A adorar-vos, alto infante,

Redentor:

Não me pôs na alma desmaio

Ser de terra tão distante

Rei, senhor!

É bem torva a minha face:

Minhas mãos tingidas são

De negrura;

Mas na terra onde o Sol nasce

Mais se cobre o coração

De tristura;

Porque o torpe Mafamede

Sua crença muito sandia

Mandou lá,

E não há quem dela arrede

Essa gente, que aperfia

Em ser má.

Real tronco de Jessé,

muito fermoso, se eu pudera,

Vos levara,

E, convosco, à vossa fé

Os incréus eu convertera,

E os salvara.

Ora quero ver se peito

São José, que é vosso padre...

Um sussurro, que começara no momento em que o rei preto ajoelhou e que mal deixara ouvir a precedente loa (obra muito prima de certo leigo, afamado jogral daquele tempo), cresceu neste momento a tal ponto, que o corista que fazia o papel de Belchior não pôde continuar, com grande dissabor do poeta, que via murchar a coroa de louros que neste auto esperava obter. O povo agitava-se, e do meio dele saíam gritos descompostos, que aumentavam o tumulto. El-rei tinha-se erguido, e juntamente os demais cavaleiros e fidalgos: todos indagavam a origem do motim; mas não havia acertar com ela. Enfim, um homem, rompendo por entre a multidão, sem touca na cabeça, cabelos desgrenhados, boca torcida e coberta de escuma, olhos esgazeados, saltou para dentro da teia, que fazia um claro em roda do tablado. Apenas se viu dentro daquele recinto, ficou imóvel, com os braços estendidos para o teto, as palmas das mãos voltadas para cima, e a cabeça encolhida entre os ombros, como quem, cheio de horror, via sobre si desabar aquelas altíssimas e maciças arcarias.

– Mestre Ouguet! – exclamou el-rei espantado.

– Mestre Ouguet! – gritou Frei Lourenço, com todos os sinais de assombro.

– Mestre Ouguet! – repetiram os cavaleiros e fidalgos, para também dizerem alguma coisa.

– Quem fala aqui no meu nome? – rosnou David Ouguet, com voz comprimida e sepulcral. – Malvados! Querem assassinar-me?! Querem arrojar sobre mim esse montão de pedras, como se eu fora um cão judeu, que merecesse ser apedrejado?! Oh meu Deus, salvai a minha alma! – E depois de breve silêncio, em que pareceu tomar fôlego: – Não vos chegueis aí! – bradou ele. – Não vedes essas fendas, profundas como o caminho do Inferno? São escuras: mas, através delas, lá enxergo eu o luar! Vós não, porque vossos olhos estão cegos... porque o vosso bom nome não se escoa por lá!... Cegos?... Não vós!... mas ele! Ele é que se ri e folga na sua orgulhosa soberba! Vede como escancara aquela boca hedionda; como revolve, debaixo das pálpebras cobertas de vermelhidão, aqueles olhos embaciados!... Maldito velho, foge diante de mim!... Maldito, maldito!... Curvada já no centro... senti-a escaliçar e ranger... Estavas tu assentado em cima dela? Feiticeiro!... Anda, que eu bem ouço as tuas gargalhadas!... Não há um raio que te confunda?... Não!

Dizendo isto, mestre Ouguet cobriu a cara com as mãos e ficou outra vez imóvel.

El-rei, os cavaleiros, os padres mais dignos que estavam de roda do estrado real, os reis magos, os populares, todos olhavam pasmados para o arquiteto, que assim interrompera a solenidade do auto. Silêncio profundo sucedera ao ruído que a aparição daquele homem desvairado excitara. Milhares de olhos estavam fitos nesse vulto, que semelhava uma larva de condenado saída das profundezas para turbar a festa religiosa. Por mais de um cérebro passou este pensamento; em mais de uma cabeça os cabelos se eriçaram de horror; mas, dos que conheciam mestre Ouguet, nenhum duvidou de que fosse ele em corpo e alma. Que proveito tiraria o demónio de tomar a figura do arquiteto para fazer uma das suas irreverentes diabruras? Só uma suposição havia que não era inteiramente desarrazoada: David Ouguet podia estar possesso, em consequência de algum grave pecado; pecado que, talvez, tivesse omitido na última confissão, que fizera na véspera de Natal. Isto era possível e, até, natural; que não vivia ele a mais justificada vida. Supor que endoidecera parecia grande despropósito; porque nenhum motivo havia para tal lhe acontecer, quando merecera os gabos de el-rei e de todos, por ter levado a cabo a grandiosa obra

que lhe estava encomendada. Estes e outros raciocínios, hoje ridículos, mas, segundo as ideias daquela época, bem fundados e correntes, fazia o reverendo padre-procurador Frei Joane, que tinha vindo assistir ao auto e estava em pé atrás do estrado, perto de Frei Lourenço Lampreia. Revolvendo tais pensamentos, no meio daquele silêncio ansioso em que todos estavam, não pôde ter-se que, pé ante pé, se não chegasse ao prior e lhos comunicasse em voz baixa, ao ouvido.

– Não vou fora disso – respondeu o prior, que, enquanto o outro frade lhe falara, estivera dando à cabeça, em sinal de aprovação. – O olhar espantado, o escumar, o estorcer os membros e o falar não sei de que feiticeiro, tudo me induz a crer que o demónio se chantou naquele miserável corpo, como vós aventais. Se assim é, pouco juízo mostrou desta vez o diabo em vir com os seus esgares e tropelias atalhar o muito devoto auto da adoração. Examinemos se assim é, e eu vo-lo darei bem castigado.

Dizendo isto, Frei Lourenço chegou-se a el-rei e disse-lhe o que quer que fosse. Ele escutou-o atentamente e, tanto que o prior acabou, assentou-se outra vez na sua cadeira de espaldas e fez

sinal com a mão aos fidalgos e cavaleiros para que também se assentassem.

Frei Lourenço, acompanhado de mais alguns frades, subiu pela igreja acima e entrou na sacristia. Todos ficaram esperando, silenciosos e imóveis como mestre Ouguet, o desfecho desta cena, que se encaixava no meio das cenas do auto.

Tinham passado obra de três credos, quando, saindo outra vez da porta da sacristia, Frei Lourenço voltou pela igreja abaixo, revestido com as vestes sacerdotais, chegou à teia, abriu-a e encaminhou-se para mestre Ouguet. Depois, olhando de roda e fazendo um aceno de autoridade, disse:

– Ajoelhai, cristãos, e orai ao Padre Eterno por este nosso irmão, tomado de espírito imundo.

A estas palavras, rei, cavaleiros, frades, povo, tudo se pôs de joelhos. E ouvia-se ao longo das naves o sussurro das orações.

Só mestre Ouguet ficou sem se bulir, com o rosto metido entre as mãos.

O prior lançou a estola à roda do pescoço do possesso e queria atar os três nós do ritual; mas o paciente deu um estremeção e, tirando

as mãos da cara, fez um gesto de horror e gritou:

– Frade abominável, também tu és conluiado com o cego?

– Não há dúvida! – disse por entre os dentes o prior. – Mestre Ouguet está endemoninhado.

Tirando então da manga um pergaminho, em que estavam escritas várias coisas de doutrina, pô-lo sobre a cabeça do mestre, fazendo sobre ele três vezes o sinal-da-cruz.

David Ouguet soltou então uma destas risadas nervosas que horrorizam e que tão frequentes são, quando o padecimento moral sobrepuja as forças da natureza.

– Cão tinhoso – bradou Frei Lourenço –, espírito das trevas, enganador, maldito, luxurioso, insipiente, ébrio, serpe, víbora, vil e refece demónio; enfim, castelhano(*). Em nome do Criador e senhor de todas as coisas, te mando que repitas o credo ou saias deste miserável corpo.

[(*) O inquisidor Sprenger, no livro intitulado Malleus Malleficarum, recomenda aos exorcistas que, antes de tudo, descomponham e injuriem quanto puderem os possessos, advertindo que não são propriamente estes que recebem as afrontas,

mas sim o Diabo que têm no corpo. A conveniência de tais doestos é que para o Demónio, pai da Soberba, não pode haver maior pirraça do que ser descomposto na sua cara, sem que ele se possa desagravar. Veja-se o livro citado, edição de Lião de 1604 – Tomo 2.0, pág. 83. Assim, o prior devia guardar para o fim daquele rol de injúrias a que, no ardor do fanatismo político da época, se reputava a máxima afronta.]

Mestre Ouguet ficou imóvel e calado.

– Não cedes?! – prosseguiu o prior. – Recorrerei ao sétimo, ao mais terrível exorcismo. Veremos se poderás ao teu salvo escarnecer das criaturas feitas à imagem e semelhança de Deus.

Depois de várias cerimónias e orações, Frei Lourenço chegou-se ao pobre irlandês e começou a repetir o conjuro, fazendo-lhe uma cruz sobre a testa, a cada uma das seguintes palavras, que proferia lentamente:

– Hel – Heloym – Heloa – Sabaoth – Helyon – Esereheye – Adonay – Iehova – Ya – Thetagrammaton – Saday – Messias – Hagios – Ischiros – Otheos – Athanatos – Sother – Emanuel – Agla...

– Jesus! – bradou a uma voz toda a gente que estava na igreja.

– Diabo! – gritou mestre Ouguet; e caiu no chão como morto.

E houve um momento de angústia e terror, em que todos os corações deixaram de bater, e em que todos os olhos, braços e pernas ficaram fixos, como se fossem de bronze.

Um ruído, semelhante ao de cem bombardas que se houvessem disparado dentro do mosteiro e que soara da banda da sacristia, tinha arrancado aquele grito de mil bocas e convertido em estátuas essa multidão de povo.

Há situações tão violentas que, se durassem, a morte se lhes seguiria em breve; mas a providente Natureza parece restaurar com dobrada energia o vigor físico e espiritual do homem depois destes abalos espantosos. Então, melhor que nunca, ele sente em si que, posto que despenhado, não perdeu a sublimidade da sua origem divina. A reação segue a ação; e quanto mais tímido o indivíduo se mostrou, mais viva é a consciência da própria força, que, depois disso, renasce com o destemor e ousadia.

Foi o que sucedeu a D. João I, aos cavaleiros do seu séquito e ao povo que estava na Igreja de Santa Maria, passado aquele instante de sobrenatural pavor. A terribilidade da cerimónia que Frei Lourenço executava, o ruído inesperado que rompera o exorcismo, o grito blasfemo do arquiteto, no momento de cair por terra, o lugar,

a hora, eram coisas que, reunidas, fariam pedir confissão a uma grande manada de enciclopedistas e que, por isso, não é de admirar fizessem impressão vivíssima em homens de um século, não só crente, mas também supersticioso. Todavia, o ânimo indomável do Mestre de Avis brevemente fez cobrar alento a todos os que aí estavam.

– É, em verdade, descomunal maravilha o que temos visto e ouvido – disse ele com voz firme, voltando-se para os que o rodeavam –; mas cumpre indagar donde procede o ruído que veio interromper o muito devoto padre-prior no exercício do seu ministério tremendo. Soou esse medonho estampido da banda do claustro; vamos examinar o que seja: se diabólico, estamos na casa de Deus, e a Cruz é nosso amparo; se natural, que haverá no mundo capaz de pôr espanto em cavaleiros portugueses?

Dizendo isto, el-rei desceu do estrado e encaminhou-se para a sacristia. Os cavaleiros da comitiva, os frades, os três reis magos (que ainda estavam em pé sobre o tablado) e grande parte do povo tomaram o mesmo caminho.

El-rei ia adiante, e o prior era o que mais de perto o seguia. Cruzaram o arco gótico que dava comunicação para a sacristia: aí

tudo estava em silêncio; uma lâmpada que pendia do teto dava luz frouxa e mortiça, e, a esta luz incerta e baça, encaminharam-se para a porta do Capítulo. Ao chegar a ela, todos recuaram de espanto, e um segundo grito soou e veio morrer sussurrando pelas naves da igreja quase deserta:

– Jesus!

As portas tinham estoirado nos seus grossíssimos gonzos, e muito cimento solto e pedras quebradas tinham rolado pelo portal fora, entulhando-lhe quase um terço da altura. Olhando para o interior daquela imensa quadra, não se viam senão enormes fragmentos de cantos lavrados, de laçarias, de cornijas, de voltas e de relevos: a Lua, que passava tranquila nos céus, refletia o seu clarão pálido sobre este montão de ruínas, semelhantes aos monumentos irregulares de um cemitério cristão; e, por cima daquele temeroso silêncio, passava o frio leste da noite e vinha bater nas faces turbadas dos que, apinhados na sacristia, contemplavam este lastimoso espetáculo.

Dos olhos de el-rei e de Frei Lourenço caíram algumas lágrimas, que eles debalde tentavam reprimir.

A abóbada do Capítulo, acabada havia vinte e quatro horas, tinha desabado em terra!

IV

UM REI CAVALEIRO

Em uma quadra das que serviam de aposentos reais no Mosteiro da Batalha, à roda de um bufete de carvalho de lavor antigo, cujos pés, torneados em linha espiral, eram travados por uma espécie de escabelo, que pelos topos se embebia neles, estavam assentadas várias personagens daquelas com quem o leitor já tratou nos antecedentes capítulos. Eram estas D. João I, Frei Lourenço Lampreia e o procurador Frei Joane. El-rei estava à cabeceira da mesa, e no topo carairo o prior, tendo à sua esquerda Frei Joane. Além destes, outros indivíduos aí estavam, que as pessoas lidas nas crónicas deste reino também conhecerão: tais eram os doutores João das Regras e Martim de Océm, do conselho de el-rei, cavaleiros muito graves e autorizados, e, afora eles, mais alguns fidalgos que D. João I particularmente estimavam. Atrás da cadeira de el-rei, um pajem esperava, em pé, as ordens do seu real senhor. O quadrante do terrado contíguo apontava meio-dia.

Em cima do bufete estava estendido um grande rolo de pergaminho, no qual todos os olhos dos circunstantes se fitavam: era a traça ou desenho do mosteiro que delineara mestre Afonso Domingues, onde, além dos prospetos gerais do edifício, iluminados primorosamente, se viam todos os cortes e alçados de cada uma das partes dessa complicada e maravilhosa fábrica. El-rei tinha a mão estendida e os dedos sobre o risco da casa capitular, ao passo que falava com o prior:

– Parece impossível isso; porque natural desejo é de todos os homens alcançarem repouso e pão na velhice, e não vejo razão para mestre Afonso se doer da mercê que lhe fiz.

– Pois a conversação que vos relatei, tive-a com ele ainda ontem, pouco antes da vossa mercê aqui chegar.

– E como vai David Ouguet? – perguntou el-rei.

– Com grande melhoria – respondeu o prior. – Dormiu bom espaço e acordou no seu juízo. Contou-me que, entrando ontem após nós na Casa do Capítulo e afirmando a vista na abóbada, conhecera que tinha gemido e estava a ponto de desabar; que sentira apertar-se-lhe o coração e que, com a sua aflição, correra pela crasta fora, como doido; que no céu se lhe afigurava um relampaguear

incessante e medonho; que via... nem ele sabe o que via, o pobre homem. Depois disso, diz que perdera o tino, e de nada mais se recorda.

– Nem dos exorcismos? – perguntou em meia voz Martim de Océm, com um sorriso malicioso.

– Nem dos exorcismos – retrucou Frei Lourenço no mesmo tom, mas subindo-lhe ao rosto a vermelhidão da cólera. – A propósito, doutor. Dizem-me que Anequim(*) é morto, e que el-rei proveu o cargo num dos do seu conselho. Seria verdadeira esta mercê singular?

[(*)Anequim era o bobo do paço no tempo de D. Fernando, a quem sobreviveu.]

E o frade media o letrado de alto a baixo, com os olhos irritados. Este preparava-se para vibrar ao prior uma nova injúria indireta, naquele jogo de alusões que era as delícias do tempo, quando el-rei acenou ao pajem, dizendo-lhe:

– Álvaro Vaz de Almada, ide depressa à morada de Afonso Domingues, dizei-lhe que eu quero falar-lhe e guiai-o para aqui.

Fazei isso com tento: lembrai-vos de que ele é um antigo cavaleiro, que militou com o vosso muito esforçado pai.

O pajem saiu a cumprir o mandado de el-rei.

– Dizeis vós – prosseguiu este, dirigindo-se a João das Regras e a Martim de Océm – que talvez Afonso Domingues se enganasse em supor que era possível fazer uma abóbada tão pouco erguida, como é a que ele traçou para o Capítulo. Não creio eu que tão entendido arquiteto assim se enganasse: mais inclinado estou a persuadir-me de que o lastimoso sucesso de ontem à noite procedesse da grave falta cometida por mestre Ouguet nesta edificação.

– E que falta foi essa, se a vossa mercê apraz dizer-mo? – replicou João das Regras.

– A de não seguir de todo o ponto o desenho de mestre Afonso – disse el-rei.

– E se a execução da sua traça fosse impossível? – acudiu o doutor.

– Impossível?! – atalhou el-rei. – E não contava ele com levá-la a efeito, se Deus o não tolhesse dos olhos?

– E é disso que mais se dói mestre Afonso – interrompeu o prior. – A sua grande canseira é que ninguém saberá continuar a edificação

do mosteiro ou, como ele diz, prosseguir a escritura do seu livro de pedra, porque ninguém é capaz de entender o pensamento que o dirigiu na conceção dele.

– Roncarias e feros são esses próprios de quem foi homem de armas de Nun'Álvares – disse o chanceler João das Regras. – Todos os da sua bandeira são como ele. Porque sabem jogar boas lançadas, têm-se em conta de príncipes dos discretos; e o cego não se esqueceu ainda de que comeu da caldeira do Condestável.

João das Regras, émulo de Nun'Álvares, não perdeu esta oportunidade de lhe pôr pecha; mas D. João I, que conhecia serem esses dois homens as pedras angulares do seu trono, escutava-os sempre com respeito, salvo quando falavam um do outro; posto que o Condestável, homem mais de obras que de palavras, raras vezes menoscabava os méritos do chanceler, contentando-se com lançar na balança em que João das Regras mostrava o grande peso da sua pena o montante com que ele Nun'Álvares tinha, em cem combates, salvado a pátria do domínio estranho e a cabeça do chanceler das mãos do carrasco, de que não o livrariam nem os graus de doutor de Bolonha, nem os textos das leis romanas.

– Deixai lá o Condestável, que não vem ao intento – disse el-rei –; o que me importa é ouvir mestre Afonso sobre este caso. Quisera antes perder um recontro com castelhanos do que pensar que o Capítulo de Santa Maria da Vitória ficará em ruínas. Mestre Ouguet com a sua arte deixou-lhe vir ao chão a abóbada: se Afonso Domingues for capaz de a tornar a erguer e deixá-la firme, concluirei daí que vale mais o cego que o limpo de vista: e digo-vos que o restituirei ao antigo cargo, ainda que esteja, além de cego, coxo e mouco.

Neste momento entrava o velho arquiteto, agarrado ao braço de Álvaro Vaz de Almada, que o veio guiando para o topo da desmesurada banca de carvalho, à roda da qual se travara o diálogo que acima transcrevemos.

– Dom donzel, onde é que está el-rei? – dizia Afonso Domingues ao pajem, caminhando com passos incertos ao longo do vasto aposento.

D. João I, que ouvira a pergunta, respondeu em vez do pajem:

– Agora nenhum rei está aqui, mas sim o Mestre de Avis, o vosso antigo capitão, nobre cavaleiro de Aljubarrota.

– Beijo-vos as mãos, senhor rei, por vos lembrardes ainda de um velho homem de armas que para nada presta hoje. Vede o que de mim mandais; porque, da vossa ordem, aqui me trouxe este bom donzel.

– Queria ver-vos e falar-vos; que do coração vos estimo, honrado e sabedor arquiteto do Mosteiro de Santa Maria.

– Arquiteto do Mosteiro de Santa Maria, já o não sou: vossa mercê me tirou esse encargo; sabedor, nunca o fui, pelo menos muitos assim o creem, e alguns o dizem. Dos títulos que me dais só me cabe hoje o de honrado; que esse, mercê de Deus, é meu, e fora infâmia roubá-lo a quem já não pode pegar em montante para defendê-lo.

– Sei, meu bom cavaleiro, que estais muito torvado comigo por dar a outrem o cargo de mestre das obras do mosteiro: nisso cria eu fazer-vos assinalada mercê. Mas, venhamos ao ponto: sabeis que a abóbada do Capítulo desabou ontem à noite?

– Sabia-o, senhor, antes do caso suceder.

– Como é isso possível?

– Porque todos os dias perguntava a alguns desses poucos obreiros portugueses que aí restam como ia a feitura da casa capitular. No desenho dela pusera eu todo o cabedal do meu fraco engenho, e este aposento era a obra-prima da minha imaginação. Por eles soube que a traça primitiva fora alterada e que a juntura das pedras era feita por modo diverso do que eu tinha apontado. Profetizei-lhes então o que havia de acontecer. E – acrescentou o velho, com um sorriso amargo – muito fez já o meu sucessor em por tal arte lhe pôr o remate que não desabasse antes das vinte e quatro horas.

– E tínheis vós por certo que, se a vossa traça se houvera seguido, essa desmesurada abóbada não viria a terra?

– Se estes olhos não tivessem feito com que eu fosse posto de banda como uma carta de testamento antiga, que se atira, por inútil, para o fundo de uma arca, a pedra de fecho dessa abóbada não teria de vir esmigalhar-se no pavimento antes de sobre ela pesarem muito séculos; mas os do vosso conselho julgaram que um cego para nada podia prestar.

– Pois, se ousais levar a cabo vosso desenho, eu ordeno que o façais, e desde já vos nomeio de novo mestre das obras do mosteiro, e David Ouguet vos obedecerá.

– Senhor rei – disse o cego, erguendo a cara, que até ali tivera curvada –, vós tendes um cetro e uma espada; tendes cavaleiros e besteiros; tendes ouro e poder: Portugal é vosso, e tudo quanto ele contém, salvo a liberdade dos vossos vassalos: nesta nada mandais. Não!... vos digo eu: não serei quem torne a erguer essa derrocada abóbada! Os vossos conselheiros julgaram-me incapaz disso: agora eles que a alevantem.

As faces de D. João I tingiram-se do rubor do despeito.

– Lembrai-vos, cavaleiro – disse-lhe –, de que falais com D. João I.

– Cuja coroa – acudiu o cego – lhe foi posta na cabeça por lanças, entre as quais reluzia o ferro da que eu brandia. D. João I é assaz nobre e generoso, para não se esquecer de que nessas lanças estava escrito: os vassalos portugueses são livres.

– Mas – disse el-rei – os vassalos que desobedecem aos mandados daquele em cuja casa têm acostamento, podem ser privados da sua moradia...

– Se dizeis isso pela que me destes, tirai-ma; que não vo-la pedi eu. Não morrerei de fome; que um velho soldado de Aljubarrota achará sempre quem lhe esmole uma mealha; e quando haja de morrer à

míngua de todo humano socorro, bem pouco importa isso a quem vê arrancarem-lhe, nas bordas da sepultura, aquilo porque trabalhou toda a vida: um nome honrado e glorioso.

Dizendo isto, o velho levou a manga do gibão aos olhos baços e embebeu nela uma lágrima mal sustida. El-rei sentiu a piedade coar-lhe no coração comprimido de despeito e dilatar-lho suavemente. Umas das dores de alma que, em vez de a lacerar, a consolam, é sem dúvida a compaixão.

– Vamos, bom cavaleiro – disse el-rei pondo-se em pé –, não haja entre nós doestos. O arquiteto do Mosteiro de Santa Maria vale bem o seu fundador! Houve um dia em que nós ambos fomos pelejadores: eu tornei célebre o meu nome, a consciência mo diz, entre os príncipes do Mundo, porque segui avante por campos de batalha; ela vos dirá, também, que a vossa fama será perpétua, havendo trocado a espada pela pena com que traçastes o desenho do grande monumento da independência e da glória desta terra. Rei dos homens do aceso imaginar, não desprezeis o rei dos melhores cavaleiros, os cavaleiros portugueses! Também vós fostes um deles; e negar-vos-ei a prosseguir na edificação desta memória, desta tradição de mármore, que há de recordar aos vindouros a história

dos nossos feitos? Mestre Afonso Domingues, escutai os ossos de tantos valentes que vos acusam de trairdes a boa e antiga amizade. Vem de todos os vales e montanhas de Portugal o soído desse queixume de mortos; porque, nas contendas da liberdade, por toda a parte se verteu sangue e foram semeados cadáveres de cavaleiros! Eis, pois: se não perdoais a D. João I uma suposta afronta, perdoai-a ao Mestre de Avis, ao vosso antigo capitão, que, em nome da gente portuguesa, vos cita para o tribunal da posteridade, se refusais consagrar outra vez à pátria vosso maravilhoso engenho, e que vos abraça, como antigo irmão nos combates, porque, certo, crê que não quererereis perder na vossa velhice o nome de bom e honrado português.

El-rei parecia grandemente comovido, e, talvez involuntariamente, lançou um braço ao redor do pescoço do cego, que soluçava e tremia sem soltar uma só palavra.

Houve uma longa pausa. Todos se tinham posto em pé quando el-rei se erguera e esperavam ansiosos o que diria o velho. Finalmente este rompeu o silêncio.

– Vencestes, senhor rei, vencestes!... A abóbada da casa capitular não ficará por terra. Oh meu Mosteiro da Batalha, sonho querido de

quinze anos de vida entregues a pensamentos, a mais formosa das tuas imagens será realizada, será duradoura, como a pedra em que vou estampá-la! Senhor rei, as nossas almas entendem-se: as únicas palavras harmoniosas e inteiramente suaves que tenho ouvido há muitos anos, são as que vos saíram da boca: só D. João I compreende Afonso Domingues; porque só ele compreende a valia destas duas palavras formosíssimas, palavras de anjos: pátria e glória. A passada injúria, aos vossos conselheiros a atribuí sempre, que não a vós, posto que de vós, que éreis rei, me queixasse; varrê-la-ei da memória, como o entalhador varre as lascas e a pedra moída pelo cinzel de cima do vulto que entalhou em gárgula de cimalha rendada. Que me restituam os meus oficiais e obreiros portugueses; que português sou eu, portuguesa a minha obra! De hoje a quatro meses podeis voltar aqui, senhor rei, e ou eu morrerei ou a casa capitular da Batalha estará firme, como é firme a minha crença na imortalidade e na glória.

El-rei apertou então entre os braços o bom do cego, que procurava ajoelhar aos seus pés. Era a atração de duas almas sublimes, que voavam uma para a outra. Por fim, D. João I fez um sinal ao pajem, que se aproximou:

– Álvaro Vaz, acompanhai este nobre cavaleiro a sua pousada. E vós, mestre muito sabedor, ide repousar: dentro de quinze dias vossos antigos oficiais terão voltado de Guimarães para cumprirem o que mandardes. muito devoto padre-prior – continuou el-rei, voltando-se para Frei Lourenço –, entendei que de ora avante Afonso Domingues, cavaleiro da minha casa, torna a ser mestre das obras do Mosteiro de Santa Maria da Vitória, enquanto assim lhe aprouver.

O prior fez uma profunda reverência.

A alegria tinha tolhido a voz do arquiteto: diante de toda a corte el-rei o havia desafrontado, e já, sem desdouro, podia aceitar o encargo de que o tinham despojado. Com passos incertos, e seguro ao braço do pajem, saiu do aposento, feita vénia a el-rei.

Este deu imediatamente ordem para a partida. Quando todos iam saindo, o prior chegou-se ao velho chanceler e disse-lhe em tom submisso:

– Doutor Johannes a Regulis, espero que narreis fielmente à rainha o que sucedeu e a certifiqueis de quanto me custa ver tirada a régua magistral a mestre Ouguet...

– Foi – disse o político discípulo de Bártolo – mais uma façanha de D. João I: começou por brigar com um louco, e acabou abraçando-o, por lhe ver derramar uma lágrima. Bem trabalho por fazer do Mestre de Avis um rei; mas sai-me sempre cavaleiro andante. Não lhe sucedera isto, se, em vez de passar a mocidade em pelejas, a houvera passado a estudar em Bolonha. Tenho-lhe dito mil vezes que é preciso lisonjear os ingleses porque carecemos deles: a tudo me responde com dizer que, com Deus e o próprio montante, tem em nada Castela; todavia a gente inglesa ufanava-se de ser David Ouguet o mestre desta edificação. E que importava que ela fosse mais ou menos primorosa, a troco de contentarmos os que connosco estão liados? Quanto a vós, reverendo prior, ficai descansado; tudo fia a rainha da vossa prudência, que é muita, posto que não vistes Bolonha. Vamos, reverendíssimo.

A Corte já tinha saído: os dois velhos seguiram-na ao longo daquelas arcadas, conversando um com o outro em voz baixa.

V

O VOTO FATAL

Rica de galas, a Primavera tinha vestido os campos da Estremadura do viço das suas flores: a madressilva, a rosa agreste, o rosmaninho e toda a casta de boninas teciam um tapete odorífero e imenso, por charnecas, cômoros e sapais e pelo chão das matas e florestas, que agitavam as caras sonolentas com a brisa de manhã puríssima, mostrando aos olhos um baloiçar de verdura compassado com o das searas rasteiras, que, mais longe, pelas veigas e outeiros, ondeavam suavemente. Eram 7 de Maio da era de 1439 ou, como os letrados diziam, do ano da Redenção 1401. Quatro meses certos se contavam nesse dia, depois daquele em que, numa das quadras do aposento real no Mosteiro da Batalha, se passara a cena que no antecedente capítulo narrámos e que extraímos do famoso manuscrito mencionado no capítulo II, com aquela pontualidade e verdade com que o grande cronista Frei Bernardo de Brito citava só documentos inegáveis e autores certíssimos, e com aquela

imparcialidade e exação com que o filósofo de Ferney referia e avaliava os factos em que podia interessar a religião cristã.

Assistiu o leitor à promessa que mestre Afonso Domingues fez a D. João I de que dentro de quatro meses lhe daria posto o remate na abóbada da casa capitular de Santa Maria da Vitória, e lembrado estará de como el-rei lhe prometera, também, mandar ir de Guimarães todos os oficiais portugueses que, despedidos da Batalha por mestre Ouguet, como menos habilidosos que os estrangeiros, tinham sido mandados para a obra, posto que grandiosa, menos importante, de Santa Maria da Oliveira, hoje desaportuguesada e caiada e dourada e mutilada pelo mais bárbaro abuso da riqueza e da ignorância clerical. A palavra do Mestre de Avis não voltara atrás, não por ser palavra de rei, mas por ser palavra de cavaleiro daqueles tempos, em que tão nobres afetos e instintos havia nos corações dos nossos avós que de bom grado lhes devemos perdoar a rudeza. Tendo partido de Alcobaça para Guimarães, onde nesse ano se juntavam cortes, apenas aí chegara tinha mandado partir para Santa Maria da Vitória os oficiais e obreiros mais entendidos, que vieram apresentar-se a mestre Afonso.

Este, resolvido, também, a cumprir o prometido, metera mãos à obra. O Capítulo foi desentulhado: aproveitaram-se as pedras da primeira edificação que era possível aproveitar, lavraram-se outras de novo, armaram-se os simples e, muito antes do dia aprazado, o fecho ou remate da abóbada repousava no seu lugar.

Durante estes quatro meses os sucessos políticos tinham trazido D. João I a Santarém, onde se fizera prestes com bom número de lanças, besteiras e peões para ir juntar-se com o Condestável, e entrarem ambos por Castela, cuja guerra tinha recomeçado, por se haverem acabado as tréguas. Para esta entrada se aparelhara el-rei com uma lustrosa companhia dos seus cavaleiros e, caminhando pela margem direita do Tejo, acampara junto a Tancos, onde se havia de construir uma ponte de barcas, para passar o exército e seguir avante até o Crato, que era o lugar aprazado com o Condestável, para juntos irem dar sobre Alcântara.

Em Vale de Tancos estava assentado o arraial da hoste de el-rei: os petintais que tinham vindo de Lisboa trabalhavam na ponte de barcas que se devia lançar sobre o Tejo; os besteiros alimpavam suas bestas e folgavam em lutas e jogos; os cavaleiros corriam pontas, atiravam ao tavolado, monteavam ou matavam o tempo em

banquetes e beberronias. Tinham chegado àquele sítio a 5 de Maio, e no dia seguinte el-rei partira aferradamente para a Batalha, porque não se esquecera de que os quatro meses que pedira Afonso Domingues para alevantar a abóbada eram passados, e fora avisado por Frei Lourenço de que a obra estava acabada, mas que o arquiteto não quisera tirar os simples senão na presença de el-rei.

Antes de partir de Lisboa, D. João I mandara sair dos cárceres em que jaziam bom número de criminosos e de cativos castelhanos, que, com grande pasmo dos povos, e rodeados por uma grossa manga de besteiros, tomaram o caminho da Batalha, sem que ninguém aventasse o motivo disto. Todavia, ele era óbvio: el-rei pensou que, assim como a abóbada do Capítulo desabara, da primeira vez, passadas vinte e quatro horas depois de desamparada, assim podia agora derrocar-se em cima dos obreiros, no momento de lhe tirarem os prumos e traveses sobre que fora edificada. Solícito pela vida dos seus vassalos, parente do povo pela sua mãe, e crendo por isso que a morte de um popular também tinha seu trance de agonia e que lágrimas de órfãos pobres eram tão amargas ou, porventura, mais que as de infantes e senhores, não quis que se arriscassem senão vidas condenadas, ou pela guerra ou pelos tribunais, e que, naquela, se tinham remido pela

covardia e, nestes, pela piedade ou, antes, pelo esquecimento dos juízes. E se da primeira vez lhe não acorrera esta ideia, fora porque, também, na memória de obreiros portugueses não havia lembrança de ter desabado uma abóbada apenas construída.

Seguido só por dois pajens, D. João I atravessou a vila de Ourém pelas horas mortas do quarto de modorra, e antes do meio-dia apeou-se à portaria do mosteiro.

Os oficiais que trabalhavam em vários lavores, pelos telheiros e casas ao redor do edifício, viram passar aquele cavaleiro e os dois pajens, mas não o conheceram: D. João I vinha coberto de todas as peças e, ao galgar o ginete pelo outeiro abaixo, tinha descido a viseira.

– Benedicite! – dizia el-rei, batendo devagarinho à porta da cela de Frei Lourenço.

– Pax vobis, domine! – respondeu o prior, que logo reconheceu el-rei e veio abrir a porta.

– Não vos incomodeis, reverendíssimo – disse D. João, entrando na cela e sentando-se num tamborete –, deixai-me resfolegar um pouco e dai-me uma vez de vinho.

– Não vos esperava tão de salto – disse Frei Lourenço; e, abrindo um armário, tirou dele uma borracha e um canjirão de madeira, que encheu de vinho e, pegando com a esquerda num a escudela de barro de Estremoz(*) , cheia de uma espécie de bolo feito de mel, ovos e flor de farinha, apresentou a el-rei aquela colação.

[(*) A louça de Estremoz é antiquíssima no nosso país. No tempo de Francisco I de França, mandavam-se buscar os púcaros desta loiça a Portugal, para beber a água, que então, bem como hoje, torna-se neles excessivamente fria.]

– Excelente almoço – dizia el-rei, descalçando o guante ferrado e cravando a espaços os dedos dentro da escudela, donde tirava bocados do bolo, que ajudava com alentados beijos dados no canjirão. Depois que cessou de comer, limpando a mão ao forro do tonelete, pôs-se em pé, enquanto Frei Lourenço guardava os despojos daquela batalha.

– Bofé – disse D. João I, rindo – que não ando ao meu talante, senão com o arnês às costas! Cada vez que o visto, parece-me que torno à mocidade e que sou o Mestre de Avis ou, antes, o simples cavaleiro que, confiado só em Deus, corria solto pelo mundo,

monteando edomas (Semanas) inteiras, e tendo sobre a consciência só os pecados de homem e não os escrúpulos de rei.

– E então – atalhou o prior – o vosso confessor Frei Lourenço era um pobre frade, cujos únicos cuidados se encerravam em saber as horas do coro e em ler as sagradas escrituras, porém que hoje tem de velar muitas noites, pensando no modo de não deixar afrouxar a disciplina e boa governança de tão alteroso mosteiro. Mas, segundo vosso recado, que ontem recebi, vindes para assistir ao tirar dos simples da muito famosa abóbada, o que mestre Domingues aporfia em só fazer perante vós?

– A isso vim, porém de espaço; que não será nestes cinco dias que esteja pronta a ponte de barcas que mandei lançar no Tejo, para passar minha hoste. Durante eles, com os vossos muito religiosos frades me aparelharei para a guerra, entesourando orações e recebendo absolvição dos meus erros.

– Os príncipes pios – acudiu o prior, com gesto de compunção – são sempre ajudados de Deus, principalmente contra hereges e cismáticos, como os perros dos Castelhanos, que a Virgem Maria da Vitória confunda nos infernos.

– Ámen! – respondeu devotamente el-rei.

– Avisarei, pois, mestre Afonso da vossa vinda, para que ponha tudo em ordenança de se tirarem os simples. Pediu-me que o mandasse chamar apenas fôsseis chegado.

Frei Lourenço saiu e, daí a pouco, voltou acompanhado do arquiteto, que um rapaz guiava pela mão.

– Guarde-vos Deus, mestre Afonso Domingues! – disse el-rei, vendo entrar o cego. – Aqui me tendes para ver acabada a feitura da mirífica abóbada do Capítulo de Santa Maria, cujos simples não quisestes tirar senão na minha presença.

– Beijo-vo-las, senhor rei, pela mercê: dois votos fiz, se levasse a cabo esta feitura; era esse um deles...

– E o outro? – atalhou el-rei.

– O outro, dir-vo-lo-ei em breve; mas, por ora, permiti que para mim o guarde.

– São negócios de consciência – acudiu o prior. – El-rei não quer, por certo, fazer-vos quebrar vosso segredo.

D. João I fez um sinal de assentimento ao parecer do seu antigo padre espiritual.

El-rei, o prior e o arquiteto ainda se demoraram um pedaço, falando acerca da obra e do que cumpria fazer no prosseguimento dela; mas o cego dissera o que quer que fora, em voz baixa, ao rapaz que o acompanhava, o qual saíra imediatamente, e que só voltou quando os três acabavam a conversação.

– Fernão de Évora – disse o cego, sentindo-o outra vez ao pé de si –, fizeste o que te ordenei, e deste ao teu tio Martim Vasques o meu recado?

– Senhor, sim! Envia-vos ele a dizer que tudo está prestes.

– Então vamos a ver se desta feita temos mais perdurável abóbada.

Isto dizia el-rei, saindo da cela de Frei Lourenço e seguindo ao longo do claustro. Já a este tempo se tinha espalhado no mosteiro a nova da sua chegada, e os frades começavam de juntar-se para o cortejarem. Do mosteiro rompera a notícia, espalhando-se pela povoação, aonde concorrera muita gente dos arredores, principalmente de Aljubarrota, por ser dia de mercado: de modo que, quando el-rei desceu à crasta, já ali se achavam apinhados homens e mulheres que queriam vê-lo e, ainda mais, saber se desta vez a abóbada vinha ao chão, para terem que contar aos vizinhos e vizinhas da sua terra.

As portas da Casa do Capítulo estavam abertas: via-se dentro dela tal máquina de prumos, traveses, andaimes, cabrestantes, escadas, que bem se pudera comparar a composição daqueles simples à fábrica do mais delicado relógio. À porta que dava para a crasta estava um homem em pé, que desbarretou apenas viu el-rei, a cuja direita vinha o arquiteto, seguido por Frei Lourenço e por outros frades.

O pequeno Fernão de Évora disse algumas palavras a Afonso Domingues, o qual lhe respondeu em voz baixa. Então o rapaz acenou ao homem desbarretado, que se chegou timidamente ao cego. Era um mancebo, que mostrava ter de idade, ao mais, vinte e cinco anos; de rosto comprido, tez queimada, nariz aquilino, olhos pequenos e vivos. Chegando-se ao cego, este o tomou pela mão e, voltando-se para el-rei, disse:

– Aqui tendes, senhor, a Martim Vasques, o melhor oficial de pedraria que eu conheço; o homem que, com mais alguns anos de experiência, será capaz de continuar dignamente a série dos arquitetos portugueses.

– E debaixo do meu especial amparo estará Martim Vasques – respondeu el-rei –, que por honrado me tenho com haver nos meus

senhorios homens que vos imitem.

Ainda bem não eram acabadas estas palavras, sentiu-se um sussurro entre o povo, que girava livremente pela crasta e que se enfileirou aos lados: chegava a gente que devia tirar os simples.

Entre duas alas de besteiros, vinha um bom número de homens, magros, pálidos, rotos e descalços; o porte de alguns era altivo, e nos seus farrapos se divisava a razão disso: eram besteiros castelhanos que em diversos recontros e pelejas tinham caído nas mãos dos portugueses. As guerras entre Portugal e Castela assemelhavam-se às guerras civis de hoje: para vencidos não havia nem caridade, nem justiça, nem humanidade: ser metido em ferros era então uma ventura para o pobre prisioneiro; porque os mais deles morriam assassinados pelo povo desenfreado, em vingança dos maus tratos que em Castela padeciam os cativos portugueses. Com os castelhanos vinham de envolta vários criminosos condenados à morte pelas suas malfeitorias.

– Misericórdia! – bradou toda aquela multidão, ao passar por el-rei: e caíram de bruços sobre as lajes do pavimento.

– Convosco a tenho, mesquinha gente – disse el-rei comovido. – Se tirardes os simples, que vedes acolá, e a abóbada não desabar

sobre vós, soltos e livres sereis. Erguei-vos, e confiai na ciência do grande arquiteto que fez essa mirífica obra. Mandar-vos comprar vossa soltura a custo de tão leve risco, quase que é o mesmo que perdoar-vos.

Os presos ergueram-se; mas a tristeza lhes ficou embebida no coração e espalhada nas faces; o terror fazia-lhes crer que já sentiam ranger e estalar as vigas dos simples e que, às primeiras pancadas, as pedras desconformes da abóbada, desatando-se da imensa volta, os esmagariam, como o pé do quinteiro esmaga a lagarta enrascada na planta viçosa do horto.

Neste momento quatro forçosos obreiros chegaram à porta do Capítulo, trazendo sobre uma paviola uma grande pedra quadrada. Martim Vasques, que já lá estava, gritou ao cego arquiteto:

– muito sabedor mestre Afonso, que quereis se faça do canto que para aqui mandastes trazer?

– Assentai-o bem debaixo do fecho da abóbada, no meio desse claro, que deixam os prumos centrais dos simples.

Os obreiros fizeram o que o arquiteto mandara; este então voltou-se para el-rei e disse:

– Senhor rei, é chegado o momento de vos declarar meu segundo voto. Pelo corpo e sangue do Redentor jurei que, assentado sobre a dura pedra, debaixo do fecho da abóbada, estaria sem comer nem beber durante três dias, desde o instante em que se tirassem os simples. De cumprir meu voto ninguém poderá mover-me. Se essa abóbada desabar, sepultar-me-á nas suas ruínas: nem eu quisera encetar, depois de velho, uma vida desonrada e vergonhosa. Esta é a minha firme resolução.

Dizendo isto, o cego travou com força do braço de Fernão de Évora, e encaminhou-se para a porta do Capítulo.

– Esperai, esperai! – bradou el-rei. – Estais louco, dom cavaleiro? Quem, se vós morrerdes, continuará esta fábrica, tão formosa filha do vosso engenho?

– Mestre Ouguet – disse o cego, parando. – Não sou tão vil que negue seu saber e habilidade. Se a abóbada desabar segunda vez, ninguém no mundo é capaz de a fechar com uma só volta, e para a firmar sobre uma coluna erguida ao centro, mestre Ouguet o fará. Quanto ao resto do edifício, fazei senhor rei que se prossiga meu desenho: é o que ora vos peço tão-somente.

E o velho e o seu guia sumiram-se por entre as bastas vigas que sustinham as traves dos simples: el-rei, Frei Lourenço e os mais frades ficaram atónitos e calados.

– Que tão honrado mestre corra parelhas no risco com esses perros castelhanos, coisa é que não pode sofrer-se; mas o voto é voto, senão...

Estas palavras partiam da boca de uma gorda velha, cuja tez avermelhada dava indícios de compleição sanguínea e irritável, e que de mãos metidas nas algibeiras, na frente de uma das alas do povo, presenciava o caso.

– Tendes razão, tia Brites de Almeida; e por ser voto me calo eu – acudiu el-rei, voltando-se para a velha. Mas juro a Cristo, que estou espantado de só agora vos ver! Porque me não viestes falar?

– Perdoe-me vossa mercê – replicou a velha. – Eu vim trazer pão à feira, e aí soube da chegada da vossa real senhoria. Corri... se eu correria para vos falar! Mas estes bocas-abertas não me deixaram passar. Abrenúncio! Depois estive a olhar... Parecíeis-me carregado de rosto. Que é isso? Temos novas voltas com os excomungados Castelhanos? Se assim é, tosquiai-mos outra vez por Aljubarrota,

que a pá não se quebrou nos sete que mandei de presente ao diabo, e ainda lá está para o que der e vier.

Soltando estas palavras, a velha tirou as mãos das algibeiras e, cerrando os punhos, ergueu os braços ao ar, com os meneios de quem já brandia a tremebunda e patriótica pá de forno que hoje é glória e brasão da gótica vila de Aljubarrota.

– Podeis dormir descansada, tia Brites – respondeu el-rei, sorrindo-se. – Bem sabeis que sou português e cavaleiro, e a gente da nossa terra é cortês; el-rei de Castela veio visitar-nos várias vezes: agora ando eu na demanda de lhe pagar com usura suas visitações.

Enquanto este diálogo se passava entre o herói de Aljubarrota e a sua poderosa aliada, Martim Vasques tinha posto tudo a ponto; e, dando as suas ordens da porta, as primeiras pancadas de martelo, batendo nos simples, ressoaram pelo âmbito da casa capitular. Fez-se um grande silêncio, e todos os olhos se cravaram em Martim Vasques.

Passada uma hora, aquele montão de vigas, barrotes, tábuas, cambotas, cabrestantes, réguas e travessas tinha passado pela crasta fora em colos de homens, e os presos tinham sido postos em liberdade, com grande raiva da tia Brites, ao ver ir soltos os

besteiros castelhanos. Apenas no centro da ampla quadra se via uma pedra, sobre a qual, mudo e com a cabeça pendida para o peito, estava assentado um velho.

A este velho rogava el-rei, rogavam frades, rogava o povo, sem todavia se atreverem a entrar, que saísse dali; mas ele não lhes respondia nada. Desenganados, enfim, foram-se, pouco a pouco, retirando da crasta, onde, ao pôr do Sol, começou a bater o luar de uma formosa noite de Maio.

Três dias se passaram assim. Mestre Afonso, assentado sobre a pedra fria, nem sequer cedera às rogativas de Ana Margarida, que, obrigada pela boa amizade que tinha ao seu amo, se atrevera a cruzar os perigosos umbrais do Capítulo, para ver se o movia a tomar alguma refeição. Tudo recusou o cego: a sua resolução era inabalável. Também a abóbada estava firme, como se fora de bronze. No terceiro dia à tarde, el-rei, que tinha passado o tempo em aparelhar-se para a guerra com actos de piedade, desceu à crasta, acompanhado de Frei Lourenço e de outros frades, e, chegando à porta do Capítulo, viu Martim Vasques e Ana Margarida junto à pedra fria de Afonso Domingues, e este, pálido e com as pálpebras cerradas, encostado nos braços deles.

O mancebo e a velha choravam e soluçavam, sem dizerem palavra.

– Que temos de novo? – perguntou el-rei, chegando à porta e vendo aqueles dois estafermos. – Completam-se ora os três dias de voto: ainda mestre Afonso teimará em estar aqui mais tempo?

– Não senhor – respondeu Martim Vasques, com palavras mal articuladas –, não estará aqui mais tempo; porque o seu corpo é herança da terra; a sua alma repousa com Deus.

– Morto!? – bradaram a uma voz el-rei e Frei Lourenço, e correram para o cadáver do arquiteto, olhando, todavia, primeiro para a abóbada com um gesto de receio.

– Nada temais, senhores – disse Martim Vasques. – As últimas palavras do mestre foram estas: «A abóbada não caiu... a abóbada não cairá!»

O arquiteto, gasto da velhice, não pôde resistir ao jejum absoluto a que se condenara. No momento em que, ajudado por Martim Vasques e Ana Margarida, se quis erguer, pendeu moribundo nos braços deles, e aquele génio de luz mergulhou-se nas trevas do passado.

El-rei derramou algumas lágrimas sobre os restos do bom cavaleiro, e Frei Lourenço rezou em voz baixa uma oração fervente pela alma generosa que, até ao último arranco, escrevera sobre o mármore o hino dos valentes de Aljubarrota.

Na pedra sobre a qual mestre Afonso expirara ordenou el-rei se tirasse, parecido quanto fosse possível retratando-se um cadáver, o vulto do honrado arquiteto, e que esta imagem fosse colocada num dos ângulos da casa capitular, onde, durante mais de quatro séculos, como as esfinges monumentais do Egipto, tem dado origem às mais desvairadas hipóteses e conjeturas. À pobre Ana Margarida, que ficava sem arrimo, doou D. João I, também, as casas em que o mestre morava, fazendo-lhe, além disso, assinaladas mercês.

Mestre Ouguet, pelo que o cego dissera a el-rei acerca da sua capacidade para o substituir, e porque, enfim, era estrangeiro, foi logo restituído ao cargo que ocupara, e quando, nos serões do mosteiro, alguém falava nos méritos de Afonso Domingues e na sua desastrada morte, cortava o irlandês a conversação, dizendo com riso amarelo:

– Olhem que foi forte perda!

O PÁROCO DE ALDEIA

(LENDA DE 1825)

PRÓLOGO

Como a filosofia é triste e árida!

Às vezes, na Primavera, o vento norte atira-se pelas encostas, tombando dos visos da serra, como se uma inteligência vivesse nele, inteligência de maldade e destruição. De noite e de dia, os troncos das árvores torcem-se e gemem, as ramas despedaçam-se a açoutá-los, envoltas nos braços longos e flexíveis da ventania: o demónio do setentrião sibila no meio delas um zumbido entre de lamento e de escárnio. Debalde o bosque estende, saudoso, por um momento o seus mais altos raminhos para o Sol, que se vai alevantando no Oriente: a rajada despega de novo da cumeada da montanha: o bosque curva-se para o meio-dia; e, galgando por cima daquelas mil caras inclinadas das plantas gigantes, das rainhas majestosas da vegetação, os turbilhões da atmosfera agitada rolam pela planície, coberta já de relva entressachada das primeiras florinhas. Então, relvas e florinhas murcham, esmagadas pelas mãos da procela, que tudo alcançam, fustigam e desbaratam. Os

carvalhos frondosos e as boninas rasteiras, com a cara pendida para a terra, como outros tantos símbolos do desalento, não ousam erguê-la para o céu. É que, rugindo, a ventania cai da montanha em perene catadupa. As vezes, como por brinco infernal, o vento finge adormecer um instante e depois remoinha e apruma os topos das árvores e as corolas das flores, mas é para logo as vergar com mais força e apupar com o silvo insolente aquela rápida esperança, que se desvaneceu tão breve.

E, quando o vento acalma, é para saltar ao poente ou ao sul. A rajada já não silva na montanha: uma bafagem tépida vem da banda do mar; mas o céu está toldado e o ar húmido: o dia passa melancólico e pesado sobre a bobina que a nortada açoutou: ela não pôde saudar o Sol no Oriente: está pendida e murcha como a ventania a deixara. A noite vem encontrá-la numa espécie de torpor, que é existir, mas que não é vegetar, e ainda menos viver.

Como a florinha do campo, a alma por onde passou a procela da filosofia, esse turbilhão transitório de doutrinas, de sistemas, de opiniões, de argumentos, pende desanimada e tristonha; e na claridade baça do ceticismo, que torna pesada e fria a atmosfera da

inteligência, não pode aquecer-se aos raios esplêndidos do sol de uma crença viva.

Com Kant, o universo é uma dúvida: com Locke, é dúvida o nosso espírito: e num destes abismos vêm precipitar-se todas as antologias.

Como a filosofia é triste e árida!

A árvore da ciência, transplantada do Éden, trouxe consigo a dor, a condenação e a morte; mas a sua pior peçonha guardou-se para o presente: foi o ceticismo.

Feliz a inteligência vulgar e rude, que segue os caminhos da vida com os olhos fitos na luz e na esperança postas pela religião além da morte, sem que um momento vacile, sem que um momento a luz se apague ou a esperança se desvaneça! Para ela não há abraçar-se com a Cruz em ímpeto de agonia e clamar a Jesus: «Creio, creio, ó Nazareno! Creio em ti, porque a tua moral é sublime; porque eras humilde e virtuoso; porque, filho da raça sofredora e austera chamado o povo, eras meu irmão e não podias, tão bom, tão singelo, tão puro, enganar teu pobre irmão. Creio, creio, ó Nazareno!, porque até a hora do expirar na ignomínia, até a hora da grande prova, nunca desmentiste a tua doutrina. Creio, creio, ó

Nazareno!, porque tu só nos explicaste o mistério desta associação monstruosa da saúde e do ouro, do poderio e dos crimes a um lado; da enfermidade e da pobreza, da servidão e da inocência a outro; porque nos explicaste como os destinos humanos se compensavam além do sepulcro. Creio, creio, ó Nazareno!, porque só tu soubeste revelar a consolação à extrema miséria sem horizonte, e os terrores à completa felicidade sem termo na vida, colocando no lugar do destino a Providência, e a imortalidade! Creio, creio ó Nazareno!, porque a intensidade do teu viver é um impossível humano; a vitória da tua doutrina severa, contra a filosofia e o paganismo, um milagre; a glória do teu nome de supliciado maior que todas as glórias das mais altas e virtuosas existências do mundo. Mas foste, na verdade, um Deus?»

Não, o ânimo vulgar que nunca vacilou na fé, que nunca discutiu o verbo, que nunca julgou o Cristo, possuído do insensato orgulho da ciência, esse não sabe a dolorosa oração do que pede a Deus o crer; ignora quanto fel encerra a interrupção contínua de cada frase, de cada palavra daquele tormentoso orar; ignora o que é atirar-se aos pés da Cruz por um impulso quase frenético do coração, sentir a voz gélida, pesada, cruel do entendimento dizer-lhe tranquilamente: «Quem sabe!», e cair desanimado no letargo da

dúvida, donde muitas vezes bem tarde se alevanta o espírito, oprimido e quebrado, porque nele pelejaram horas largas o instinto religioso e o demónio implacável a que chamam ciência.

A sociedade é bem injusta, quanto às faces do desgraçado, que assim luta consigo mesmo, sacode o lodo da injúria, dizendo-lhe: «Hipócrita!», porque escondeu aos que o rodeiam, não as certezas, que não as tem, mas as dúvidas terríveis da inteligência, e lhes revelou só as aspirações, os desejos, as saudades do coração! — Hipócrita?! Tanto como o que, havendo-se transviado da estrada e caído em fogo profundo, dorido, coberto de pisaduras e feridas, e ensanguentando as mãos e o rosto nos silvados do despenhadeiro, lidasse por sair dele e voltar ao caminho suave e plano, e bradasse aos que visse ao longe: «Não vos afasteis para aqui!» Hipócritas são aqueles que mentem aos que os escutam; que simulam a paz do descrer tranquilo, quando vai lá dentro o tumultuar das incertezas. Como Satanás, eles dizem que o Inferno é o Céu; dizem que a irreligiosidade tem o segredo do repouso e da ventura, quando o que ela dá é inquietação e desesperança.

Feliz a alma vulgar e rude que crê e nem sequer sabe que a dúvida existe no mundo! Está certa de que, além a morte, há vida, conhece

as suas condições; conhece-as como lhas ensinaram, como conhece as condições dos corpos. Para ela, as noites não têm os pesadelos monstruosos, nem os dias a meditações febris em que o cético involuntário se debate na orla do possível, que toca por um lado nas solidões do nada, por outro na imensidade de Deus.

Mas ainda mais feliz a inteligência superior às do vulgo, aquela que a Providência destinou à missão do poeta, nos anos da infância e da juventude, antes que o bafo árido da ciência a queimasse, passando por cima dela! Nesse espírito e nessa idade, a religião não está só nos preceitos e nos dogmas; está na natureza inteira. A alegria de Deus, o aspirar das fragrâncias celestes, a toada suavíssima dos hinos dos anjos descem a ela nos raios do Sol, quando nasce e quando desaparece; tremulam no espelhar-se da Lua nas águas; misturam-se no cicio das árvores; entretecem-se com os mil gemidos da noite; vivem nas afeições domésticas e santificam o primeiro bater do coração pelo amor. Tudo então é viçoso e puro; porque a alma poética lhe empresta viço e pureza. As harmonias moldadas, na virilidade, pelas leis das línguas e das escolas são apenas um eco frouxo desses cânticos da meninice e da primeira mocidade, que se evaporam sem se escreverem, que são um oceano de delícias inefáveis, em que se embalam molemente a

imaginação e o sentir do homem a quem o mundo há de chamar poeta. Nessa época da vida, ele não abstrai do real para salvar verdadeira e intacta a sua idealidade: faz mais; derrama esta, que é a seiva íntima do seu viver, pelo universo, e converte-o numa coisa formosa, santa, ideal, que o mundo está bem longe de ser.

Depois vem outra época da vida, em que a felicidade é mentida, mas ainda é felicidade, posto que já eivada de vaga inquietação, de ambições desregradas, de esperanças mesquinhas e contraditórias. São os anos que precedem e seguem imediatamente os vinte. Abrem-se ante nós os caminhos do mundo, como uma conquista. Glória de artistas, poderio, opulência, ações generosas e grandes, amor sem termo, amizade sem perfídias, vida multiplicada indefinidamente pela infinidade de factos; que há, enfim, que não sonhemos nessa época de fervente loucura? A inocência morreu, a poesia íntima e crente desbaratou-se, o sentimento religioso esmoreceu; mas ficam os deleites dos sentidos, que nos embriagam; os aplausos das multidões aos nossos hinos descorados, que elas ainda julgam sublimes e esplêndidos; aplausos que nos desvairam: fica-nos uma filosofia orgulhosa e insensata, que se crê profunda, uma ciência superficial, que se crê

completa, pela qual dormimos tranquilos sobre a negação de todas as ideias místicas e de todas as lembranças de Deus.

Desta idade em diante é que chega o desfazer das ilusões, até das ilusões do orgulho. A poesia suave e pura da infância e da puberdade passou: passa também o íris das paixões férvidas, das ambições insaciáveis, da crença na própria energia. Começa então o pardo crepúsculo deste ceticismo, que, semelhante a herpes lentos, vai lavrando por todas as nossas opiniões e afetos e os prostra e subjuga. Desde essa época, a vida tem largas horas de tédio, em que o existir é uma carga pesada; porque nos falta alicerce em que possamos firmar-nos; porque flutuamos sobre as névoas densas do duvidar de tudo. O materialismo incrédulo já tirou das fases espirituais dos altos engenhos argumento contra a imortalidade. Com a sua lógica míope, persuadiu-se de que via as enfermidades e a decadência da alma acompanharem as enfermidades e a decadência do corpo; que via o entendimento caquético esmorecer com a decrepidez; quis que ele, na morte, ficasse perdido e anulado entre as cinzas da sepultura, Se o materialismo soubesse que a vida das sumas inteligências é a poesia e que essa vida segue a ordem inversa do desenvolvimento físico; se conhecesse que a energia íntima tem o seu apogeu nos

anos débeis a infância e começa a desvanecer-se quando os órgãos se fortalecem, ele não teria achado a explicação do fenómeno nas suas tristes doutrinas. Nos destinos eternos dos homens iria encontrar a razão desse facto, que então veria à sua luz verdadeira. Os olhos da alma vão-se pouco a pouco enevoando no meio das trevas do mundo: nesta atmosfera grosseira e corrupta, ela resfolga a custo, e, com o diminuir dos alentos, diminuem-se-lhe sucessivamente os brios. Cada dia lhe desfolha um afeto, lhe discute uma crença, lhe mata uma esperança, lhe traz um desengano cruel. Entre o espírito e o mundo quebraram-se, um a um, todos os laços.

Vós credes que a mente se definha e ela apenas dormita para despertar vigorosa ao sol da eternidade, que rompe atrás do sepulcro.

Tomai-me esse octogenário tonto que foi um alto engenho: cavai no deserto do seu coração gasto e frio e arrancai-me de lá uma daquelas paixões que ardem até o último instante da existência: vibrai uma corda das que lhe davam na idade viril um som estridente: dizei-lhe: «Teu filho querido foi arrastado ao tribunal como criminoso; espera-o o suplício, se não houver uma voz

eloquente que o defenda. Se ela se erguer, será salvo; e tu foste na mocidade o mais eloquente dos homens!» Dizei-lhe isto, e vereis esse engenho que credes moribundo atirar-se, como um tigre, ao meio dos juízes e achar toda a energia dos vinte e cinco anos para defender aquela vida que a natureza ligou à sua pelas harmonias misteriosas da paternidade. Se as palavras, se o órgão extenuado da linguagem não puder exprimir o pensamento daquela alma remoçada subitamente, o gesto, o olhar, os meneios substituirão a língua, e se, cansados e débeis, não bastaram à violência da ideia, o espírito despedaçará o quase cadáver e, despedindo-se da terra, provará que, se dormitava, não se extinguia e que, despertando, partia o vaso frágil que já não o podia conter.

Tal é o destino da inteligência neste breve desterro: dois dias conserva as recordações verdadeiras e puras da sua origem imortal: outros dois ilumina-se com o fogo-fátuo das paixões e esperanças: o resto deles revolve-se na luta tormentosa das ideias, dos afetos, dos desenganos: depois vem o dormitar da velhice e a regeneração da morte.

Eu, que já vou aquém do marco onde começa o terceiro período da vida humana, a sós, às vezes, com as minhas recordações infantis,

ponho-me a comparar o aspeto prosaico e triste que tem atualmente para mim o universo com as formas suaves e poéticas em que ele me aparecia envolto desses tempos dourados. É uma comparação amarga; mas a saudade que encerra consola do seu amargor.

Hoje, a Lua no crescente alevanta-se ao anoitecer de um dia sereno de Estio e estende o manto de lhama de prata sobre a face levemente crespa das águas. Os seus raios, transparecendo por entre o verde-negro das copas do arvoredo, que se balouçam sonolentas, descem trémulos sobre o chão pardo e mosqueiam-lhe a superfície, semelhante, depois disso, a dorso de pantera. A viração tenuíssima da tarde passa e murmura um cicio quase impercetível na folhagem. Em volta. do círculo alvacento que o luar esparge no céu cintilam raras estrelas no azul do firmamento, que parece o leito recamado de safiras em que se reclina a rainha da noite.

Há quinze ou vinte anos, noite tal como esta tinha para mim um seminúmero de misteriosas harmonias, que eu não sabia explicar, mas que sabia sentir. Agora sei dizer-vos o que é a Lua, a sua luz refrata, a noite, a viração, o vulto das águas encrespadas, as estrelas e as solidões do espaço; mas o que já não sei é verter as

lágrimas de inefável contentamento que, outrora, se me escoavam tépidas pelas faces, contemplando as harmonias imateriais e íntimas que vagavam pela atmosfera tranquila, como ecos longínquos de harpa angélica, rolando de astro em lastro, até se derramarem na Terra!

Dai-me uma nota só dos cânticos que eu então escutava; dar-vos-ei em troca toda a minha estúpida e inútil ciência!

Mas essa época da vida não voltará mais porque não pode retroceder uma única onda do rio impetuoso do tempo! Depois da taça do mel esgotada, resta a do absinto. Que se resigne e espere aquele que vai devorando os dias da dúvida e do desalento. Chegará a hora de renascer para a poesia e para a certeza: será a da morte. A Providência foi ainda generosa connosco, consentindo-nos que, a espaços, afastemos dos lábios o cálix do fel e deixando que nesses momentos rasguem o nosso longo e tedioso crepúsculo alguns raios transitórios de luz. A memória é o instante de repouso e a saudade o clarão enorme que nos ilumina.

Recordar-se — consolar-se.

I

A ALDEIA E O PRESBITÉRIO

Uma das coisas que, nas recordações da juventude, ainda espiram para mim poesia e saudade é a imagem de um velho prior de aldeia que conheci na minha meninice. Hoje, tão bondosos, tão alegres, tão veneráveis, há-os por certo aí, e muitos: eu é que não sei conhecê-los. A auréola que então rodeava as cãs do sacerdote ancião desvaneceu-se pouco a pouco; desvaneceu-a a experiência do mundo, como tantas mil crenças e imaginações de outrora! Ele morreu já, por certo; mas, vivo que fosse, eu não sentiria ao vê-lo, ao falar-lhe, aquela espécie de alegria tímida, de confiança receosa que nesse tempo o bom do velho me inspirava. Parecia-me que, estando ao pé dele, estava mais perto de Deus, cujo valido, por assim dizer, era o padre-prior. Não sabia o sacerdote essa língua que eu cria falar-se no Céu, o latim, coisa então para mim misteriosa e santa? Não trajava, às vezes, os trajos da corte celeste, o amicto, a casula, o pluvial, com que estavam vestidos alguns vultos de anjos

pintados em três ou quatro antiquíssimos quadros do presbitério? Quando, nas suas práticas, depois da missa do dia, narrava os gozos da bem-aventurança, os tormentos do Purgatório e os tratos intoleráveis do Interno, não juraria qualquer que ele já peregrinara largos anos além do sepulcro, ou que voz de cima lhe revelava tantas maravilhas e tão solenes terrores? Evidentemente, o velho clérigo estava mais perto dos degraus do trono divino que toda a outra gente e, por me servir da linguagem política, exercia em nome do Céu uma delegação na Terra; era uma espécie de missus dominicus da Providência. E, quando ele, apesar dos meus tenros anos, me escolhia para acólito, para estafar a porção de latim do missal que as rubricas inexoráveis subtraíam ao seu império, sorriam-me as esperanças, algum tanto vaidosas, de obter de Deus deferimento às minhas pretensões infantis, como costumam sorrir ao requerente à quem deputado de grande conta mostra familiaridade na presença de omnipotente ministro.

Hoje, o latim do padre-prior parecer-me-ia um tanto bárbaro e, talvez, barbaríssima a sua prosódia: nas vestes sacerdotais acharia os trajos romanos do Império, atravessando, imutáveis como a Igreja, por entre as transformações da moda e do luxo; nos quadros do presbitério riria da ignorância e do mau gosto do pobre pintor; e

nas descrições das venturas e dos tormentos da outra vida descobriria unicamente uma encarnação grosseira em imagens materiais das revelações profundas do espiritualismo cristão. É que nesse tempo tudo me chegava aos olhos da alma iluminado, risonho, variegado, porque tudo transparecia através de um prisma de sete cores, da inocência singela e crédula da infância, e que hoje tudo me parece, como a folha que caiu da árvore no Outono, murcho e desbotado, passando através da atmosfera nevoenta e triste da ciência e do orgulho. Então, o velho pároco afigurava-se-me mais que um homem; hoje, na escala das desigualdades humanas, provavelmente só acharia para ele um bem modesto lugar.

A aldeia em que o bom do clérigo pastoreava o seu rebanho espiritual estava assentada na falda de um monte, e pouco inferior a ela dilatava-se uma veiga, que, ao longe, lá bastante ao longe, ia bater no mar. No alto da povoação ficava o presbitério. Era a igreja, segundo hoje se me afigura (e tenho-a bem presente), daquele gosto duvidoso entre a arquitetura cristã, que expirava, e a da restauração romana, que ainda se não compreendia: era um desses templozinhos construídos no fim do reinado de D. Manuel e durante o de D. João III, de que tão grande número resta ainda pelas

paróquias de Portugal e que são mais um argumento de que os nobres conquistadores da índia, donatários das terras e padroeiros das igrejas, não voltam do oriente com as mãos vazias. A devoção nesses tempos era objeto de luxo: edificar uma igreja ou uma capela equivalia a ter hoje camarote em S. Carlos ou cocheiro com estrigas de linho na cabeça e chapéu triangular.

A portada da igreja, de arco tricêntrico firmado em pilares polistilos de meio relevo, era o mais claro testemunho da idade provecta do presbitério. A residência paroquial, originariamente no mesmo estilo, estava já civilizada. Uma porta retangular substituíra a antiga. Esquadriadas estavam, também, as duas janelas do sobrado, de diferentes dimensões e afastadas uma da outra, e nos seus postigos da esquerda via-se o moderno conforto das vidraças. Não quero dizer com este elogio à morada do padre-prior que a igreja tinha resistido, teimosa como velho caturra, aos progressos da civilização. Pelo contrário. Estava mais alindada ainda. Uma irmandade, ou não sei quem, que entendia na fábrica, havia pintado de ocre tudo o que era pedra, de vermelhão tudo o que era azulejo. As câmaras municipais das grandes cidades, os cónegos das colegiadas e sés ainda não passaram do ocre e uma pobre irmandade da aldeia já

tinha, há vinte anos, vencido a meta a que apenas hoje chegam o município e a catedral.

O que, porém, escapou ao ocre e ao vermelhão dos mesários do burgo foram dois seculares e formosos plátanos que sombreavam o portal do presbitério. Na febre-amarela, que grassa tão furiosa pelo senso estético dos nossos magistrados populares e das nossas dignidades eclesiásticas, admira que tenha esquecido estender o benefício da caiadura gemada aos troncos rugosos e carrancudos das velhas árvores que rodeiam os edifícios ou as praças. Verdade é que todos os dias alguma desaba sob os golpes do machado. Isto é melhor. Mas porque não haveis de remoçar as que vão escapando com as lindezas e alegrias canónico-municipais?

Belos e Veneráveis eram os dois plátanos. O adro, cobriam-no todo com as suas sombras fechadas, e só pela volta da tarde, principalmente no Outono, é que algumas réstias açafroadas do Sol no Poente se estiravam por debaixo deles e lá iam bater frouxas no limiar da igreja, polido do contínuo perpassa r, e na porta de um vermelho-desbotado, onde nesse tempo começavam a alvejar os remendos brancos com que as revoluções converteram os áditos dos templos em pelourinhos eleitorais.

À entrada do adro alevantava-se uma grande cruz de madeira pintada de preto, em cuja haste mãos devotas tinham atado um ramo de flores, e este ramo, no meio do qual h avia um pé de perpétuas, era a imagem das vaidades do mundo ao redor da religião do Calvário, imutável no meio delas. As outras flores tinham-nas mirrado os ardores do Estio: só restavam do morto ramilhete as imarcessíveis perpétuas.

Era num poial que servia de base à cruz, onde, àquela hora do pôr do Sol, o padre-prior vinha muitas vezes assentar-se; e ali estava tempo esquecido, ora alongando os olhos pelas solidões do mar, que lá em baixo, no fundo do extenso vale, quebrava nas rochas, ora traçando atentamente na terra, com a sua grande bengala e castão de marfim, diversas figuras, se geométricas, não o sei dizer, porque hoje não creio tanto na geometria do padre-prior como então cria nas suas terríveis revelações do outro mundo tiradas, do Speculum Vitae. O que, porém, eu sentia melhor do que hoje, sem então o saber explicar, era a suave e profunda poesia que respirava esse quadro do velho sacerdote junto do símbolo religioso, àquela luz moribunda da última hora do dia, em que uma certa saudade melancólica vem, como percursora da noite, pousar-nos sobre o coração. Não o imaginava nesse tempo, mas imagino agora por

onde vaguearia a mente do velho clérigo, enquanto a bengala ia de um para outro lado, cruzando linhas tortuosas e incertas. Os últimos instantes de moribundo, os quais ele tinha adoçado com as consolações da fé; a esmola tirada da escassa côngrua para enxugar lágrimas de viúvas e de órfãos; os conselhos paternais dados à mocidade, salva assim por ele de largos dias de remorsos e amargura; os ódios convertidos em perdão entre inimigos; as dissensões

domésticas pacificadas pela conciliação do pastor; todo o bem, enfim, que, por trinta ou quarenta anos, ele havia semeado na aldeia, desde as últimas casinhas de colmo que alvejavam caiadas na orla pálida dos campos até o altar do presbitério, frutificava, talvez, ante os lhos da sua alma, nesses momentos de êxtase, em rica seara de esperanças, cujos frutos entesourava no céu. Depois, a cruz hasteada junto dele lhe viria lembrar o nada das diligências que empregara, dos sacrifícios que fizera para verter algum bálsamo de ventura nas chagas dolorosas da vida; para remir da perdição as ovelhas transviadas do pobre rebanho que lhe fora confiado. A cruz negra, no seu eloquente silêncio, contava-lhe sacrifícios infinitamente mais árduos que os dele, feitos, não em proveito de uma aldeia ou de um povo, mas para remir o género humano. Por

isso eu lhe via, às vezes, deixar pender a cara calva sobre o peito, ou tomar-lhe o rosto uma expressão singular, inexplicável nessa época para mim, mas que era o desalento que lhe gerava no espírito a desanimadora comparação das suas ações com as do Supliciado do Calvário, ao qual tomara por modelo e que jurara imitar. Muitas vezes espantava-me de, que se conservasse assim engolfado nos seus pensamentos até que o sino das ave-marias o vinha despertar; e, na minha alegria pueril, vendo-o tão triste e carrancudo, pensava comigo que o padre-prior se ia tornando com a idade, tonto e aborrido. Todavia, era que o bom do velho, nesses momentos de meditação, volvia atrás os olhos para os caminhos da sua vida, onde esperava achar alguns vestígios brilhantes de obras virtuosas; mas esses caminhos, sumidos na penumbra da Cruz, não os percebia, senão como uma nuvenzinha escura e duvidosa através da luz imortal das virtudes e dos benefícios de Cristo.

Ao tocar, porém, das ave-marias, todas aquelas imaginações desconsoladas, se ele as tinha, como hoje creio, desapareciam por um movimento habitual do espírito e do corpo; este para se erguer, aquele para orar. Sobraçada a bengala, em pé, com as mãos postas, segurando ao mesmo tempo entre elas o seu chapéu de três ventos, com a cabeça um pouco inclinada para o chão, o padre-prior

murmurava em voz baixa aquela tão poética oração do despedir do dia. Os trabalhadores que, voltando das fadigas do campo, acontecia passarem por aí nessa ocasião descobriam-se também e, encostando-se ao ancinho ou à enxada, punham as mãos e rezavam, até que o reverendo, acabando os latinórios, que eles iam repetindo em vulgar, lhes dizia: «Boas noites, rapazes, vá a cobrir.» E os ganha-pães cobriam-se, respondendo: «Guarde-o Deus, padre-prior.» E partiam: e ele assentava-se outra vez a olhar para o Poente, onde o Sol, que se afundira no mar, deixava entre si e a noite, que se precipitava após ele das alturas do céu, uma barra de vermelhidão e ouro, estirando-se para um e outro lado do horizonte, como se tentasse embargar o caminho às trevas. E ali estava pensando, até que a Tia Jerónima alçava meia adufa de uma janela baixa, que dava claridade à cozinha, e o chamava para a ceia, ao que prontamente obedecia; porque cumpre advertir que o padre-prior não só respeitava à carga cerrada todas as tradições do catolicismo romano, mas também a sabedoria tradicional do povo, que, neste capítulo da ceia, reza que deve ser comida sem sol, sem luz e sem moscas, momento fugitivo do expirar do dia, que não consta deixasse jamais passar por alto a boa Tia Jerónima.

Nunca me há de esquecer aquela hora na aldeia, nem a luz crepuscular da atmosfera, nem as gelosias dos aposentos inferiores da residência paroquial, nem a santa velha da Tia Jerónima, que teria proporcionado mais um capítulo a Chateaubriand sobre a poesia das usanças cristãs, se esse ilustre escritor houvesse uma vez saboreado as filhós que ela compunha, para celebrar o Carnaval — e os seus bolos da Natividade — e a sua olha e o seu anho assado da Páscoa. Não! — Saudades de tudo isso, durante a minha vida inteira, em qualquer fortuna, no meio das mais graves preocupações, nunca hei de afastar-vos impaciente, quando vierdes, como criança travessa, baralhar-me um período de trabalhada prosa ou aleijar-me com um verso parvo uma estrofe sofrível. Vinde, meus amores antigos, que para vós esta cara não saberá arrogar-se; esta boca não terá esses monossílabos duros e gelados com que se repelem importunações de indiferentes. Vinde, e demorai-vos comigo, e palrai por uma hora, por um dia, por uma semana; que vos escutarei sempre sorrindo. E, quando for ao sol-posto, que os ouvidos da minha alma vos ouçam reproduzir vivas, harmoniosas, melancólicas as lentas badaladas das ave-marias, não, como agora as ouço as vezes, no meio do ruído confuso, áspero, estridente do povoado, mas partindo da aldeia ainda deserta

dos seus moradores, rolando pela veiga, espreguiçando-se pelo prado, rumorejando pelas quebradas da encosta ou pelo pinhal do cabeço e indo morrer lá muito ao longe, nas toadas duvidosas de uma cantiga de lavadeiras, ou no tinir das esquilhas de um rebanho de ovelhas que se encaminham para o curral ao sibilar do pastor. Repeti-mas assim, puras, campestres, vibradas num ar puro e sonoro, livres por um horizonte imenso, e ter-me-eis despertado um afeto consolador, o qual valerá mais que todas as ambições, que todos os contentamentos, que todas as esperanças do mundo.

Têm-se discutido os sinos, como se discute quanto há no universo. Desde a existência objetiva ou material deste mundo até à legitimidade do chocalho pendurado ao pescoço da cabra, retouçando pelas ruas de qualquer capital, que resta ainda aí para se lhe trazerem à praça os prós e os contras? Das definições possíveis do homem uma só é verdadeira: o homem é o animal que disputa. Os sinos têm tido amigos e inimigos: e porquê? Pela mesma razão porque sobre tudo há duas opiniões contraditórias. E que tudo tem duas faces diversas. O vento sul é meigo para a árvore que viceja no recosto setentrional da montanha e açoite da que vegeta no pendor oposto o norte é o suplício da primeira e grato

para a segunda. Nisto está cifrada a história das contradições humanas.

Os sinos, colocados em campanários de paróquia aldeã ou de mosteiro solitário, são uma coisa poética e santa: os sinos, pendurados nas torres garridas das garridíssimas igrejas das cidades de hoje, são uma coisa estúpida e mesquinha. O sino é um instrumento acorde com as vastas harmonias das serras e dos descampados. Assim como o órgão foi feito para reboar pelas arcarias profundas de uma catedral gótica, para vibrar na atmosfera mal iluminada pelas frestas estreitas e ogivas, do mesmo modo o sino foi perfilhado pelo cristianismo para convocar os seus humildes sectários ocupados nos trabalhos campestres. Quando se associou o sino do culto?

Ignoramo-lo: ignoramo-lo porque foi a religião serva e perseguida que o santificou; e, quando os poderosos da Terra a aceitaram para si, então entrou nele nas cidades soberbas. Lá, converteu-se numa coisa insignificante e impertinente. É mais um ruído intolerável para juntar aos outros ruídos discordes que troam por essas ruas e praças. O sino, tornado cortesão e fidalgo, é semelhante ao órgão trazido para o aposento do baile, ou, o que vale quase o mesmo,

para essas salas ao divino, essas igrejas sem cãs, bonitas, vaidosas, douradinhas, que insensatos edificam para as admirações de parvos.

E com estas digressões esquecemo-nos do padre-prior. Não importa. Deixá-lo cear em paz e rezar o breviário. Eram estas, entre outras, duas fases graves e sérias de todos os seus dias. Depois, enquanto a velha Jerónima punha em ordem a casa, ele pegava num livro da pequena estante que lhe ficava à cabeceira e lia ou uma lenda pia do Flos Sanctorum de Rosário ou um trato daquelas grandes histórias de Fr. Bernardo de Brito, até que o sono tranquilo de boa e sã consciência, apertando-lhe com os dedos rosados as pálpebras, o entregava aos sonhos plácidos que só a alvorada vinha interromper, quando perigo iminente de alguma das suas ovelhas o não obrigava a erguer-se alta noite, ao som do resmungar malsofrido e, até certo ponto, ímpio da Tia Jerónima. No horizonte limpo e sereno destas duas vidas inocentes, destes Filémon e Báucis celibatários, que, amparados um ao outro, iam peregrinando contentes para o sepulcro, havia um ponto negro e triste. O rendimento da paróquia não consentia que o padre-prior possuísse essa espécie de ilota in sacris, de servo de gleba sacerdotal, chamado o padre-cura. As ventanias, as chuvas, as noitadas

através das serras revertiam inteiramente, como a côngrua e os benesses, em benefício, se não do corpo, ao menos da alma do reverendo prior.

A sua côngrua era maravilhosamente estica: o grosso dos dízimos da paróquia jogava-os à risca todas as noites em tertúlias um digno comendador não sei de que ordem. Ai, que a extinção dos dízimos foi a morte da religião!

II

NOITADAS PAROQUIAIS

A vida do velho prior passava, na verdade, dura e trabalhosa! Como todas as coisas deste mundo, o egoísmo da Tia Jerónima não era acabado e completo ou, para falarmos em estilo de filosofia fidalga, não era absoluto. O limitado e o imperfeito são o sinal que o Criador estampou na cara do homem e na face da Terra para nos recordar a todo o instante a nossa origem; é a barreira que ele alevantou diante deste grande mistério de energia e de audácia chamado a inteligência. Sabedoria, força, paixões, afetos, tudo tem um horizonte comensurável; horizonte para as virtudes, como para a dor. O espírito mede e abrange o que há mais vasto e profundo, os ermos, os mares, o coração humano; porque ao cabo disso tudo está o finito. Imensa, eterna, absoluta só há uma ideia, que está fora do universo. Esta é a ideia de Deus.

Por isso, grande é tão-somente Deus!

Mas dizia eu que o egoísmo da Tia Jerónima era incompleto: digo mais; era incompletíssimo. Quando o sacristão vinha, alta noite, quebrar o dormir risonho e variamente ressonado do padre-prior; quando à voz roufenha do ostiário aldeão, despertando o pastor para ir levar as consolações extremas à ovelha moribunda e tirá-la já, porventura, dos dentes e garras do cão tinhoso, se juntava o trovejar ao longe da tempestade, o fustigar da chuva nas vidraças progressivas das meias janelas e o ramalhar da ventania nos dois plátanos do adro, era sem dúvida que o resmungar da Tia Jerónima, aparecendo da banda da sua pocilga, com a candeia mortiça na mão e as roupinhas vermelhas do envés, tinha o que quer que fosse repugnante e vil. Pensava, acaso, a boa da velha que a morte não seria tão descortês que negasse ao espírito do pobre moribundo o tempo necessário para poder, ao abandonar o corpo, subir, como chamazinha ténue, e galgar para o céu sobre um raio do sol-nascente? Pode ser que sim. Não seria, porém, antes, que ela preferisse o deixar frigir por alguns séculos nas caldeiras do Purgatório aquela pobre alma cristã, largando a sua veste mortal sem os últimos sacramentos, à necessidade de erguer-se por noite fria e tempestuosa, para tomar nos ombros uma parte da cruz do ministério paroquial? Também isto pode ser. O que se passava no

abismo da sua consciência coisa era que ela não revelava a ninguém; mas, em todo o caso, era um pensamento egoísta.

Todavia, é preciso confessar que com ele se misturava um sentimento puro e nobre: dizia-o esse cuidado pressuroso com que a Tia Jerónima trazia as botas de cor térrea, o bérnio de saragoça, o capote de barregana, o chapeirão oleado e a aguardente de ginjas, sem um copo da qual o prior não ousaria transpor o limiar da porta e investir com as fúrias de noite procelosa: diziam-no a atenção com que mirava se ele ia agasalhado e as mil vezes repetidas ponderações higiénicas que lhe fazia com admirável volubilidade de língua. A afeição da santa velha mostrava-se em tudo isso viva e sincera; e o seu resmonear, que no meio das idas e das voltas e do perguntar e do responder, ia rareando e abatendo, como o assobio do furacão pelo vale, perdia gradualmente a expressão de egoísmo e convertia-se pouco a pouco na de um pensamento moral.

E o padre-prior calado! — Calado enfiava as botas; envergava o gabinardo; cobria-se com o capote; punha o amplo sombreiro; enchia um copinho do excelente cordial que a boa da ama lhe havia posto diante; virava-o de um golpe; fazia uma visagem, fechando os olhos com força e estendendo os beiços; dava um estalido com a

língua no céu da boca; exprimia o íntimo conforto que nele gerara o etéreo licor com um brrahhh prolongado; estendia a pequena taça, cheia de novo, ao sacristão, que, mestre nos estilos da cortesia, se curvava, formando com o corpo um ângulo obtuso de noventa e cinco graus, desprezadas as frações, e arqueando o braço, para levar o copo à boca sequiosa, como se curva e arqueia um peralvilho de guedelhas saint-simonianas e miolos de água chilra, ao conduzir, em sala de baile, a deusa dos seus afetos de vinte e quatro horas ao meio do turbilhão doido e (perdoe-se-nos a blasfémia) um tanto parvo das valsas e contradanças.

Depois, duas palavras mágicas saíam da boca do reverendo pastor: «Até logo!» O seu efeito era instantâneo: o sacristão, pegando numa lanterna, com as chaves da igreja na mão, encaminhava-se para o adro, seguido do padre-prior; a Tia Jerónima fechava a porta após eles; e o tentador, como se estivesse esperando por esse momento, travava-lhe novamente do espírito, e o resmoninhar da impaciência recomeçava em breve, acompanhado do ranger do linho na roca, e do. espirrar da candeia a espaços, e do respiro asmático do nédio gato do presbitério, que, enroscado na lareira, abria de vez em quando os olhos amortecidos e cerrava-os logo com filosófica indiferença, enquanto a Tia Jerónima esperava pelo seu velho amo

e se lhe apertava o coração, sentindo o temporal que passava lá fora, e lembrando-se de que o enfermo poderia ter guardado para hora mais decente e cómoda a agonia do passamento.

E pela serra fora, caminho de aldeia remoto, vai o velho prior: adiante o sacristão com a lanterna e a âmbula da extrema-unção e ele atrás com o cibório. As poças de água refletem essa débil claridade que as ilumina e fazem um contínuo plach, plach, debaixo dos pés dos dois caminhantes, cujo passo apressam as cordas de chuva batida pelos furacões do sudoeste. Os pinheiros, balouçando-se, gemem tristemente e os enxurros, estrepitando pelos córregos, tiram com o pinhal uma toada soturna. No céu profundamente negro não aparece uma estrela: na terra, ao longe, bem ao longe, não se descortina uma luz. A natureza debate-se consigo mesma: tudo dorme, entretanto, nos casais e na aldeia, salvo o velho pároco e a família daquele que em trances mortais espera o representante de Cristo, que lhe traz as derradeiras consolações e esperanças. Entre a filantropia humana e as agonias extremas dos pequenos e humildes a noite e a tempestade ergueram barreira quase insuperável: esta barreira desaparece, porém, diante da caridade que a todos nos ensina o Evangelho e que ao pároco impõem, como

dever imprescritível, a sua missão sacerdotal e o seu carácter de pai dos pobres e afligidos.

A esta mesma hora, em que o velho prior assim vagueava por sendas alpestres exposto às inclemências de noite invernosa, talvez em aposento bem resguardado, no fim de ceia opípara, entre as taças cheias de vinhos generosos, no meio de mulheres formosas e voluptuárias, embriagado em todos os deleites dos sentidos, algum famoso espírito forte cerzia remendos das páginas soporíferas de Holbach ou de Diderot e dissertava profundamente sobre a mandriice, egoísmo e cobiça do clero, ou carpia a superstição do povo, que, para ser completamente feliz, de nada mais precisa do que abandonar as crenças do cristianismo e de amaldiçoar as esperanças de Deus, o conforto único da sua vida de miséria, de trabalho e de amargura. E, naturalmente, os neófitos daquela triste filosofia extasiavam-se em redor do sábio filantropo, que, impando de iguarias delicadas, de vinhos custosos e de grossa ciência, só lamentava a ignorância daqueles a quem muitas vezes faltava então, falta hoje e faltará no futuro um bocado de pão negro para matar a fome; extasiavam-se ali diante da sensualidade e bruteza de um insensato vanglorioso, enquanto a virtude do velho clérigo, exercitada nos desvios dos montes e no silêncio da noite, não tinha

por testemunhas senão um céu húmido e cerrado e o vulto impetuoso e bramidor da ventania, mas que, em vez das lisonjarias de parvos, tinha para o aplaudir a voz sincera, consoladora e santa da própria consciência.

Havia, porém, no fim de tudo, uma diferença entre o homem do Evangelho e o da falsa ciência. Era o sistema das compensações. O padre-prior, depois de cumprir com o seu dever, voltava ao presbitério tranquilamente: tirava o capote alagado, despia o gabinardo felpudo sacudia a uma distância razoável as ponderosas botas e: enfiando-se entre os grosseiros lençóis, atava o fio do sono no ponto em que o deixara e, embalado brandamente por sonhos aprazíveis, só acordava Sol nado e alto, ao bradar da Tia Jerónima e ao cheiro da açorda fumegante almoço que, como tudo o que era consagrado pelos séculos e pela tradição, ele profundamente respeitava.

E o nosso filósofo? O nosso filósofo, recolhendo-se alta noite, ia todo o caminho provando a si mesmo que não há Diabos no mundo, nem almas, nem, talvez, Deus; mas sentindo arrepiarem-se-lhe os cabelos ao ver dançar a fosforescência de algum marnel, rezando o credo em cruz ao passar por algum cemitério, benzendo-se ao ouvir

piar algum mocho. E depois de se deitar e adormecer sonhava... Em quê? Nas combinações infinitas da matéria eterna de que deve, segundo as boas doutrinas, ter rebentado o universo? Não! Sonhava com as pernas do Inferno e, ao acordar pela manhã com defluxo, pedia confissão e sacramentos.

Já lá vão vinte anos! Bom tempo era esse, ao menos para mim, que ainda não sabia da existência do animal chamado filósofo, classificado entre os rodentia, pelo medroso e daninho. Em vinte anos, que voltas tem dado o mundo! Aquela espécie vai-se acabando de todo. Autores de comédias, apressai-vos! Antes que se perca o tipo, levai o incrédulo ostentoso à cena. Dai-nos algumas noites de rir doido e inextinguível.

Os dias do padre-prior corriam assim placidamente para o seu viver íntimo, posto que o duro mister de pároco lhe entenebrecesse muitas vezes os horizontes da vida material. E que importava, se todos na aldeia lhe queriam bem; se todos o acatavam, como a suma bondade e, o que não era menos, como a suma inteligência da paróquia? Até o barbeiro, o próprio barbeiro, homem grave e entendido em materiais de eloquência sagrada, não constava houvesse jamais torcido o nariz às práticas e aos sermões do padre-

prior, que ele, com a mão sobre a consciência, punha acima dos melhores de Fr. Timóteo, um fradalhão arrábido, coisa brava em gritarias ao divino, que, por via de regra, se incumbia das domingas de quaresma naquela freguesia e nas circunvizinhas, com aceitação e aplauso universal do auditório, mas cuja fama era ofuscada pelos períodos singelos do velho sacerdote, repassados de unção e daquela eloquência de missionário, que, apesar de rude, lá vai fazer vibrar o coração do povo, afinado pela crença viva, como a harmonia que se tira das cordas de dois instrumentos acordes.

Agora por isso, o que será feito de, Fr. Timóteo?! Era naquele tempo um frade guapo e alentado! O que será feito dele? Se ainda vive, tiraram-lhe o burel e a corda de esparto, o seu capital; venderam-lhe o convento, o seu tonel de Diógenes; proibiram-lhe o capuz e as sandálias, o seu direito inauferível de andar trajado como lhe aprouvesse; e mandaram-no, desarmado de tudo isso, pedir para o mendigo a esmola que se dava ao burel, ao esparto, ao convento, ao capuz e às sandálias. Bom passaporte para Fr. Timóteo transitar pela vala plebeia do cemitério nos braços mórbidos e suavíssimos da fome! Foi um progresso de civilização, que se completou, pelo lado moral, com o aumento das lotarias, das casas de câmbio e das

traduções de novelas e dramas franceses. Bem-aventurada a tão esperta nação que assim compreende o progresso!

Duas coisas, porém, mais que as práticas e os sermões, serviam para engrandecer e glorificar o padre-prior, não só diante dos homens, mas também diante de Deus. Era a primeira o incansável zelo com que se aplicava a apaziguar as rixas, a estabelecer a concórdia doméstica, a pregar o trabalho, a guerrear a embriaguez e, sobretudo, a santificar pelo casamento as afeições ilícitas: era a segunda o fervor modesto e o inocente luxo com que procurava celebrar as festas religiosas, principalmente a de S. Pantaleão, orago da freguesia e de quem, tanto os aldeões, como o velho presbítero, criam afincadamente possuir o metacarpo da mão direita, o qual devia ser de outro santo ou não santo, se acreditarmos (eu cá, pela minha parte, acredito) nos paroquianos da Sé do Porto, que se gabam de ter debaixo de chave S. Pantaleão in totum, sem lhe faltar dedo de pé, nem de mão, quanto mais um metacarpo inteiro.

III

UMA ESCORREGADELA

A propósito do que o padre-prior era de casamenteiro, ainda me lembra uma velha viúva, a Sr. Perpétua Rosa (Deus lhe fale na alma!), que morava ao cabo do lugar, numa barraquinha à beira do rio, muito caiada, com o seu rodapé de vermelhão, e sombreada por cinco ou seis choupos que nasciam da borda da água. Tinha ela (a velha, não a barraquinha) uma filha, formosa rapariga, chamada Bernardina. Era uma das leiteiras mais desenxovalhadas de que se gabavam os arredores de Lisboa: bonita, que não havia mais dizer: alva como toalha de freira: airosa como pinheirinho de quatro anos. Uns poucos de rapazes da aldeia andavam doidos por ela. Nas noites dos domingos, em que havia dança e viola na, casa da brincadeira , a Tia Jerónima, que era capaz de espreitar este mundo e o outro, mirando da sua rótula o que se passava à entrada da rústica sala do baile, pouco distante do presbitério, notava que, apenas a Bernardina aparecia, os rapazes entravam após ela, com

muito mais fúria e pressa do que pela manhã tinham corrido para a igreja, ao último toque da missa do dia. Antes disso, já a boa da velha tinha reparado no modo como eles se encostavam aos cajados para lados opostos, em frente uns dos outros, nos motejos do cantar ao desafio, no por dos barretes à banda, nos olhares que mutuamente se lançavam, no pegarem em seixos e atirarem-nos a grande distância, a modo de competência, sem dizerem palavra, como se cada um quisesse mostrar aos seus rivais a robustez do próprio braço. Disto tudo tirava a Tia Jerónima agoiro de muita pancadaria — «por amor daquela delambida —, dizia a ama do prior nas suas caridosas murmurações — que anda toda arrebicada por balharotas, enquanto a pobre mãe moureja todo o santo dia, ao sol e à neve, naquele rio, para ganhar um bocado de pão, sem vergonha da cara. Havia de ser comigo!»

E o mais é que a Tia Jerónima não se enganava nas suas previsões. Chegou véspera de Reis: houve à noite brincadeira ou baile extraordinário: passou-se aí tudo na melhor ordem: riu-se, tocou-se viola, dançou-se, cantou-se ao desafio e cada qual se recolheu a esperar entre os lençóis os santos Reis Magnos, designação popular dos Magos do Oriente, cuja vinda a Belém se memora na Epifania.

Houve, porém, nessa noite um saloio mais cortês, que esperou vestido e ao relento, no caminho da serra, a vinda dos três santos personagens. Foi o Manuel da Ventosa, estendido com uma tremebunda e magnífica massada, de que esteve ido, a ponto de dar ao padre-prior uma daquelas noitadas que suscitavam a cólera da Tia Jerónima e de que já acima fiz honrosa e específica menção.

O Manuel da Ventosa era filho único de um moleiro ricaço, chamado Bartolomeu, velho honrado, mas avarento como seiscentos Santanases. Teve a ventura (o rapaz entende-se) de cair em graça à Bernardina. Amoricos daqui, amoricos dacolá; janela na cara a um, respostas tortas a outros; segredar e rir de vizinhos, raivas de desprezados: soma total — zás, uma sova mestra no Manuel da Ventosa, por ter tido a negregada dita de merecer a preferência daquela que era o enlevo de todos os corações.

Mas enganaram-se. O amor redobrou com o sacrifício; os desprezos cresceram com a sede de vingança. O que começara por passatempo converteu-se em paixão violenta: um fogo íntimo devorava a alma de Bernardina e desbotava-lhe as faces dantes tão frescas e rosadas como de um serafim da peanha da Senhora da Conceição, obra de escultor insigne. No Manuel da Ventosa, isso

não falemos: quando melhorou da doença, andava entre parvo e abstrato: atribuía-o o licenciado dos sítios a depressão cerebral produzida por alguma ripada nas vértebras; mas, se existia depressão de cérebro, outra era a sua origem. Certa mulher de virtude que havia na aldeia jurava e tresjurava que o moço moleiro tinha a espinhela caída. Histórias. Eu, apesar de ser então uma criança, sabia bem onde batia o ponto; por isso nunca fui para aí.

Por encurtar razões: os dois amavam-se como loucos. As pessoas desinteressadas achavam-nos um par completo; e com bom fundamento: o Manuel da Ventosa era um galhardo mancebo, único herdeiro de ginja abastado, e Bernardina uma rapariga honesta. As beatas da aldeia, às quais, conforme a direito, incumbia pôr ao soalheiro a vida privada de cada uma, no capítulo de honra nunca se tinham atrevido a ir devassar a barraquinha de Perpétua Rosa. Podia a Sra. Perpétua Rosa gabar-se, dessa! E, de feito, muitas vezes, metida no rio até aos joelhos, em discussões acaloradas com as suas ilustres amigas, as outras lavadeiras pelo círculo de Lisboa, ouvi-a emprazá-las para que formulassem precisamente, certas interpelações infundadas, rejeitando com desprezo alguns remoques bernardos relativos a Bernardina e apelando para a

opinião do País, representada pelos seus órgãos, as beatas do soalheiro.

Mas, se os dois se amavam com tanto extremo e eram feitos e talhados para puxarem o mesmo carro matrimonial, porque não iam pedir ao padre-prior o conjugo vos? Aí é que certo animal torcia certa parte do corpo que eu e o leitor sabemos. Por não terem pedido esclarecimentos sobre o facto é que as lavadeiras faziam declarações vagas.

Eis o caso: o Bartolomeu da Ventosa era rico e avaro; mas bestialmente avaro: Perpétua Rosa, pobre, pobríssima. Por mal de pecados, fora ela antigamente lavadeira do casal do moinho, ou antes dos moinhos, porque, para a exação histórica, deve advertir-se que o moleiro possuía dois. Uma vez que levara grande porção de roupa tinha perdido três sacas velhas e rotas. Bartolomeu, quando tal soube, quis morrer. «Juro por esta», dizia ele, esbravejando e beijando os dois dedos índices cruzados sobre a boca, «juro que Perpétua Rosa me há de pagar as minhas três sacas novas em folha, que me perdeu, a desalmada!» Mas nem novas, nem velhas; porque a verdade era que ela não tinha com que as pagasse. Forçado foi, portanto, ao moleiro fartar a vingança com

ordenar-lhe que não lhe tornasse a rapar os pés à porta. Desde esse fatal dia, nunca mais Bartolomeu da Ventosa pôde encarar com a lavadeira: o seu ódio vivia envolto e aquecido na imagem das três sacas gravadas naquele coração de avarento. Assim, para ele seria coisa monstruosa e abominável só o imaginar a possibilidade do seu filho Manuel casar com Bernardina, a quem a pobreza fora de sobra para impedimento dirimente, quanto o mais ser filha de semelhante mãe. Tal era a dificuldade insuperável que se opunha à união dos dois amantes.

E os meses iam passando e as murmurações crescendo e saltando já das lavadeiras para as beatas. Tinham visto mais de uma vez (dizia-se: valha a verdade) o moço moleiro rondando a desoras a barraquinha da beira do rio. Havia também quem dissesse que, nas madrugadas de alguns domingos, quando a Sra. Perpétua Rosa saía para a missa das almas, se enxergava ao lusco-fusco um vulto que, cosendo-se com os choupos, se aproximava da porta de Bernardina e... e et etecetera. Era muito ver! Mas a coisa ia correndo e, no fim de contas, quem ganhava com essas histórias eram as línguas dos maldizentes, que se refocilavam na palangana da murmuração, e o Diabo, que se lambia para, por estas e por outras, os catrafilar ao seu tempo.

Veio a Quaresma: santa quadra; mas que, por isso mesmo, e, às vezes, boa de mais. Desobriga vai, desobriga vem, sabe-se muita coisa. O padre-prior andava já com a pedra no sapato; porque ele não era cego, nem mouco. O meu dito, meu feito. Certo dia (por sinal que era uma sexta-feira), quando o sacristão veio abrir a porta da igreja, estavam já no adro, à espera, Perpétua Rosa e Bernardina para se confessarem. Não tardou o prior. Avisou-se a mãe: ajoelhou a filha:. persignou-se, benzeu-se, disse mea culpa e começou a sua confissão.

Se isto fosse uma história de polpa, cortesã e culta, viria neste ponto o casus foederis de eu tomar a postura trágica a la moda, carregando as sobrancelhas e dizendo em tom soturno e lento: «O que aí se passou entre o venerável ancião e a donzela ninguém o soube!-!-!-! Mistério!-!-!-! Acontecimento terrível e fatal!-!-! As lágrimas ardentes do velho caíram sobre a cabeça da infeliz ajoelhada aos seus pés, cujo futuro (não o dos pés, mas o da infeliz) era de maldição!-!-!-!» Limitada, porém, a minha narrativa à chá e plebeia recordação de um pobre pároco de aldeia, refletirei, em suma, que me não é lícito revelar o segredo do confessionário. Os sigilistas já deram que fazer ao marquês de Pombal, cuja consciência, como todos sabem, era delicadíssima em matérias de

ortodoxia católica e em tudo. Calo-me porque não quero cair no erro que ele condenou. Direi só que foi muito demorada a confissão de Bernardina e que, ao alevantar-se de ante os pés do prior, ela trazia os olhos como punhos: e digo-o, porque o viram os circunstantes, a saber, o sacristão e a Sra. Perpétua Rosa, que devotamente ia descabeçando a penitência enquanto a filha se desobrigava.

Ao sol-posto desse mesmo dia, o prior espairecia a vista pela veiga coberta de verdura, assentado no cruzeiro, segundo o seu costume. A brisa da tarde era fria e aguda, porque a Primavera começava apenas; mas o velho pároco parecia não a sentir, embebido em pensamentos; e, tão fundas iam estas que, em vez de traçar na terra com a bengala as usuais figuras geométricas ou anti-geométricas, conservava-a Imóvel e perpendicular, com as mãos cruzadas sobre o castão, firmando a barba em cima. Conhecia-se no olhar e no mexer trémulo dos beiços que algum grande cuidado o inquietava. E tanto assim que nem reparou nos três sinais das ave-marias, deixando-se ficar assentado e, até, oh profanação!, com o chapéu na cabeça. Felizmente não passava ninguém naquele momento que pudesse notar a involuntária irreverência do distraído pastor.

Mas um vulto assomou ao longe e os olhos do velho brilharam, como animados por vida nova. Quem quer que era, descia do monte e vinha para a banda do rio. O caminho passava perto do adro: o prior ergueu-se, estendendo a mão e brandindo a bengala na direção do vulto.

«Ó Manuel! psio, Manuel! chega à fala! Ó rapaz!»

O filho do moleiro (porque era ele) hesitou um pouco. Alguma coisa lhe roía na consciência. Mas, vendo o prior em pé, com ar de quem estava resolvido a ir atravessar-se-lhe diante, cortou para ele, com o barrete azul e vermelho na mão.

«Boas-tardes, padre-prior: quer alguma coisa?»

«Quero que você chegue aqui, porque temos de falar.»

O tom com que estas palavras foram proferidas e, mais que tudo, aquele você fizeram estremecer o Manuel da Ventosa. O prior tratava todos por tu e o você na boca dele era presságio infalível de temporal.

O rapaz parou diante do velho, com os olhos cravados no chão, torcendo e destorcendo a orla do barrete que tinha entre as mãos. O padre-prior mediu-o de alto a baixo e começou ex abrupto:

«Então que histórias são estas da Bernardina, sô velhaco da conta benta? Sabe o que fez, grandessíssimo tratante? Aonde foi você aprender isso? (Esta pergunta era asnática.) E a doutrina que eu lhe ensinei em pequeno? De que têm servido os exemplos de modéstia e honra que lhe dá seu pai? De ser um vadio, um sedutor, um... Deixe estar:

a cadeia não se fez para as aranhas e el-rei nosso senhor (o bom do pároco puxava em política para a escola histórica) ainda não mandou queimar a nau de viagem... »

«Eu padre-prior... como lhe ia dizendo», interrompeu atarantado o saloio, coçando na cabeça e procurando atar o fio das suas ideias inteiramente confundidas.

«Cale-se; não me responda», prosseguiu o velho pároco, achando, talvez, pouco fazer cinco perguntas para ouvir uma resposta. «Diga-me: que tenções eram as suas enganando uma rapariga honesta?»

«Eu...»

«Não me replique; já lho disse. Lembre-se que é o seu pastor que lhe fala. Aí está porque você ainda não o veio desobrigar-se; pensava que, por ela ser miserável e a sua mãe uma triste viúva,

não tinham ninguém neste mundo? Enganou-se. Têm-me a mim. Saiba que, a poder que eu possa, há de ir bater com o costado na Índia ou casar com a Bernardina.»

Aqui, o pobre rapaz atirou-se de joelhos a chorar aos pés do velho e exclamou, soluçando:

«E é isso o que eu quero!... Juro-o por aquela árvore da bela cruz que ali está...»

«Vera cruz, salvage! vera cruz!», interrompeu o prior, visivelmente abrandado com o pranto, humilde e declaração categórica do moço moleiro.

«Mas como eu ia dizendo», prosseguiu este, «por mor daquela diabrura das sacas, meu pai não pode tragar a Sra. Perpétua Rosa. Se lhe falasse em tal, fazia-me os ossos tão miúdos como a picadura da mó. Se a Bernardiria tivesse dote, ainda, talvez ele consentisse... Mas sem isto; bem lhe sabe o génio. Se o padre-prior pudesse adivinhar o que me tenho ralado, havia de ter dó de mim. Não como, não durmo, ando doido! Não basta a maçada que gramei... Há! há! há!»

Chorava em berreiro, e o choro não o deixava continuar. As lágrimas começaram também a bailar nos olhos do prior, que ficou por alguns momentos, pensativo.

«Levanta-te, rapaz dos meus pecados», disse ele por fim, puxando pelo braço do moleiro.

«Vamos; confessa a verdade; estás arrependido do que fizeste?»

«Estou, sim, senhor! Há! há!»

Nesta parte, apesar do choro e dos soluços, parece-me que o saloio mentia.

«Prometes, casar com Bernardina, se o teu pai consentir?»

«Prometo, sim, senhor! Há!»

«Ora, pois, sossega e não chores. Deixa o caso pela minha conta. Volte para casa e não me torne a rondar pela beira do rio. Entende? Olhe que!...»

O prior estendeu a bengala para o lado dos moinhos, que assobiavam lá no alto, e Manuel da Ventosa voltou cabisbaixo e a passos lentos pelo caminho por onde viera. Sentia confusamente que se aproximava a crise mais temerosa da sua vida.

Então o padre-prior assentou-se outra vez no poial do cruzeiro e recaiu em profunda meditação. Depois de um bom quarto de hora pôs-se em pé e encaminhou-se para o presbitério. Tinha anoitecido. De memória de homens, nunca ceara tão tarde!

E, andando, o velho sacerdote repetia aquelas palavras do livro de Job, onde, entre parênteses, há mais filosofia que num aduar inteiro de filósofos:

Nudus egressus sum de utero matris meae, et nudus revertar illuc.

O porque o dizia, bem o sabia ele! Ceou sem dar palavra: rezou o breviário: deitou-se, e apagou o candeeiro. Contra o costume, Fr. Bernardo de Brito e Fr. Diogo do Rosário ficaram aquele serão na estante. A ama sentiu-o assoar-se, tomar tabaco e escarrar até muito tarde. Coisa rara! Sinal evidente de que tinha negócio de vulto, que lhe embargava o dormir!

Pior foi pela manhã. Apenas luziu o buraco, o padre-prior saltou da cama; calçou os sapatos engraxados; vestiu a loba nova; pediu o chapéu de três ventos, a bengala de castão de prata e os óculos fixos, que só punha em dias de missa cantada, e disse à ama que se aviasse com o almoço, porque tinha de sair cedo.

Enquanto a Tia Jerónima, para maior brevidade, fazia umas papas de milho, o prior abriu um contador enorme, destes que os nossos grandes amigos ingleses nos vão agora levando em lugar de vinho do Porto, tirou para fora uma folha de papel almaço e bradou:

«Jerónima!, Ó Jerónima!»

A velha chegou ao corredor da cozinha, com o abano na mão.

«Estão quase feitas», disse ela. «Tenha paciência um instantinho.»

«Não é isso, mulher», replicou o prior. «Ouve cá: vai ao forro (la escada e traz-me aquilo.»

«Isso, eu lá ponho. Mas, com a sua licença, de onde veio maquia grossa? Ontem não houve batizado nem enterro... »

E a Tia Jerónima estendia a mão esquerda, coberta coma ponta do avental, para não sujar a maquia de que falava, e, ao mesmo tempo, volvia olhos ávidos, ora para o bufete, ora para o prior.

«Qual carapuça!», replicou ele, fazendo-se vermelho. «Tira-se; não se põe. Faça o que lhe digo e dê ao Demo o que sabe.»

A ama empalideceu. As palavras tira-se; não se põe eram de ruim agoiro; mas vendo já o padre-prior azedo, calou-se e obedeceu.

«Dali a pouco», o velho pároco começava a tirar de um pé-de-meia uma, duas, três peças de ouro; foi tirando até setenta; restavam apenas obra de uma dúzia delas.

«Basta», rosnou o prior. «Pode ocorrer uma doença. Então, Jerónima, vêm essas papas?!»

E, dizendo isto, embrulhava muito bem as setenta peças na folha de papel que tinha sobre o bufete e metia-as na algibeira da loba.

«Guarde isso, Jerónima», disse ele à ama, que entrava com as papas. E empurrou pela mesa fora o exangue pé-de-meia. A ama, ao ver aquela horrorosa sangria, esteve a ponto de largar a frigideira no chão e de deixar o bom do padre sem almoço.

Quando voltou para a cozinha, ouviu-a o prior soluçar.

«Nudus egressus sum de utero matris meae, et nudus revertar illuc.»

Murmurando esta profunda sentença da Bíblia, o reverendo pároco saiu pela porta fora. A ama, vendo-o sair, andava como pasmada.

Nestas idas e voltas havia nascido o Sol. O Bartolomeu da Ventosa, afanado com a sua lida, em pé à porta de um dos moinhos, bracejava, ralhava, praguejava como possesso. Os brutos dos

moços tinham-lhe quebrado já duas cordas ao enquerir as cargas de uma récua de machos pimpões presa à argola do moinho.

De repente viu um castão de bengala sair-lhe por cima do ombro. Voltou-se: era o prior.

«Olé, vossa senhoria por aqui a estas horas?!... Psio, o Zé Dorna, olha o rabicho daquele macho!... Grande novidade, padre-prior! grande novidade!... Raios te partam! Que tal está o filho do Diabo?!»

Estas duas últimas jaculatórias eram acompanhadas de dois reverendíssimos pontapés na barriga de uma das carruagens, que já estava carregada e que parecia achar mais prudente deitar-se enquanto as outras se aviavam.

O moleiro dava assim a modo de umas lembranças de Napoleão ditando ao mesmo tempo a dois secretários.

«Falaste, Bartolomeu!», replicou o prior. «Novidade e grande! Há quarenta anos que sou pároco desta freguesia e é a primeira vez que tal me sucede. É negócio intrincado e quero ouvir o teu conselho, porque tens caixa para as coisas. Rapazes», acrescentou, dirigindo-se aos moços do moinho, «safa daqui, que tenho que dizer ao patrão em particular.»

«Rua!», gritou o moleiro, correndo com força ambas as mãos pelo colete e pelos calções, donde saiu um nevoeiro de farinha. «Entre vossenhoria.»

O prior entrou e foi assentar-se numa tripeça que estava a um canto. Bartolomeu assentou-se sobre um saco de trigo, em frente dele. Os dois velhos mediram-se com os olhos por momentos, como se cada um deles tentasse ler no rosto do outro os pensamentos que lhe vagavam tia alma. A primeira ideia que ocorreu ao moleiro foi a de alguma festa que o pároco pretendia fazer e para que lhe vinha pedir dinheiro. Batia-lhe o coração com violência e já imaginava trinta mentiras para evitar essa calamidade.

«Homem», disse por fim o prior, «tenho na minha mão uma soma avultada; mais de quinhentos mil réis (o moleiro estendeu o pescoço): pertencem a um devoto, que os quer dar em dote a uma rapariga pobre desta freguesia. Encarreguei-me do negócio e deitei as minhas linhas para dar no vinte; mas temo não acertar e venho bater contigo. És honrado, meu Bartolomeu, posto que um tanto sovina: falo-te com o coração nas mãos, e... »

«Isso é o que dizem por aí essas línguas perversas», interrompeu o moleiro, fazendo-se vermelho de cólera; «essas mandrionas do

soalheiro, porque não lhes meto no bandulho o meu remédio. Os diabos me levem... »

«Tá, tá!», acudiu o prior. «Ajustaremos contas na desobriga. Vamos agora ao que serve. Sem refolhos: a quem te parece que dêmos este dote? Parafusa lá.»

O moleiro pôs-se a pensar, alevantando os olhos para o teto, estendendo e revirando a mandíbula inferior e batendo de vez em quando na testa.

«Nada... a Genoveva da Teresa não», disse por fim... «Tal mãe, tal filha. Aquela está arrumada.»

«Nem pensar nisso é bom», retrucou o prior. «Libera nos Domine. Anda, vê se atinas.»

«A Clara da Fonte também não»...

«Hum!», rosnou o clérigo, abanando a cabeça.

«A Catarina Carriça menos. Hem?»

«Tó carapuça! Aí vai já! Fundia-me o dote em menos de um ano com tafularias tolas. Adiante.»

O leitor pode prever que o Bartolomeu da Ventosa e o seu pároco estavam no caso de duas linhas paralelas, que, prolongando-se indefinidamente, nunca podem encontrar-se: o pensamento do prior dirigia-se a Bernardina, e o moleiro já tinha afastado por três vezes do espírito essa lembrança, como ideia importuna.

«Eu», disse ele finalmente, coçando na cabeça, «tinha cá uma ideia... mas não sei... Não digo nada... Acabou-se.»

Desembucha lá, homem! Foi para te ouvir que vim aqui.»

«Então sempre lho direi. A minha sobrinha Joana é um anjo. Boa rapariga! Famosa rapariga! Meu irmão Barnabé não pede esmola, é verdade; mas anda atrapalhadote. O Casal dos Caniços arrastou-o este ano: deve-me já vinte moedas, e...»

O prior cortou-lhe o entusiasmo pelos seus parentes com uma gargalhada estrondosa. O moleiro ficou de boca aberta no meio daquele destampatório.

«Oh, oh, oh!, querias que o meu dote servisse para pagar as tuas vinte moedas!? Não é assim?» E, voltando imediatamente ao seu sério, prosseguiu: «Bartolomeu! Bartolomeu! Por causa da iniquidade da sua avareza me irei e a feri: diz o profeta. A cobiça

que te cega há de baldear-te no Inferno, como tu baldeias para a ribanceira as mós que já não prestam. Queres mentir à tua consciência enganar o teu pastor, quando ele te vem pedir que o aconselhes? Isto não é bonito, Bartolomeu! Não é bonito!»

«Mas, padre-prior... »

«Qual mas, nem meio mas! Deixemo-nos de histórias. Bem diz o ditado: 'Fui a casa da vizinha, envergonhei-me; vim à minha, remediei-me'. O melhor é seguir a primeira lembrança.»

«Então, se vossenhoria já tinha posto o dedo... »

«Tinha, tinha!», retrucou o prior. «Queria só ver se tu concordavas comigo: mas sacas-te com uma esquisitice de fazer arrepiar. Não temos feito nada, meu Bartolomeu: não temos feito nada!»

E, dizendo e fazendo, o clérigo erguia-se, como para sair.

«Pois, diga vossenhoria», acudiu o moleiro, ainda atrapalhado com o revertere, «e enforcado morra eu se... »

«Não praguejes, homem! Aí vai! Quem há de apanhar o dote é a Bernardina de ao pé do rio... »

A história das sacas era espinha que ainda lhe estava atravessada na garganta: ouvindo tal nome, o velho não pôde conter-se:

«Quem? A cara de fuinha da filha da Perpétua Rosa? O padre-prior está brincando. Olha as lesmas! Umas desmazeladas e caloteiras! Isso, nas unhas da mãe, era fogo viste, linguiça. Terças me matem...»

«Espera, homem, espera! Não é isso o que se diz na aldeia. Tu tens osga às pobres mulheres e cega-te a paixão. Desmazeladas?! Basta olhar para elas; como andam limpas na sua miséria. Caloteiras? Coitadinhas! É porque não têm com que pagar ao Agostinho da tenda? Pagar-lhe-ão agora. Quinhentos mil réis ainda ficam livres e Bernardina há de com eles achar um bom casamento.»

Enquanto o prior falava, uma ideia bem-aventurada iluminara subitamente a alma do moleiro. As três sacas podiam não estar perdidas de todo; podiam voltar melhoradas ao moinho. Sentiu a cólera desvanecer-se-lhe, como a nuvem negra que varre a brisa do norte.

«É verdade que a gente, às vezes, tem cá as suas birras», disse ele, com certo ar que queria ser fino e saía parvo. «Cega-se com as

pessoas! Vossenhoria bem sabe o que faz: dê o dote a quem quiser, que diante de mim ninguém há de tugir nem mugir contra vossenhoria.»

«Pois bem!», prosseguiu o prior, «esta lebre está corrida. Resta achar um noivo para Bernardina. Isso é bico-de-obra que requer escolha e siso. Pensa no caso, Bartolomeu! Vamos a ver se acertas melhor desta vez. Agora outra coisa. Tu és capaz: tens sabido guardar o teu dinheiro; saberás guardar o alheio. Eu para isso não presto: sou um mãos-rotas. Aqui te deixo setenta louras, que ao seu tempo se hão de entregar a. quem tocarem, incumbes-te disto?»

«Vossenhoria manda», respondeu o moleiro, cujos olhos brilharam com o fulgor devorante da avareza, ao ver rolar as peças, que o prior tivera a cautela de desembrulhar sobre a grande arca das maquias. O velho pároco usava de uma esperteza de Satanás para fazer uma obra de Deus.

E, despedindo-se de Bartolomeu, saiu. O moleiro ficou de pé e imóvel. Estava, mal comparado, como o asno de Buridan entre as duas medidas iguais de cevada: nem se podia afastar do ouro, nem ousava faltar à cortesia devida ao padre-prior. Afinal, por um movimento sublime de energia moral, correu pela porta fora atrás

dele, que já ia a certa distância. Neste correr, parecia-lhe sentir estalar o que quer que era dentro do coração.

«Se vossenhoria é servido do nosso almoço», bradava o moleiro, «não tarda aí um credo. Pobre, mas de boa mente.»

«Obrigado! obrigado!», respondeu o prior, sem se voltar, brandindo para trás a bengala, como quem dizia adeus. E pensava lá consigo: «Fora, miserável sovina!»

Apenas o bom do clérigo dobra — rã a quina do muro de uma quinta que se dilatava desde a encosta até à baixa do rio, truz!... Com quem havia de dar de rosto? Com o Manuel da Ventosa, de espingarda ao ombro, rede às tostas, chumbeira e polvorinho a tiracolo. O saloio ficou embaçado.

«Com que, sim senhor! já você por aqui me aparece a estas horas», disse o prior com um gesto folgado, que forcejava por ser colérico. «Hem?»

«É verdade, padre-prior!... Entreter um bocado. A manhã estava boa.»

«Pois não! Aos pardais... bem sei! Ora corte-me para casa e vá ajudar seu pai, o pobre velho, que lá anda lidando... e você feito

caçador das dúzias... Caçador! Pensava agora o sonso que me enganava! Vamos marchando!»

Deu alguns passos para diante, enquanto o Manuel da Ventosa fazia o mesmo em sentido contrário. Depois voltou-se de repente. O saloio também parara a olhar para trás.

«Olé. Escuta cá, Manuel!» O Manuel aproximou-se.

«Depois de amanhã é necessário que você se bote aos pés do seu pai, que lhe conte a boa obra que fez e que lhe peça licença para casar com Bernardina...»

«Pelo amor de Deus, padre-prior!», interrompeu o triste do rapaz, cheio de susto. «Com os fígados dele, põe-me os ossos num feixe.»

«Não se perdia nada», acudiu o velho. «Mas não é ano de fortuna. Era melhor que se tivesse lembrado a horas. Faça o que lhe digo, que não lhe há de suceder mal nenhum! Vamos.»

«Se vossenhoria entende?!»

«Entendo, sim, senhor. A Páscoa não tarda; e passada a Quaresma você há de receber-se. Mas disto nem palavra! E corte!»

O tom com que o pároco proferiu estas palavras deu uma alma nova ao Manuel da Ventosa. Imaginou logo que o padre-prior tinha aplanado o negócio. Não sabia se risse ou se chorasse. Instintamente, agarrou a mão do clérigo e beijou-a. A sua gratidão era sincera. O padre-prior sentia palpitar esse vivo sentimento naquelas mãos calosas, que apertavam a sua mão enrugada, naqueles lábios ardentes, que pareciam devorá-la, Conheceu que estava arriscado a deslizar da habitual severidade e, afastando-se rapidamente, bradou com voz áspera, mas alguma coisa trémula: «Deixa-me, pateta! Deixa-me!... e Deus te ilumine, para que seja esta a última das tuas rapaziadas.»

Fez bem em alongar-se: duas lágrimas lhe rolaram pelas faces abaixo.

Naquele dia a Tia Jerónima chegou a desconfiar de que o padre-prior tinha a bola desarranjada. Toda a manhã não fez senão cantarolar, ora um pedaço do Tantum ergo, logo um versículo do Te Deum Laudamus, e assim por diante. Até andou, por mais de meia hora, a brincar com o gato do presbitério. E, para resumir em poucas palavras a extravagância de que parecia possuído, basta dizer que, ao descalçar-se, arrumou os sapatos para um canto e,

depois de ter lido um capítulo da crónica de Cister, pela primeira vez da sua vida meteu na estante essa espécie de Carlos Magno monástico, sem o pôr de pernas ao ar. Aquele coração sentia dilatar-se na santa paz do Senhor.

E porque não cabia o bom do padre na pele? Porque tinha feito felizes duas criaturinhas, sacrificando-lhes as suas economias de quarenta anos. Achava isso coisa naturalíssima; mas a Providência dava-lhe parte da sua recompensa nessa alegria suave e íntima, que mal pode entrar rios palácios dos grandes e poderosos do mundo; porque é o prémio, não do benefício insolente da opulência mas sim da abnegação caridosa da humanidade.

O padre-prior tinha tido tempo de estudar, individualmente o carácter dos seus fregueses, e por isso seguira aquele caminho para chegar ao fim moral que se propusera. De feito, o velho moleiro andou abstrato todo o dia e de noite? Não pregou olho! As escuras, via diante os olhos as setenta peças a reluzirem, como visão ao mesmo tempo celeste e infernal. Depois, naquelas longas horas de vigília, punha-se a calcular a ação prodigiosa que elas teriam, incorporadas com mais de outras tantas que tinha enterradas. Era o que bastava para dar o harmonioso epíteto da minha à azenha do Inácio Codeço,

e por lá o seu Manuel a labutar e a ganhar dinheiro, muito dinheiro, e ele a tomar-lhe contas ao sábado: meia moeda... uma moeda... duas moedas, e a pilhá-lo num a gaziva de seis vinténs; e despertava daquela espécie de êxtase, ao atirar-lhe o primeiro pontapé. Era um regalo! Ria, às vezes, ao lembrar-se de uma que ele havia de pregar no outro dia ao Agostinho da tenda. Essa estava segura. Ia-lhe comprar o creto de Perpétua Rosa, por metade, por um terço, talvez. «O sô Agostinho, você não vê que isso é dinheiro perdido? Cinco mil réis! Seis mil réis! Vamos; é minha a dívida.» E tripudiava na cama, e assentava-se, lançando mão dos calções, para ir, para correr, para voar, antes que algum diabo (pensava ele) fosse meter no bico ao usurário do tendeiro a mudança de fortuna de Bernardina. Chegava, naquele fervor, a enfiar os calções; mas recaía na cama, ao ver ou, antes, ao não ver, que era escuro como breu. Momentos havia em que as suas ideias tomavam outro curso: representava-se-lhe seu irmão Barnabé a largar-lhe o Casal dos Caniços pelas vinte moedas e por mais umas trinta peças, com que o engodava; e ele a fazer estercar as terras e alqueivar e lavrar e semear e mondar e ceifar, e a ter na eira uma serra de trigo durázio, e a achar uma excomungada de uma velha pedinchona a furtar-lhe à sorrelfa uma abada daquele grande trigo e ele a desancá-la com

uma tranca. E saía desse pesadelo de homem acordado a ranger os dentes e com a mão agarrada à maçaneta do catre. Daí a pouco vinha-lhe a outra enfiada de imaginações, e daí outra, e outra, até que, por fim, a ideia de que as setenta peças eram suas lhe ficava de tal modo encravada e enraizada na alma, que o arrancar-lha de lá seria o mesmo que meter-lhe no bucho uma apoplexia. Então punha-se a pensar no pensamento capital e gerador de todas essas imagens bem-aventuradas que lhe luziam no olho, e como chamaria à mochila as setenta do dote. Abafá-las? Negá-las ao prior? Estremeceu horrorizado; porque Bartolomeu era homem de probidade, ao seu modo, que, sem malícia seja dito, vinha a ser um modo, como o de tantos homens honrados que todos nós conhecemos. Nada! Era preciso um meio natural, decente, legítimo de arranjar o negócio. Caiu então no que o prior queria que ele caísse. Casou in mente o seu Manuel com a Bernardina. Feito isto, as peças eram suas; suas, porque o Manuel pelava-se com medo dele e, casado ou solteiro, havia de ficar-lhe sempre debaixo dos cabeções. Assentado este ponto, o moleiro sentia certo refrigério interior que o consolava. Não tardou a adormecer no sono do justo e, em plácidos sonhos, balouçou-se todo o resto da noite entre a azenha do Inácio Codeço e o casal do seu irmão Barnabé. Saía às

vezes desta hesitação benéfica, sonhando no gatázio que ia pregar ao Agostinho, e ria com um rir de inocência. Era um santo velho aquele Bartolomeu da Ventosa!

O leitor deve estar já suficientemente aborrecido de tão comprida história do moleiro, da lavadeira e do prior; por isso não o farei assistir às explicações entre o pai e o filho. Mais repousado o sangue com o dormir, Bartolomeu refletiu pela manhã que o propor ao pároco o seu Manuel para noivo de Bernardina tinha as suas parecenças com o haver-lhe proposto para ser dotada sua sobrinha Joana, ideia maldita que lhe tinha custado uma risada nas suas barbas e um revertere com texto da Bíblia. Por outra parte, pensava que Manuel era o seu único herdeiro e que, se Bernardina trazia para a ceia, ele levaria para o jantar, princípio consagrado pela filosofia saloia talvez desde o tempo dos Mouros. Enfim, o pai nestes vaivéns e o filho com os receios que o leitor pode imaginar fizeram ao declararem-se, uma verdadeira cena de comédia. Ao cabo, porém, de tudo entenderam-se. Assim, o padre-prior, à custa das suas economias de quarenta anos, teve a consolação de fazer três sermões, um a Bartolomeu, sobre a cobiça e a avareza; outro a Manuel, sobre o trabalho, sobriedade e mais virtudes anexas à condição de ai de família; outro, finalmente, a Bernardina, sobre a

honestidade, modéstia e sujeição das mulheres casadas. Depois, quando veio a Páscoa, regalou-se de atar o laço matrimonial entre os dois amantes, acabando por uma vez com as interpelações das lavadeiras, com as espreitadoras dos curiosos e com as murmurações do beatério. Custou-lhe a brincadeira setenta peças e o atirar à rua com o sermão sobre a avareza; porque o Bartolomeu continuou a ser sovina até à hora da morte, na qual piamente se deve crer o catrafilou o Diabo, não só por ser unhas de fome, mas por ter refinado a ponto que, perdendo a vergonha, já começava a sisar nas maquias, com escândalo dos fregueses e grande mortificação do seu filho Manuel.

Agora duas palavras sobre a festa do orago da paróquia, o meu rico S. Pantaleão. O leitor viu o padre-prior caminhando pela estrada dolorosa da moral evangélica: é necessário que o veja também radiante no meio das pompas do culto.

IV

ALHOS E BUGALHOS

S. Pantaleão era, como disse, o orago da freguesia rural cujos habitantes mais conspícuos o leitor já conhece e por via dos quais o pus em contacto com as diferentes classes de que se compunha aquele mundozinho, ou, para melhor dizer e falar de modo que não me entendam, aquele microcosmo. Este grecismo espremeu-mo do espírito S. Pantaleão, que, conforme o que bem pondera a folhinha, foi médico, e os médicos finam-se por grego. O padre-prior e o sacristão representam a Igreja espiritual e materialmente, o Agostinho da tenda o comércio, o Barnabé a agricultura, a Sra. Perpétua Rosa a indústria e, finalmente, o honrado Bartolomeu da Ventosa representa, nos seus sonhos, a indústria agrícola ou a agricultura industrial, género de existência lembrado por alguns economistas da Alemanha, para salvar as classes laboriosas do horrível futuro com que as ameaça o vapor; porque se há de advertir que alguns restos de prudência e juízo, que ainda havia cá por esta

nossa Europa, varreu-os Deus para aquele canto do mundo a que nós chamamos a terra das teorias e das quimeras; nós, os homens do Meio-Dia, que fazemos falanstérios e não sei quantas mais comédias políticas, capazes de fazer rir... quem direi eu? O próprio mirradíssimo S. Pantaleão da Cidade Eterna.

Eterna, entenda-se, até que o primeiro cometa venha embrulhar na cauda este nosso microcosmo, tão caturra e parvo, chamado o orbe terráqueo.

Celebra-se a festa de S. Pantaleão a vinte e sete de Julho; data preciosa e averiguada por mim em largas vigílias, consumidas em revolver breviários, antifonários, legendários, missais, santoriais e livros historiais, na frase daquele grande retórico Gomes Eanes. Está a folhinha pontualíssima; podem acreditar-me! Celebrou-se, celebra-se e há de celebrar-se a festa de S. Pantaleão, o bem-aventurado físico, todos os vinte e sete de Julho, até a consumação dos séculos; salvo caso de ninguém se lembrar daqui a cem ou duzentos anos de que existiu no mundo o meu rico santo; mas espero tal não aconteça, ficando lançada a sua memória nestas páginas, às quais indubitavelmente pertence a imortalidade.

«Mas», acudirão os leitores, «que nos importa a nós que essa comemoração seja a vinte sete ou a vinte e oito; seja em Julho ou em Dezembro? Vamos à festa e deixemo-nos de histórias.» Devagar, devagar! E justamente porque isto é uma história grave, sisuda, erudita, que eu não me havia de meter abruptamente na narração, sem deixar averiguada, esmiuçada e apurada a data precisa e irrecusável do meu recontamento. Sabem o que é uma data? Uma data é, depois de uma questão de ortografia, do talho e da feitura de uma judia, a que os nossos velhos chamavam uma aljuba, e depois de um falanstério, a que os ditos velhos chamariam uma sandice, a coisa mais importante que conheço neste vale de lágrimas. No caso presente, suponhamos que eu fosse um cabeça-de-vento. que atirasse com S. Pantaleão para vinte e sete de Dezembro. Ficávamos asseados; não tem dúvida! Aí se me ia meter a segunda oitava do Natal com o meu santo mártir; e eu a querer revestir o padre-prior para a missa cantada e a ver-me doido na escolha da vestimenta. Vermelho? Saltava-me a canzoada dos críticos: «Fora, ignorantão! Vermelho na segunda oitava da Natividade!? Vai ler o Cláudio de Vert, alarve! Vai ler o Campello, o Gavanto, o Lambertini.» Atarantado com a grita, atirava-me ao gavetão da vestimenta branca. Pior! Vinha-me outra surriada de

sotavento: «Olha a alimária! Não querem ver? A um mártir vestimenta branca! Hipócrita que nos anda aqui a pregar sermões a favor dos padres e dos frades e ainda não sabe qual é a sua vestimenta direita. Aí têm os tais escrevedores de água doce, que se riem à socapa das Arcádias e das odes pindáricas e da ciência em notas e das cronologias dos académicos. A gente que fazia essas coisas trazia as vestimentas na ponta da língua: distinguia-as como hora horae de servus servi. Vai ler, ó tábua rasa de Locke, vai ler o Prado, o Clericato, o Bauldry, o...»

E eu, que não podia ir ler tanto calhamaço em fólio, em quarto, em oitavo e em doze, estacava, punha-me a gaguejar, perdia o fio da narrativa e não prosseguia nesta notável história do padre-prior, a qual me abriria as portas do Instituto Histórico de Paris, se eu fosse tão criança que me resolvesse a pagar não sei quantos francos por ano para gozar dessa incomparável honra.

Por isto façam os leitores ideia das deploráveis consequências de um erro de data! «Porém», replicarão eles, «quem te obrigava a tratares essa questão cronológica, superior, talvez, às forças do teu entendimento? Não foste andando até aqui sem te meteres nesses debuxos? Porque não descreves a festa, deixando aos entendidos

em calendário o pô-la na época própria?» Boníssimos leitores, pensais vós que eu sou o Manuel da Ventosa, que me deixe assim esmagar por uma saraivada de perguntas? Enganai-vos! A resposta vai cair dos bicos desta pena como as frechas de Apolo longe-asseteador caíam no campo dos argivos, segundo reza Homero no capítulo primeiro da sua crónica das birras do Pelida e do Átrida: a minha tréplica vai desfechar sobre os prelos, convincente, irresistível, irreplicável. Ei-la. Finjamos por um momento que, em vez de consultar os respetivos atores sobre a verdadeira casa de S. Pantaleão no tabuleiro do calendário, nem sequer pensava nisso e começava a ex abrupto a cena da festa aldeã. Que sucedia? Como estamos no Inverno, e eu gosto do Inverno, principalmente quando ruge uma boa nortada (são gostos), punha-me a escrever um destes formosos dias de Dezembro ou de Janeiro em que o firmamento parece retinto de novo no seu tão lindo azul; em que a verdura infantil das searas à flor da terra sorri, estirando-se dos topos arredondados dos outeiros pelo pendor de recostos levemente inclinados; em que a relva se mira à luz vermelha da aurora no espelho do caramel, que envidraça a superfície dos pegos e remansos dos regatos. Falar-vos-ia de uma abençoada missa do galo, na aldeia em noite de luar, missa mil e quinhentas vezes mais

poética do que toda a poesia protestante desde Luterpo, o pai do protestantismo, até Strauss, que hoje lhe tira as derradeiras consequências; falar-vos-ia, enfim, de mil coisas, muito bonitas, muito viçosas, muito brilhantes, mas que viriam tanto a propósito de S. Pantaleão como o anho pascal daquela santa velha da Tia Jerónima viria a pêlo da Natividade, com o seu caldo tradicional de peru, ou como o estilo do nosso drama moderno se casa com a linguagem da sociedade, cujo transunto deve ser. E por esta razão que, em coisas sérias, quais a presente narrativa, eu sou muito pechoso em averiguar tudo quanto pode contribuir para a perfeição de obras em que a forma de, modo nenhum há de vencer a substância — e a essa classe pertencem estes estudos morais.

Resolvida e assentada a questão de tempo e lugar, sem o que não há obra literária, segundo afirmam os glossadores e espevitadores daquela famosa embrulhada de Horácio chamada a Epístola aos Pisões, resta dizer alguma coisa acerca de S. Pantaleão. Por muita importância que eu ligue à feira, aos foguetes, aos busca-pés, às jarras que eu ligue à feira, aos foguetes, aos busca-pés, às jarras de flores, aos tocheiros acesos, ao sacristão, à música, aos festeiros e ao padre-prior, ligo muita mais à memória daquele cuja festa trazia num rodopio toda a aldeia e até tivera a influência magnética de

alargar os fechos da bolsa ao venerável moleiro Bartolomeu. Tenham, portanto, paciência; que já agora hei de dizer-lhes duas palavras acerca do meu rico santo. São reminiscências do sermão, o qual, desde aqui fique sabido, foi feito e pregado por Fr. Timóteo, o fradalhão arrábido de mendicante e espoliada memória. É, pouco mais ou menos, um resumo da história do santo, como a contou Fr. Timóteo. Parece-me que o estou ouvindo.

S. Pantaleão era um médico de Nicomédia. O bispo Hermolau converteu-o ao cristianismo. Desde então, ele reduziu o seu receituário à invocação do nome do Senhor. Seguiram-se daqui duas consequências graves: as suas curas foram mais baratas e mais rápidas, ao mesmo tempo que as ofertas dos doentes escasseavam nos templos pagãos e os sacerdotes de Esculápio começavam a morrer literalmente de fome. O resultado foi um clamor geral contra o pobre santo: os sacerdotes acusavam-no de ímpio e de bruxo, os médicos de charlatão. O ódio contra ele chegou ao último auge: só faltava uma ocasião para a vingança: esta não tardou a aparecer.

«Não, que não havia de chegar!», rosnou o barbeiro, que, especado em frente do púlpito, meneava a cabeça laudativamente de vez em

quando, em honra da eloquência de Fr. Timóteo, que, narrando a vida do santo, esbracejava como um possesso. «Não, que não havia de chegar! Bastavam os médicos. Os médicos e os cirurgiões! Posto que, até certo ponto, pertença à faculdade, hei de dizê-lo: é a classe mais invejosa do mérito que eu conheço.»

O barbeiro pensava assim havia muitos anos: desde que fora cruelmente arranhado por três raposas, que os lentes do hospital lhe tinham largado às pernas num exame de sangrador. Boas ou más, eram as suas doutrinas.

Entretanto, o arrábido continuava a lenda de S. Pantaleão: as ideias que dela conservo são as seguintes:

Neste meio tempo veio a Nicomédia o imperador Maximiano. S. Pantaleão restituiu, perante ele, a um paralítico o uso dos membros, o que nem os sacerdotes pagãos nem os médicos tinham podido fazer, mostrando assim quanto era poderoso o Deus dos Nazarenos. Mostrar aos poderosos que se tem razão contra eles é o maior dos perigos do mundo. S. Pantaleão experimentou-o. Lançaram-no às feras no circo: mas as feras, em vez de o devorar, vieram lamber-lhe os pés. Cresceu a cólera do imperador. Mandou atá-lo a uma grande roda e soltá-lo por uma ladeira abaixo: mas as

prisões quebraram-se e o supliciado ficou ileso. Então ordenou que o degolassem. O santo, segundo parece, estava saciado de prodígios: ao golpe do algoz a cabeça voou-lhe dos ombros, e a sua alma, subindo ao céu, viu o próprio nome escrito no livro dos mártires. O Inferno e a tirania tinham sido mais uma vez vencidos.

Tal é, em poucas palavras, a história do santo orago da aldeia, que constituía os domínios espirituais do padre-prior..

A noite que precedeu a grande solenidade da paróquia foi semelhante naquele ano, em que sucedeu o caso e Bernardina, ao que havia sido no ano antecedente; semelhante ao que costumam ser tais noites nos campos deste nosso bom Portugal. Um coreto coberto de velhos razes alteava-se à porta da igreja; dele resfolegava uma selvagem e, às vezes, atrozmente desentoada música e em baixo crepitavam as fogueiras. Como faltariam fogueiras no mês de Julho e em festa saloia? Os fogos noturnos são o símbolo da alegria; mas cumpre que se repintem no céu diáfano e estrelado. Debaixo de uma atmosfera crassa e negra, o seu reflexo tem o que quer que seja soturno e infernal. O sentimento poético está mais vivo e puro nas almas habituadas às harmonias campestres do que em nós, os habitantes das grandes cidades: é

por isto que os camponeses acendem no Estio as fogueiras festivas, usança que, como todos sabem, ofende o nosso profundíssimo e estupidíssimo senso-comum. Eu, por mim, que, graças a Deus, não tenho a honra de pertencer à classe desses que lidam, contentes de si, por se bambolearem no vértice da animalidade pura e que se chamam homens da vida positiva, digo que, por mais ardente que vá o Estio, amo uma fogueira no arraial em véspera de festa, e aquele estoirar e chispar dos foguetes que roçam rápidos pelo manto escuro da noite. Sei também que o consumir-se pólvora em esbombardear cidades e em alastrar de cadáveres um campo de batalha é coisa muito mais filosófica e sisuda do que desbaratá-la nas festividades supersticiosas do povo. Mas nem todos podemos ser filósofos e eu tenho queda particular para a superstição.

E que quereis? O catolicismo é jovial: o seu culto, como o vulgo o entende, é ruidoso e risonho e brilhante e atrativo e sociável, e por isso debalde trabalharíeis por arrancá-lo ao povo, que vive e morre no meio do trabalho, das preocupações, das privações. O domingo, o dia santo, o orago da paróquia são os seus dias de contentamento e repouso. Abençoado quem inventou os oragos! Pois as invocações da Virgem e a advocacia dos santos?! Mil vezes bendito quem os multiplicou! Ride-vos, se vos aprouver, dos que creem que

tal Senhora obra mais maravilhas que todas as outras Senhoras juntas; que tal santo é remédio infalível para esta ou para aquela enfermidade. As preces levam, pelo menos, uma vantagem às drogas dos físicos: não custam nada e são mais ricas de esperança, e a esperança é a maior, quase a única virtude dos medicamentos. E depois, as devoções, as promessas, geraram as romarias, as festas e logo as feiras e todo esse franco e alegre folgar das multidões, que voltam de lá contentes, sem tédio e sem remorsos, o que nem sempre nos acontece nos nossos prazeres das cidades, a que bem longe estamos de associar nenhum pensamento de Deus.

Alguns economistas destes tempos dizem «as, feiras vão-se», como certos doutores de há uns anos diziam, aludindo ao cristianismo, «os deuses vão-se». Ó sensaborões dos meus pecados! Nem os deuses, nem as feiras se vão. Tudo isso fica, porque o abriga e salva a égide encantada do amor popular: vós é que tendes seguro o passardes: e, se fizerdes o vosso ablativo de viagem nalguma aldeia, como a do meu padre-prior, lá do adro, onde haveis de jazer, alevantai a caveira descarnada, no dia de S. Pantaleão ou do santo influente do lugar, qualquer que ele seja, e vereis o foguete subir nos ares, e os Manuéis e as Bernardinas de então a feirarem-vos, em revindicta, sobre as cinzas, que as ventanias terão espalhado, e

ouvireis os ram-ram da guitarra e o cantar ao desafio e o bradar dos leilões de cargos, e aviventar-vos-á o olfato o cheiro do incenso, envolto em rolos de fumo, que, espalmando-se nas faces dos gordos querubins pintados no teto, surdirão pelo portal da velha igreja remoçada de ocre e virão embalsamar os ares: inclinai, não as orelhas, que não as tereis, mas os ouvidos em osso, escutai o futuro padre-prior alevantando o Gloria, e o pregador — ai! já não será um fradalhão arrábido!... —, contando, voz em grita, as maravilhas do mártir. Então reconhecereis a vaidade das vossas doutrinas e morder-vos-eis e danar-vos-eis, dizendo com as vossas costelas esbrugadas, à falta de botões: «Bem nos pregava aquele grande cronista do padre-prior! Aquilo é que era homem de juízo! Miserere mei, Deus, quia asinificavimus! Compadece-te de nós, Senhor, porque asneámos!»

Agora por asnear, acudamos a um reparo, antes de ir mais longe. já ouço um destes oragos de botequim (também aqueles templos têm seus oragos); um destes eruditos em Balzac e Marryat, em Paul de Kock e Dickens, sacudir a melena anelada, afastar da boca o charuto apertado entre o pai-de-todos e o fura-bolos, salivar com os dentes cerrados, dando um som de espirro de gato, tomar a Postura solene que estudou numa gravura em madeira do Anthony de

Dumas, e dizer-me em tom pausado e soturno: «Ó malfeliz, malfeliz!, que, em vez de empregares esses raios do fogo cerúleo e invisível das inspirações estéticas, que, da misteriosa solidão em que se dilata o hálito celeste da suma inteligência, desceu aos abismos íntimos da tua essência, em depurares o sentimento religioso das suas fórmulas materializadas, para o transportares às regiões ideais do culto íntimo, seguindo os vestígios das notabilidades mais remarcáveis da intelectualidade atual, que flutuam nos grandes centros de luz progressiva chamados

Paris e Londres, vertes os teus sarcasmos, baixos, triviais e desgostantes, sobre o espiritualismo panteístico, apoias o fetichismo e poetizas (crês poetizar, digo eu) essas festas da populaça e esses prazeres gordureiros das massas, que sublevam o coração daquele que adora o supremo arquiteto no silêncio interior, enquanto os seus lábios estão imóveis, como se eles fossem de mármore explorado nas carreiras de Paros! Escritor retrógrado e condenável, que, em lugar de combateres a barbárie do País, pretendes atacar mais o povo ao obscurantismo, que dirão as sumidades do jornalismo estrangeiro e os turistas e impressionistas viageiros, quando lançarem seu golpe de olho de águias para o Portugal e virem sua materialização supersticiosa inculcada e as suas tradições

grosseiras exaltadas? Repetirão o que o imortal marido de Lady Byron dizia de nós, a propósito de uns cachações com que o massacraram certa noite à saída de S. Carlos:

Nação impando de ignorância e orgulho, Que lambe e odeia a mão que brande a espada Que do Galo assanhado à zanga o rouba ,...

Onde é sujo o palácio ao par da choça, E o hóspede forçado em lama trepa; Onde nobres, plebeus nunca pensaram Em ter limpa a casaca ou roupa branca , Posto que a lepra egípcia os cubra e roa, Intacta d'água a pele, e a grenha hirsuta.

Servos torpes e vis , bem que nascidos Nas pompas da criação. Tola és, natura, Com defuntos ruins em gastar cera.

Eis o que eles dirão, lendo a tua inconscienciosa defesa dos costumes e credulidades dos tempos do jesuitismo e da Inquisição.»

Tal reparo antevejo eu que me há de ser feito pelos pensadores da nossa terra, por estas ou por outras palavras. Respondo: «O que escrevi, escrevi.» A primeira vez que pus os olhos naqueles bonitos versos do Childe Harold, impei. Fui vivendo e lendo e afiz-me às injúrias de estranhos. Livros, jornais serra-madeiras, jornais populares, jornais atoalhados, jornais lençóis, em se tocando em

Portugal, Santa Bárbara, advogada dos trovões, nos acuda! Fervem as calúnias, os motejos, as acusações de todo o género, o que indubitavelmente é grande, é nobre, é generoso! O dar é assim! — numa nação cuja língua, pouco conhecida na Europa, torna impossíveis as represálias. E se fosse a verdade só! Muitas verdades amargas nos poderiam dizer, como se podem dizer a todas as nações do mundo; mas a calúnia tem mais pilhéria e Portugal é um tema em que até os Ingleses querem ter graça! Os Franceses ainda alguma vez, por engano, nos fazem justiça: eles nunca. Em Inglaterra não há nenhum tolo que não faça um livro tourist, nenhum arquitolo que não o faça sobre Portugal: estes livros e os sermões constituem o grosso da sua literatura . Assim, ó filósofo idealista progressivo, eu sei tão bem como tu o que nos há de custar a festa de S. Pantaleão, quando esta famosa história for cair nas mãos dos críticos de além-mar. Mas pensas que me faltará moeda para dar troco às misérias de revisteiros, turistas, magazineiros e fazedores de livros em sarapatel mascavado de normando e teutónico, surripiado por metade em cada palavra, na melodiosa pronunciação britânica? Enganas-te, ó caricatura viva do Anthony morto! Enganas-te! Quando os Ingleses se rirem de eles terem muito dinheiro e nós pouco, torçamos a orelha e choremos,

como crianças, pelas barbas abaixo. Quando eles compararem o Strand ou Regent Street com os arruamentos da nossa cidade baixa, agachemo-nos. Quando perfilarem as suas estradas com as nossas azinhagas reais, cubramos a cara. Mas quando compararem as venturas do homem de trabalho inglês com a triste sorte do peão português, risada. Quando opuserem as virtudes e ilustração das suas classes ínfimas à barbaria e estupidez das nossas, duas risadas. Quando encherem as bochechas das suas velhas liberdades (do tempo de Ricardo III, de Henrique VIII, de Isabel, de Cromwel e de Carlos II), das suas leis de propriedade em particular e da clareza, simplicidade e retidão de todas as suas leis em geral, e nos atirarem à cara o absolutismo dos nossos antigos monarcas, a bruteza da nossa ordenação, a intolerância dos inquisidores, trinta risadas. Quando, enfim, nos oferecerem, em escambo das nossas crenças e dos nossos costumes religiosos, os seus costumes e a sua crença, que esboroa há mais de dois séculos em quatrocentas crençazinhas, com os seus muito arrevessadinhos, quatrocentas risadas ou, antes, uma risada só, mas retumbante, maciça, inextinguível, como aquelas famosas gargalhadas dos deuses de Homero. O caso é disso! Se caíssemos na troca, ficávamos logrados. Traziam-nos de envolta, na carregação dos sermões

domingueiros, os dízimos e as bruxas, de que há muito estamos livres, pela misericórdia divina, e que são os dois maiores flagelos da Inglaterra, depois da lei dos cereais e dos arrendamentos das terras, que aí alugam, até por semana, a dez milhões de esfaimados quatrocentos mil proprietários gordos e anafados.

Ao menos são quatrocentas mil barrigas de uma amplidão respeitável, campeando entre dez milhões de irmãos nossos, que não foram formados de barro, como nós e Adão, mas de massa ensossa de batatas.

V

EXCURSO PATRIÓTICO

Falemos sério: não contigo filósofo estético-romântico-progressivo, que não vales a pena disso, mas com o povo português, que fala português chão e inteligível. Falemos sério porque estas matérias de crenças e de culto são coisas graves e santas. Saber resistir à violência é forte, mas vulgar; saber resistir à calúnia e aos motejos é maior esforço e mais raro. Envergonhemo-nos do que houver mau e corrupto nos nossos costumes; envergonhemo-nos de, muitas vezes, não seguirmos na vida prática os ditames do cristianismo: não nos envergonhemos, porém, do culto dos sete séculos da monarquia.

A língua e a religião são as duas cadeias de bronze que unem, no correr dos tempos, as gerações passadas às presentes, e estes laços, que se prolongam através das eras, são a Pátria. A Pátria não é a terra; não é o bosque, o rio, o vale, a montanha, a árvore, a bonina: são-no os afetos que esses objetos nos recordam na

história da vida: é a oração ensinada a balbuciar por nossa mãe, a língua em que pela primeira vez ela nos disse: «Meu filho!» A Pátria é o crucifixo com que o nosso pai se abraçou moribundo e com que nós nos abraçaremos também antes de ir dormir o grande sono, ao pé do que nos gerou, no cemitério da mesma aldeia em que ele e nós nascemos. A Pátria é o complexo de famílias enlaçadas entre si pelas recordações, pela crenças e até pelo sangue. Tomai, de feito, as duas delas que vos parecerem mais estranhas, colocadas nas províncias mais opostas de um país: examinai as relações de parentesco de uma com outra família, quais as desta com uma terceira, e assim por diante. Dessa primeira, que tão estranha vos pareceu, à última achareis o fio, enredado sim, talvez inextricável, mas sem solução de continuidade. Uma nação não é só metaforicamente uma grande família: é-o também no rigor da palavra.

A oração que consolou nossos avós nos consola no dia da amargura: o gesto com que imploramos a Providência é mais veemente quando nos foi transmitido por aqueles que pedem por nós a Deus. É por esse meio que os homens apertam mais os laços invisíveis que os unem aos seus maiores; porque o sentimento

misterioso da família, e portanto da nacionalidade, se purifica e fortalece quando se prende no Céu.

Vede na história a prova de que a religião pode, por si só, criar uma nacionalidade mais rapidamente que todos os outros elementos que tendem a compor as nações. Considerai as cruzadas; essa multidão de homens nascidos em países diversos, entre os quais não há nenhuma comunidade de interesses, antes muitas vezes ódios. sangrentos e fundos. Lá na Ásia, em frente do islamismo, formam um só povo; são irmãos porque ajoelham todos ante o mesmo altar, combatem todos pela mesma ideia religiosa. Olhai para os Muçulmanos: vede o Corão, aglomerando, assimilando o beduíno e o egípcio, o alarve do Atlas e o negro de Al-Sudan. Onde quer que um pensamento grande precisa de toda a energia de unia unidade social para se desenvolver e realizar, lá haveis de encontrar a religião, produzindo essa energia.

Se isto é assim, qual culto, entre os de todas as parcialidades cristãs, será mais eficaz em gerar essa unidade forte do amor pátrio, que dá, não tanto a vida ativa e exterior, como uma vida íntima, escondida, tenaz, que resiste à morte e à dissolução sociais? Serão essas mil variações do protestantismo que diariamente se vão

subdividindo e condenando umas pelas outras; essas crenças incertas, em que o filho já despreza o culto que o pai seguiu e o neto desprezará o de ambos? Quando e onde, não dizemos na mesma cidade e na mesma rua, mas na mesma família, enquanto o marido dorme ao som monótono do sermão anglicano, sublime de trivialidade e tédio, a mulher dá representações de Bedlam numa senzala de quacres ou de metodistas, pode acaso dizer-se que aí a religião é laço que impeça a morte do corpo da república, não nos dias de ventura e prosperidade exterior, em que é fácil conservar pelo orgulho a unidade nacional, mas nas épocas de calamidade e decadência? Parece-nos pouco provável. Aí as prisões morais da família são apenas hábitos humanos e não estão harmonizadas e santificadas por se prenderem no Céu: o primeiro sopro das paixões ou da desventura as reduzirá a pó. A história também no-lo diz e a história não é senão a profecia do futuro.

O protestantismo acusa o catolicismo de se haver afastado da pureza cristã antiga e gaba-se de ter revocado o cristianismo às suas tradições primitivas. O discutir tal matéria, em relação às doutrinas, fora insensato: os tempos dessa argumentação consumaram-se: tudo por este lado está dito de parte a parte. Quanto, porém, às fórmulas exteriores do nosso culto, são essas

que ainda hoje atraem os insulsos motejos da imprensa protestante; é o culto católico, principalmente, que dá origem àquelas raças inglesas, tão agudas como a inteligência dos habitantes do Bethnal-Green, de Londres, ou do Winds, de Glasgow, embrutecidos pela fome, pela embriaguez e pela imundície; tão brilhantes e leves como o fumo de carvão de pedra que constitui a atmosfera britânica. Diariamente são acometidas as duas nações das Espanhas nos seus hábitos religiosos por homens, que empregariam melhor o tempo em estudar os cancros asquerosos, que devoram moral e materialmente a classe popular no seu próprio país, e em pedir à riqueza, só poderosa, só respeitada, só insolente, mais alguma caridade para com os muitos milhões dos seus compatrícios, que lidam, cheios de fome e de frio, cobertos de farrapos e vermes, para acumularem aos pés de bem poucos homens as fortunas incalculáveis e quase fabulosas que alimentam o luxo desenfreado de Londres; da Roma, ou, antes, da Babilónia moderna.

Por certo que no culto católico se têm introduzido abusos, e para isso contribui muitas vezes o próprio clero, menos instruído, menos bem educado, moralmente, que o clero anglicano. Mas, em que é culpado o culto da pouca instrução dos seus ministros e dessa falta de educação moral que diversas causas, alheias à religião, têm

trazido e trazem ainda? É a Igreja que recomenda a ignorância? São os abusos consequências lógicas das doutrinas católicas? Eis o que cumpriria se provasse, como não é dificultoso mostrar que o protestantismo, querendo anular as pompas e os espetáculos, as fórmulas externas e brilhantes do catolicismo, matou tudo o que a crença do Calvário tinha de unção, de consolações, e afetos para o comum dos seus sectários, e converteu a religião numa certa metafísica nevoenta, que foge à compreensão das almas rudes e vulgares, quebrando todos os esteios a que, nesta vida de tristezas e dores, elas se encostavam para confiarem no Céu e consolarem-se na esperança; porque esses arrimos, necessários à sua fraqueza intelectual, eram o único meio de subirem até ao trono de Deus e descerem de lá armadas de resignação para continuarem a lutar com as tempestades da existência. O protestantismo foi só feito para os ditosos e abastados da Terra!

Vede aquela casinha, tão humilde e só, no meio de um descampado. Lá, sobre camilha dura e rota, delira em acesso febril um filho, único amparo de mãe desditosa, que vela, chorando ao pé dele. Na sua solidão e miséria, nenhuns socorros humanos pode esperar a pobre velha, cujas mãos trémulas em vão tentam aconchegar as roupas que o febricitante arroja, murmurando aflito

com o ardor que o devora. Uma lâmpada de ferro, que ilumina frouxa o aposento, arde no canto oposto, diante de uma grosseira e afumada imagem da Virgem. A triste mãe volve para lá os olhos, embaciados da idade e das lágrimas, e sente que não se acha inteiramente abandonada. Ali está outra mãe que também derramou choro por um filho; choro mil e mil vezes mais amargoso que o seu.

Ela há de compreender-lhe a aflição e valer-lhe, porque é boa e poderosa ante Deus. Ei-la, a pobre velha, que trôpega se arrasta e ajoelha aos pés da imagem e cruza as mãos enrugadas e ora; ora com fé viva. Na procela de terrores que a cercam começa a bruxulear uma luz de esperança: espera porque crê na possibilidade da intercessão e dos milagres; e anima-se, e a tempestade da sua alma asserena-se, e a dor mitiga-se, porque, no meio das lágrimas e das rezas, ela pensa lá consigo que aquela imagem trouxe já muitas consolações aos seus pais, a ela mesmo e a toda a família, e que a Virgem Santíssima há de acudir-lhe ao seu filho, que, desde pequenino, gostava de ir apanhar as flores campestres para enfeitar a S, e que tantas vezes, à noite, antes de se deitar, ia pôr-se de joelhos ali onde ela estava a rezar uma salve-rainha. Quantas vezes, depois destas orações ardentes, volve Deus olhos compassivos para a morada da miséria e da amargura, e obra, não

um milagre inútil, mas o benefício que faria qualquer médico, se na habitação solitária houvesse a possibilidade de se buscarem os socorros da ciência humana!

Dirá o protestantismo que isto é idolatria? Quê! Ignora, acaso, o mais grosseiro católico que acima dessa imagem está o espírito puro que ela representa e que acima desse espírito está Deus? O catolicismo, no seu culto das imagens, nas suas festas, nas suas visualidades, como vós lhes chamais, cometeu o grave erro de supor que a maioria do género humano não era composta de filósofos, nem capaz de um espiritualismo absoluto; de abstrair inteiramente das coisas sensíveis para remontar ao Céu.

O catolicismo lembrou-se das doutrinas do Cristo; acomodou-se à curta compreensão dos pequenos e humildes. Vós tendes um evangelho mais fidalgo e altivo. O protestantismo convém por isso ao Reino Unido, onde os quatrocentos mil senhores do solo são tudo, e são nada quinze ou vinte milhões de servos de gleba e de mendigos.

E como deixaria ele de ser exclusivo, aristocrático, orgulhoso? Essa crença, ou, antes, essa infinidade de crenças, unidas só em guerrear a igreja de dezoito séculos e que, no dia em que lhes

faltasse o inimigo comum, se despedaçariam mutuamente, não podem deixar de viver de um misticismo perfumado, de um culto ininteligível para o povo. Desde que a reforma substituiu a autoridade e a tradição a ciência humana, o raciocínio e a discussão saiu do templo para a escola; transformou-se de fé em teoria. Então, o cristianismo deixou de ser uma coisa prática e positiva para todos os homens: os espíritos grosseiros e ignorantes aceitaram-no como um costume que acharam no mundo, sem afeto, nem má vontade, e as imaginações desregradas fizeram cada qual uma religião ao seu modo. Deram uma Bíblia ao ganha-pão, ao porcariço, ao bufarinheiro, e por esse facto constituíram-no teólogo, santo padre e até concílio. Creram ter estendido ao género humano a maravilha das línguas de fogo, que desciam sobre os apóstolos, e ficaram muito contentes de si. As multidões é que ficaram tristes e desconsoladas, porque tinham desaparecido de redor delas todos os símbolos, todas as imagens que lhes serviam como de marcos miliários para buscarem a Deus.

Afigurai-vos, de feito, o exemplo da mãe idosa e miserável que vê em trances mortais o filho, seu único abrigo; buscai este exemplo, ou outro qualquer, porque entre os pequenos não são raras nem pouco variadas as ocasiões de ásperos infortúnios. Lançai, a mãe

aflita no seio do protestantismo. Qual refúgio lhe oferecerá a religião; refúgio imediato, sólido, esperançoso? A Bíblia? Também nós sabemos que tesouros encerra a Bíblia; também nós sabemos quantas vezes as suas páginas divinas têm feito dilatar em torrentes de lágrimas as negras aperturas do coração; também nós sabemos que dessa fonte inexaurível manam a resignação e a paz: a igreja católica sabia-o muitos séculos antes de vós existirdes. Mas quem vos assegura que a pobre velha achará a passagem análoga à sua situação; que encontrará nas palavras do livro sacrossanto o conforto de que carece e a esperança do socorro imediato e sobre-humano de que não menos precisa? Quem vos assegura, enfim, que ela saberá ler? Ou é que no país dos quacres a inspiração também faz de mestre-escola, como exercita o mister de mestre de Teologia?

E, depois, não sabeis que a dor moral do homem do povo tem gemidos e queixumes; é estrepitosa, delirante, sincera? Que não se reporta, não se esconde, e vem ao gesto aos meneios, aos olhos, à voz, como a dor física! Julgai-a semelhante ao spleen do dândi, ou ao devorar íntimo e calado das almas a quem a educação e a ciência ensinaram a dignidade das grandes agonias? Estes tais, exteriormente tranquilos, podem encostar-se ao braço, fitar os olhos

no livro aberto ante si e aspirar naquelas páginas sublimes e profundas o hálito consolador que delas espira. Mas para o homem do povo, quase primitivo, quase selvagem, cujos olhos nadam em lágrimas, e que se estorce e brada, flagelado pela aflição, a Bíblia é, nesses instantes, inútil; porque é impossível. Deixai-lhe a imagem do santo, o crucifixo, o voto, o altar doméstico, a lâmpada acesa ante o vulto do mártir ou da Virgem; deixai-lhe o ajoelhar, o gemer, o rezar, o fazer promessas. Deixai os símbolos materiais da confiança na Providência à imbecilidade da natureza humana, aliás, crendo aniquilar a superstição e a idolatria, não fareis senão matar a vida moral e religiosa do povo.

Se nos dias, desgraçadamente muito comuns, das mágoas extremas só o catolicismo tem conforto para o homem rude, nos de contentamento só o catolicismo tem festas i que convertam para a gratidão e para Deus o seu gozo interior, que tende a trasbordar em risos e folgares. O simples repouso do domingo, para aquele que, condenado a lavor indefeso durante a semana inteira, compra, à custa de suor e cansaço, um pouco de pão duro é grosseiro, é uma alegria semelhante à do preso que, adormecendo em ferros, despertasse livre. Aquele coração precisa de dilatar-se, aqueles sentidos de recrearem-se, aquele espírito murcho e triste de se

tornar viçoso, de desabrochar de novo ao sol da vida, ao menos nalguns desses dias reservados para o descanso. É então que o catolicismo lhe oferece as pompas das suas solenidades; o templo iluminado, os cânticos dos sacerdotes, as harmonias do órgão, o espetáculo brilhante das vestes sacerdotais e dos adornos do altar, os ramilhetes povoando os degraus do santuário ou juncando o pavimento, o incenso embalsamando a atmosfera. E, como tudo isto é para as multidões, o culto trasborda do estreito recinto e derrama-se pelas ruas, pelas praças, pelos campos, em procissões, em círios, em romarias, e o povo flutua, folga, reza, tripudia, esquece-se dos seus destinos de miséria e trabalho, ama a religião que o consola e, voltando suas habituais fadigas, leva para o meio delas a saudade do dia santo e as recordações afetuosas da Igreja.

E o protestantismo? O protestantismo despedaçou os vultos dos santos, proibiu os oragos, as romagens; esfarrapou alvas, casulas, amictos, pluviais; apagou as luzes; varreu as flores; assoprou o incenso. Fechou-se na celebração do domingo; e fez bem!, bem ao povo a quem, para tédio e tristeza, nos países protestantes, sobra o domingo. E porque fez ele isto? Foi porque essas coisas eram superstições papistas: as imagens idolatria, a água, benta água lustral, as vestes sacerdotais indecências ridículas, as cerimónias

visagem, a missa mentira. Passagens da Bíblia e compridos sermões ficaram bastando ao culto externo, e, se alguma coisa deixaram ainda a esta poética e atrativa, foi o canto dos salmos e a harmonia do órgão; porque, como todos sabem, nas ágapes dos cristãos primitivos cantavam-se os salmos ao som do órgão!! Os protestantes são indubitavelmente antiquários eruditos, mas, sobretudo, lógicos.

Qual foi o resultado desta reformação insensata de instituições antigas e venerandas? Foi que o culto se tornou num hábito maquinal, numa ação que se pratica, pela impossibilidade de se praticar outra. A polícia vigia sobre isso. Deixe ela, ao domingo, abrir as lojas, os passeios, os estabelecimentos públicos, os espetáculos, as fábricas e as oficinas; deixe correr nas veias do corpo social o sangue comprimido, e os templos dos distritos de Inglaterra mais fervorosos no protestantismo ficarão tão ermos como as igrejas da Irlanda, onde o reitor prega ao sacrista o suado sermão que há de um dia, impresso, iluminar o mundo, enquanto o seu recalcitrante rebanho, a porta do presbitério solitário, ouve, ajoelhado na rua, a missa que, em altar portátil, lhe diz o pobre clérigo católico, verdadeiro e legítimo pastor, a quem incumbe consolá-los, bem como ao pároco protestante pertence... o quê?, Fazer prédicas às

paredes e comer os dízimos, sacramento que, decerto, o puritanismo protestante achou nalgum alfarrábio velho ter sido instituído por Cristo!

Temos ouvido lamentar às pessoas de boa fé excessiva, destas. que estudam as nações nas aparências, e não na vida íntima, que o catolicismo não tome entre nós a severidade e decência exterior do culto anglicano; que o dia consagrado ao Senhor não seja guardado pontualmente; que as nossas igrejas não ofereçam na celebração dos ofícios divinos a gravidade, o silêncio, a ordem, o asseio de um templo protestante, nas horas destinadas â oração. No estado atual das sociedades em que o fervor dos primeiros tempos cristãos tem esfriado, em que, tanto entre católicos como entre protestantes, a religião deixou de ser o primeiro ou, ao menos, o exclusivo negócio dos homens, o que eles desejam seria impossível, e, se absolutamente um bem, relativamente um grande mal; porque as causas que facilitam esse estado de coisas em Inglaterra são a prova mais clara da morte, se não de uma certa religião vaga, em que os espíritos mais cultivados se alevantam até ao pé do trono de Deus, ao menos da religião, positiva e prática e bem definida, morta e enterrada há muito na mina de carvão de pedra chamada Grã-Bretanha.

Já dissemos que não é tanto o sentimento religioso que guarda em Inglaterra a decência do culto como a admirável polícia inglesa. Quem não o sabe? Quem ignora que, naquele país, a religião tem a natureza de outra qualquer fórmula material da sociedade; que é uma coisa como o regimento, a nau de guerra, o work-house? Ao cristão, um vigário, uma Bíblia, e a cadeia se perturbar o ofício divino; ao soldado, um coronel, uma espingarda e uns açoites, se mexer a cabeça na forma; ao marinheiro, um comodoro, um posto junto da amurada e um mergulho por baixo da quilha, se ofender a disciplina; ao miserável que vai cair no work-house, um diretor implacável, uma atafona e ração curta para aprender a deixar-se estalar à míngua sem pedir esmola. A cada instituição suas condições, sua sanção penal, seus destinos; o regimento serve para provar aos cartistas que a melhor organização política possível é a que faz morrer anualmente milhares de obreiros de fadiga, de fome e de febres pútridas, sobre uma pouca de palha fétida e húmida, no fundo de subterrâneos; a nau serve para civilizar a Índia pelas contribuições e moralizar a China pelo ópio; o work-house serve para curar radicalmente os que não têm nem pão nem camisa do vício infame da mendicidade; enfim, a igreja dominante (established church) serve para sustentar de dízimos muitas famílias honradas,

com as modestas e reformadas prebendas anglicanas, entre as quais nenhuma excede a vinte mil libras esterlinas per annum, que, em moeda portuguesa, apenas montam a uns miseráveis duzentos mil cruzados.

O templo católico é comummente o símbolo da completa igualdade; lá não há distinções, senão para os ministros do culto; e, quando o orgulho humano, que forceja sempre por invadir ainda as coisas mais sagradas, vai aí profanamente estender o tapete aristocrático e colocar sentinelas, o povo murmura, e murmura em voz alta; porque sabe que na sociedade cristã, só há um Grande e Poderoso, que é Deus. Os nossos hábitos, as nossas ideias, são que o mais cómodo, o mais distinto lugar do templo pertence ao que primeiro o ocupou. O catolicismo entendeu que, diante da majestade do Criador, os vermes cobertos de brocado não o são menos que os vermes cobertos de farrapos.

Assim, o vulgo dos fiéis precipita-se como torrente através dos umbrais da igreja; estrepita nas lájeas do pavimento com os seus sapatos terrados; roça com o burel grosseiro as Finas sedas dos nobres e abastados; afasta com as mãos calosas os grupos alinhados dos peralvilhos; esquece-se, enfim, dos respeitos

humanos, que se guardam e devem guardar cá fora. Como, pois, obter a ordem, as atenções, o silêncio? O nosso povo é rude e mal educado (não o gabamos por isso; mas o vulgacho inglês leva-lhe, em bruteza, incomparável vantagem); o nosso povo conserva dentro do templo os hábitos ruidosos, inquietos, grosseiros da praça pública. E poderia ele despi-los de súbito ao entrar na casa de Deus? Prova, acaso, desprezo pela religião, o borborinho que aí soa? examinai os que parecem estar com menos respeito e decência; os que falam e se agitam; são aqueles entre os quais o cristianismo iria achar os seus mártires se viessem de novo os tempos em que a crença do Crucificado precisava de ser revalidada pelo sangue dos seguidores da Cruz. Que esses pobres tontos, que nos motejam sem nos conhecerem, venham estudar o catolicismo português, se disso são capazes, e saberão se nós falamos verdade.

Nestas consequências, tão lógicas, tão rigorosas, do carácter primitivo da religião cristã e do estado das classes inferiores da sociedade, pôs cobro a igreja anglicana. É verdade que Jesus Cristo, segundo o Evangelho, na tradução vulgata, chamou principalmente os pobres e humildes; e, se no templo há quem valha mais que outrem, não são, por certo, aqueles que. o filho de Deus

achava mais anchos para entrarem no Reino dos Céus do que um camelo para entrar no fundo de uma agulha. A igreja reformada entendeu, provavelmente, que outra era a interpretação do Evangelho; porque é corrente que os católicos nunca souberam grego, desde S. Jerónimo até Ângelo Policiano ou Aires Barbosa, para o poderem interpretar bem. Assim, em Inglaterra, aquelas tão formosas e vastas catedrais da idade Média, a que só falta um culto poético e consolador para serem sublimes, repartiram-se em camarotes de teatro, fechados à chave, e alguns, até, com todos os requisitos desse comfort que só os Ingleses conhecem bem. As jerarquias do dinheiro e do sangue estão lá rigorosamente guardadas: pelo lugar dos estalos e pelo seu luxo, os espíritos habituados à topografia da church podem orçar o número de avós ou os milhares de libras que possui cada filho da igreja anglicana: o comum dos vilãos, empurrados para ao pé da porta lá perdem em parte os deliciosos períodos do sermão do reitor, encarregado de acalentar... queremos dizer de conservar puros na fé, averiguada e decretada pela grande teóloga chamada rainha Isabel, os seus dizimados fregueses.

E o vulgo? Os homens do trabalho, da fome, dos farrapos? Os três quartos da população inglesa? Esses? Esses lá têm o templo da

esperança e do consolo: lá têm o gin'spalace (palácio da genebra), a taberna. Na sua incrível miséria, os homens que não podem encontrar Deus, porque a igreja anglicana lho colocou numa atmosfera nebulosa, onde o não descortinam; porque o templo os repele; porque o priest, com o seu aristocrático, polido e perfumado sermão, não pode substituir a entidade exclusivamente católica chamada o missionário, sublime de persuasão, de energia e de virgem rudeza; os miseráveis, dizemos, atiram-se desorientados aos braços da embriaguez, porque a embriaguez tem o esquecimento, tem a sua horrível alegria. Lá, no gin's shop, estendendo o braço cadavérico e vacilante para a destruidora bebida, sorvendo-a com frenesi, essa espécie de brutos com forma humana resumem, no seu aspeto e meneios e na decadência de todos os sentimentos de pudor, as últimas consequências morais do protestantismo.

Que nos seja permitido citar as próprias palavras de um escritor moderno que melhor, talvez, que ninguém pintou o estado presente das últimas classes em Inglaterra e que em todos os factos que narra se funda ou nas próprias observações ou nos documentos oficiais publicados pelo Governo Inglês. Perfeitamente imparcial a respeito da Grã-Bretanha, o seu testemunho é o que mais a propósito podemos neste ponto invocar:

«A seriedade e o silêncio com que este licor ardente (a genebra) é tragado fazem arrepiar. É como se o povo assistisse a um ofício divino. Consumado o sacrifício, vão-se assentando no banco de madeira corrido em frente do balcão e ali ficam quietos, mudos, como arrebatados em inefável êxtase. Depois, passados alguns minutos, voltam ao balcão, tornam a beber e repetem até se lhes acabar o dinheiro. Vai-se assim a última mealha. E têm ânimo de afrontarem o morrer de fome, eles e os seus filhos, para se embriagarem. Provou-se, pelos inquéritos feitos por causa da lei dos pobres, que as esmolas em dinheiro dadas pelas paróquias iam cair inteiras na taberna e só aproveitavam ao taberneiro. O povo ínfimo da Inglaterra está de tal modo atolado no seu lodaçal, que não há aí caridade que possa desempegá-lo.»

«Sabem todos quão rigoroso preceito eclesiástico e civil é o guardar o domingo em Inglaterra. A única exceção da regra é a taberna. Lojas, tudo fechado; lugares de honesto ou instrutivo recreio, como hortos botânicos e museus, o mesmo. Só o gin's shop se abrirá de par em par a quem empurrar a porta com o pé.

O caso está em que pareça cerrada; duas meias portas sólidas, que se fechem por si, fazem a festa: janelas fechadas: dentro, lusco-

fusco, como em santuário, e até sua luz de gás. Tomadas estas cautelas, licença inteira, licença autorizada para se venderem bebidas todo o dia sem lhe faltar hora. E é neste país, que os caminhos-de-ferro estão devolutos por todo o tempo do ofício divino, em honra do domingo! Enquanto, em Manchester, eu me espantava das largas que se davam às tabernas, apresentava-se à Câmara dos Lordes um bil para proibir o transporte das mercadorias pejos canais, no sagrado dia do domingo! Na cidade de Manchester há jardins zoológicos e botânicos, que o povo frequenta gostoso; mas não se obtém da pontualidade anglicana que estejam patentes no dia santo; e os bispos, tão escrupulosos no mais, são indiferentes pelo que toca aos gin's shops, abertos publicamente e frequentados ao domingo. Não é singular que a coisa única permitida ao povo seja embriagar-se ?»

«Não», diríamos nos ao autor do excelente livro que havemos citado. O Governo e a igreja da Grã-Bretanha sabem que entre a horrível miséria das classes laboriosas, a embriaguez e o suicídio não há uma quarta coisa para suavizar a agonia dos tratos que a primeira dá ao homem do povo. A religião, que falava aos sentidos do vulgacho e, por meio deles, ao seu espírito, mataram-na, e. como a morte não tem remédio, o protestantismo, crença de dois dias,

mas já sem vigor e esfalfada, encomenda à religião das pipas o salvar os mal-aventurados obreiros, não do suicídio moral, mas, ao menos, do físico.

Dir-se-á que o povo não está entre nós numa situação análoga à do povo inglês, para o catolicismo ser posto à prova? Felizmente isso é verdade. Mas já houve tempos quase semelhantes, posto que ainda inferiores em terribilidade aos que vão correndo para a gente miúda de Inglaterra. Era quando a peste devastava as nossas cidades e invadia os nossos campos, levando-nos, às vezes, mais de um terço da população. Aí existem inumeráveis monumentos dessas épocas desastrosas: que apareça tini só por onde se prove que o desalento popular buscasse conforto no vinho e na aguardente. Pois cá o remédio não era caro! O que achamos são as preces, as romarias, procissões as lágrimas, os votos, o sentimento exaltado da confiança e da resignação na Providência. Achamos a pequena diferença que vai de um cristão a um bruto.

«E os Irlandeses?» Oh, bem sabemos que os Irlandeses, católicos como nós, na sua miséria monstruosa, têm caído, se é possível, ainda mais fundo que os Ingleses Mas,

em rigor, esses católicos na intenção e na crença podem, acaso, sê-lo no culto que aviventa o espírito? Onde lhes deixou o protestantismo os seus templos, os seus sacerdotes, os seus costumes religiosos? O vulgacho irlandês é o argumento mais dolorosamente persuasivo da necessidade dessas festas, dessas alegrias, dessas formas materiais do culto. Sem elas, o católico miserável embrutece-se como o miserável protestante e o seu embrutecimento vem, por outra parte, recordar-nos de que não é possível achar um nome que qualifique devidamente o descaro com que o anglicanismo, inquisidor implacável e tenaz de três séculos, nos lança em rosto as trinta mil verdades e as sessenta mil mentiras que, com justíssimo horror, se relatam da Inquisição.

Eis o que nós podemos responder aos insulsos ditérios com que é diariamente vilipendiado o catolicismo português:. e não dizemos tudo; não dizemos metade. Quanto aos motejos que nos dirigem, como nação pobre, pequena, fraca, isso não passa de uma covardia, que só desonra a quem a pratica. Trabalhemos por levantar-nos da nossa decadência. Será essa a mais triunfante resposta.

E com estas deambulações de patriotismo religioso saltámos a pés juntos pela história do padre-prior. No capítulo seguinte daremos satisfação plena ao pio e benigno leitor.

VI

BARTOLOMEU DA VENTOSA

A quem não tem sucedido, nas horas de solidão, no silêncio da noite em que não pode dormir, ou no pino do dia calmoso, ao atravessar o bosque cerrado e sombrio, onde só se ouve o zumbir e o fervor dos insetos; a quem não tem sucedido engolfar-se numa vaga meditação e, por assim dizer, despenhar-se de pensamentos em pensamentos, presos por fio tão ténue, tão impercetível para a consciência, que, depois dessa espécie de devaneio, pretender remontar da última à primeira ideia seria baldado empenho, por falta de transições naturais e lógicas? E, todavia, a alma, que, nessa situação, como que perde o sentimento da vida externa, lá achou, no seu incessante pensar, uma ponte invisível para transpor os abismos que a fria, coxa e orgulhosa razão humana supõe existirem, quase a cada passada, no mundo da inteligência. Quando o espírito se desata dos corpos; quando a imaginação, depurando o senso íntimo, o faz repelir a matéria, fechando-se, como a mimosa

pudica, à ação grosseira dos sentidos externos, o homem alevanta-se até o viver de além da morte, a luz dos anjos ilumina-lhe as profundezas mais obscuras do universo ideal e ele sabe quais os caminhos que, mergulhando pelos vales, unem as suas cumeadas brilhantes, únicos pontos que se podem enxergar da terra. O primeiro que disse: «Em tudo está tudo», teve uma destas revelações da imaginação pura, revelação completa do ideal, que não é mais do que a fusão da variedade absoluta e infinita na infinita e absoluta unidade.

Mas estes momentos em que somos iluminados pelo sol da vida celestial passam rápidos: o espírito cai logo dentro dos limites da sua existência de provança e desterro e, recordando-se confusamente daquelas inspirações fugitivas, sorri-se e chama-lhes sonhos, abusões, desvarios. É que a pobre e soberba razão, míope advogada do lodo e do crepúsculo, rejeita com horror as cogitações puras e luminosas que Deus faculta, às vezes, ao miserável ente, criado quase anjo por ele e a quem o primeiro raciocínio que se fez na Terra converteu em insensato e Precito.

E a que vêm estas metafísicas aqui? De que utilidade são elas para a história do pároco da aldeia e da festa do orago, há tanto tempo

interrompida e que até agora não tem passado de divagações por objetos sem ligação com a vida e costumes do reverendo padre-prior? «Venha o padre-prior: venha a festa», dirão alguns, «e deixemo-nos dessas metafísicas modernas, que escorregam por entre os dedos e não passam de feixe de maravalhas, ao pé daquelas grandes filosofias dos ideólogos,, que até um sapateiro era capaz de estudar, batendo a sola e apertando o ponto; filosofia de pão, pão, queijo, queijo; filosofia substancial; filosofia de ouvir, ver, cheirar, gostar e apalpar, roliça, atoucinhada, confortativa. Se era necessário algum troço da ciência do atqui e ergo para atar estes capítulos ou capituladas da crónica aldeã, porque não recorrer ao claríssimo Condillac, ao bisclaríssimo Tracy? Para que parafusar em entes de razão impalpáveis, em armadilhas que trescalam às parvoíces germânicas, quando estava aí à mão a filosofia do senso comum, que é o senso patagão e russo, tupinamba e sueco, chim e dinamarquês, enfim, o senso de todo o mundo?»

Ai, leitor, que aí bate o ponto! Quem me dera isso! Quem me dera poder explicar por um capítulo tantos, parágrafo tantos, daquele santo homem de Locke o que me sucedeu ao escrever esta famosa história e lançar na balança da tua inflexível justiça uma desculpa de obra grossa dos meus rodeios, desvios e viravoltas na ordem e

disposição destes importantes estudos! Por mais que pensasse, por mais que aferisse pelos bons princípios ideológicos o meu trabalho, saía-me tudo torto: era querer levantar uma bola com um gancho, ou firmar a tábua rasa do filósofo inglês sobre uma das pontas de um dilema. Como ajeitar a minha narração deambulatória pelas regras dó método? Impossível, impossibilíssimo! Fiz então como Constantino Magno. Não achando escápula, nem esperança na religião da matéria em que me criaram, fugi para a religião dos espíritos e, por uma teoria de abstração subjetiva, expliquei, como Deus me ajudou, as minhas, aliás inexplicáveis, divagações. Encostado a ela, como a uma coluna de basalto (de basalto, porque as de mármore e de bronze estão muito safadas do uso quotidiano), rir-me-ei do mais abalizado doutor que venha perguntar-me qual é a ordem lógica das minhas ideias. A resposta está no que expus: pontes intelectuais, invisíveis, inapreciáveis pelas regras ordinárias do método; pontos que unem o branco ao preto, o circular ao anguloso, o próximo ao remoto. Fecho-me nisto. A imaginação que assim o fez, é porque assim devia ser: está muito bem feito, ao menos no mundo da idealidade pura. Foi lá que eu passei de um vulnerável pároco de aldeia, português velho em costumes, em linguagem, em crenças, vulto poético e santo, para um inglês

empertigado, monossilábico, iconoclasta, libertador de pretos alheios, escravizador de saxões e irlandeses brancos; numa palavra, galguei de um a outro pólo da humanidade. Foi lá que eu pude tombar, rolar, precipitar-me do catolicismo suave, consolador, festivo, ameigador dos miseráveis, desprezador dos poderosos soberbos, simbolizador, no seu culto, da igualdade ante Deus, para o anglicanismo perfumado, espartilhado, casquilho, teso, aristocrático, nevoento, dizimador, intolerante, enxotador dos mendigos, camaroteiro dos templos; pude tombar, rolar, precipitar-me do vértice brilhante donde derrama a sua eterna claridade o puro espírito do cristianismo no charco onde o mergulhou e afogou a vontade de um tirano devasso do século XVI e a vã presunção da sua filha, a pura, generosa e sábia Isabel, espécie de Concilio Niceno de carne e osso para o protestantismo inglês. Dou vinte anos a todos os ideólogos para explicarem por outro sistema a transição monstruosa e in compreensível que fiz a semelhante respeito nestes gravíssimos estudos. Idealizei um inglês (foi façanha!), idealizei o meu bom prior, e no mundo da razão pura lá achei que havia entre essas existências, infinitamente opostas, uma afinidade: qual, não sei eu dizer, porque o esqueci: e, ainda que me

lembrasse, não saberia exprimi-lo. Dada esta explicação aos pechosos, vamos às prometidas duas palavras sobre a festa.

Era um dia ardente de Julho, a 27, coisa certíssima para o leitor, em consequência das minhas profundas investigações cronológicas. O Sol ia alto: a igreja paroquial, envolta no manto tricolor — branco, amarelo e vermelho cal, ocre, roxo-terra — parecia rir no seu júbilo. Um moço do Bartolomeu da Ventosa, rapazote de quinze anos, quatro meses, vinte e quatro dias e vinte e três horas e três quatros completos (por ter nascido a uma segunda-feira à meia-noite menos um quarto, de 2 para 3 de Março), neste grande dia do orago pilhara ao moleiro duas graças a um tempo, a de deixar em descanso o seu tonel das Danaides, a implacável joeira, e a de poder assistir à festa e ouvir a missa cantada e o sermão, em vez de ir acabar o pesado sono da madrugada à missa das almas. Gabriel, que assim se chamava o rapaz, ou, antes, Graviel, segundo a mais eufónica pronúncia saloia, vestiu logo pela manhã as suas calças e jaqueta de bombazina em folha e o seu colete vermelho, engenhado de um do patrão a troco de dois meses de sol dada, calçou as botifarras novas e enterrou o barrete azul e encarnado na cabeça, derrubando-o para trás, e, sem fazer caso do almoço (pois era uma açorda que os anjos a comeriam) desandou, outeiro abaixo, pela

volta das sete e trinta e cinco minutos da manhã, caminho da paróquia. Via-se que um grande negócio lhe ocupava o espírito, por isso que levava os olhos cravados no campanário e, sem fazer caso das trilhas, cortava por entre as restevas, escorregando, aqui, nas pedras soltas, levando-as, acolá, diante dos bicos agudos das botifarras. Chegou. O sacristão, que estava à porta da igreja, apenas o lobrigou, pôs-se a rir, porque entendeu o verso. Gabriel era um dos maiores pimpões em repicar sinos que havia entre a rapaziada do lugar, mas desde que entrara para casa do Tio Bartolomeu, nunca mais pusera pé no campanário. Nos meneios, no gesto, no olhar lhe revia a sede, a ânsia, a saudade das harmonias risonhas, doidas, estrugidoras de um repique desenganado. Vinha tão cego, que só viu João Nepomuceno (assim se chamava o sacristão) quando deu de rosto com ele. Estacou embatucado; tirou o barrete e começou a coçar a região occipital, olhando de revés para o sacristão, que se encostara à ombreira com as mãos cruzadas atrás das costas, assobiando o Veni Creator.

«É-lé Graviel!», disse este, por fim, com um sorriso. «Você hoje campou. O patrão é festeiro; fica o moinho a dormir! Hem? Galdere; não é assim? Mas, cos diabos!, não sei como não vieste cá dormir. Botas os olhos acolá para o arraial. Vês? Duas bolacheiras e a Tia

Sezila com queijadas; e disse. Ainda nem sequer o Chico apareceu para começar o repique. Pois para isso não é cedo, que a missa da festa é às dez em ponto. já o padre Chaparro e Fr. José dos Prazeres estão na sacristia e dizem que não tarda aí Fr. Narciso, que vem servir de mestre-de-cerimónias.»

«Ó sô João de Permecena!», acudiu o saloio, que tornara, ao ouvir o nome do Chico, a enterrar o barrete na cabeça, mas desta vez à banda, «com a sua licença, há-me de perdoar: não sei o que fez em chamar num dia destes aquele jumento do Chico para tocar os sinos. Aquilo!? Ora deixe-me rir. Há de a fazer bonita; não tem dúvida! Olhe, sempre lhe digo... »

«Não digas nada: bem sei. Mas que dianho querias tu com uma cravela de doze que dá a menza da irmandade e nicles? Mesmo o Chico, deu-me água pela barba para o resolver. Se aquilo são uns dianhos de uns fonas!»

«Pois, se vossemecê quer», interrompeu Gabriel, em cujos olhos se acendia o desejo, o deleite, a esperança, «eu lá vou. Hoje, o patrão deu-me licença até às trindades. Salto na torre e vai tudo raso. Toco até aquela cantiga de Lisboa, em que dizem que canta um tal Catragena em S. Carlos:... totro, trão-balão, re-pim, pi-ri-pim-pão.»

Entusiasmado, o moço do moleiro cantarolava imitando os sons de um sino, ou, antes, de um tacho, a música horrendamente aleijada, esfarrapada, assassinada, dueto de Assur e Semíramis: La sorte piu fiera. Se Rossini ali chegasse de súbito, ou não a conhecia, ou esganava-se. O sacristão estava enlevado.

«Homem!», disse ele, quando Gabriel parou, «bom era isso: mas o Chico está ajustado; e já agora... »

«É que o Chico é o seu padagoz: há-me de dar licença que lho diga, Sr. João de Permecena!», interrompeu o moço do moleiro, vendo apagar-se a luz que lhe iluminara o espírito. «Pois eu tocava aí a desbancar, ainda por menos: bastava que me pagasse um arrátel de bolachas e dois berimbaus.»

«Eu cá não tenho padagozes, homem! Cos dianhos!», replicou o sacristão. «Se ele não estiver aqui às oito, dou-te a chave da torre, e são hoje teus os sinos. Quando quiseres terás as bolachas e os berimbaus.»

A proposta de Gabriel penetrara, como um bálsamo suave, na alma do sacristão: fazia a despesa com seis e meio e economizava o resto para a igreja, isto é, para si, como representante dela.

Gabriel saltou acima do parapeito do adro e pôs-se a olhar para o lado onde morava o Chico. Batia-lhe o coração com força. Às oito horas devia nascer para ele um dia de glória e contentamento, ou de desdouro e zanguinha. Deram as oito. «Viva!», bradou, saltando ao terreiro e correndo ao sacristão. «Venha!», prosseguiu, lançando mão da chave da torre com tal violência, que João Nepomuceno por um triz não foi a terra. Ia-lhe quebrando um dedo.

«Dianho!... Safa, alimária! Forte doido!... Ó Gabriel! Ouve cá, Gabriel! Olha que está passada a corda da garrida...»

Qual Gabriel, nem meio Gabriel! Tinha desaparecido como um foguete. O sacristão levantou os olhos para o campanário e viu já as cordas a bambolearem e a desembaraçarem-se, como as tranças de nobre dama nas mãos subtis de aia jeitosa. Gabriel era, sem a menor sombra de dúvida, a flor e nata da rapaziada curiosa da aldeia.

Uma pancada retumbante e sonora no sino grande, a qual se repetiu lentamente algumas vezes, foi como um mensageiro, despedido por montes e vales, a anunciar um dia de repouso e folgares para o homem do campo, curvado sob o sol ardente nas ceifas e mais trabalhos rurais do Estio, durante os longos dias de

trabalho. Era como o romper de vasta sinfonia. Gradualmente, os outros sinos misturaram as suas vozes argentinas com a do primeiro e a atmosfera esplêndida vibrou, ondeando em tempestade de notas, que se cruzavam, cortavam, interrompiam, lutavam, com bárbara harmonia. A princípio, Gabriel, pausado e lento, lançava sucessivamente uma ou outra mão a esta ou àquela corda; pouco a pouco, os movimentos tornaram-se mais rápidos e os sons que transudavam por todas as aberturas, pelos mínimos poros da torre, começaram a assemelhar-se ao granizo do noroeste, que, de instante a instante, se torna mais espesso ao passo que a nuvem corre mais perpendicular. Era, por fim, um remoinho, um delírio, uma fúria sonora. Gabriel estava tomado de campanomania; mãos, pés, dentes, tudo repicava. Enovelado, como um gatinho, que quer agarrar e ao mesmo tempo repelir um dixe que colheu às unhas, o bom rapaz, com os olhos faiscantes e desvairados, parecia possesso: trepava, bracejava, careteava, tropeava, agachava-se, torcia-se, pulava, volteava, como se estivesse recebendo por todos os lados e a cada instante descargas elétricas. Insensível à matinada infernal que lhe estrepitava nos ouvidos, Gabriel dirigia palavras de amor, de ameaça, de incitamento aos sinos, como se eles pudessem ouvi-lo. Queria comunicar-lhes o seu ardor e

entusiasmo de diletante; e, como se o entendessem, dir-se-ia que, no contínuo vaivém, eles oscilavam trémulos de prazer e tentavam desprender da pedra os braços robustos e voarem, como as aves que também soltavam livremente as suas harmonias, pela amplidão dos céus.

No fim de duas horas de lida, a natureza recuperou os seus direitos. Alagado em suor, perdido o alento, esgotados os brios e as forças, Gabriel afrouxara pouco e pouco. A estrepitosa e horrenda caricatura do dueto da Semíramis fora o canto do cisne. A viveza doidejante do repique converteu-se num tocar lento e solene, que ora imitava o dobre de finados, ora os três sinais melancólicos que indicam o fim do dia que expira.

Também era tempo. No seu banco, parte dos festeiros, cobertos de fitas e medalhas, esperavam já impacientes que o prior, o padre Chaparro e Fr. José dos Prazeres saíssem da sacristia para começar a missa. No coreto, as rabecas chiavam, cada vez com o ódio mais figadal entre si, ao passo que os virtuosos faziam todas as diligências possíveis para as por de acordo consigo mesmas e com os outros instrumentos. A gente, não só da aldeia, mas também dos casais e lugares vizinhos, afluindo de contínuo, enchiam a igreja, e o

apertão, que ia a maior, começava a avariar os chapéus, os xailes e os vestidos das aldeãs mais opulentas, que tinham obtido transfigurar-se horrendamente com os trajos das peralvilhas da capital, os quais harmonizavam tão bem com aqueles corpos mal acepilhados e robustos, com aqueles rostos morenos e rosados, como os instrumentos da revoltosa orquestra se afinavam entre si.

Era um escândalo, profundo escândalo, para as beatas da freguesia, para as almas repassadas de patriotismo saloio, ver as novidades de vestuários que as corruptoras influências de Lisboa iam exercendo nos antigos costumes, viciados por essas escusadas louçainhas. A honestidade das raparigas, entendiam aquelas matronas de virtude tão sólida como as suas sapatas, tinha ido por ares e ventos, envolta nos farrapos das humilhadas salas de baeta vermelha, das abandonadas roupinhas de pano azul e das piramidais carapuças. A devassidão, embrulhada nos vestidos de chita, de lã e de seda e metida entre o forro dos chapéus de palha, penetrara no seio das famílias. Tudo estava perdido e a moral ia cada vez pior, diziam elas, com a filosofia maciça que o judicioso Horácio já gastava há dois mil anos e que é a mentira mais trivial, mais velha e mais tola que se conhece no mundo. Nas suas reflexões piedosas, as respeitáveis decanas da aldeia esqueciam,

ou, antes, ignoravam, o único motivo sério que havia para lamentar aquela transformação. Era que esses trajos tornavam contrafeitas as raparigas aldeãs; matavam a poesia campestre; associavam ao idílio a valsa e o whist, e como que impregnavam a atmosfera, pura, brilhante e livre, dos miasmas repugnantes que povoam o ambiente pesado e abafadiço de tertúlia cortesã.

Mas antes de prosseguirmos nesta gravíssima história, é necessário que trepemos àquela encosta que fica em frente do presbitério e que vejamos o que é feito de um nosso conhecimento antigo, roda indispensável para o andamento da máquina de sucessos que vamos tecendo. Quem não vê que falamos do jovial e praguejador Bartolomeu, santo velho, se não fosse um desalmadíssimo avaro? O moleiro, desde que o filho casara, andava-lhe tudo à medida dos seus desejos. Era ganhar dinheiro como milho, e o futuro da família dos Ventosas surgia brilhante no horizonte. O Manuel estava, de feito, aposentado na azenha do Inácio Codeço e com uma labutação de por aí além. As peças do padre-prior tinham feito o milagre sonhado por Bartolomeu e ainda tinham sobrado algumas, que o honradíssimo moleiro associara às do seu mealheiro, para arranjar o Casal dos Caniços, de cuja venda já lhe dera palavra seu irmão Barnabé, a quem ele, havia dois meses, não deixava de dor de

ilharga para que lhe tornasse as suas vinte moedas, que lhe eram indispensáveis, dizia o matreiro saloio, para pagar uma dívida contraída com um usurário de Lisboa por causa do casamento do seu Manuel, que se vira obrigado a arrumar. E, como Barnabé, que também era saloio e manhoso, lhe objetasse que só vendendo o Casal dos Caniços lhas poderia pagar de pronto e que era uma de seiscentos achar comprador que desse o que ele valia, Bartolomeu, aceso em amor fraterno, lhe declarou que o maldito usurário dera a entender que, se ele, Bartolomeu, tivesse umas terras que lhe empenhasse, esperaria pelo dinheiro com quaisquer cinco por cento ao mês; que, por isso, vendo-se naqueles apertos e aflições, faria o sacrifício de lhe tomar o casal pelas vinte moedas e mais o que fosse justo, que iria pedir ao mesmo usurário; porque — acrescentava ele, quase chorando — vão-se os anéis e Fiquem os dedos. Que ficaria arrasado, e a bem dizer a pedir esmola, porque, como ele, Barnabé, lhe afirmava todas as vezes que lhe ia pedir o seu dinheiro, as excomungadas das terras apenas davam para o fabrico. Enfim, tão despejadas mentiras pregou ao irmão, tanto o atenazou, tais artes teve de lhe converter as setas em grelhas, que as bichas pegaram e Barnabé deu o sim, a risco de estoirar os ossos à Tia Vicência, sua respeitável consorte, à mínima pegadilha,

ou de rebentar de paixão alguma noite na cama, como um Satanás se não desabafasse daquela grande mágoa com uma boa maçada na mulher, consolação que para um verdadeiro saloio é, nas aflições, o supra-sumo dos prós e percalços matrimoniais.

A Providência temperou as coisas deste mundo de modo que se podem simbolizar todas as felicidades dele numa ameixa saragoçana. Doçuras, suco, beleza externa, sim, senhor; tudo quanto quiserem: mas, no fim de contas, travo e mais travo ao pé do caroço. É o que explica, pé à pá Santa Justa, a teoria das compensações de Azaís. Mais um caso para mostrar as carradas de razão que Azaís tinha na sua grande cenreira a este respeito é o que sucedeu ao moleiro no dia em que Barnabé acabou de se resolver sobre o Casal dos Caniços. Tinha sido, justamente, no dia da festa pela manhã, que Barnabé fora com a sua Joana à missa das almas e viera pelo moinho almoçar com o irmão, que não lhe mostrou a melhor cara a princípio, mas que até mandou fazer uma fritada de meia quarta de linguiça e três ovos (um botou-se fora, porque estava goro) quando soube ao que ele vinha. Bartolomeu não cabia em si de contente: obrigou a sobrinha a levar atados rio avental obra de dois arráteis de farinha, para fazer umas raivas, pondo lá o açúcar e os ovos e mandando-lhe metade delas, e, por

mais que pai e filha se escusassem de aceitar o seu favor, embirrou e não houve torcê-lo. Estava naquele dia capaz de lhes dar de presente metade da sua fortuna, e mais era, dizia ele, um pobre de, Cristo. Logo que se foram, Bartolomeu deitou a correr para casa, fechou-se no seu quarto, abriu, umas após outras, as vinte gavetas de um contador, mexeu e remexeu em todas elas, tornou a fechar e, fazendo contas de cabeça, começou a passear de um para outro lado do aposento, com as mãos cruzadas nas costas e entregue às suas preocupações.

Os adornos ou guarnição. do quarto consistiam num leito de casados de pau-santo, de pés torneados e cabeceira redonda, tálamo nupcial, agora enlutado pela sempre chorada morte da Tia Genoveva da Ventosa, mãe de Manuel da Ventosa e mulher que fora do honrado Bartolomeu da Ventosa, que, para falar como os poetas, solitária rola (ou rolo ou rolho) naquele ninho silencioso, se encouchava triste nas longas noites de Inverno, aí, outrora tão felizes! O contador ficava em frente, ao lado um bufete, e sobre o bufete um oratório forrado de damasco amarelo, com sanefa encarnada. Sete santos povoavam o larário da defunta moleira: S. Sérvulo, Santo Onofre, S. Miguel, S. Sebastião, S. Gregório, Santo António e S. João Baptista; este último no centro e em peanha mais

elevada; Santo António, à sua direita, com um cordão de ouro lançado ao pescoço, dando muitas voltas ao redor do corpo. Como suplemento, por cima da cabeceira da cama, uma lâmina da Senhora da Conceição e dois registos, um de Santa Bárbara e outro de Santa Rita; no tardoz da porta uma cruz de S. Lázaro, pregada com massa. Uma arca da índia, com ferrolho de correr e pregaria de grandes cabeças chatas, de duas polegadas de diâmetro, e quatro cadeiras de costas e assentos de couro lavrado completavam a mobília do aposento. No canto do bufete, quase à borda, estavam cravados um cruzado novo e um tostão falsos, memórias dolorosas de um mono que pregara certo padeiro de Lisboa ao moleiro na compra de uns sacos de farinha, história que, se eu a contasse, havia de fazer arrepiar o pêlo aos leitores, mais do que as novelas de Ana Radcliffe.

«Dez centos de mil réis! Chumba-lhe!», dizia o velho, esfregando as mãos, como um botecudo esfrega dois paus de que quer tirar lume e passeando com passos curtos e rápidos de um para outro lado. «É isso! Cem peças, setecentos e meio: quatrocentos pintos, dois centos menos oito: fazem novecentos e meio menos oito: duzentas cravelas de doze, meio cento menos dois: oito e dois dez: dez centos menos dez: oitenta de seis fazem duas moedas: duas

moedas dez mil réis menos um cruzado: oito meios tostões quatro tostões: quatro tostões com... justamente, dez centos. Ah, sô Barnabé, quer setecentos? Hem? Com vinte moedas que já lá andam a juro, parece-me!... Quer ou não quer?» «Homem, isso é muito pouco...» «Pouco?! E doze moedas de foro?» «As terras dão bem para isso: só a Abrunhosa...» «Pois se dão, homem, paga-me as vinte moedas. Ah, embatucas? Oh, oh, ih, ih, ih!»

E Bartolomeu ria a bom rir daquele diálogo que fantasiava travar com o irmão. De repente, porém, as feições contraídas pelo riso se lhe imobilizaram diante de uma ideia fatal. Barnabé podia dar com a língua nos dentes acerca do negócio, nalguma noite em que fosse para a tenda do Agostinho jogar a bisca a vinho, conforme o seu costume, e sair um atravessador a picar-lhe o lanço; o Bento Rabicha, por exemplo, que tinha muito caroço e que era um dos da tripeça da bisca. Vinham-lhe calafrios com tal pensamento. Uma palavra, uma alusão perderia, talvez, tudo. Era verdadeira agonia a sua.

Costumado a implorar o céu nas grandes aflições, Bartolomeu, por uma daquelas subtilezas morais dos avaros que sabem conciliar a devoção com o seu vício hediondo, ajoelhou diante do oratório e,

com lágrimas e fervorosas súplicas, começou a pedir a S. João Baptista fizesse com que Barnabé não tugisse nem mugisse a semelhante respeito. Nas suas orações passou-lhe, talvez, pela cabeça a ideia de um estupor na língua de Barnabé. Desconfio: não o afirmo; porque não gosto de coisas ditas no ar. O que é certo é que procurou dar a entender ao santo que teria duas velas acesas e uma esmola para a sua festa, se as coisas lhe saíssem a jeito, exprimindo-se, todavia, por tal arte que não ficasse absolutamente preso pela palavra e pudesse roer a corda depois de se pilhar servido.

Enquanto o moleiro se debatia nestas tempestades de ambição, passava-se no presbitério a cena que já descrevi entre João Nepomuceno e Gabriel. A princípio, Bartolomeu, embebido nos seus cálculos, temores e rogativas, nem sequer ouvira os repiques variados e harmónicos Com que o rapaz do moinho rompera o seu grande e festivo concerto; mas, pouco a pouco, o motim dos sinos crescera a ponto que só os defuntos do cemitério poderiam ficar indiferentes a tão retumbantes belezas musicais. Na aldeia já ninguém se entendia no meio dessa procela de sons, que, trepando pelos outeiros ao redor e precipitando-se para os vales além, iam levar o ruído da festa e a glória de S. Pantaleão às povoações

vizinhas. Penetrando pelos ouvidos do moleiro, aquelas vibrações desalmadas fizeram-no despertar do êxtase de sovinaria devota que o arrebatava. Ergueu-se, chegou à janela, alçou a adufa, pôs-se a mirar o relógio de sol do campanário, piscando os olhos e fazendo com a mão uma espécie de pala para os defender da luz e, depois de se afirmar por um pedaço, deixando cair de golpe a adufa, correu à arca, murmurando: «Nove horas! já mais de nove horas! Esta, só por trezentos milheiros de diabos! E ainda tenho de me vestir! Com seiscentos diabos! Daqui a nada estão lá os outros. Ora o Diabo!...»

Estas imprecações em razão descendente, que o moleiro tinha sempre na boca por um mau hábito e que todas as pregações e remoques do padre-prior não tinham podido fazer perder àquela língua danada de Bartolomeu, nasciam de unia circunstância, na verdade séria. A função de igreja deveria começar às dez horas, e ele era um dos festeiros. O padre-prior tantas voltas dera que o obrigara a sê-lo e a esportular uma moeda para as despesas. Devemos acreditar que nunca o teria alcançado se não fosse o dote de Bernardina, sobre o que o moleiro tremia que o velho clérigo deixasse escapar alguma palavra. Ele aproveitara habilmente o caso para passar por bom pai e generoso e, ao mesmo tempo, para se esquivar ao menor acto de beneficência o resto da sua vida,

afirmando que se empenhara até os olhos para comprar e reparar a azenha do Inácio Codeço, e estabelecer lá o seu rapaz, quando a verdade era que, comprada a azenha, posta a casa aos noivos, adquiridos seis machos, paga a soldada de três meses a dois moços, provida a despensa e deixadas algumas moedas para as despesas diárias, ainda certo número de louras do padre-prior tinham ido cair, como já disse, no escaninho onde jaziam, sem ver sol nem lua, aquelas que o moleiro acabava de contar. Obrigado por tal consideração, e à força de rogativos do pároco e das picuinhas de outros irmãos da Irmandade do Santíssimo, que se tinham metido no negócio, o moleiro achava-se elevado a uma situação que estava longe de ambicionar. Perdida a moeda, que ele havia de chorar toda a sua vida, importava-lhe não perder a consideração e valia na festa, valia que por tão alto e raivado preço comprara; era esse o risco que ele via iminente, ao menos em parte, se não estivesse a ponto de sair da sacristia para a capela-mor no préstito dos festeiros.

O dia começara bem; mas ia-se tornando aziago.

Apesar de velho, curto e barrigudo, o moleiro, não vendo nenhum outro meio de esquivar o contratempo que receava, apressou-se o

mais que pôde em se adornar com o asseio e pontualidade que requeria o acto. Do fundo da arca saiu o arsenal completo para os dias de ver a Deus. Era respeitável pela antiguidade! Monumentos de mais felizes épocas, os arreios esplêndidos de Bartolomeu constavam de uns calções de gorgorão cor de tabaco, de um colete de veludo verde e de uma casaca azul de abas largas e gola estreita (isto passava há bem dezoito anos), antípoda da casaca peralvilha dos casquilhos daquele tempo. As minudências do trajo diplomático do moleiro compunham-se de um chapéu armado, de um pescocinho com bofes, de umas meias de algodão brancas e de uns sapatos de entrada a baixo, ensebados de novo, com fivelas de prata, que batiam quase na vira, de um e de outro lado. Assim vestido, era um príncipe. Não; que lá isso é verdade; metia respeito! Apressado, vermelho, suando com a calma, bufava como um touro, encaminhando-se para a igreja. Os moços dos seus colegas, os de três padeiros que havia no lugar e os de cinco lavradores a quem costumava comprar os trigos, passando por ele, desbarretavam-se até baixo; a outra saloiada, especada pelo arraial, fazia menção de cortesia com o barrete: dos mendigos que começavam a apinhar-se para o lado do presbitério ao cheiro do bodo, uns, que não o conheciam, por virem de longe, estendiam-lhe a mão e davam-lhe

senhorias, tudo em vão; outros, que eram dos arredores, rosnavam e praguejavam-no. Mas dessas rosnaduras e pragas ria-se ele. Na auréola de glória que o cercava já, que o ia cercar, ainda mais brilhante Bartolomeu estava tanto acima da maledicência daqueles madraços como os homens de Estado de qualquer partido costumam estar acima das ferretoadas, sovinadas e lambadas da imprensa periódica do partido contrário, segundo afirmam os da sua parcialidade: vide jornais de todas as cores e cambiantes, passim. Como os políticos, o moleiro podia dizer, pondo a mão no coração «a minha consciência», «a minha honra», «a opinião pública», «os meus serviços», «a nação», «a posteridade», e depois tossir e escarrar grosso, e seguir avante, sem se embaraçar com aquele rosnatório despeitoso e zangado; porque, como bem disse um poeta de filosofia ancha:

O prémio da virtude é a virtude:

O castigo do vício o próprio Vício.

E foi o que Bartolomeu fez: e com razão. Não eram os respeitos dos moços e dos outros moleiros e dos lavradores seus fregueses e os dos pobres que o avaliavam pelo sécio dos trajos a prova cabal e indestrutível da sua popularidade? Eram. Que caso devia, pois,

fazer dos zunzuns de meia dúzia de farroupilhas? Nenhum. Eu cá, pelo menos, sou de opinião que fez bem prosseguindo no seu caminho, tranquilo com o testemunho de uma voz íntima, que o certificava de que era homem de importância e digno por todos os títulos de representar o papel de festeiro a que fora chamado.

Mas a nobre altivez do moleiro e a firmeza que mostrara em não deslizar um ápice do carácter grave e sobranceiro que era próprio da sua situação tinham de ser postas à mais dura prova. O momento em que chegou ao adro foi aziago. Aí viu e ouviu coisas que o fizeram sair da gravidade e compostura que até então guardara. O que o negócio deu de si vê-lo-á o leitor no prosseguimento desta história, que poderá ter mil defeitos, mas que (não é por me gabar) tenho levado com toda a pontualidade na cronologia e na averiguação dos mais miúdos factos que possam ilustrá-la.

VII

TANTAENE ANIMIS?

Quando Bartolomeu ia entrando no adro, viu um taful e uma senhora que, à porta da igreja, forcejavam para romper a pinha de povo que a obstruía. Vistos assim pelas cestas, pareciam pessoas de conta. Trajava ela um vestido de seda preta, um grande xaile vermelho e um chapéu, franzido à inglesa, cor de café: ele calça e casaca preta da moda e chapéu fino, posto que já amarrotado pelos apertões da saloiada, que, fingindo quererem abrir caminho ao elegante par, cada vez se uniam mais, olhando uns para os outros com aquele sorriso de socapa e malévolo que é peculiar dos campónios quando colhem algum indivíduo, cujo porte e aparência os humilha, para vítima das suas graças e perrarias, um pouco abrutadas.

O moleiro tinha nascido naqueles sítios, nunca dormira uma noite fora do lugar, lidava com muita gente em consequência do seu tráfego, ia-lhe já a neve pela serra e, por isso, conhecia perfeitamente os hábitos, propensões e manhas dos seus patrícios.

Percebeu logo que os saloios estavam de embirração com as duas personagens cortesãs e desenganou-se de todo, vendo vir do lado da igreja um dos moços do Agostinho da tenda, que, fingindo-se bêbado e cambaleando, dizia: «Cresça o Monte, rapazes; cresça o monte!»

O magnetismo animal é um mistério ainda: a extensão das afinidades magnéticas ninguém a pode demarcar. De homem para homem elas são indubitáveis; mas, porventura, vão mais longe. Ao menos, eu creio que os calções, a casaca e o chapéu armado do moleiro atuavam fortemente no seu espírito por influência oculta. Sentia no coração uma espécie de cócegas aristocráticas, uma vontade de mostrar o que podia e valia aos nobres hóspedes da sua terra, que, pretendendo assistir à festa, se colocavam naturalmente debaixo da sua proteção, como festeiro. Era esta uma ideia que não lhe viria à cabeça quando trajava os seus calções enfarinhados, o seu colete assertoado e a sua jaqueta de saragoça. Mas veio-lhe então, misteriosa, irrefletida, forçosa, posto que sem quebra da liberdade de a rejeitar, semelhante, se a comparação fosse lícita, à graça eficaz. Aproximou-se, pois, abrindo passagem por entre a turbamulta, O primeiro indivíduo com quem topou em cheio foi com Gabriel, que, tendo saído do campanário, tratava também de

penetrar na igreja para ajustar contas com o sacristão, logo que se lhe oferecesse oportunidade. Para aproveitar o tempo, Gabriel, informado do que se passava, ia ajudando a aumentar o apertão que crescia cada vez mais, de modo que a dama do xaile e o dândi de preto, entalados junto do guarda-vento, nem podiam recuar nem surdir avante. Apesar, porém, da pequenez do seu corpo, Gabriel parecia ter de olho as duas vítimas, como receoso de que, voltando a cabeça, o lobrigassem. Careteava, ria, empurrava com alma; mas, de instante a instante, punha-se nos bicos dos pés, espreitava por cima dos ombros e por entre as cabeças dos vizinhos, agachava-se, ao menor movimento que via fazer aos dois, tornava a empurrar e, nesta lida, o garoto renovava, incansável em novo combate, as façanhas que, havia pouco, praticara no sempre memorando repique.

«Mariola!», rosnou colérico o moleiro por entre os dentes cerrados, ao chegar ao apertão e agarrando de súbito as orelhas de Gabriel, que, com uma cara onde assomava o choro, encolhia a cabeça entre os ombros, mal comparado, como um caracol quando lhe puxam os tentáculos. Não tanto pela voz, como pelo contacto das mãos, assaz conhecidas daquelas pobres orelhas, Gabriel sentira o patrão. Era, todavia, já tarde.

«Mariola!», repetiu Bartolomeu, com o mesmo grito mal sopeado de cólera. E ouviu-se o tinir duvidoso de uma fivela, acompanhado de um som baço, como quem dissera o do bico de um sapato grosso batendo sobre uma pouca de bombazina estufada de certa porção convexa de carne humana. Gabriel descreveu com o corpo um arco, mas no sentido inverso ao de quem faz cortesia profunda. E começou a soluçar.

«Mariola!», acrescentou, ainda outra vez, o moleiro, com aquele fatal rugido que significava o seu profundo despeito. Ao dito seguiu-se rapidamente o feito. Largou as orelhas do rapaz: recuou o braço, cerrou o punho e desfechou-lhe tal murro no toutiço, que Gabriel foi ao chão.

A princípio, uma certa contemplação com a idade, com o carácter e, mais que tudo, com a fama de ricaço de que Bartolomeu gozava, conteve os murmúrios dos poucos a quem as diligências comuns para penetrar na igreja tinham consentido atender ao duro castigo que convertera Gabriel num como bode emissário dos pecados de muitos. Quando, porém, o mesquinho rapaz caiu em terra, a indignação dos seus co-réus rebentou. O moço do Agostinho, posto que a medo, levantou a antífona.

«Também é bater à bruta! Agora, a prove criança fez-lhe algum mal?! Vá bater assim no Diabo. Olhe não matasse aqueles milordes!...»

«Entre, Sô Doutor!», atalhou Bartolomeu, atirando umas escorralhas de pontapé que ainda lhe titilavam nos tendões da perna direita ao limite inferior das vértebras de Gabriel, já que não podia sem risco aplicá-las ao orador. Essa fora, todavia, a sua primeira inspiração.

«Ai, é para isso que uma mãe cria um filho! Coitadinho, já não tens pai! Não foras tu orfo e prove. Mas, cala-te, boca. A gente sempre vê coisas!»

Ouvindo estas palavras, proferidas por uma voz feminina conhecida, o velho moleiro voltou-se. Era a Sra. Perpétua Rosa, que, em companhia da ama do prior, tinha chegado naquele instante a mata-cavalos, por se haverem ambas entretido a examinar umas meadas que a Tia Jerónima dera a curar à lavadeira e que esta, vindo ara a festa, de caminho lhe fora entregar. Posto que ligados, até certo ponto, pelo casamento dos seus filhos, a mútua má vontade da lavadeira e do moleiro, alimentada por largo tempo, tinha sido como o escalracho: cada ano profundara mais um palmo de raízes. Só havia uma diferença, e era que Perpétua Rosa, protegida pelo

genro, perdera pouco a pouco o medo que tomara a Bartolomeu desde aquela história das sacas e já se engrifava para ele sem cerimónia. Encontrando-se às vezes na azenha, nem uma só deixavam de se travar de razões por qualquer palha podre. De resto, tratavam-se com aparente cordialidade. Era como a aliança e simpatia atual entre a França e a Inglaterra.

«Pois não, sua lambisgoia!», acudiu o moleiro, fazendo-se vermelho. «Acha você muito bonito que meia dúzia de patifes estejam judiando com as pessoas que querem entrar na igreja? Com um quarteirão de diabos! Quem dá o pão dá o ensino; e este, pelo menos, hei de eu ensiná-lo!... Rosna pra aí, pedaço de bruxa velha», acrescentou ele, vendo que Perpétua Rosa continuava a resmonear, já com acompanhamento de: «tem razão, Tia Perpétua!», «olha o maluco!», «se queres ver o vilão, mete-lhe a vara na mão!», «é agora o senhor assaluto!». Era uma tempestade iminente: era a revolta eterna do pobre contra o abastado, que resfolga pelo mínimo respiradouro. E o sussurro crescia, e Bartolomeu, sufocado pela raiva, batia o pé, e debalde tentava cuspir por cima daquela quase algazarra as pragas, as injúrias, as ameaças, que lhe faziam maior entupimento na garganta do que pão de cevada faria em goelas de peralvilho dengoso. Vingava-se, é

verdade, em servir de coices e cachações o mísero Gabriel, que se lhe rebolava aos pés; mas isto não era senão botar lenha ao forno e aumentar cada vez mais o tumulto. A hirta mó de saloios ao pé do guarda-vento tornava-se mais flexível, ondeava, alargava-se, dissolvia-se e vinha aglomerar-se de novo em volta de Bartolomeu, curiosos de indagarem o motivo daquela assuada. Falavam todos a um tempo: no meio do burburinho já ninguém se entendia; e, apesar da cólera e da sua habitual firmeza, o moleiro começava a titubear.

Na fúria em que estava incendido contra Perpétua Rosa, contra a ama do prior, que também tinha desembainhado a língua em defesa de Gabriel, e contra outras duas velhas do lugar que ajudavam a atenazá-lo, Bartolomeu não reparou que o taful, por cuja causa se metera naquela nora, forcejava por chegar ao pé dele. Por fim, foi a própria Perpétua Rosa que o fez atentar por isso.

«Venha, Manuel, venha cá: olhe a figura que está fazendo seu pai. Forte toirão! Abrenúncio!»

A isto o moleiro alçou os olhos para aquela parte e viu... Quem havia ele de ver? O seu Manuel, que com efeito, rompia entre a turba, aproximando-se, seguido de Bernardina, que, lá de longe fazia esgares e visagens à Sra. Perpétua Rosa e à Tia Jerónima

para que se calassem. Os dois tafuis, os dois milordes, os dois fidalgos, por quem Bartolomeu afrontava as iras populares, eram, nem mais nem menos, seu filho e a sua nora. Ficou parvo. O luxo dos noivos fez-lhe esquecer Gabriel, as velhas, as injúrias, tudo. Como o corpo eletrizado pelo contacto da resina, que é repelido ao chegarem-no de novo a ela e desembesta para o vidro se lho aproximam, a sanhuda indignação do moleiro nordesteou para as novas vítimas. Cingiu involuntariamente as algibeiras com as mãos; porque cada uma delas se lhe figurou convertida num repuxo de cruzados novos, que, descrevendo uma curva parabólica, iam cair nos balcões dos arruamentos de Lisboa. Depois, fincando os punhos cerrados nos vazios e abanando a cabeça de um para outro lado, poder-se-ia comparar ao oceano, nos momentos que precedem a tempestade, quando as vagas, profundamente revoltas, ainda se não encrespam em carneiradas, mas banzam, como sonolentas, espertando-se para o combate.

Passa a França pela terra clássica da galanteria. parece que o belo sexo tem ali o seu trono. Neste ponto cedem a palma aos Franceses os outros povos. Dizem-no todos; mas eu digo que não. Vence-os esta namorada terra de Portugal. Os nossos afetos serão menos ruidosos, menos rendidos; são, porém, mais ardentes e duradoiros.

Se as frases de uma língua podem, muitas vezes, servir para revelar o carácter, os costumes e, até, a história da nação que a fala, a nossa língua e a francesa nos oferecem argumento da existência dessa superioridade do coração, pela qual eu ponho, não digo a cabeça, mas quase. E, senão, respondam-me. Que incêndio seria maior: aquele que precisasse de um ano para amortecer e extinguir-se, ou o que durasse apenas um mês? Indubitavelmente o primeiro. Belamente. Venhamos agora à hipótese. O matrimónio é, da sua natureza, resfriativo: a paixão mais violenta acalma, entibia-se, entisica e morre com o trato doméstico; e feliz se pode chamar a união em que a amizade e a estima vem substituir os sonhos e delírios do amor já saciado. Há, todavia, um período em que, apesar de satisfeito, ele resiste ainda: é durante o lento desabar das ilusões, que vão caindo peça a peça. Nesse período, ainda aos casados cabe o nome poético de amantes; depois é que se chamam a coisa mais prosaica e positiva que se conhece no mundo; chamam-se marido e mulher. Esta época transitória tem a sua fórmula diversa conforme as diversas línguas. Exprime-a em francês a frase lua-de-mel: o português diz ano de noivos. É claro que em Portugal resiste o amor ao matrimónio doze vezes mais que em França. Lá um mês; cá um ano. Fiquem as raparigas de aviso: nada

de amores com estrangeiros: Se em França, num mês, colhem todo o fruto da vitória, que será por essas terras de Cristo mais geladas e nevoentas? Eu, por mim, façam lá o que quiserem. Lavo daí minhas mãos.

Bernardina, essa é que a dera em cheio casando com o Manuel da Ventosa. Aos quatro meses de noivo era ainda um baboso por ela. No princípio de Julho ajustara contas com os compradores das maquias da azenha e recebera algumas moedas: a festa da aldeia estava próxima: Bernardina morria por tafularia: o moço moleiro também não lhe era avesso. Tinham o vício instintivo da gente nova, vício legítimo, se em vícios se pode dar legitimidade. Duas forças arrastavam, pois, o pobre Manuel da Ventosa: o amor e a própria inclinação. D. Tomásia, irmã do mestre-escola da aldeia (se Deus me der vida e saúde, ainda talvez um dia conte a história do digno professor), vivera na corte muitos anos com o sábio mano. Nisto de modas falava que nem um livro. Quando ia por acaso a Lisboa, nunca deixava de visitar duas ou três modistas suas conhecidas, de maneira que, por assim dizer, andava sempre ao par da ciência. Foi num aposento interior, no sancta sanctorum da residência magistral, que se traçou, discutiu e resolveu a conspiração que devia baralhar os cálculos de Bartolomeu sobre as maquias da azenha naquele

semestre. Seis moedas foram ali barbaramente espatifadas. Foi um orçamento perfeito: talhou-se por cima da risca do necessário e gastou-se; gastou-se, daí a poucos dias, até o último real, já se sabe, com severíssimas economias, ficando-se devendo apenas uns três mil e seiscentos a D. Margarida, famosa modista daquele tempo. A campanha fez-se do modo seguinte: Manuel da Ventosa acompanhou D. Tomásia a Lisboa, para umas compras de certos arranjos domésticos, de que ela dizia muito carecer. Os arranjos eram os da fatal conspiração contra o velho Bartolomeu. Os trances de esperança e de receio do bom ou mau desempenho de D. Tomásia porque passou Bernardina, enquanto os dois não voltaram, não cabe no possível narrá-lo. Apesar disso, a elegância com que se imaginava trajada e trajado o seu homem namorava-a de si mesma e dobradamente dele. Chegava a ter ciúmes das olhaduras que deitariam ao Manuel as outras raparigas, sem que por isso deixasse de admitir, com certa complacência inocente, a ideia do quanto a tinham de achar atrativa os rapazes da aldeia. Enfim, é aqui o caso de dizer com o poeta, acerca do que se passava no coração da moleira:

Melhor é experimentá-lo que julgá-lo;

Mas Julgue-o quem não pode experimentá-lo.

Voltaram os dois às trindades. O escolar valido do mestre, que aviava os recados de casa, tinha acompanhado a expedição. Num grande saco de damasco amarelo, herdado por D. Tomásia da sua avó materna, e em duas grandes caixas de papelão, trazia o rapaz os almejados adornos. Quem diria que o monumental saco era a boceta de Pandora!? Pois era. Bernardina saltou de contente ao desenfardelar aquela feira: estava vestida à moda desde os pés até à cabeça, posto que o seu Manuel houvesse cortado para si uma posta de leão. Digo isto porque, apesar de toda a farandulagem feminina que a boa da irmã do professor escolhera com fino tato, quatro moedas tinham ficado no Adrião, num chapeleiro do Rossio e num sapateiro aí próximo, não me lembra em que rua, porque isto já lá vai há muito tempo e a história está sujeita a estas deploráveis lacunas. O caso é que ele, pela sua parte, envergada aquela fatiota, poderia, sem grande favor, passar por um fidalgo de província chegado de três dias à corte. Fugia-lhe tudo um és não és do corpo e tolhia-o, é verdade; mas ficava um mocetão teso; um milorde, como diria o jovem do Agostinho da tenda.

Segredo, segredo profundíssimo (semelhante ao da nossa tão célebre conspiração em 1640 contra os Castelhanos, da qual só, talvez, sabia o primeiro-ministro de Castela) se guardou na azenha, olim de Inácio Codeço, acerca de todas aquelas tafularias. Quantas vezes não se vestiram a casaca e o vestido de seda! Quantas vezes se não puseram a casaca e o chapéu de castor e o franzido! Que reviravoltas se não deram, que visagens se não fizeram diante de um espelho de espinheiro, com as suas cortinas de paninho, que adornava a casa de fora, sobre uma cómoda de vinhático oleado, cujas puxadeiras de metal amarelo luziam que nem ouro! Que disputas não houve sobre o abotoar e o desabotoar, o atacar e o desatacar, o pôr o chapéu assim e o pôr o chapéu assado! E D. Tomásia, que presidia àquelas conclusões, da alteza da ciência punha termo à questão com o seu parecer decisivo, magistral, oracular. No grande dia da festa, a vaidade daquelas duas criançolas, satisfeita com a admiração popular, não valeria, não podia valer, o deleite que a antevista glória desse dia lhes dava em imaginação. Ai, assim são todas as ambições e esperanças humanas! O gozo é sempre o desengano, mais ou menos ensosso, das fascinações do desejo.

Mas havia uma nuvem negra que entenebrecia o brilho de tão completa felicidade. Era a lembrança do gemo de Bartolomeu. As vezes, no meio dos mais festivos comentários sobre a grande vista que tinham de fazer com as inopinadas sécias, a figura do moleiro surgia terrível, enrugada a testa pela severidade, os olhos-ervilhacas faiscantes de cólera, a boca borbulhando pragas. Bartolomeu cortava com o seu vulto ameaçador aquela linda página dos sonhos da vida, bem como o pingo de amarelado simonte (perdoe-se o enxovalhado do símile em favor da exação) que, rolando insensivelmente pelo estendido beiço do velho sapateiro, vai cair sobre o Carlos Magno, aberto em cima dos joelhos e, espalmando-se arredondado sobre as linhas mais interessantes do livro imortal, embacia e mata as chispas de Alta-Clara no momento em que ela rompe o arnês de Ferrabrás. E o mestre pára e assoa-se; mas a interrupção fatal desvanece as ilusões dos oficiais ouvintes e, descerrando-lhes os dentes, lhes quebra os brios com que puxavam a encerolada linha ou cravavam os pinos no alteroso tacão.

Uma ideia, todavia, asserenava logo a alma de Manuel da Ventosa: o furacão paterno estava certo; mas devia ser passageiro. Ele não havia de pôr-se a ralhar nenhuns vinte anos. Era um dia ou dois, e

aquelas louçainhas ficavam para toda a vida. Dilatava-se-lhe esta por horizontes tão ilimitados! O bom do rapaz ainda não dobrara o melancólico padrão de trinta anos, donde só se começa a medir bem com os olhos o curto caminho-de-ferro entre o berço e a cova, pelo qual vai correndo esta espécie de locomotiva chamada existência humana.

Aqui tem, pois, o leitor que gostar da história lardeada de todas as investigações, exibições e minudências gravíssimas de que ela se costuma temperar, com tanto juízo e talento, nesta nossa terra, as causas e itens mais remotos e recônditos da dificultosa situação em que achámos Bartolomeu, à vista da descomunal tafularia do filho e da nora, cuja defesa tomara sem os conhecer, como verdadeiro paladino, e que dava de todo coração ao Demo desde que vira assim arder sem remédio o seu remédio, como diriam o elegante autor dos Cristais da Alma, ou os poetas da Fénix Renascida.

Banzou por alguns momentos o velho. A transição era demasiado violenta e rápida e a revolução que se operava na sua alma vinha grávida de uma apoplexia. Indicavam-no as velas da cara, que engrossavam, a vermelhidão do rosto, que ia tirando a roxo. Semelhante ao hesitar da grimpa no topo do campanário, quando,

em trovoada iminente, lutam dois ventos contrários, Bartolomeu não sabia se repelisse as insolências de Perpétua Rosa, que tivera a ousadia de chamar-lhe toirão, se descarregasse a cólera que o asfixiava sobre os dois bárbaros delapidadores da quase sua fazenda; quase sua, digo, porque o moleiro bem sabia que a azenha, comprada com o dote de Bernardina, era, em rigor, deles, e, por consequência, deles o seu rendimento, que, por paternal precaução, se encarregara de administrar e poupar.

Mas a avareza, superior ao orgulho no ânimo do velho, fez desembestar para o lado dos noivos o vento da cólera. Abandonando o arranhado e moído Gabriel, rompeu para os novos criminosos, que assim de súbito ousavam apresentar-se no seu inexorável tribunal. Andando, as mãos contraíam-se-lhe por espasmo nervoso, como as garras aduncas do gerifalte, e, ao chegar ao pé deles, lançou uma à gola da casaca do Manuel e outra ao braço de Bernardina. Eram duas tenazes de ferro.

«Que patifaria é esta, sô tratante?», disse, dirigindo-se ao filho em voz baixa, rouca e, de vez em quando, apipiada pela indignação que lha tolhia. «Você não sabe que o dinheiro custa a ganhar? Para que é essa trapagem toda? Com quê, já a sua jaqueta azul tem bichos?

E cá a grandessíssima tola não podia passar sem sedas? Não se lembra do tempo em que andava de sapatas atrás das vacas da Josefa Enguia? Diga, senhora mosca-morta... Olha a sonsa, que parece não quebra um prato! Anda-se um homem a matar para lhes fazer casa, e vossemecês, senhores badamecos, a botar o suor da gente pela porta fora. E eu sem saber nada disto! Com trezentas carradas de diabos! Pena tenho eu de que essa mariolada os não pusesse num frangalho. Não têm vergonha de se fazerem alvo do povo e de se arruinarem e arruinarem-me a mim, que toda a vida tenho labutado para viver com a minha cara descoberta?... Ó desalmado», prosseguiu depois de um instante de silêncio, «que contas me hás de tu dar do dinheiro que extravaganciaste e que é preciso para me acabar de desempenhar da compra da azenhas?»

Neste momento, o discurso de Bartolomeu, que se la encaminhando ao patético, foi interrompido por um rir esganiçado e trémulo, que lhe chiou ao pé dos ouvidos. Era o caso que Perpétua Rosa o seguira sem que ele reparasse em tal e se pusera a escutá-lo atentamente. A última frase que a boa da velha ouvira tinha produzido nela tão súbita hilariedade.

«E ri-se você, sua atrevida?!», exclamou o moleiro, voltando-se para a Perpétua Rosa. «É natural que fosse intrépece nesta alhada...»

«Pois você na quer que eu ria a arrebentar ouvindo-lhe essas lérias da compra da azenha? Calo-me eu, bem sei porquê. Mas sempre lhe digo que está paga e repaga. O meu dinheiro, teu dinheiro... Entende-me Sr. Bertolameu! Minha filha não velo descalça... »

«Ó diabo de bruxa!», exclamou o moleiro fora de si. «Dão-me inguinações de t'esganar! Olha a piolhosa, a estraga-albardas, que me deu cabo de seis sacas, as melhores que eu tinha, por desmazelada...»

«Já lho disse, seu mirra-mofina, seu manita de carneiro assado, seu sovina-mor! Não me faça falar. Olhe que eu não tenho papas na língua...»

«Um estupor tivesses tu nela, que te pusesse a boca à banda, aldrabista de centopeia, basculho de chaminé, carraça do Inferno! Falta agora que a senhora diga que a lesma da filha trouxe para o casal mundos e fundos!»

«Então, como mexe nessa borbulha?», acudiu Perpétua Rosa, agarrando o moleiro por uma das largas abas da veneranda casaca

e sacudindo-o com força. «É preciso que não faça da gente tola. Assim o quis, assim o tenha. Saibam vocês», isto dizia-o voltando-se para cinco ou seis velhas que faziam roda e segredavam umas com outras, «saibam vocês que o Sr. Bertolameu da Ventosa recebeu mais de cinco centos de mil réis de dote...»

«Eu deito-me a perder com este diabo!», interrompeu o moleiro, fazendo-se fulo e soltando as mãos do braço de Bernardina e da gola do seu Manuel, para as lançar no gasnete de Perpétua Rosa. «Ó língua perversa! Quais quinhentos mil réis?!...»

«Os que o meu amo tinha juntado grão a grão, como se lá diz, à custa do suor do seu rosto, com muito glória in incelsis muito bem cantado, e muito enterro feito, e as suas bátegas d'água nos ossos, e muito sermão pregado, e muito arranjo e poupança desta sua criada, Sr. Bertolameu. Sr. Bertolameu, tenha propósito! que quem pão diz não houve; que lá reza o ditado: manha do açougue, e com vilão, vilão e meio. Foram setenta caras; salvo seja! Vi-as contar com estes olhos, que hão de comer a terra.. E quem as arrecebeu? Nanja eu. Assim compra-se muita coisa e arrotam-se postas de pescada. Diz bem, Sra. Perpétua Rosa; diz bem! Quem perdeu,

perdeu; mas não queiram meter os dedos pelos olhos à gente. Nunca \i criatura assim: t'arrenego!»

Este brilhante discurso, até certo ponto, e debaixo de certos aspetos, quase parlamentar, fez voltar o catavento de raiva do moleiro para a oradora, que não era ninguém menos que a Tia Jerónima, a qual abicara ao pé dele, na alheta de Perpétua Rosa.

Bartolomeu andava-lhe já a cabeça à roda e fugia-lhe o lume dos olhos. Largou os gorgomilos da sua estimável consogra e começou a menear os braços, por tal jeito que faziam lembrar as velas do moinho da Ventosa. Os olhos saíam-lhe das órbitas e a escuma dos cantos da boca: quase não podia falar. Entretanto, Perpétua Rosa, solta do feroz amplexo, exclamava:

«Pouca vergonha! Pôr as mãos na cara de uma mulher velha, este gaiato!»

À palavra «gaiato» homens, rapazes, mulheres, que de instante a instante aumentavam a roda, ninguém se pôde conter pelo contraste monstruoso entre semelhante epíteto e o vulto de capitão holandês, romboidal, vermelho, rugoso, quadrangular, irritado, do moleiro. Foi uma cachinada, um palmear, um ah ah ah... ih ih ih..., um assobiar de garotos, que fazia tremer as carnes. Debalde Bartolomeu tentava

fazer ouvir as suas explicações: o estrépito oposicionista embaraçava a atrapalhada voz do ministro, que pretendia desemaranhar aquela inextricável questão de orçamento. Ninguém se entendia: era completamente parlamentar.

Neste momento, à porta de um corredor, que dava para a sacristia, apareceu de súbito, já meio revestido, o padre-prior. O motim do adro tinha ecoado lá dentro. A vista daquele aspeto venerável e venerado, fez-se pronto e profundo silêncio.

«Que estrupida é esta?», perguntou o velho pároco, com aspeto carregado e voz severa. «É na vizinhança da casa de Deus, na hora em que vão celebrar-se os divinos mistérios, que os meus honrados paroquianos vêm tecer disputas e travar-se de razões em vez de guardarem a compostura e devoção com que devem preparar-se para o tremendo sacrifício do altar? Rixas e apupadas no dia do, bem-aventurado S. Pantaleão?! Não o sofro. Vamos, expliquem-me a causa de tal barulho. Que foi isto?»

«São estas descaradas...», gritou Bartolomeu.

«Saiba vossenhoria...», acudiu, ao mesmo tempo, a Tia Jerónima.

«E este insolente...», interrompeu Perpétua Rosa.

«Não é nada padre-prior; não é nada», diziam Conjuntamente o Manuel e a Bernardina, mais com a mão, fazendo gestos negativos, que com as palavras, enredadas ininteligivelmente com as do moleiro, da ama e da lavadeira.

«Fale um!», gritou o prior. «Assim, fico jejuando.»

«Foi...», disseram todos aos mesmo tempo.

«Pior!», acudiu o pároco. «Cada um pela sua vez. Vamos.»

«Saiba vossenhoria...», vociferou o moleiro, ganiu Perpétua Rosa, flautou a ama, murmurou o Manuel, pipitou a Bernardina, exclamaram os circunstantes.

«Visto isso, é impossível saber de que se trata?», interrompeu de novo o prior. «Está bom... Não importa! Depois da festa averiguaremos o caso. Tudo para dentro já! Vá tomar o seu lugar, Bartolomeu. Estão os mesários à espera e você entretido aqui com estas toleironas! Vamos. Nem mais uma palavra.»

E, dizendo e fazendo, recolhia-se para a sacristia. No relógio de sol, o gnómon estendia exatamente a sua sombra sobre o ponto de intersecção marcado pelo X. As rabecas soltaram a sua chiadeira quase harmónica e o grupo, desfazendo-se, escoou-se pelo portal

tricêntico, cujas pedras a broxa vandálica havia amarelado; e dentro de poucos instantes o adro ficou silencioso e deserto.

Os instrumentos também fizeram silêncio passados alguns minutos e sussurrou lá dentro uma voz humana, cansada e débil, que entoava com suave melopeia:

«Introibo adaltare Dei.»

VIII

GLÓRIA AO PADRE-PRIOR!

Estamos à porta da igreja. A saloiada metemo-la dentro. O padre-mestre Prazeres, o padre Chaparro e o padre-prior, não sei se d aqui os veem na capela-mor. Fr. Narciso gira, mira, vira, revira tudo, na credência, no altar, na banqueta. O cerimonial romano é um mundo de ideias que ele dispôs nos diversos repartimentos cerebrais, com uma compreensão, um tino, uma lógica de por aí além. Fr. Narciso tem de olho o padre Chaparro, que foi toda a vida um tonto em liturgia e assim há de morrer. General naquele conflito, Fr. Narciso, está alerta; nem seiscentos Chaparros seriam capazes de lhe entortarem uma ou mil missas cantadas. Em semelhantes ocasiões, o veterano mestre-de-cerimónias contempla impassível da altura da ciência as evoluções dos seus subordinados: tudo abrange, tudo prevê, tudo dirige tranquilo. E não solta uma única voz: não repreende, não incita, não ameaça. Uns beiços estendidos e inclinados à esquerda fazem parar o missal, que ia a ser

extemporaneamente arrebatado da banda da epístola para a do evangelho; uns olhos trasbordando pelas pálpebras, acompanhados de um oscilar de cabeça rápido, horizontal e fugitivo, inteiriçam os joelhos, que vão a vergar em genuflexão deslocada. Enfim, para que estarmos a matar-nos? Como o nome de Fr. Timóteo na parenética, o de Fr. Narciso, na liturgia, será o nome que a história transportará às mais remotas eras, enquanto as glórias da família arrábida durarem na posteridade.

O introibo entoou-se: o negócio está agora em mãos de mestre: podemos ficar descansados com a festividade. Como o calor da igreja é muito, venhamos eu e o leitor conversar um pouco à fresca sombra dos plátanos do adro. Tenho explicações indispensáveis que lhe fazer; dê por onde der, embora ouçamos a missa descabeçada.

Sou homem de bofes lavados, como diziam os nossos velhos, e não gosto de que me estejam a morder na pele por causa de lacunas, mistérios ou contradições nas minhas narrativas. Menos isso. A história é a história, e não se hão de deixar por aqui e por ali obscuridades e incertezas que façam suar o topete às academias futuras: muito mais que há aí uns quidams, cujo ofício é esmiuçar, anatomizar e criticar os escritos alheios e que lhes fazem os mais

cruéis e desalmados processos verbais que é possível imaginar, não lhes escapando período nem linha, ponto nem vírgula. Crítica rosnada pelos cantos é a destes, semelhante ao bisbilhotar da cozinheira com a criada da vizinha, à janela do saguão, sobre os talhos que a ama deu ao presunto ou sobre o mais ou menos acogulado da medida dos feijões-fradinhos. É por isso que tais críticas chamo eu verbais; verbais porque seus atores daí não podem passar. Coitados! Escreveriam vinte heresias se copiassem o padre-nosso. São os alcaiotes dos lapsus linguae, os mexeriqueiros dos actos de memória. No vento e com vento compõem: vivem de epigramas agudos como tranca: morrem sem deixar vestígio. Literatos a barbas enxutas, eruditos lendo ainda por baixo, passam nas trevas, como a coruja; mas, bem como a coruja, roçando as asas, que salpicou na alâmpada, pela alva toalha do altar, a deixa enodoada, assim a página pura, afagada de tanto amor do artista, estudada com tão sincera consciência lá recebe, na tertúlia de parvos, a dedada torpe e sebenta de um chapadíssimo tolo.

Não sou dos mais queixosos; todavia, guardo acatamento profundo a essas caricaturas de adibe, que, à de dentes para devorarem carniça, contentam-se de fazer e empolas e brotoeja na pele do

próximo. Respeito-os a todos, altíssimos e baixíssimos; que os há de todas as riscas da craveira social, no civil, no militar e no eclesiástico.

Estou, por isso, sempre com o credo na boca quando escrevo uma linha, e antes quero que se queixem da frequência dos prólogos do que me condenem sem me ouvirem.

Disse já que tinha de fazer uma explicação ao leitor. Tenho; e é indispensável. Estou ouvindo um melenas arguir assim: «Como soube a Tia Jerónima que as peças do padre-prior se tinham esgueirado, com tanta mágoa sua, só para dotar Bernardina? Como o souberam os noivos e Perpétua Rosa? Não se passou tudo particularmente entre o prior e o moleiro, ambos interessados no segredo do negócio, um por virtude, outro por avareza? Foi um duende que veio revelá-lo? Mas isso é fazer como Eugénio Sue, que, logo desde o princípio das suas novelas, arranja um homem humanamente impossível e, até, uma entidade imortal, para nos casos dificultosos se desembrulhar das aperturas da situação. Isso é empalmar; isso não vale. Queremos saber por onde transpirou a generosa ação do velho pároco; mas por meios naturais. Não admitimos tergiversação, nem milagres.»

Tá, tá! Nem eu, falando de telhas abaixo. E era para explicar este mistério naturalissimamente que chamava agora o leitor para a fresca sombra dos plátanos do presbitério. O caso foi este:

Quando o prior, preocupado pela ideia de remediar a todo o custo a rapaziada que fizera o Manuel da Ventosa, deu consigo, ao romper da manhã, no moinho de Bartolomeu, lembrados estarão de que o velho, acedendo aos desejos manifestados pelo seu pároco de ficar a sós com ele, pusera fora da porta os rapazes, com o grito de «Rua!». Se o homem fizesse como Polifemo, o qual, quando tinha Ulisses e os seus camaradas encapoeirados no antro com os carneiros e como carneiros, à falta do único olho que possuía e que lhe tinham vasado, ia apalpando e contando os que saíam, conforme mais largamente narra Homero, não sucederia o que sucedeu, e já as embrulhadas, picuinhas, ditérios e descomposturas adfacem ecclesiae, de que antecedentemente dei conta, não teriam sobrevindo, com escândalo das pessoas graves e tementes a Deus. Era, como no lugar competente deixei especificado, grande o tráfego no moinho à chegada do prior: duas récuas de machos a inquirir à porta; novos para dentro e novos para fora; sacos de farinha a rolarem e a empoeirarem a atmosfera; bulha, encontrões, sapateada, arres, xós, pragas, diabos; um pandemónio, enfim, em

miniatura. A chegada do prior foi tão inesperada e súbita, que Bartolomeu, azoinado, não reparou nos que saíam à sua voz de comando. Daqui o dano. Uma testemunha ficava aí, sem que Bartolomeu desse por tal.

Esta testemunha era Gabriel. O pobre rapaz tinha andado, até à meia-noite, do moinho para a fonte e da fonte para o moinho, com um macho e dois barris, a carregar água. Depois estirou-se a dormir atrás de uma pilha de sacos de trigo, com aquele valente sono da primeira juventude a que se não resiste nem num campo de batalha. Dormiu, dormiu, dormiu. Rompia a alva, e ainda ele era pedra em poço. O grito de Bartolomeu despertou-o, na verdade; mas não teve ânimo para erguer-se: bocejou, bufou, espreguiçou-se, estendeu os, braços para diante, com os punhos cerrados, virou-se de barriga para o chão, meteu o nariz debaixo do sovaco e prosseguiu na interrompida tarefa. Felizmente para o pobre moço, que, se fosse pressentido pelo moleiro, teria de acordar de todo com o despertador infalível dos dois pontapés, Gabriel não ressonava, ainda no mais profundo sono. Crendo estarem sós, os dois travaram a larga conversação que no princípio desta famosa história ficou fielmente trasladada.

Não faço eu tão fraca ideia de mim ou do leitor que suponha assaz falta de interesse a minha narrativa ou o tenha a ele por um tal cabeça-de-vento, que admita se esquecesse da estrondosa gargalhada que desandou o padre-prior ao manhoso saloio, quando este lhe propôs desse o dote a sua sobrinha Joana, à falta de outra mais digna. À descomunal risada é que o sono de Gabriel, se não quebrado inteiramente, ao menos já estalado pelo grito de Bartolomeu, não pôde resistir. O rapaz fez uma reviravolta, abriu os olhos, deu uma guinada ao corpo, ficou assentado, com as pernas estendidas e a cabeça inclinada sobre o peito, meditabundo por alguns momentos e imóvel, como um daqueles manigrepos de que reza Fernão Mendes Pinto. Depois, levando as mãos à cabeça, começou a coçar rápido de alto a baixo, por cima das orelhas. Pouco durou, todavia essa primeira fúria. Como o som da arpa de Ossian, alongando-se e esmorecendo por entre a nebrina das serras, aquele coçar de alma afrouxou e desvaneceu-se gradualmente; as mãos, confrangidas em forma de garra, espalmaram-se flexíveis, os braços, hirtos e erguidos, despenharam-se mortais ao longo do tronco e a cabeça, sonolenta, baloiçou à direita, depois à esquerda, depois pendeu de chofre para diante e resultou, quase ao bater sobre os joelhos, semelhante ao

judeu martirizado pela Santa Inquisição, quando, ao descer pendurado da polé, a corda, atada mais curta que o espaço médio entre o chão e a roldana, o desconjuntava, retendo-o subitamente alguns palmos acima do pavimento. Assim se desconjuntou aquela máquina de sono, e Gabriel abriu seis vezes a boca, engradou-a com outras tantas cruzes, esfregou os olhos com a parte anterior do canhão da jaqueta, mirou por entre os sacos os dois velhos, embasbacou de ver ali o prior e, sem tugir nem mugir, pôs-se a escutar o diálogo que se travava entre ambos.

Qual este foi e o seu desfecho sabe-o o leitor tão bem como eu. Apenas o prior se despediu, encaminhando-se pela encosta abaixo, Bartolomeu, recolhendo as setenta peças que ele deixara sobre a arca das maquias, pôs logo tudo em movimento, e Gabriel, por cuja falta, naquele primeiro ímpeto, o moleiro não dera, teve arte de se confundir com os outros moços que entravam e saíam, sem que o amo nem por sombras suspeitasse que havia uma terceira pessoa sabedora do importante negócio que se acabava de compor e sobre o qual, no meio do seu mandar e ralhar e lidar, já a ambição lhe ia alevantando na fantasia muitos castelos de vento.

Segredo em boca de rapaz, outros dizem de mulher (eu, por decência e pelos meus princípios, sustento a moção relativa aos rapazes), é manteiga em nariz de cão. Ele, na verdade, contou-o com variantes para mais e para menos, mas contou-o, que é o caso. E a quem o havia de ir meter no bico. À pessoa que mais interessada supunha na história; à Sr. Perpétua Rosa, mas pedindo-lhe pela alma das suas obrigações e pela fortuna da sua Bernardina que não dissesse nada, porque o patrão, se tal soubesse, era capaz de esganá-lo. Prometeu-lho Perpétua Rosa; jurou-o e trejurou-o. Pulava a boa velha de contente, e a primeira vez que levou roupa à cidade fez das fraquezas forças a trouxe de mimo a Gabriel e um pião novo, uma gaiola de grilos, coisa de espavento, e uma abada de castanhas do Maranhão e de figos passados, com que o bom do rapaz se regalou de pôr a boca numa lástima. E o mais é que teve palavra. Apenas contou o caso a duas ou três freguesas antigas de Lisboa e à Tia Jerónima, com quem desde a mestra, podia dizer-se era unha. com carne. Aqui é que foram as ânsias. Pelos domingos tiram-se os dias santos. A ama do prior fez-se fula quando tal ouviu. A lanceta que sangrara a meio do forro da escada aparecia finalmente; e a Tia Jerónima, sem lhe importar o ver a mortificação da pobre Perpétua Rosa, desabafou à sua vontade; mas, passado o

primeiro estoiro da dor, levou do seu brio nunca mais tornar a bulir nesta desagradável matéria.

Eis a verdade, nua e crua, de como se aventou o se segredo. A alhada da porta da igreja nascida daquelas tafularias tolas do Manuel da Ventosa e da sua companheira, acabou de divulgar o negócio, sem que nisso andasse o fradinho de mão furada, nem os jesuítas, gente de poder misterioso e terrível, nem, finalmente, o judeu-errante, que tantas maravilhas obra atualmente na Terra. Mas, se nisto não entraram os irmãos do quinto voto, nem o caminheiro Ashavero, com as suas sapatas tauxiadas de pregos em cruz e com os seus alforges de cólera-morbo, entrou, a meu ver, a Providência, mas uma Providência natural e simples nos seus meios, como ela o é sempre, sem milagres nem bruxarias. Pensava o prior que a sua nobre e evangélica generosidade ficasse oculta; pensava Bartolomeu que trevas perpétuas cobrissem a torpe cobiça e a sórdida avareza com que se houvera neste negócio. Vai, que faz Deus? Serve-se de um pobre rapaz, que ninguém tinha em conta de nada, e põe tudo ao olho do sol. E fique desde aqui dito que essa é a moralidade da minha história: a virtude exaltada e o vício punido. Nem mais, nem menos, como desfecho daquelas grandes comédias que, há vinte ou trinta anos, eram as delícias dos nossos pais e a

glória dos nossos dramaturgos das três unidades que Deus haja... As três unidades, entenda-se bem; porque os dramaturgos, esses o Senhor no-los conserve, enquanto puder ser, para nosso regalo e consolação.

Quem disse lá que as velhotas, testemunhas dos itens do moleiro com as personagens que mais conjuntas lhe eram, entraram para a igreja e se puseram a ouvir o cantar dos padres, e a música do coreto, e o esbravejar do pregador? Por um óculo! A sombra da sua vítima que fora e que ia ser; à sombra de Bartolomeu, a quem todos abriam caminho para o deixarem aproximar-se do banco dos festeiros, elas atravessaram a mó dos homens, unidos como sardinha em tigela, dos estrados para baixo até o guarda-vento, e chegaram ao meio do mulherio. Haja o apertão que houver, ainda não consta que saloia deixasse de fazer praça para si na, igreja. Verdade é que a Tia Jerónima ia em frente, com a cara de arremeter que Deus lhe dera, e que mais arrabinada se tornara com a anterior refrega. Quem deixaria de dar campo à ama do prior, e, sobretudo, àquela carranca? Seguiam-na os noivos, encolhidos e vergonhosos do escândalo que tinham causado, tornadas em fel e absinto as tão risonhas esperanças que, pouco havia, punham no seu garbo e bizarria; que nisto vêm a acabar muitas vezes as vanglórias do

mundo. (Mais moralidade.) Após eles, vinha Perpétua Rosa e após a lavadeira vinha a Verónica do Tiago, padeira gorda, vermelha e reverendaça, a Engrácia Ripa, mulher do fogueteiro da aldeia, magra, alta, cor de enxofre, a Eufrásia Tasquinha, tia do Gabriel, e várias outras, mais anchas ou mais esguias, mais esgrouviadas ou mais repolhudas, que não sou eu nenhum Homero para estar, nem antes nem depois da batalha, a tecer catálogos de guerreiros. «Dê licença!...» «Ai, que me pisou!...» «Perdoe!...» «Não vê?...» Eis o que se ouviu murmurar por alguns instantes. E, no meio daquele mar de cabeças adornadas de lenços de cor, listrados e brancos, avultava a pinha das recém-vindas, que tentavam ajoelhar; pinha semelhante à embarcação rota a ponto de submergir-se, que baloiça vacilante e se atufa lenta mente nas águas. Manuel da Ventosa, que ficara em pé no topo inferior do estrado, sentia apertar-se-lhe o coração, vendo a sua Bernardina no meio daquele caos de capotes e roupinhas, como avezinha do céu no meio de ninhada de sapos. As sedas, o chapéu, as flores, a romeira rangiam, achatavam-se, engorovinhavam-se entalhadas entre aquelas baetas, panos, camelões e durantes, do mesmo modo que, sobre o cadáver da virgem, se achatam e quebram as alvas roupas da inocência e a coroa de rosas, debaixo da terra áspera, pesada,

imunda, que o coveiro atira brutalmente sobre os rostos do que foi belo, delicado e puro. «Mas que remédio?» pensava Manuel. «As coisas assim hão de ser sempre porque assim foram desde o princípio do mundo». Ele, de feito, cria que desde esse tempo existiam missas cantadas, saloias e apertões. Mas, enfim, ajoelharam, persignaram-se, e a festa começou.

Não a descreverei eu. Quem não sabe o que é uma festividade de orago e o que é a missa solene celebrada num templo católico? Há aí alguém, crente ou não crente ria fé que os seus pais lhe ensinaram, que não tenha bem vivos na memória esses dias festivos da sua meninice? Esse culto, que sabe elevar o espírito para o Céu, com as pompas de espetáculo sensual, pompas que, parece, deveriam fazê-lo descer para a Terra? Quem se não lembra daqueles bons dias santos dos doze anos, em que o sol era mais formoso que nos dias de trabalho, sem excetuar a folgada quinta-feira do sueto escolástico?

Quem se não lembra da época em que o nosso pároco era para nós um ente quase divino, porque, pobres crianças, ainda ignorávamos os caminhos por onde esses homens, chamados a uma existência de santa e sublime poesia, sabem vir despenhar-se no charco das

misérias e torpezas humanas e revolver-se aí com aqueles de que deviam ser esperança salvação e exemplo? Quem não se recorda com saudade do tempo em que o altar só lhe aparecia a certa distância, com o seu frontal broslado e a sua toalha alvíssima, assoberbado pela catadupa de lumes de um trono, perfumado pelas jarras de flores, envolto de ambiente turvo pelos rolos de fumo raro e pálido do incenso, símbolo do mistério? A quem não murmura ainda nos ouvidos o ritmo monótono e severo do salmear sacerdotal mais acorde com as doces tristezas do coração, que toda a música sentida e dolorosa dos espetáculos cénicos, a que estes, na impotência de o vencer, têm ido humildemente imitar, nas criações dos modernos artistas (porque Meyerbeer, para ser o rei das harmonias, foi invadir o templo)? Quem, finalmente, não refugiu uma vez, cansado de ceticismo, para as memórias infantis das comoções geradas pela religião dos primeiros anos, religião toda de afetos, de inspirações, sem ciência nem raciocínio, os quais, semelhantes ao sal espalhado sobre a Terra, podem fertilizar algum coração, mas esterilizam os mais deles? As impressões indestrutíveis das festas religiosas guardam-nas os que creem, como consolação do passado e como esperança de regozijo futuro, e guardam-nas também os que não creem, no longo crepúsculo da sua alma, como guardamos

no Inverno as plantas odoríferas já murchas, que, debaixo do céu pardo e frio, ao pé da veiga nua e da árvore desfolhada, nos recordam o hálito suave dos campos ao pôr do Sol de um dia sereno do Estio.

Eis aí porque não descrevo a festa. Era especular descaradamente com os leitores: era como se ao Bartolomeu se lhe metesse em cabeça ir ensinar o cerimonial romano ao incomparável Fr. Narciso.

E que terá Fr. Narciso, que já escarrou duas vezes, já se assoou quatro, já bufou seis, já arregalou os olhos para o corpo da igreja oito? É que as atenções estão distraídas. Fortes brutos! Uma perfeição de cerimónias, que nem na Capela Sistina no dia da bênção urbi et orbi! «Olha o que lá vai, o que lá vai!», rosnava ele, cheiro de indignação. «Aquelas endiabradas... Quem vos decepara as línguas tarameleiras! Até aqui! Louvado seja Deus! É de mais. Psiu!»

Tinha razão. Era um zunzum na igreja, que quase galgava por cima das rabecas; e mais, chiavam e desafinavam com alma. O arrastado psiu de Fr. Narciso restabeleceu, porém, a ordem, que nem, num motim popular, uma carga de cavalaria.

Mas para se restabelecer a ordem é necessário haver desordem. Quero ver se também dizem os parvos que esta proposição é uma das minhas esquisitices, ou excentricidades, para lhes falar na sua algaravia. A coisa tinha saído do lugar onde estavam a Tia Jerónima, Perpétua Rosa e Bernardina. Qual coisa? Isso é o que não diz a história. — O que é certo é que era um bisbis que partia do centro para a circunferência, como os círculos concêntricos que encrespam a superfície do lago ao meio do qual se atirou uma pedra, e era ao mesmo tempo um baloiçar de pontas de lenços sobre os cabeções dos capotes, um rir abafado, um sussurro, uma agitação entre o mulherio tal, que atraíra a atenção e logo a cólera de Fr. Narciso. O mais que se pôde perceber foram alguns fragmentos de diálogo entre a Tia Jerónima e a Engrácia do Estanislau fogueteiro.

«Padre-nosso que estais nos Céus», dizia Engrácia Ripa, deixando correr um dos bugalhos de umas contas da Terra Santa que tinha nas mãos. «Ora essa! — Santificado seja o vosso nome. — Forte tratante! — Venha a nos o vosso reino. — E uma pessoa com a sua aquela de que era um home como se quer! — Seja feita a vossa vontade. — Safa! — Assim na Terra como nos Céus. Com que então, setenta?»

«Entregadinhas! — Ave Maria, gracia plena», respondeu a Tia Jerónima, que latinizava raivosamente, à força de viver com o prior. «Como lhe hei de dizer — Domisteco — Foi o Demo que o tentou. — Benedites tu...»

Neste ponto, a interessante conversação das duas matronas foi interrompida pelo psiu fulminante de Fr. Narciso. Não podemos dizer sobre que ela versava nem aonde iria dar consigo; e, quando, numa crónica profunda e grave como esta, faltam fundamentos favoráveis para afirmar, é dever do cronista ser sóbrio, ou, antes, abster-se de conjeturas. Direi só que, ao sair a gente da festa, não havia cão nem gato que não soubesse tim-tim por tim-tim a história do Manuel da Ventosa e da Bernardina.

Mais moralidade: é o que eles tiraram das suas tolas tafularias.

Quando o prior saiu da igreja, os rapazes desbarretavam-se, ainda com mais sinais de cortesia e respeito do que era costume; as raparigas afagavam-no com um sorrir e volver de olhos afetuoso, que fazia pensar o bom do pároco. Todos olhavam para ele e falavam em voz baixa. O prior estava zangadíssimo.

Mas, qual foi o seu pasmo ao ver chegarem-se a ele muitos velhos de cabeça branca (eram vários lavradores seus fregueses, honrados

pais de família) e beijarem-lhe a mão, com os olhos arrasados de água! Estava fumando. Uma onda se lhe ia, outra se lhe vinha de destampar com tudo aquilo, e pregar uma descompostura solene e por atacado nos velhos, nos rapazes e nas raparigas.

E para isso não lhe faltava metralha. Mas lembrou-se de que era o dia do orago da aldeia e teve mão em si. Só lá perguntava aos seus botões qual seria a causa deste destempero e doidice.

Como havia ele de atinar, se tinha o costume de esquecer-se do bem que fazia, porque, sendo fraco de memória, reservava-a toda para o bem que recebia?

A história do casamento feito pelo velho pároco, conforme depois me contaram (era eu pequeno e lembra-me como se fosse hoje), chegou aos ouvidos do prelado diocesano, o qual disse ao fâmulo do fâmulo do seu secretário, um dia em que se levantou de dormir a sesta com vontade de galhofar, que, na primeira visita que fizesse à diocese, havia de elogiar, publicamente, aquele digno pastor. Nunca, porém, houve ocasião para a primeira visita, porque esta costumeira velha tinha passado já de moda. Eram pieguices só boas para os Bartolomeus dos Mártires e para os Caetanos Brandões; pobres homens, a quem Deus fale na alma, se é que valiam a pena disso.

Ajuda, Novembro de 1844.